



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

CÍNTIA COSTA FERREIRA

**MULHERES E ROCK'N'ROLL:
UM ESTUDO DE CASO COM TRÊS BANDAS BAIANAS**

Salvador
2008

CÍNTIA COSTA FERREIRA

**MULHERES E ROCK'N'ROLL:
UM ESTUDO DE CASO COM TRÊS BANDAS BAIANAS**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Produção Cultural.

Orientador: Prof. Jeder Silveira Janotti Junior

Salvador
2008

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A minha mãe, pelo incrível exemplo e apoio.

A Jeder e ao Grupo de Pesquisa em Mídia e Música Popular Massiva, pelas valiosas contribuições e estimulantes discussões.

Às amigas e amigos, pela confiança e pelo crédito (excessivo, em alguns momentos).

Às bandas Flauer (Emília, Fernanda, Félix e Mariana), Preaz (Juliana, Thais, Márcia e Elisa) e Apnéia (Camilla e Dinny) pela confiança em prestarem seus depoimentos, a doação de seus tempos, enfim, pela generosidade, paciência e simpatia.

Muito obrigada por terem tornado possível a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta monografia propõe um estudo dos modos de configuração da identidade de mulheres musicistas que participam da cena rock de Salvador, a partir da análise de depoimentos fornecidos por dez integrantes de três bandas majoritariamente ou integralmente femininas. Através de um questionário etnográfico aplicado em entrevistas individuais este trabalho demonstrou as particularidades do processo de criação, participação e vivência musical femininas, evidenciando de que maneira a arbitrária ordem sexual se inscreve no território musical.

Palavras-chave: Mulheres; Música; Rock'n'roll; Identidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	CONTEXTUALIZAÇÃO	10
2.1	Representações femininas no tempo	10
2.2	Transformações na estrutura social e novas sociabilidades	12
2.3	Uma tradição musical	15
2.4	O rock e as implicações de gênero	16
2.5	A mulher no rock	19
3	METODOLOGIA	23
3.1	Considerações	23
3.2	How women became musicians	27
3.3	Procedimentos para análise	31
4	ANÁLISES	32
4.1	A Formação da banda	32
4.2	O aprendizado do instrumento	37
4.3	A amplificação	40
4.4	A atividade de cantar	48
4.5	O aprendizado em grupo	51
4.6	O ensaio	57
4.7	A linguagem musical	60
4.8	A composição de canções	61
4.9	O desenvolvimento de uma identidade de musicista	63

	6
4.10 Compromisso	65
4.11 Preconceito	69
5 CONCLUSÃO	74
BIBLIOGRAFIA	78
ANEXO A	80
ANEXO B	81
ANEXO C	82

1. INTRODUÇÃO

A Música, e mais especificamente o rock, foi o território escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso¹ porque é um campo de fundamental importância para a análise das práticas sociais e comunicacionais da cultura contemporânea. O grupo de pesquisa em Mídia e Música Popular Massiva, coordenado pelo professor Jelder Janotti foi o grande responsável pela decisão. Suas contribuições foram capitais para o entendimento da Música Popular como valiosa fonte de análises sociológicas. Já a disciplina “Comunicação e Cultura Contemporânea”, ministrada pela professora Itania Gomes foi crucial para o entendimento de que os produtos da cultura são espaços de disputas de poder baseadas na construção de imagens e discursos identitários.

Como segundo, e não menos importante objeto de estudo, temos aquilo que Georges Balandier qualifica como o “paradigma dos paradigmas” ou a recorrente problemática da dicotomia sexual. É nesse sentido que recorreremos à participação feminina no universo do rock para compreendermos como as diferenças sexuais são construídas e exibidas neste campo. Gênero musical constituído como domínio masculino, o rock esboça as marcas da resistência à “feminilização”.

Por este motivo poucos discordariam que uma banda de rock totalmente formada por garotas ainda é uma ocorrência incomum e, de fato, se percorrêssemos a cena musical da capital baiana não encontraríamos uma vasta legião de musicistas do sexo feminino. É claro que não devemos desconsiderar que a atuação delas torna-se gradativamente mais intensa, não apenas no tradicional papel de vocalistas, mas também como instrumentistas. Em Salvador já figuraram bandas como a Cox, a Ninfas, a Penélope, a Lilit, a Leite de Rosas, a Lollyta e a Lou. Grande parte desses conjuntos se desfez, mas a sua participação no cenário já aponta para uma considerável intervenção feminina. Deste modo, nos parece bastante razoável tomar como objeto de estudo neste Trabalho de Conclusão de Curso a vivência dessas bandas, buscando compreender de que modo essas moças transitam por um gênero musical tão fortemente marcado por temáticas masculinas e que por tanto tempo as relegou (e ainda as relega) ao anonimato e a construções imagéticas depreciativas.

¹ Versão anterior desta pesquisa foi apresentada no I Encontro de Mídia e Música Popular Massiva, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE em janeiro de 2008. Meu cordial agradecimento aos coordenadores do evento pela oportunidade de apresentar e discutir meu trabalho.

O problema de pesquisa aqui esboçado diz respeito à relação entre a música e o desenvolvimento de identidades conflitantes ocasionadas pela multiplicação de referências possíveis e mudanças de paradigmas. É importante perceber como a música aparece como um campo de conflitos simbólicos e de significações contraditórias. As paisagens culturais se re-organizam e um novo conjunto de referências passa a emergir quando a vivência feminina na cena se torna uma realidade. A atuação das baixistas, bateristas e guitarristas altera as regras do jogo e as certezas instituídas, conduzindo a um novo conjunto de experiências possíveis.

E é precisamente dessas diferentes maneiras de transitar pelo território musical de que trata uma pesquisa realizada na década de 80 com musicistas inglesas. Tais particularidades foram publicadas pela socióloga Mavis Bayton num artigo intitulado “How Women Become Musicians”, que como o próprio nome já diz, tentava mostrar como as mulheres se transformam em musicistas. São justamente as questões levantadas pela estudiosa que este trabalho toma como referência na busca por compreender como o mundo sexuado marca o rock and roll no contexto da capital baiana.

Para fazermos este percurso focalizamos nosso olhar em onze aspectos, são eles: a formação da banda, o aprendizado do instrumento, a amplificação, a atividade de cantar, o aprendizado em grupo, o ensaio, a linguagem musical, a composição de canções, o desenvolvimento de uma identidade de musicista, o compromisso e o preconceito. Estes elementos nos auxiliaram a produzir um questionário etnográfico com 32 perguntas-base que foi aplicado a dez musicistas, integrantes de três bandas soteropolitanas: a Flauer, a Apnéia e a Preaz.

Neste sentido, esta monografia traz como proposta uma análise identitária feita a partir da interpretação dos depoimentos das moças entrevistadas. Ao passo que a escolha dos procedimentos metodológicos atende a idéia de que a ordem sexual se inscreve no universo da música popular massiva elaborando prescrições de conduta para mulheres e homens, sendo tais condutas frutos de uma construção social elaborada no tempo e no espaço que não se restringem às diferenças biológicas.

Para uma melhor compreensão do fenômeno analisado é fundamental levar em consideração que as representações e discursos sobre as mulheres são produto de um determinado contexto histórico. Por isso, o trabalho apresenta um capítulo de contextualização, que se divide em cinco subcapítulos. O primeiro diz respeito a como diferentes esferas sociais produziram discursos sobre a mulher que funcionavam como justificção de sua posição subalterna. O segundo aborda as transformações sociais que

possibilitaram a entrada da mulher em territórios antes exclusivamente masculinos e as decorrentes alterações nos modos de socialização. O terceiro introduz de que modo as mulheres faziam parte do cenário musical geral. O quarto revela as descon siderações do fator gênero no rock, mostrando como as perspectivas são sempre tomadas de um ponto de vista masculino. O quinto subcapítulo, por sua vez, apresenta um panorama da situação feminina no rock and roll em diferentes funções, além de apontar quais os símbolos que mais fortemente trazem as marcas da cultura “falocêntrica”.

Uma vez delimitada a contextualização histórica, o trabalho apresenta o capítulo da metodologia expondo a sistematização dos procedimentos utilizados e os conceitos desenvolvidos a partir de autores como Stuart Hall, Pierre Bourdieu e Pedro Oliveira. De Hall utilizamos a concepção da identidade como “celebração móvel”; de Bourdieu tomamos como central o princípio de que as estruturas cognitivas fazem parte do sistema androcêntrico e de Oliveira nos apropriamos da noção de lugares simbólicos de sentido estruturante.

Este trabalho ainda traz um capítulo em que situa a pesquisa da socióloga Mavis Bayton trazendo limitações e interseções com este novo trabalho para finalmente realizar, no capítulo análise, a interpretação dos relatos das musicistas pesquisadas. Por fim, o capítulo conclusão retoma os resultados obtidos por este Trabalho de Conclusão de Curso comparando-os com os alcançados na pesquisa de Bayton iniciada vinte anos antes.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 REPRESENTAÇÕES FEMININAS NO TEMPO

Em finais do século XVII e por todo o século XVIII o pensamento iluminista recobriu o cenário Europeu e muitos intelectuais do Velho Continente, entre os quais Rousseau, Voltaire, Kant e Smith assumiram a defesa do então aclamado espírito científico. No século das Luzes, como também ficou conhecido, a ciência “surge como veículo de libertação das mazelas que o obscurantismo e a ignorância haviam impingido à humanidade” (OLIVEIRA, 2004, p. 55).

É neste momento de consagração da Razão que surge toda uma gama de trabalhos elaborados por pseudo-especialistas que tentam justificar a superioridade masculina. Anatomistas descreveram os esqueletos das mulheres com pélvis e crânios menores do que os dos homens. Tais trabalhos não se baseavam em análises concretas do esqueleto feminino, mas serviam para ratificar a idéia de que o cérebro masculino era mais propenso a se desenvolver intelectualmente do que o feminino. Quando estudos efetivos foram realizados, os cientistas se depararam com uma realidade inversa: havia, em média, mulheres com crânios maiores que os dos homens. Não importando a inexatidão das análises, argumentos foram rapidamente reorganizados de modo a que se mantivesse a idéia da superioridade masculina. O crânio maior das mulheres foi então associado à insuficiência cognitiva da infância, pois bastaria perceber que os bebês são aqueles que possuem maiores crânios se comparados ao resto do corpo. A ciência era usada para legitimar o pensamento androcêntrico.

[...] os anatomistas de princípios do século XIX (sobretudo Virey), ampliando o discurso dos moralistas, tentam encontrar no corpo da mulher a justificativa do estatuto social que lhes é imposto, apelando para oposições tradicionais entre o interior e o exterior, a sensibilidade e a razão, a passividade e a atividade (BOURDIEU, 2005, p.24).

Essas e muitas outras formulações ancoradas, inclusive, em um discurso médico estenderam-se pelo século XIX e até hoje é possível notar os traços deste pensamento. Aspectos ligados ao corpo feminino são depreciados e desmerecidos de modo a justificar a soberania dos homens. Em seu trabalho “A tele-medicina e os modos de representação dos corpos”, Natansohn e Pinheiro (2004) afirmam que “as representações da ciência médica também fazem a sua contribuição para o desprestígio

do sangrado mensal. Mesmo sabendo que é um fenômeno biológico natural, a menstruação é tratada como uma verdadeira maldição, pelos profissionais na TV”. É possível perceber então que mesmo em nossos dias, os ideais de racionalidade aliados aos postulados científicos continuam imbricados aos tradicionais modelos de feminilidade e de masculinidade.

Não apenas a ciência, mas também o Direito produziu e reproduziu concepções hierarquizadas da relação entre os gêneros. Em geral, as leis na cultura do Ocidente foram formuladas para apoiar e estimular a valorização social do lugar simbólico representado pela masculinidade. Assim, o Código de Hamurabi estabelecia que uma mulher que não “tenha sido uma dona-de-casa cuidadosa, tenha vadiado, negligenciado sua casa e depreciado seu marido” deveria “ser jogada na água”; a sociedade romana decretava: “o marido é o juiz da esposa. Se ela comete uma falta, ele a pune; se ela bebeu vinho, ele a condena; se ela cometeu adultério, ele a mata”; por fim, o artigo 213 do código napoleônico continha a seguinte prescrição: “o homem deve à sua mulher proteção, ao passo que ela deve a ele respeito e obediência”. A dicotomia protetores/submissos se insere expressamente neste último enunciado legal, mas todos eles deixam claro a posição subalterna a que a mulher estava destinada.

O aparato jurídico brasileiro também se inscreve na dinâmica que favorece a manutenção da cultura androcêntrica. Um exemplo disso é o Código Civil de 1916² que versando sobre o pátrio poder, garantia ao pai plenos poderes sobre seus filhos e relegava a mãe a uma posição secundária. Somente a Constituição de 88 aprimorou este conceito legal, transformando-o em “poder familiar”, que divide o direito igualmente entre ambos. Essas alterações no domínio jurídico refletem mudanças no quadro social e são indícios de que esse poder tem perdido legitimidade, entretanto a soberania masculina ainda se mantém em diversos campos da vida social.

Se a ciência e o Direito foram porta-vozes de prescrições e concepções de gênero ancoradas no sexismo não seria diferente com a música. Esta expressão artística

² Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916:

“Art. 379. Os filhos legítimos, ou legitimados, os legalmente reconhecidos e os adotivos estão sujeitos ao pátrio poder, enquanto menores.

Art. 380. Durante o casamento compete o pátrio poder aos pais, exercendo-o o marido com a colaboração da mulher. Na falta ou impedimento de um dos progenitores, passará o outro a exercê-lo com exclusividade. (Redação dada pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962)

Parágrafo único. Divergindo os progenitores quanto ao exercício do pátrio poder, prevalecerá a decisão do pai, ressalvado à mãe o direito de recorrer ao juiz para solução da divergência. (Parágrafo acrescentado pela Lei nº 4.121, de 27.8.1962).”

também trás as marcas da supremacia masculina, embora neste cenário seja um tanto mais complexo recompor os seus efeitos.

Ainda que as mulheres sempre tivessem emprestado a sua voz ao mundo da música (com raras exceções) elas jamais alcançaram o mesmo status que seus companheiros de profissão. No Brasil, por exemplo, foi somente em finais da década de 40 que elas começaram a aparecer através do rádio. Até então predominara a presença de cantores que, ao lado de compositores, acentuavam o domínio da figura masculina no meio artístico. A atuação dessas mulheres gerou um novo quadro de expectativas e significados na relação com o público e com os próprios artistas. O talento não as destituía das obrigações sociais nem tão pouco minimizou as cobranças coletivas.

Mas, se as cantoras encontraram obstáculos, estes ainda foram maiores para as instrumentistas. Vinculadas principalmente ao piano, resultado da tradição européia, a opção mais viável de carreira para essas moças era o ensino do instrumento que aliava a “tendência” do cuidar e do servir à função de educadora. Deste modo, a vivência da identidade poderia ser ampliada sem necessariamente afastá-las da esfera doméstica, uma vez que as aulas eram ministradas em casa.

Mesmo diante de inúmeras restrições e desafios as mulheres foram gradativamente ocupando espaços e atividades antes destinados apenas aos homens. Esse novo cenário exigiu grandes reestruturações no quadro social e foram promovidas, principalmente, por alterações no conjunto das exigências políticas e econômicas.

2.2 TRANSFORMAÇÕES NA ESTRUTURA SOCIAL E NOVAS SOCIABILIDADES

São inúmeras as mudanças socioestruturais que através da implantação de novos valores abalaram a supremacia do ideal moderno de masculinidade, entretanto, alguns fatores fizeram-se decisivos nesse processo de reestruturação identitária. O desmantelamento de instituições e certezas foi preponderante na edificação de ideais modernos que atribuíram novos sentidos a feminilidades e masculinidades.

O capitalismo foi em grande medida o responsável pelo sentimento de desterritorialização que marca tão profundamente a contemporaneidade. O avanço desse sistema logo após a Segunda Guerra Mundial a partir da busca desenfreada por novos

mercados culminou na incorporação de novas culturas e grupos étnicos. Seus ideais, sonhos e promessas alcançaram as mais remotas regiões e foram estendidos a diferentes clientelas. Fronteiras foram transgredidas e novas formas de sociabilidade surgiram sem, no entanto, conseguirem eficazmente serem assimiladas pelos sujeitos e instituições, em razão de descompassos típicos de uma sociedade que se modifica continuamente. É válido ressaltar que os processos e encontros culturais que se seguiram não foram criados pelo capitalismo, mas foram por ele acelerados.

As transformações em curso na sociedade contemporânea abalaram uma série de certezas que sustentava os fundamentos de vários aspectos da moderna civilização ocidental [...]. Crises das instituições e das identidades, consumismo desvairado, descontentamentos existenciais, tudo isso constitui, ao mesmo tempo, causas e conseqüências das mudanças na estrutura da sociabilidade contemporânea. Mudanças que continuam a suscitar uma série de questionamentos referentes às antigas formas de pensar, de ser e perceber, dentre as quais aquelas que orienta(va?)m a subjetivação dos agentes masculinos em relação às prescrições tradicionais de gênero, bem como a posição de dominação e hegemonia de um gênero sobre o outro (OLIVEIRA, 2004, p. 138-139).

Se muitos autores consideram que o choque cultural resultado da presença de intelectuais oriundos de países colonizados em países hegemônicos é o marco fundador da reflexão contemporânea sobre a identidade, poucos discordariam que a temática do outro não é nada recente. A existência de um lugar simbólico que se destaca no seio social pressupõe a coexistência de sombras e faces que desempenham a função de antípodas, signos do desprezo e da afronta. A alteridade, portanto, sempre foi uma constante, mas ela nunca se pronunciou de maneira tão intensa e questionou tão agressivamente a linearidade da relação tradicional como em nossos dias. Milton Moura escreve:

Assim como o ocidental, branco e judeu/cristão não era colocado em cheque em sua constituição, pois detinha a hegemonia absoluta no âmbito da afirmação identitária, e hoje se vê às voltas com a pluriétnica de suas sociedades, também o macho latino começa a perceber que a afirmação do machismo como a via, por excelência, de realizar a masculinidade já foi mais forte e segura (Moura apud Rubim, 2005, p. 89).

A perda do prestígio simbólico da masculinidade mantém uma associação direta com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, verificável desde o pós-guerra. No Brasil, por exemplo, entre 1970 e 1990 o número de mulheres

trabalhando fora de casa aumentou em 113%.³ Elas passaram a ocupar gradativamente profissões que até pouco tempo eram quase que exclusivamente masculinas e assim ameaçaram e enfraqueceram a supremacia simbólica do grupo hegemônico.

Na dominação mercadológica, suave, dedutível das leis e postulados econômicos, a mulher tem alguma possibilidade de se equivaler ao homem, pois ao capital, em sua configuração atual, não interessam diretamente as lutas seculares e as assimetrias de gênero, mas, sim, o lucro e a performance dos agentes (OLIVEIRA, 2004, p. 99).

As distinções de gênero deixam de ter relevância para a ocupação profissional na medida em que as novas exigências mercadológicas priorizam a eficácia e a produtividade, assim, com acesso as inúmeras possibilidades de capacitação e aperfeiçoamento as mulheres tornam-se cada vez mais aptas a responder as necessidades do mercado profissional. E se a presença feminina provocou alterações consideráveis na composição social da força de trabalho, outro aspecto da vida social também foi fortemente afetado por tais mudanças: a família.

Tradicionalmente submetida ao regime sob o qual a figura do pai representava o poder efetivo e incontestado, a família viu-se diante de um processo de re-estruturação das imagens sociais de seus membros com o ingresso efetivo da mulher na esfera pública do trabalho. A dinâmica do poder panóptico (familiar) sofreu o impacto da contribuição econômica feminina, pois o salário da mulher tornou-se essencial dentro do orçamento familiar, fazendo com que esta saísse do papel meramente subserviente e assumisse posições de decisão e privilégio. Neste sentido, a ideologia patriarcal ancorada na idéia de que o provedor da família goza de privilégios ficou terminantemente abalada.

A crise do clássico modelo familiar, constituído por marido, esposa e filhos foi, em grande medida, o responsável pelo aumento do divórcio e da conseqüente separação entre sexo e família que possibilitou que o prazer substituísse esse último na parceria. Assim o mercado se apropriou dessa nova organização de conceitos e lançou toda sorte de produtos que ampliavam e estimulavam o leque de opções e práticas sexuais. Ainda que essas disposições já existissem muito antes do capital “descobri-las”, “a liberalização’ via consumo, que suscita desejos ‘transgressivos’, auxiliou no desmantelamento de concepções de gênero” (OLIVEIRA, 2004). Percebe-se, desta

³ Dados disponíveis em Oliveira, 2004, p. 91.

maneira, um movimento do mercado no sentido de favorecer a emancipação de setores discriminados socialmente por neles perceber um grande potencial de consumo.

É neste contexto de intenso fluxo de discursos identitários que o debate sobre a alteridade torna-se central. Surgem as políticas de identidade e não apenas as mulheres se impõem através do feminismo, mas inúmeros movimentos em defesa das “minorias” encontram as bases para seu florescimento. Conceitos e modelos tradicionais, principalmente aqueles que encontravam respaldo em diferenças entre os gêneros perdem espaço e os sujeitos passam a experimentar sentimentos de insegurança e desconforto diante do crescente e instável número de referências sociais.

Atividades e profissões secularmente ocupadas por homens tornam-se alvo das mulheres ameaçando sua autoridade e supremacia. A música torna-se um desses campos e instrumentistas das mais diversas ordens começam a aparecer exigindo seu direito de ocupar territórios.

2.3 UMA TRADIÇÃO MUSICAL

A educação musical das mulheres na Europa esteve em grande medida associada ao aprendizado do piano, hábito que foi rapidamente absorvido pelas famílias brasileiras ao ponto de que, durante o século XIX e a primeira metade do século XX, também no Brasil, o aprendizado do piano estava fortemente vinculado à educação feminina. Instrumento de grande prestígio, o piano era recomendado como prática amadora dentro do ambiente familiar.

No período de florescimento dos saraus, a música; e o piano em especial, eram fatores essenciais da boa educação feminina, ao lado do bordado e do conhecimento da língua francesa, a prática musical amadorística era atividade altamente considerada. Isto devia-se a vários fatores, entre eles o status de que gozava o piano nesta época, por um lado símbolo de refinamento e portador de costumes europeus, e por outro lado garantia da qualidade da formação pessoal da mulher, responsável pela educação básica familiar (NOGUEIRA, 2001, p.2).

As moças costumavam exhibir suas habilidades musicais em saraus e em reuniões familiares, ambientes em que esta atividade conservava-se ao nível do amadorismo e

representava, para elas, um sinal de boa educação. A prática profissional, ao contrário, não gozava de tanto prestígio, pois dentro das significações da vida musical brasileira tocar em reuniões privadas era aceito, enquanto que a atividade de palco era mal vista e proibida às moças de família.

Sem grandes possibilidades de alcançar sucesso profissional, as mulheres recorreram às funções de acompanhadoras, professoras particulares ou de canto orfeônico nas escolas municipais e estaduais. O estudo do piano aparece, portanto, como alternativa profissional para as mulheres da época, despertando-lhes o interesse pela carreira sem, contudo, afastá-las da esfera doméstica. A partir dos anos 50 este instrumento perde espaço no cenário familiar e outros como o violino e o violoncelo passam também a ser procurados.

É necessário reconhecer que mesmo participando do universo musical, alguns de seus territórios simplesmente não eram recomendados às moças. Alguns gêneros musicais podiam ser considerados ofensivos, verdadeiros atentados à moral e os bons costumes. E, em nossa sociedade, nenhum gênero foi considerado tão subversivo quando o rock'n'roll.

2.4 O ROCK E AS IMPLICAÇÕES DE GÊNERO

O surgimento do rock está fortemente vinculado às novas configurações midiáticas que precederam o fim da Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento econômico, social e, principalmente, tecnológico ocorrido de maneira intensiva na América do Norte, mas também em todo o mundo, possibilitou o aparecimento de um mercado musical voltado para os jovens. Através dos novos meios e aparatos eletrônicos tornou-se possível a ampliação do acesso do grande público aos produtos da cultura e conseqüentemente às novas produções de sentido. É neste contexto que se vislumbra o potencial consumidor da população juvenil:

Este grupo, com suas 'margens para rebelião', procura nas novas formas musicais, especialmente no rhythm and blues afro-americano, muitos aspectos que estão predispostos como conotações agrupadas ao redor de 'sentimentos' de opressão por um lado e um relativo uso do corpo de maneira não alienada (potencialmente subversiva em relação à disciplina capitalista do trabalho) por outro lado (MIDDLETON apud JANOTTI, 2003, p. 29).

Pode-se perceber então que nesse período particular da história, a idéia de um grupo social definido em termos da reduzida idade de seus membros começa a se desenvolver e a gerar expectativas. Um conjunto de cobranças é depositado nesse recém-nascido segmento denominado juventude. A idéia de uma sociedade pacífica e de altos valores morais que retumbava amplamente por meio da indústria do entretenimento coexistia com o cruel espetáculo da guerra mundial que colocou em questão todos os valores da civilização. Um cenário que experimentou campos de concentração, extermínios, vigilância constante e a explosão da bomba atômica agora exigia que seus jovens seguissem receitas prontas com a promessa de prosperidade e oportunidades. A família e o Estado tornaram-se pregadores devotos de preceitos morais que recomendavam fórmulas de conduta. Para os jovens a escola representava a instituição de autoridade por excelência. Ela era a porta-voz da ordem, um reduto de tarefas monótonas e fonte de grande frustração que castrava a criatividade e a liberdade. Sobre a questão Janotti escreve:

O reconhecimento do período chamado adolescência e a conseqüente necessidade dos estudos secundários foram fundamentais para a trajetória do rock. Paradoxalmente, foi em um espaço escolar específico, a escola secundária, que esses jovens puderam partilhar seus anseios e sonhos de libertação das amarras dos padrões morais vigentes. A escola secundária era algo que se assemelhava a uma fábrica, uma reprodução serial não só do processo educacional como dos valores vigentes na sociedade. As jaquetas de couro, motos, carros, a brilhantina; enfim, o visual do 'delinqüente' que ficou definitivamente associado ao *rock and roll* era parte dos sonhos de auto-afirmação dos jovens diante das pressões escolares (JANOTTI, 2003, p. 104).

Em linhas gerais, a juventude é compreendida como um conjunto de indivíduos de ambos os sexos que pertencem a uma determinada faixa etária, entretanto, essa perspectiva não deve diluir as especificidades de cada um dos seus subgrupos. Corpos e gêneros marcam esse período como um conjunto de múltiplas referências situadas social e culturalmente. O apagamento de tais marcas pode significar o enfraquecimento ou mesmo a supressão das influências que determinados grupos imprimem a fenômenos históricos. Fazendo uma análise da produção científica voltada para o tema, Weller afirma:

É comum encontrarmos publicações sobre juventude e culturas juvenis que compreendem a categoria juventude como um todo, ou seja, que não fazem uma distinção entre jovens-adolescentes do sexo feminino e do masculino. Considerando a importância dos trabalhos e pesquisas desses autores, que foram fundamentais para a consolidação do campo de estudos sobre juventude, constatamos, no entanto, além da utilização da categoria juventude como um todo, um outro problema: análises sobre a estética corporal, modos de se vestir, preferências por estilos musicais e visões de mundo desses jovens, entre outros aspectos, foram em grande parte realizadas a partir de observação participante e entrevistas com jovens do sexo masculino. Verifica-se que, desde os estudos sobre o que seria o estilo *Ted Boy*, *Skinhead*, *Rock-n'-Roll* ou outros estilos mais recentes como o *Funk* e o *Hip Hop*, tais práticas culturais e suas formas de representação foram analisadas a partir do olhar masculino dos membros desses grupos (WELLER, 2005).

Neste ponto fica claro que ainda que as mulheres façam parte da juventude e, desta maneira, compartilhem dos ideais de libertação juntamente com os homens, não são os seus “sonhos de auto-afirmação” que se transformam em símbolos da atitude rock’n’roll. Os elementos associados ao ideal de rebeldia e liberdade, como: motos, carros e jaquetas de couro pertencem ao universo dos desejos masculinos. Tais objetos que ganharam projeção através do ícone Elvis Presley e invadiram o cenário inglês por meio dos emblemáticos *teddy boy*⁴ constituíam uma identidade que catalisava ideais de cunho revolucionário e subversivo. Para Feixa (apud MULLER, 2004), por exemplo, a formação de “galeras”, uma atividade essencial no cenário rock, é um modo de afirmação da virilidade que se reflete em suas atividades violentas e sua estética agressiva.

Como colocou Bob Spitz (2007), o rock “vinha das ruas e da ‘selva’ urbana; tinha uma energia jovem e agressiva que parecia criar expressão em um mundo em transformação”. Nessa perspectiva não seria equívoco dizer que, na condição de uma consagrada cultura juvenil, o rock tenha apresentado-se como um fenômeno exclusivamente masculino, já que “a reclusão feminina ao espaço doméstico acaba por restringir o acesso das meninas à rua ou aos locais de ócio, espaços privilegiados das culturas juvenis” (MULLER, 2004, p. 5).

Mas não foi apenas a tradicional divisão entre o mundo público e o privado que afastou as mulheres da cena. Ideais de feminilidade como o casamento simplesmente não entravam em acordo com os princípios de libertação do rock. Em sua biografia sobre os Beatles, Bob Spitz (2007) revela que na lógica da fama e do sucesso não havia

⁴ Nome dado aos jovens rebeldes dos anos 1950 na Inglaterra.

espaço para esposas e filhos. Ser um pop star significava ter “liberdade para escolher garotas e fazer loucuras, liberdade para experimentar, para aproveitar a vida”. A família, portanto, aparece como um retardo, um atraso às infinitas possibilidades da vida de um músico. O projeto do casamento tão fortemente atrelado às mulheres simplesmente não combinava com a dinâmica do rock’n’roll. Por isso talvez, durante muito tempo o rock tenha se resumido aos três elementos exaustivamente cantados pelo ícone Chuck Berry: “carros, sexo e garotas” e, é claro, estas últimas não estavam lá para fazer música.

2.5 A MULHER NO ROCK

Se fizermos uma análise geral da música popular perceberemos que a mulher ocupa mais o espaço de consumidora que efetivamente o de produtora: a principal função feminina tem sido a de fã. Do ponto de vista comercial as mulheres têm tido mais projeção em outros gêneros que propriamente no rock e mesmo assim a sua predominância têm sido como vocalistas e não como instrumentistas. Quando ocupam este último posto elas tendem a ser, em grande parte dos casos, tecladistas, o que parece ser uma resposta à tradição do piano. A guitarra elétrica, sem sombra de dúvida, um dos grandes símbolos do rock ainda permanece essencialmente no domínio masculino.

A guitarra é vista simbolicamente como uma extensão do corpo masculino e não apenas pelo seu formato que se torna análogo à forma dos genitais, mas também pelas constantes referências que reforçam essa conexão. Uma maneira de evidenciar isso é quando os homens simulam a masturbação no braço da guitarra ou mesmo a seguram como se estivessem com seus genitais em punho. As habilidades musicais ficam dessa forma – direta ou indiretamente – vinculadas ao desempenho sexual.

Outro problema se situa no modo de posicionar a guitarra. Sua localização tradicional e amplamente usada pelos homens é logo abaixo da cintura e logo a frente dos genitais. Essa atitude corporal que se tornou uma marca do rock transfere uma sensação de “fora do lugar” para aqueles e, principalmente, aquelas que se sentem mais confortáveis em segurar o instrumento de maneira diferente. Manter a guitarra acima da cintura simplesmente não combina com o rock e muitas garotas se esforçam para manter a posição convencional, ainda que isso represente um desconforto. Elas podem não estar

conscientemente copiando ninguém, mas é notório que há uma influência direta da performance masculina.

Se existe uma função dentro do rock que não impôs resistência a participação feminina esta é a de vocalista. Na década de 60, por exemplo, havia, nos Estados Unidos, vários grupos de canto formados somente por garotas, contudo, a ‘Invasão Britânica’ com a música *beat* deu início ao declínio dessas bandas. Essa nova expressão musical tomou conta do cenário, no entanto, é muito difícil fazer referência a qualquer conjunto feminino *beat*. Essa ausência se torna surpreendente se levarmos em conta que muitos desses conjuntos e, mais notadamente os Beatles, interpretaram um considerável número de covers de bandas de canto femininas, a exemplo do The Donays, The Marvelettes e das Shirelles. Se essas garotas não adequaram seu próprio material ao novo formato é porque, nesse momento, não bastava apenas cantar; também se fazia necessário tocar instrumentos e isso queria dizer, principalmente, a guitarra elétrica.

Como indicou Pacheco (2005), “o sucesso dos Beatles sacramentou uma nova forma de fazer música: os conjuntos musicais formados pelos jovens brancos anglo-saxões que cantavam suas próprias canções” e, seria conveniente acrescentar, tocavam seus próprios instrumentos. Desta maneira, ainda que muitas garotas utilizassem o violão (seguindo os passos de Joan Baez e Joni Mitchell) a idéia da guitarra lhes era alheia. Em certa medida, esse instrumento distanciou as mulheres do cenário por um período considerável.

À medida que as meninas crescem, elas aprendem (com a família, com a escola, com os livros, com as revistas e, acima de tudo, com os amigos) como ser ‘femininas’ e a não se lançarem em atividades ‘masculinas’. Tocar flauta, violino ou piano é tradicionalmente ‘feminino’; tocar guitarra é masculino (BAYTON, 1997, p.39).⁵

Nas décadas seguintes o número de garotas tocando guitarra aumentou, mas ainda é possível considerar que os homens são a norma e, elas; a exceção. Isso fica ainda mais perceptível quando procuramos baixistas e bateristas. No contexto soteropolitano, por exemplo, a falta destas últimas faz com que os grupos que

⁵ Todas as traduções dos textos listados em outras línguas são de responsabilidade da autora deste projeto.

“As girls grow up, they learn (from family, school, books, magazines and, above all, their friends) how to be ‘feminine’ and not to engage in ‘masculine’ activities. Playing the flute, violin and piano is traditionally ‘feminine’; playing electric guitar is ‘masculine’”.

pretendem manter uma formação de mulheres precisem ceder e incluir homens na bateria ou, em alguns casos, as próprias garotas trocam de instrumento para suprir a necessidade. Não bastando o escasso número de musicistas elas ainda precisam lidar com os estereótipos que tradicionalmente lhes são lançados. Não apenas sua presença no palco é alvo de desconfiança como as próprias publicações especializadas tratam do assunto destacando a insegurança, exaltando o apelo sexual da performance ou tratando o assunto como uma curiosidade.

Nessas circunstâncias tão desfavoráveis ao exercício da função de instrumentista, restou para a mulher o secundário papel de fã. Iniciada na década de 50 com Elvis Presley, a adoração ao ídolo masculino teve sua expressão máxima nos anos da “Beatlemania”. O forte apelo sexual desses ícones do rock potencializou as manifestações de apreço desencadeando uma atitude histórica sem precedentes. Não tendo a chance de participar ativamente da produção dessa cultura musical, a dedicação aos ídolos, a gritaria e o desespero tornaram-se uma espécie de válvula de escape para as angústias que afligiam as mulheres num período de intensa repressão.

A frenética adoração esboçada pelas jovens fãs, tanto na Inglaterra quanto na América durante o pico da Beatlemania foi descrito por algumas feministas como ‘a primeira e a mais dramática sublimação da revolução sexual feminina’ assinalando um abandono do controle e um protesto contra a repressão sexual das mulheres (WHITELEY, 2000, p. 32).⁶

Para reverter essa posição acessória e inserir-se efetivamente no mundo da música foi necessário, em um primeiro momento, quebrar com normas da tradicional feminilidade, o que levou principalmente as feministas da década de 90 a criarem o movimento pós-punk e pós-feminista “Riot Grrrls”. Essas mulheres inverteram os papéis que lhes eram tradicionalmente impostos, subvertendo regras de comportamento e negando a atitude bonitinha e bem comportada que delas se esperava. Esse novo tipo de feminismo mais agressivo e explosivo que apregoava a violência, falava de sexo, sadomasoquismo e pornografia queria confrontar e derrubar o dogma instituído de que “no mundinho machinho do rock as garotas deveriam fazer o papel de musas delicadas ou tietes históricas”. Para desafiar e chocar a sociedade, muitas garotas riot “vestiram

⁶ “The frenzied adoration by young female fans, both in Britain and America during the peak of Beatlemania has been described by some feminists as ‘the first and most dramatic uprising of women’s sexual revolution’ in that it signaled an abandonment of control and a protest against the sexual repressiveness of female teen culture”.

coturno com lingerie, raspam a cabeça, empunham guitarras, falam palavrões e andaram com um dildo entre as pernas” (LEONEL, 2001, p.18).

Esse comportamento, no entanto, já não faz mais parte do conjunto de ações das musicistas de nossa década. Hoje, ao que parece, o desenvolvimento de uma identidade na música não entra em desacordo com os tradicionais atributos da feminilidade “obrigatória”. Observamos uma mudança de perspectiva e paradigmas que demandam um novo olhar para a configuração da identidade feminina nesse cenário.

Mesmo com todas as armas para rejeitar a feminilização do seu território, o rock já não pode mais negar que essa presença se tornou efetiva. Nesse sentido só nos resta perceber de que modo esse personagem elabora e reconstrói os seus símbolos.

3. METODOLOGIA

3.1 CONSIDERAÇÕES

Considerar a participação das mulheres em atividades e profissões antes destinadas somente aos homens é ter de reconhecer as implicações identitárias surgidas a partir deste fenômeno. E neste ponto este trabalho toma a concepção de identidade, apontada por Stuart Hall, como uma localização fluida e móvel.

(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2005, p. 7).

Há, nesse contexto, um deslocamento da própria concepção de sujeito que, de portador de um “centro essencial”, passa a congregar uma multiplicidade de referências. O indivíduo unificado e estável da modernidade torna-se então fragmentado e portador de várias identidades, muitas das quais conflitantes entre si. Nessas circunstâncias as tradicionais noções de masculinidade e feminilidade são redefinidas, fazendo com que grupos hegemônicos percam gradualmente o seu espaço.

É nesse sentido que, com a desestabilização do ideal moderno de masculinidade o rock’n’roll se torna palco de conflitos identitários. Não apenas porque a atuação de mulheres musicistas representa uma ameaça à integridade do gênero musical, pois põe em risco seu ideal mais profundo, a virilidade; mas também porque as mulheres têm de conciliar referências masculinizantes aos atributos “obrigatórios” da sua “feminilidade.

Por conseguinte, é preponderante termos em vista os diferentes valores depositados no processo de socialização de homens e mulheres. Os ideais societários precisam ser compreendidos em suas imbricações com os ideais masculinos e femininos e no modo como estes motivam os agentes envolvidos. Para isso tomamos de empréstimo a noção de *socius* apontada por Oliveira:

O *socius*, rede simbólica, dinâmica, intersubjetiva, conjunto adensado de processos humanos que se estruturam em ato a partir das ações dos agentes por ele modelados e que no mesmo movimento o modelam, é o único capaz de prover ‘uma razão de ser a esses seres sem razão de ser que são os seres humanos, de lhes dar o sentimento de ter uma função, ou mais simplesmente, uma importância livrando-os assim da insignificância’ (OLIVEIRA, 2007, p. 42)

Se a masculinidade e a feminilidade se articulam no *socius* como lugar simbólico, necessariamente eles ganham um sentido que estrutura as ações e as predisposições dos sujeitos. Sentido este que se produz continuamente durante as diversas interações sociais, mas que também se manifesta antes mesmo do indivíduo adquirir uma existência social quando ainda durante a gestação um conjunto de expectativas é depositado nesse novo ser. É desta maneira os corpos e os comportamentos ganham as marcas das prescrições de gênero e desenvolvem identidades segregadas. E são esses diferentes territórios simbólicos, redutos de prescrições sociais que fazem com que a experiência musical de homens e mulheres seja distinta.

As particularidades dessas vivências nos processos de criação e participação musical foram apontadas pela socióloga Mavis Bayton após ter realizado uma pesquisa qualitativa com musicistas inglesas. Foram as questões levantadas pela autora e publicadas em seu artigo “How Women Become Musicians” que este trabalho toma como referência para construir um breve panorama da história das mulheres a partir de um conjunto de experiências comuns com a música e, mais especificamente, com o rock. As proposições da autora são tomadas como referência para, no contexto da cidade do Salvador, verificarmos modos de configuração da identidade feminina no universo desse gênero musical que se pressupõe masculino.

Desde modo, tomamos de empréstimo nove aspectos desenvolvidos pela socióloga e criamos dois, no sentido de adequar a análise ao contexto estudado, são eles: a formação da banda, o aprendizado do instrumento, a amplificação, a atividade de cantar, o aprendizado em grupo, o ensaio, a linguagem musical, a composição de canções, o desenvolvimento de uma identidade de musicista, o compromisso e o preconceito. A partir desses pontos desenvolvemos um questionário com 32 perguntas que foi aplicado a um total de dez musicistas, integrantes de três bandas formadas majoritariamente ou totalmente por mulheres.

As bandas analisadas foram: a Flauer, composta por Fernanda Veiga (vocal), Fernanda Félix (baixo), Emília Nunez (guitarra-base), Mariana Drummond (bateria) e Daniel (guitarra-solo)⁷; a Apnéia, formada por Dinny Rodrigues (vocal e baixo), Camilla Garcia (guitarra-solo) e Kika (guitarra-base)⁸; por fim, temos a Preaz,

⁷ As entrevistas foram realizadas apenas com integrantes do sexo feminino.

⁸ Da banda Apnéia apenas esta musicista não pode conceder entrevista a nossa pesquisa.

constituída por Juliana Levita (bateria), Thais Barbedo (guitarra), Elisa Braga (guitarra) e Márcia Braga (baixo). Os três conjuntos foram escolhidos por reunirem as condições necessárias ao desenvolvimento desta pesquisa.

A proposta desta monografia, por sua vez, é investigar por meio da análise dos depoimentos das moças entrevistadas como se institui o jogo das identidades, de que maneira os ideais de feminilidade se associam à imagem de instrumentista e quais os conflitos e contradições presentes. Desta forma, o trabalho pretende mostrar como divisões de gênero arbitrárias aparecem como naturais e se inscrevem no universo da música popular massiva determinando papéis e criando expectativas.

A identidade, sendo uma questão central para este trabalho, deve ser reconhecida como um fenômeno social altamente complexo, conseqüentemente, não pretendemos oferecer afirmações conclusivas sobre as análises apresentadas. Antes, expor um esboço, construído a partir de três casos particulares, do modo de configuração da mulher no rock. Não objetivamos, portanto, dar conta da história musical feminina em geral – seria uma atitude demasiado pretensiosa. Ao invés, recolhemos informações respeitando os limites espaciais, que toma Salvador como referência; sociais, que refletem o contexto das camadas médias urbanas; etários, porque toma a juventude como ponto de partida; sendo também ressaltadas as particularidades do gênero musical em questão. E neste último ponto é preciso reconhecer as diferenças que cada subgênero do rock apresenta ao fenômeno em pauta. No *heavy metal*, por exemplo, encontra-se mais marcadamente a rejeição a presença feminina do que no punk, um gênero fortemente influenciado por “roqueiras americanas e inglesas que não aceitavam mais o papel cor-de-rosa e coadjuvante das garotas no mundo da música” (LEONEL, 2001). Embora não seja possível realizar uma categorização definitiva das bandas em questão – o que é reforçado nos depoimentos das musicistas – poderíamos apontar que o *indie*, o *punk* e o *hardcore* são os gêneros que mais estariam presentes em seus repertórios.

Para analisar os objetos de estudo desse trabalho, portanto, é necessário compreender as mudanças sócio-históricas que transformaram a identidade numa “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”, mas também apontar os efeitos e os mecanismos criados para proteger a integridade da identidade hegemônica, mantendo o seu valor social.

Em seu livro “A construção social da masculinidade”, Oliveira (2004) aponta que as crises identitárias baseiam-se, em geral, em fatores sociais que trazem mudanças

em ritmo diferenciado a áreas do *socius*, causando “descompassos entre valores anteriormente cultivados e demandas contrárias a eles”. Dessa forma, as demarcações simbólicas entram em colapso.

Tais “descompassos” são experimentados pelos homens ao ter de compartilhar o território do rock com bateristas, guitarristas e baixistas do sexo feminino, mas também pelas mulheres que são alvo de contragolpes hegemônicos contra a feminilização do território, o que inclui chamadas à ordem, expressas ou tácitas. É nesse sentido que se instaura aquilo que poderíamos chamar de conflito simbólico.

Mas essa disputa só pode ser compreendida se tomarmos as estruturas da divisão sexual como uma construção social e histórica que aparece naturalizada porque os próprios mecanismos históricos que as elaboram são responsáveis pela supressão do seu caráter temporal e espacial. Como bem revela Bourdieu (2005) “aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola [...]”.

É também Bourdieu quem nos fornece o pressuposto de que a hegemonia masculina e os seus efeitos não se processam somente ao nível de nossa consciência, mas instauram uma ordem que faz com que nossos esquemas de percepção atendam a esse princípio. Ou seja, nossos pensamentos, ou melhor, a estrutura que coordena a nossa apreensão está ela própria, imersa no princípio dominante.

(...) incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação (BOURDIEU, 2005, p. 13).

É por essa razão que para analisarmos o modo como as mulheres trafegam no rock tivemos que considerar a maneira como também elas colocam em ação esquemas cognitivos da própria relação androcêntrica contribuindo para sua própria exclusão. Tal fato é possível porque os grupos estabelecidos conseguem transformar seus valores em valores de todos a tal ponto que mesmo os oprimidos reproduzem, cultuam e aplicam a si próprios os atributos e prescrições responsáveis por sua condição inferior.

Se as mulheres representam o grupo marginal é porque há necessariamente outro grupo bem posicionado na escala social, o que significa que “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (OLIVEIRA, 2004). Neste ponto é preciso

elucidar quais são os domínios que fornecem poder simbólico aos homens e conseqüentemente quais são os estigmas que prevalecem sobre as mulheres.

Entretanto, as perspectivas apontadas acima não fariam sentido se a masculinidade não tivesse um caráter “eminente relacional”, ou seja, não fosse construída e validada diante de outros homens. As imagens depreciativas lançadas às mulheres funcionam como uma defesa aos maiores símbolos da masculinidade: a virilidade e a potência. Estes, por sua vez, só se concretizam aos olhos dos demais, garantindo a reprodução habitual de condutas e um rigoroso controle de pulsões.

3.2 “HOW WOMEN BECOME MUSICIANS”

A exclusão da mulher dos mais diversos setores da vida social, em especial da vida pública, traz conseqüências que podem ser observadas mesmo em nossos dias, quando inúmeros direitos lhes foram reconhecidos, mas “um longo hábito impede que encontrem nos costumes sua expressão concreta” (BEAUVOIR, 1949, v. 1, p. 14). Desse modo, ainda que as mulheres tenham passado a ocupar esferas sociais, funções e cargos antes consagrados aos homens, os efeitos do pensamento androcêntrico não deixaram de se impor.

Assim como a Medicina e o Direito, a Música é uma dessas esferas em que a hegemonia masculina assume variadas formas, sendo a mais evidente, a escassez da mulher no espaço. Em algumas ocupações esta lacuna assume proporções significativas, pois em geral, é praticamente nula a atuação de garotas como técnicas ou engenheiras de som, instrumentistas e mesmo como produtoras musicais. Se levarmos em consideração os altos cargos das grandes gravadoras (como gerentes e empresárias, por exemplo) o quadro será ainda mais desolador. Como bem assinala Sheila Whiteley, se reportando ao contexto da Inglaterra, “nos últimos vinte anos não mais do que cinco mulheres foram apontadas como ‘cabeças’ em gravadoras inglesas, sendo a estatística ainda menos confortável nos Estados Unidos” (WHITELEY, Sheila, 2000, p. 3).⁹

⁹ “Over the past twenty years no more than five women have been appointed heads of any UK based record companies, major or otherwise, and the statistics in the United States are even less comforting”.

Essas constatações ratificam a extensão da desigualdade entre homens e mulheres no campo da Música Popular. Mas se o sexismo imprimiu suas marcas no universo musical, isso ainda se torna mais patente quando tratamos de um gênero particular: o rock and roll. Como uma das mais notórias manifestações de associação juvenil, nascida no seio do espaço público, o rock está fortemente vinculado aos ideais de masculinidade. Tradicionalmente submetidas ao espaço doméstico e com acesso reduzido aos locais de ócio – espaços privilegiados das culturas juvenis – raras mulheres se destacaram na configuração desse cenário. Consagrado por vincular-se a ideais de libertação, instrumento de contestação da ordem e subversão das regras, paradoxalmente o rock também traz a marcas do conservadorismo, revelado principalmente no tratamento dispensado às mulheres.

No entanto, se o rock ficou marcado como uma expressão cultural essencialmente masculina, diante de um amplo processo de mudança que abala antigos quadros de referência, ele agora vê seus limites simbólicos fragmentados e reformulados com a crescente e contínua inserção da mulher. Mas embora já seja uma realidade; a presença feminina se reveste de uma lógica própria, pois os caminhos trilhados pelas garotas no interior da indústria musical diferem daqueles a que estão submetidos os homens, fazendo-as elaborar novas maneiras de perceber e fazer música, além criar uma nova identidade para o gênero:

Excluídas do universo (masculino) *mainstream* do rock, feministas da década de 70 criaram um mundo musical alternativo para si próprias. Esse mundo oferecia a chance de reescrever as regras: das letras, da formação e organização da banda, do ensaio, do palco, e até da própria música (BAYTON, 1992, p. 179).¹⁰

As mulheres ingressaram num território de alto culto à masculinidade, entretanto, socializadas na diferença, não puderam se desvincular (nem mesmo as feministas mais radicais) do aprendizado que inscreve em seus corpos as marcas das prescrições sociais. Por este motivo a sua incursão no campo mostra-se, em diversos aspectos, bastante diversa daquela experimentada pelos homens. As etapas que integram

¹⁰ “Excluded from mainstream (male) rock world, 1970s feminists created an alternative musical world of their own. This world offered the chance to rewrite the rules: of lyrics, of band membership and organization, of the gig, of the stage, and even of the music itself”.

o processo musical, tais como aprendizado técnico, formação musical e criação de bandas assumem especificidades que diferenciam os dois grupos.

Tais distinções foram apontadas pela socióloga Mavis Bayton que, em meados da década de oitenta, realizou entrevistas com diversas musicistas inglesas. O resultado dessa pesquisa foi publicado em seu artigo “How women become musicians”.¹¹ O texto de Bayton aponta para a existência de significativas diferenças no processo de participação, criação e desenvolvimento musical entre homens e mulheres. Para ela, a configuração e a organização das bandas são permeadas por distinções de gênero. Deste modo, as etapas que integram o processo de aprendizagem musical são consideradas a partir de especificidades que atendem a divisão entre os sexos.

Para avaliar de que modo garotas se transformam em musicistas, a autora sistematiza doze pontos principais, são eles: o aprendizado do instrumento; a migração do clássico para o rock; a amplificação; o canto; o aprendizado coletivo; o ensaio; as habilidades; a linguagem; a produção coletiva; a composição; o desenvolvimento de uma identidade musical e o compromisso¹². A partir desses elementos ela constrói uma análise dos aspectos que considera serem próprios das mulheres no mundo da música, entretanto, mesmo tendo atingido um número significativo de entrevistadas suas considerações não trazem quaisquer especificações de idade ou de período de realização. Outra fragilidade da pesquisa aparece quando a autora não faz uma distinção entre o que é próprio do rock e o que é do feminino no rock. Em algumas ocasiões, etapas do processo de aprendizado musical que independem de diferenças de gênero são apontadas como exclusividades femininas.

São precisamente as questões levantadas pela autora e publicadas em “How Women Become Musicians” que este trabalho toma como referência para construir um esboço dos traços e experiências comuns das mulheres com a música e, mais especificamente, com o rock’n’roll. As proposições da autora nos auxiliaram para, no contexto da cidade do Salvador, verificarmos modos de configuração da identidade feminina num universo que se pressupõe masculino. Contudo, dos doze pontos avaliados por ela, optamos por utilizar apenas nove, por entendermos que se aplicavam ao contexto estudado. São eles: o aprendizado do instrumento, a amplificação, a

¹¹ BAYTON, Mavis. How Women Became Musicians. In: S. Frith e A. Goodwin (eds). *On Record: Rock, Pop and Written Word*, Nova Iorque: Pantheon, 1990.

¹² “Learning to play rock instruments; From classical to rock; Amplification; Singers; Learning to play together; Ancillary Skills; Language; Getting some numbers together; Songwriting; The development of a ‘musician’ identity; commitment.”

atividade de cantar, o aprendizado em grupo, o ensaio, a linguagem musical, a composição de canções, o desenvolvimento de uma identidade de musicista, e o compromisso. É necessário ressaltar que os tópicos “formação” e “preconceito” foram criados por nós e não estão presentes na pesquisa de Bayton.

A partir das perspectivas acima elaboramos um questionário com 32 perguntas que foram aplicadas em entrevistas individuais a integrantes de três bandas formadas majoritariamente ou totalmente por mulheres com pelo menos um ano de atuação no circuito musical. Desta maneira analisamos um total de 10 musicistas soteropolitanas com idades entre 17 e 22 anos e pertencentes às camadas médias urbanas.

A determinação do tempo pretendeu garantir depoimentos que fizessem alusão a transformações de comportamento, enquanto a escolha da formação total ou parcialmente feminina buscou compreender o conjunto das experiências partilhadas por iguais. As bandas Flauer, Apnéia e Preaz foram selecionadas por atenderem aos critérios determinados.

Criada em 2001, mas atuando efetivamente em 2003, a Flauer é uma banda mista constituída por quatro mulheres e um rapaz já tendo lançado seu primeiro CD, “E Se Fosse Dessa Vez...” e gravado o videoclipe da música “Você Só Mente” (letra de Noel Rosa); a Apnéia, por sua vez, nasceu em 2005 e tinha na sua formação original três garotas e um rapaz. A banda suspendeu os trabalhos após a saída do baterista em fevereiro de 2007. A Preaz, único grupo de formação totalmente feminina, surgiu em 2006 e originalmente possui cinco integrantes, mas atualmente encontra-se sem vocalista. Nossa pesquisa alcançou todas as integrantes dos grupos à exceção da guitarrista base da banda Apnéia que, por indisponibilidade, não pode conceder entrevista e a vocalista da banda Preaz que já havia saído do grupo durante o nosso contato.

Por fim, gostaríamos de salientar que muitos dos tópicos apresentados não devem ser tomados como parte exclusiva da vivência feminina já que, em alguns casos, as ocorrências independem dos sexos dos agentes envolvidos. Ainda que nosso objetivo tenha sido recolher histórias partilhadas por mulheres, não poderíamos classificar as inúmeras situações apresentadas como específicas e exclusivamente femininas.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE

Em resumo, os procedimentos metodológicos deste Trabalho de Conclusão de Curso foram:

- 1) A revisão das questões abordadas no artigo “How Women Became Musician”;
- 2) A criação de um questionário com 32 perguntas-base;
- 3) A aplicação do questionário em entrevistas individuais gravadas e transcritas;
- 4) Análise dos depoimentos.

4. ANÁLISES

4.1 A FORMAÇÃO DA BANDA

Durante a realização desta pesquisa algumas garotas demonstraram interesse em saber se eu buscava encontrar nelas algum propósito político, alguma atitude engajada ou discurso de resistência. Diante do questionamento, disse apenas que não procurava nada além de ouvir um pouco da história de cada uma, da sua relação com a música. O que pareciam querer deixar claro era que eu não teria sucesso se estivesse procurando alguma bandeira de luta na razão da existência do grupo. Isso fica bastante evidente quando respondem sobre os motivos de ser uma banda feminina. A maioria delas alega que estar em um conjunto com outras garotas é resultado de uma contingência e que não tinham ou têm qualquer necessidade de se firmar enquanto projeto político:

FÉLIX: Por causa da amizade. Não teve nenhuma questão feminista. Éramos próximas e também queríamos tocar e tava todo mundo tocando e a gente gostava de música... Não sei por que não surgiu nenhum homem, mas nada foi determinado.

MARIANA: A Dead Dools ficou nessa formação só com meninas, mas assim nunca teve esse negócio de vender imagem: “Ah, somos uma banda de meninas e somos feministas” e nem nada disso assim. Nenhuma delas. Pelo contrário.

O que prevalece em suas falas é a tentativa de mostrar que o interesse pela música está em primeiro lugar e independe do sexo do sujeito. Elas fazem isso se apresentando enquanto uma banda e não como um conjunto de garotas. Por esta razão, ainda que os discursos evidenciem uma recusa ao rótulo de feministas, a posição que elas assumem já se inscreve numa tentativa de superação de preconceitos e desvencilhamento de crenças e valores tradicionais permeados pela assimetria. A recusa ao rótulo, no entanto, parece trazer as marcas do desgaste provocado por ataques sucessivos ao feminismo, mas também por sua desvalorização provocada, em grande medida, pela focalização da atenção pública nas agressões menos frequentes contra os homens. Assim, a negação ou apenas o desdém esboçado por essas meninas para com o feminismo reflete a perda de prestígio sofrida pelo movimento ao longo dos anos. Somente um dos grupos participantes admitiu que a formação feminina atendia a um propósito:

MÁRCIA: Porque é uma coisa diferente porque as meninas nesse ramo [...]. Nunca acham que as meninas conseguem ser boas, que as meninas conseguem dar certo, sabe. Quando a gente fala inclusive que é uma banda de menina, as pessoas já ficam “quero ver pra ver se é bom”, querendo testar a gente. Então a gente queria desafiar esses paradigmas assim que só homem que toca rock, inclusive, principalmente no rock. Aí a gente queria uma banda só de menina assim pra poder mudar entendeu, pra poder tirar essa idéia.

Contudo, a idealizadora do conjunto diz:

ELISA: Já tive (banda) com menino e às vezes eu acho assim que eles acham que a gente toca ruim, tipo assim, têm preconceito porque é mulher. A (banda) que tinha mais dado certo até então tinha sido a “X”¹³ e tal e eu achei bem legal ser só com menina que a gente se entende mais, então eu fiz de novo com menina.

As duas falas acima revelam uma interessante contradição, pois esboçam diferentes motivações para a formação do conjunto. Enquanto a primeira revela uma preocupação voltada para a superação de tabus, a segunda manifesta a vontade de fugir da condição de “outro” menosprezado, de sentir-se confortável entre semelhantes e privar-se do descaso e do descrédito. A necessidade de estar entre iguais aqui aparece como uma resposta à desvalorização masculina.

Como a expectativa sobre o desempenho feminino é baixa, os rapazes tendem a não levar as garotas a sério excluindo-as das decisões e passando por cima das suas vontades. Esse comportamento, muitas vezes exercido inconscientemente, faz com que elas se sintam diminuídas e desmotivadas. A busca pela identificação com agentes que tiveram experiências semelhantes surge como um recurso para responder a exclusão.

“Seria necessário enumerar todos os casos em que os homens mais bem intencionados (a violência simbólica, como se sabe, não opera na ordem das intenções conscientes) realizam atos discriminatórios, excluindo as mulheres, sem nem se colocar a questão, de posições de autoridade, reduzindo suas reivindicações a caprichos, merecedores de uma palavra de apaziguamento ou de um tapinha na face, ou então, com intenção aparentemente oposta, chamando-as e reduzindo-as, de algum modo, à sua feminilidade [...]” (BOURDIEU, 2005, p.74-75).

Ambos os discurso mostram claramente a percepção de que no imaginário social há algo de errado e que as garotas estão ocupando um lugar que não lhes compete. Pronuncia-se então uma dissensão entre o pertencimento que elas adquiriram durante a vivência musical e as opiniões externas que não conseguem conciliar o território por

¹³ “X” foi o nome dado a primeira banda de rock criada por Elisa e que também só tinha meninas em sua formação.

elas ocupado ao seu papel feminino. A posição estigmatizada que recebem por não terem um papel legítimo no cenário é percebida por esta entrevistada:

THAIS: [...] quando me chamaram falaram: “não porque a gente tá montando uma banda de menina”. Tipo, sempre falam isso. Ninguém liga: “ah, tô montando uma banda de meninos”, mas falam: “tô montando uma banda de meninas, queria saber se você queria entrar”, ‘eu entro’. Mas assim, eu não levo isso em consideração, não faz diferença se você é homem ou se é mulher, a música que você faz é a mesma.

Aqui a presença feminina recebe uma marca distintiva, se pronuncia como o avesso da normalidade, o curioso, o excêntrico. Em a Dominação masculina, Bourdieu reconhece que “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”¹⁴, pois a sua visão impõe-se como neutra não tendo necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. Por esta razão não é preciso dizer “banda de meninos”, já que existe a pressuposição de que uma banda será composta por garotos.

Essa imposição quase não é sentida e se manifesta tanto na percepção social quanto na linguagem. O gênero masculino se apresenta de forma neutra, sem qualquer necessidade de marca, enquanto o gênero feminino é explicitamente assinalado. O termo “músico”, que qualifica indivíduos do sexo masculino, por exemplo, tem em seu equivalente feminino – “música” – o designativo do som produzido. Para as mulheres se impõe a designação “musicista”, um termo que de acordo com a gramática normativa é comum de dois gêneros, ou seja, se aplica tanto aos homens quanto às mulheres. O exemplo em questão não evidencia apenas o caráter hierárquico da divisão sexual, mas também revela um apagamento do valor da mulher da condição de produtora da música.

É precisamente a falta de legitimidade que fornece às garotas um caráter distintivo, por isso mesmo que embora ser mulher não seja uma condição *sine qua non* para a formação da maioria das bandas, pode-se perceber o quanto ter meninas no grupo é significativo, tanto por desmistificar a idéia de certas incapacidades femininas, entre as quais, executar um instrumento, mas também pela percepção de um potencial diferenciador que as destacam dos demais grupos tornando-as, muitas vezes, o centro das atenções.

CAMILLA: A primeira idéia da Ápneia surgiu foi de Kika e Dinny que elas eram amigas já há um tempinho, as duas estavam tocando, respectivamente baixo e guitarra, então surgiu o interesse delas

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 18

montarem uma banda, independente delas serem meninas, eu acho, porque se fossem dois amigos, uma menina e um menino eu acho que também ia surgir a idéia. Então elas não me falaram que queriam que fossem só meninas. Eu não sei se quando ela me procurou foi com esse intuito, mas acho que ela gostou da idéia de ter outra guitarrista-solo pelo menos menina [...]. Eu acho que teve interesse sim de Kika e Dinny na hora que elas foram montar de ter as meninas na frente, mostrar que menina também sabe tocar independente de qualquer coisa.

O desejo de provar que são musicalmente tão capazes quanto os homens já revela uma não conformação com os padrões vigentes, uma atitude política que, embora nem sempre se mostre como uma intenção conscientemente clara e explícita, representa uma resistência ao discurso da inferioridade. Por outro lado, essa necessidade de surpreender o público, de deixá-lo boquiaberto e admirado só existe porque é esperado que as mulheres fracassem, que mostrem inaptidão e insegurança. O peso do desempenho recai duplamente sobre elas: se falham; recebem condescendência, mas se bem sucedem; provocam espanto e incredulidade.

A atenção e o destaque que o público as concede está muito mais vinculado à sua sexualidade aliada à “novidade” que representam do que propriamente à sua qualidade musical. Nesse tocante, é preciso reconhecer que, apesar das conquistas angariadas pelo Movimento Feminista, nossa sociedade continua a valorizar as mulheres, prioritariamente, como objetos de desejo¹⁵. E algumas das garotas não se iludem a esse respeito, não só reconhecem que sua visibilidade está associada ao seu sexo, como admitem que essa condição pode ser proveitosa na medida em que, ao convergir a atenção para o grupo, representa uma vantagem em termos de divulgação e repercussão pública:

JULIANA: Eu acho que o fato de eu ser mulher e estar ou à frente da Nitroh ou tocando bateria na Preaz que é uma banda só de meninas influi muito no quesito divulgação porque atrai a curiosidade, atrai as pessoas pela curiosidade porque as pessoas ainda não associam à normalidade uma mulher estar tocando um instrumento, uma mulher estar no rock'n'roll, uma mulher ter isso como ideologia, uma mulher andar rasgada, uma mulher ser punk, uma mulher viver isso, respirar isso, entendeu?

THAIS: [...]. Por não ser muito comum ter mulher tocando, ainda mais uma banda só de mulher, chama atenção, então isso já vai chamar atenção independente do seu som, já vai chamar gente pra querer ver qual é de mesmo o que é que essas mulheres estão fazendo aí, sacou? A partir disso as pessoas vão ver se é legal ou não, mas assim o fato de ser mulher eu acho que a vantagem seria essa de chamar atenção, de querer ver por não ser comum. Acho que isso de querer ver mesmo: “ah, vamos ver se essa mulher toca tão bem quanto os homens e tal ou não” [...] ou “vamos só ver as mulheres ali tocando”. Acho que chama atenção, então essa é uma vantagem pra qualquer banda. Ter qualquer fator que chame a atenção é ótimo.

¹⁵ SARDENBERG apud Ferreira e Nascimento, 2002, p.64

Se para a maior parte das entrevistadas a intenção de manter uma banda exclusivamente com mulheres não é prioridade, então podemos supor que elas podem dedicar-se ao instrumento de sua preferência sem serem requisitadas a trocá-lo. Esta afirmação parece óbvia, mas se tomarmos a pesquisa de Bayton como referência perceberemos que a falta de mulheres na condição de instrumentistas, especialmente baixo e bateria, promove um redirecionamento de objetivo em função de uma necessidade concreta. Isto quer dizer que elas são solicitadas a tocar um instrumento completamente diferente daquele que escolheram para si a fim de resguardar a formação feminina do grupo. As moças entrevistadas nesta esta pesquisa, entretanto, vivenciaram uma experiência diferente. Como não se verifica entre elas a necessidade de estar numa banda exclusivamente feminina, não apresentam resistência à entrada de músicos do sexo masculino, de modo que não precisam abdicar do seu instrumento de origem para executar outro. Quando questionadas sobre essa necessidade são categóricas:

EMÍLIA: Não. Todas as bandas foi guitarra.

THAIS: Não. Eu sempre achei o instrumento assim mais completo que me satisfazia, a guitarra e o violão.

Entretanto, quando se pretende manter uma banda apenas com mulheres, mesmo que não haja a necessidade de se sagrar enquanto tal, esse resultado ainda pode ser verificado:

CAMILLA: [...] o último ensaio foi em abril que a gente testou uma baterista só que ela ficou meio devagar não estava podendo ir aos ensaios. Acho que ela não estava querendo mais ficar porque ela não é baterista, ela é guitarrista e ela toca hiper bem (guitarra). [...] Então ela falou “ah, vou ajudar vocês”. [...] porque ela tem bateria em casa pra brincar assim, mas ela toca guitarra melhor e tentou ajudar a gente na bateria, mas acho que ela não ficou muito segura ai não quis continuar. E também tem a banda dela que está fazendo CD, criou outra banda lá, a Maria Preá também que é um bocado de menina, então acho que ela está pra se dedicar mais ao que ela sabe de melhor fazer.

MARIANA: A Dead Dools não... a Dead Dools eu nem sei dizer se tinha essa exigência porque a gente sempre foi só meninas, mas na verdade a banda começou sem mim. Eu não estava na banda e aí a vocalista foi fazer intercâmbio. Eu entrei pra cantar aí depois ela voltou, como eu tocava bateria eu passei pra bateria e a menina que tocava bateria – péssima, na época, porque ela não tocava – foi pra guitarra porque ela tocava guitarra. Ai pronto. Acabou ficando assim a banda. Nunca entrou nem saiu mais ninguém. A Dead Dools ficou nessa formação só com meninas [...].

Se, inversamente ao que constatamos aqui, muitas musicistas na pesquisa de Bayton demonstraram que estar em uma banda só com garotas era mais importante que propriamente a escolha do gênero musical, deve-se considerar o momento histórico vivido por essas mulheres, ainda fortemente influenciado pelo feminismo do período.

Mais adiante, nos anos 90, o pensamento feminista corrente voltou-se para a máxima tomada de empréstimo do punk “não importa se você toca bem ou não, o importante é ter algo a dizer”.¹⁶ Esse novo discurso refletia os pressupostos trazidos pelo movimento Riot Grrrls¹⁷ que se colocava como uma resistência ao sexismo do rock’n’roll, levando muitas garotas a adotar atitudes e comportamentos masculinos, entre os quais, a remodelagem estética. O uso de calças, coturnos e cabeças raspadas tornou-se o símbolo da subversão de papéis socialmente instituídos. Hoje, ao contrário, as jovens roqueiras que não estão interessadas em chocar a sociedade conseguem conciliar a imagem de musicista à imagem de mulher e abusam do uso de saias, vestidos, maquiagem e mesmo sapatos com saltos¹⁸.

4.2 O APRENDIZADO DO INSTRUMENTO

O tipo de orientação musical recebido durante o aprendizado do instrumento é um dado relevante, já que ter aulas de música popular ou treinamento clássico são atividades bem diferentes. Para Mavis Bayton, por exemplo, mesmo que algumas mulheres tenham recebido educação clássica estando, portanto, aptas para se definir enquanto “musicistas”, isso não significa que estejam preparadas para tocar rock’n’roll. Para ela, ser capaz de ler e entender partituras não é uma vantagem tão clara neste gênero musical podendo, inclusive, representar uma desvantagem já que migrar de uma cultural musical para outra não é tão simples, pois as regras que envolvem cada um delas são muito diferentes. Neste aspecto devemos levar em consideração diferenças culturais significativas entre o contexto do Brasil e da Inglaterra, onde a pesquisa da autora foi realizada.

A tradição europeia do piano, instrumento que durante muito tempo fez parte da educação feminina encontrou respaldo no Brasil do início do século, entretanto, em nossos dias, esse instrumento deixou de compor o aprendizado das garotas. Embora tenha aportado em terras brasileiras, o hábito do piano e o estudo dos clássicos atrelado a ele fixaram-se muito mais no território europeu e se refletem, em nossos dias, na

¹⁶ LEONEL, Vange. *Grrrls: Garotas Iradas*. São Paulo: GLS Editores, 2001. p. 17. Os pressupostos do punk “do-it-yourself” (DIY), auto-empoderamento e independência da autoridade entraram em acordo com os ideais feministas em meados de 70.

¹⁷ “Riot Grrrls” foi um movimento punk feminista e underground nascido nos EUA no início da década de 1990 que questionava a posição da mulher no rock.

¹⁸ As constatações que seguem são o resultado da observação de shows, vídeos e fotos das bandas.

dedicação que algumas mulheres dispensam ao teclado. Nos depoimentos, verificamos que, desde o início, nossas pesquisadas são instruídas na música popular.

ELISA: (...) tinha uma colega minha que tava fazendo aula de violão aí eu pensei assim: “porque não?” Aí eu falei com a minha mãe e ela me colocou, aí eu fiz três meses de aula, depois eu sai da aula e aprendi sozinha. Eu aprendi guitarra sozinha, peguei só a base do violão mesmo.

EMÍLIA: Bom, meu irmão começou a tocar violão, fazer aula de violão eu acho que eu era sexta série. Eu devia ter uns doze anos e eu sempre via ele tocando e achava massa, mas nunca tive, assim, eu pegava o violão e não conseguia tirar um som. Era uma coisa engraçada. Eu fico lembrando que eu botava acordes, tocava e nada. Quando eu tinha uns treze pra quatorze eu decidi fazer aula com esse professor, mas durou muito pouco também, acho que eu fiz uns quinze dias de aula só, mas aí eu comecei a tocar com as meninas da Lucy in The Sky. [...]. Eu comecei a tocar com elas e elas foram me ensinando muita coisa que elas já tocavam um pouquinho melhor aí eu fui aprendendo mais nesse circuito de banda mesmo.

CAMILLA: [...] quando eu tinha uns treze, quatorze anos eu falei pra minha mãe que eu queria um violão. [...] Ai eu comecei a tocar totalmente sozinha, comprava aquelas revistas de cifras, ia nas bancas... Eu tenho uma coleção enorme de revistas ensinando partitura, tablatura, todas essas coisas assim, aí fui aprendendo, aprendendo, aí com quatorze anos eu comecei a aprender, quando eu fiz dezesseis eu pedi uma guitarra pra ela, ela falou: “Tudo bem” e me deu, aí passou uns dois anos eu tocando guitarra [...].

É possível notar que maioria dessas garotas iniciou sua trajetória na música aprendendo rock and roll, seja tomando aulas, aprendendo no interior de bandas ou mesmo estudando sozinhas. Curiosamente estas duas últimas atividades são as preferidas das garotas porque ainda que os cursos e professores sejam procurados, elas não tardam a abandoná-los. Mas se, em geral, as aulas tem curta duração – e aqui se revela uma contradição – elas não deixam de enfatizar a importância do investimento em aprendizado.

FERNANDA: Acho. Super acho. Não necessariamente acadêmica, mas assim ‘de noite’ até. Se eu cantasse em barzinho. Do tempo que eu tenho com a Flauer se eu estivesse o tempo inteiro fazendo show, sei lá, em barzinho, voz e violão, aí eu poderia dizer que eu sou cantora porque eu teria uma vida na música que não é formalizada, não é acadêmica, mas teria uma experiência. Assim, é diferente porque não é a mesma coisa: ser vocalista numa banda amadora e ser cantora, pelo menos pra mim, são duas coisas bem distintas.

EMÍLIA: Não. Acho que não é necessária não, mas ajuda. Eu acho que você ter essa oportunidade de ter essa formação... Acho que ela pode enrijecer um pouco, mas acho que ela pode ajudar também, mas acho que é interessante você ter uma formação de algum lugar. Você pode nunca ter tido uma aula de violão, mas ser um guitarrista de verdade, isso com certeza você pode, mas eu não estou nesse patamar ainda não, mas você pode também estar só no popular e ser um mega músico, e você não precisa exatamente da formação clássica propriamente dita – erudita. Você tem outros caminhos pra se tornar um músico.

CAMILLA: Nada. Nunca tive professor nem caseiro, nem profissional. Nada. Eu até queria tomar uma aula porque tem uma hora da música que você tem que aperfeiçoar um pouco mais, tudo que você aprendeu sozinha já foi. Tem uma hora que você quer ir aprender realmente aquelas coisas clássicas que... Então você não sabe por onde começar, você não tem um foco assim. Eu acho que tomar aula

também é importante. Não recomendo a pessoa aprender só, totalmente sozinha, acho que tomar aula também é bom.

As garotas apontam que embora a educação erudita não seja um pré-requisito para a construção e o desenvolvimento de uma banda de rock, a educação, mesmo que adquirida de maneira informal, é muito importante para a maturação de um músico e sua qualidade profissional. Há, na maioria delas, a consciência de que a busca pela atualização do conhecimento é fundamental, tendo, inclusive, duas das entrevistadas revelado o fato de estarem retomando cursos de formação junto a profissionais qualificados:

EMÍLIA: Fiquei nessa de aprender nos ensaios com as bandas, por isso que eu toco hoje precariamente, mas eu vou começar a fazer aula.

Ao que parece esse afastamento das mulheres de longos períodos de treinamento com professores particulares e/ou em instituições específicas faz com que elas escolham subgêneros do rock que não necessitam de execuções musicais mais elaboradas. As bandas selecionadas, embora evidenciem certa resistência à rotulação de seu trabalho, dada a variedade de influências, transitam por entre o *punk*, o *hardcore* e o *indie*, gêneros cujas variações e acordes são mais simples do que, por exemplo, o *heavy metal*, que exige execuções mais sofisticadas. No entanto, já é possível perceber algumas moças prolongando a fase da educação formal:

JULIANA: Eu fiz aula por dois anos, aula de guitarra, mas eu aprendi a tocar sozinha. O que eu sei tocar aprendi a tocar sozinha, tanto de guitarra quanto bateria e baixo assim um pouquinho.

THAIS: [...] quando chegou no terceiro ano eu tive que escolher que profissão eu ia seguir e assim eu sempre fui muito indecisa, sempre quis fazer mil coisas e aí de repente no ano que eu tinha que escolher eu não tinha mais opção, eu não queria fazer mais nada, não me imaginava fazendo mais nada a não ser Música. Eu tinha me apaixonado de uma forma tão grande em três anos que o que eu queria fazer era isso, eu queria seguir isso pro resto da minha vida. Então aí você já sabe eu estudei e tal, passei e tô fazendo faculdade.

Se, no geral, as mulheres não se submetem a longos períodos de treinamento formal, este dois depoimentos assinalam uma variação no panorama. Ambas não só lançaram-se ao aprendizado continuado junto a profissionais qualificados como, no caso da segunda entrevistada, a Música tornou-se formalmente uma opção de vida levada a cabo pelo ingresso em uma universidade.

4.3 A AMPLIFICAÇÃO

Se, como apontou Bourdieu, a manipulação dos objetos técnicos cabe sistematicamente aos homens, podemos inferir que a experiência com a amplificação,¹⁹ tão essencial ao universo do rock, também se caracteriza como masculina. Se, por exemplo, uma garota opta pelo violão, perceberá que a migração para a guitarra ou o baixo representa uma grande mudança, já que estes instrumentos não só precisam ser amplificados, e isso significa eletrizá-los, como envolvem um conjunto de outros artefatos, tais como pedais e caixas de som. Nesse momento algumas ansiedades podem surgir quando as mesmas se vêem obrigadas a lidar com ferramentas e instrumentos tradicionalmente vinculados ao “domínio masculino”:

As guitarristas precisam aprender a superar o medo do *feedback* (retorno) e passar a vê-lo como um dos recursos da guitarra a ser domesticado e explorado para produzir efeitos. Elas têm que aprender a lidar com as configurações de efeito da amplificação; ver como alto-falantes e a sua posição afetam o som; o uso de vários tipos de pedais para sustentação, compressão, *phasing*, *flanging*, efeito chorus, *fuzz*, *delay*, eco, equalização geográfica, etc; como usar as técnicas de *slide* e *bend* e como tocar a escala do instrumento. Os homens adquirem esse conhecimento antes de se juntar a uma banda; enquanto as mulheres somente têm acesso a ele depois que montam os grupos. (BAYTON apud Frith e Goodwin, 1990, p.242).²⁰

A maioria das pesquisadas recebeu algum tipo de treinamento musical, mesmo que tenha sido por um curto período de tempo. Além disso, todas elas iniciaram sua história na música ou sua trajetória em bandas tomando como principal referência o rock and roll, e, portanto, executaram os instrumentos próprios a esse gênero, contudo é possível verificar que os equipamentos técnicos vinculados a estes instrumentos ainda representam um desafio para elas.

Embora o acesso das mulheres aos aparatos tecnológicos tenha se ampliado em nossa sociedade contemporânea não se pode afirmar que os instrumentos musicais e os artefatos técnicos atrelados a eles façam parte do conjunto dos interesses femininos já

¹⁹ Por amplificação entendemos todo o conjunto de ações para eletrizar os instrumentos, além dos aparatos atrelados, como microfones, caixas de som, pedais, etc.

²⁰ “Guitarists have to learn to overcome this fear of feedback, to see it as one of the distinctive resources of the electric guitar, to be tamed and exploited for effect. They have to learn the effect of amp settings; how speakers and speaker positions affect sound; the use of various kinds of pedals for sustain, compression, phasing, flanging, chorus effects, fuzz, delay, echo, geographical equalization, etc.; how to ‘slide’ and ‘bend’ notes to effect; how to play with their fretboard hand. Males pick up much of this arcane knowledge before they join a band; women come across it for the first time when they do.”

que suas experiências nesse campo são bastante restritas e reduzidas. Garotas não são ensinadas a apreciar a tecnologia. Em “Women and the electric guitar”, Bayton afirma:

O rock está associado à tecnologia que, por sua vez, é fortemente categorizada como ‘masculina’. A ‘feminilidade’ está associada a um desamparo físico, mecânico e técnico criado socialmente, enquanto que a ‘masculinidade’ envolve a exibição de competência técnica. Em oposição às garotas, meninos ganham brinquedos técnicos e se tornam confiantes sobre os artefatos desse campo. As mulheres estão frequentemente apartadas dos aspectos técnicos essenciais ao rock. Se se tornam cantoras ou tocam sax, elas podem evitar a total imersão neste mar de tecnicidade, o que não ocorre com as guitarristas. Deste modo, as mulheres podem ser atraídas em direção à guitarra, mas são dissuadidas pela vastidão de componentes eletrônicos e elétricos, que representam a exigência básica para a performance no rock: fios, tomadas, amplificadores, painel de disjuntores, etc. Falta-lhes confiança. Mulheres que tocaram em bandas de rock por anos reconheceram que ainda não superaram completamente o problema da ‘tecnofobia’ (BAYTON apud WHITELEY, 1997, p.42).²¹

A separação de profissões, ramos e atividades calcadas em diferenças de gênero se inscrevem sob a forma da oposição entre o universo público, masculino e a esfera privada, feminina. Tradicionalmente confinadas ao espaço doméstico e afastadas do universo da educação e do trabalho – territórios por excelência do desenvolvimento técnico-científico – as mulheres não apenas foram excluídas de sua produção como também foram forçadas em discursos racionalistas da civilização clássica nos quais eram retratadas com traços mais emocionais e menos intelectuais (STEARNS, 2007, p.37-38). Esse pensamento, ainda presente na contemporaneidade, busca naturalizar uma diferença socialmente construída e dissocia dos ideais de feminilidade aspectos ligados à tecnologia e à ciência.

Mas o distanciamento das garotas dessa esfera da vida social não se vincula somente às diferentes maneiras com as quais meninos e meninas são educados, como também parte de pré-disposições, vocações e aptidões que levam as mulheres a afastarem-se de certos espaços e aproximarem-se de outros. Isso que dizer que a divisão

²¹ Rock is associated with technology, which is itself strongly categorized as ‘masculine’. ‘Femininity’ involves a socially manufactured physical, mechanical and technical helplessness, whilst ‘masculinity’ involves a display of technical competence. In marked contrast to girls, boys get given technical toys and become confident about technical things. Women are often alienated from the essential technical aspects of rock. If they become singers, or play the sax, they may manage to avoid full immersion in this sea of technicality, but not if they play the guitar. Thus young women may be drawn towards the electric guitar but are put off by the multitude of electronic and electrical components, which are a basic requirement for a rock performance: leads, plugs, amplifiers, plug-boards, etc. They lack confidence. Some women who had been playing in rock bands for years said that they still had not completely overcome this problem of ‘technophobia’.

sexual das atividades produtivas se inscreve para além do alcance da consciência em inclinações, entre elas, as de cunho profissional.

É através do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, as que tornam ao mesmo tempo *inclinados* e *aptos* a entrar nos jogos sociais mais favoráveis ao desenvolvimento da virilidade: a política, os negócios, a ciência, etc. (A educação primária estimula desigualmente meninos e meninas a se engajarem nesses jogos e favorece mais nos meninos as diferentes formas da *libido dominandi*, que pode encontrar expressões sublimadas nas formas mais ‘puras’ da libido social, como a *libido sciendi*) (BOURDIEU, 2005, p. 71).

Assim, dominar artefatos e objetos técnicos – e aqui se inserem os instrumentos musicais – significa portar virilidade, potência, autonomia; qualidades tornadas tipicamente masculinas (assim como a abstração e a precisão) e que, por isso, dispõem de grande valor social. Conseqüentemente, o domínio dos instrumentos musicais fornece poder simbólico, significando aptidão para transitar pelo território musical. Ingressar neste espaço fortemente androcêntrico ainda traz insegurança e desconforto para muitas mulheres. A dificuldade para operar aparelhos como amplificadores, microfones, alto-falantes etc. ainda constitui um problema para as mulheres do rock:

FERNANDA: Minha participação nessa área é muito pequena pra ser sincera. Minhas opiniões são do tipo: o microfone está muito abafado então diminui o grave, ou então, está agudo demais. Essas coisas eu tenho um pouco de noção.

EMÍLIA: É engraçado porque eu nunca parei pra pensar muito não, sabe? Foi surgindo assim “vamos lá, vamos testando”, mas é também uma coisa que falta ainda em mim como música, de ter mais intimidade com o instrumento, intimidade com os equipamentos. Às vezes eu me bato bastante, assim: eu vou ligar uma pedaleira e boto o som e tiro o som e penso ‘porra, não está legal, sabe?’ E eu não sei o que fazer exatamente para ele ficar bom, tanto que Daniel (o guitarrista-solo) me ajuda um bocado, outras pessoas também ajudam, até nos shows mesmo, sei lá, eu arrumo a pedaleira de um jeito ai vem alguém e dá uma sugestão. No final das contas o som fica como eu quero, mas assim, tem muita gente que mete o bedelho mesmo e que sugere... É um processo mesmo de aprendizagem, de você criar essa intimidade com o instrumento [...].²²

Em alguns casos a relação com o próprio instrumento parece não ser tão completa e dedicada, já que algumas musicistas reconhecem preferir que terceiros organizem e mesmo montem o seu equipamento. Inversamente, para o músico, o instrumento torna-se a extensão de si próprio e é personificado ganhando nomes, homenagens e tratamentos especiais.

²² O guitarrista Daniel dispõe de inúmeros pedais, enquanto Emília reconhece que possui apenas dois.

MARIANA: Tanto que na época da *Dead Dolls* era engraçado porque ele (referindo-se ao seu professor de bateria) sempre montava a bateria pra mim porque ou ele tocava antes de mim ou depois e ele sabia que eu detestava montar as coisas e o povo ficava: “Ah, porque as meninas da *Dead Dools* não sabem nem montar as coisas” Ai ele: “hum não sabem eles que eu já fiz você montar uma bateria inteira. Quero ver algum deles aqui montar”. [...] Hoje eu já faço sozinha até porque não tenho mais ele pra montar pra mim, mas sempre que alguém pode... “Quer que eu monte?” ‘Quero’.

CAMILLA: Na hora do show elas ficam até um pouco mais dispersas e a responsabilidade fica um pouco pra mim e pra Lu²³, ficava, no caso, pra ele. E assim, a gente tinha que afinar guitarra, se tivesse que afinar o baixo, a gente sabia afinar o baixo, se tivesse que montar bateria junto com ele, eu ia lá e ajudava ele a colocar os pratos, apertar, então eu estava sempre ajudando ele.

A divisão entre as preferências de homens e mulheres aparece aqui inscrita objetivamente em atitudes e funciona “como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação”.²⁴ Assim, manifesta-se uma concordância entre eventos efetivos, revelados no desinteresse feminino pelo instrumento, e as expectativas a esse respeito que se refletem no pensamento corrente de que as mulheres não participam do mundo dos objetos técnico. De acordo com Bourdieu “essa experiência apreende o mundo social e suas arbitrarias divisões [...] como naturais, evidentes, e adquire, assim, todo um reconhecimento de legitimação”.²⁵ Contudo, neste ponto esta pesquisa deparou-se com uma contradição: o cuidado, o afeto e a personificação do artefato deixam de ser uma atitude exclusivamente masculina e já é assumida como postura por algumas garotas:

THAIS: Não, mas ela (a guitarra) eu não vendo não. Tem valor sentimental. [...] é a minha primeira, tem até nome ela, Íris, por causa daquela música do *Goo Goo Dolls*, “Iris”, que tem no filme “Cidade dos Anjos”. [...] Já é uma pessoa, é minha filha, velho, não vou vender minha filha.

Aqui há, sem dúvida, uma quebra de imagens sociais rígidas, em que a vivência de uma identidade torna possível que uma mulher assuma uma postura reconhecidamente masculina, tornando um objeto técnico a extensão de si própria, dotando-o de humanidade. Uma atitude que implica, entre outras coisas, a busca pelo domínio ou o conhecimento mais completo dos artefatos musicais.

E conhecer um instrumento não denota apenas executá-lo com propriedade, também significa saber afiná-lo, montá-lo e transportá-lo aos locais de show e ensaio, juntamente com o restante do equipamento. Para o senso comum a força física seria o

²³ Referência ao baterista Luciano.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 17

²⁵ Ibid, p. 17.

elemento necessário em tais atividades, contudo, a pesquisa de Mavis Bayton demonstra, e neste ponto concordamos com a socióloga, que o diferencial está na maneira de operar os objetos. Mais uma vez a relação com o instrumento torna-se capital para a definição de papéis e esquemas sociais baseados em gênero.

CAMILLA: Eu não acho complicado não você arrumar a guitarra, eu acho que o principal passo pra você tocar bem, pra você dominar bem o seu instrumento é você conhecer também tudo que envolve ele, que no caso a guitarra não é ela só ela tem a caixa, tem o amplificador, tem o pedal, a pedaleira que vai mudar os sons dela, por isso você tem que saber o que você vai usar, então você tem que saber totalmente o que é que você tem em mãos pra você executar bem. Então eu acho que eu tenho que conhecer tudo. Eu não acho complicado essa parte, eu acho complicado você ter que enfrentar palco, show, o calor ali da galera mesmo.

FERNANDA: Quando tem que pegar no pesado a gente pega não tem problema nenhum. [...] A gente não precisa de *roadie*²⁶ não. Agora, seria muito mais confortável.

A atribuição de força física ao exercício de carregar e transportar equipamentos torna-se possível porque estas atividades estão vinculadas a um conjunto de atributos masculinos como estatura física e aptidões, como agressividade e segurança. A eficácia desta relação arbitrária ainda se mostra quando a agressividade, associada ao comportamento do baterista diante do instrumento, entra em desacordo com a concepção da mulher como ser frágil e fraco, faltando-lhe assim a competência necessária à função. Não é surpreendente, portanto, que encontrar mulheres bateristas seja mais difícil do que em qualquer outra posição.

Os depoimentos acima corroboram que não é a força física que conta e que as mulheres também estão aptas para manusear e deslocar seus próprios equipamentos. Algo que é apreendido, principalmente, quando passam a integrar os conjuntos, ou seja, mesmo tendo se submetido a aulas de música é a experiência em bandas que fornece às garotas um contato mais substancial com os variados recursos e estratégias técnicas. É a coletividade que parece fornecer os subsídios necessários para que as mulheres se debrucem sobre seu instrumento:

EMÍLIA: Eu aprendi... Quase tudo que eu sei eu aprendi com outros, não aprendi de revistinha, não aprendi de site, aprendi mais com essa troca mesmo.

FÉLIX: A princípio a gente resolveu, não me lembro quando, mas ainda neste ano resolveu montar uma banda, eu, Feu e Mari. E aí a gente pensou em Gabi que era uma amiga das meninas que

²⁶ *Roadies* são os profissionais que acompanham a banda nos shows e nas viagens, sendo responsáveis pelo transporte, montagem e desmontagem do equipamento, mas também pela comunicação com os demais membros da equipe técnica, coordenando tudo o que diz respeito a som e iluminação de palco.

tinha saído do Viera²⁷. Tínhamos quinze anos. [...] Tínhamos decidido que Gabriela seria a guitarrista e quem ia fazer o resto a gente não decidiu. Tinha eu, Mari e Feu para decidir ainda. E era um momento que tava todo mundo interessado, vivendo o movimento de rock, a gente também queria ter uma banda e aí a gente foi pra decidir quem ia tocar o quê. Que ninguém sabia tocar nada. Eu arranhava um violãozinho, Feu era canhota e Mariana é grossa. Eu só tocava violão. Feu e Mari não tocavam nada, mas cantavam bem e tal. E Gabriela tocava muito aí a gente resolveu montar uma banda e decidiu: Feu vai ser a vocalista porque ela é canhota e é mais difícil de aprender; eu como sabia tocar violão fui tocar baixo porque é cordas e tudo mais e Mariana porque é grossa mesmo vai tocar bateria. Aí a gente resolveu entrar numa aula.

Mavis Bayton não se equivoca ao afirmar que para o homem a formação de uma banda é um estágio gradual do processo de aprendizagem musical, enquanto que para a mulher o grupo representa o início desse aprendizado. Contudo, esta não parece mais ser a regra e já percebemos a existência de garotas que, mesmo tendo de encarar um aprendizado solitário, já iniciam sua trajetória musical independente da formação dos conjuntos e dedicam-se inteiramente ao seu instrumento:

CAMILLA: Um dos segredos do violão é você não enjoar do que está fazendo. Eu falo sempre para as pessoas que estão aprendendo a tocar violão, elas falam “Mas é tão chato às vezes” [...]. Se você não enjoar você consegue [...]. Minha mãe falava: “Ah, pára de tocar um pouquinho. Nossa!”, eu falava: ‘Poxa, minha mãe, você não me incentiva. Você não gosta que eu toque. Eu toco tão mal?’. Ela falava: “Não é isso. É porque você toca toda hora, na hora de dormir, na hora de almoçar...”.

JULIANA: Eu acho que eu respiro música, eu acho que eu não conseguiria viver sem tocar. Se eu for pra casa da minha mãe, por exemplo, que moro com a minha vó, lá não tem violão. Quando eu não levo, eu fico louca. “Minha mãe, você tem que comprar um violão pra deixar aqui pra mim, pelo amor de Deus” [...].

Mais uma vez é possível perceber que a experiência musical faz emergir nessas meninas uma identidade de musicista que efetivamente as faz “respirar música”. Essa dedicação inteira e completa ao aprendizado e ao exercício contínuo e exaustivo, comportamentos tradicionalmente associados aos homens, tornam-se, cada vez mais, experiências concretas para muitas mulheres. Mesmo assim, a afeição e o empenho ao instrumento ainda permanecem como características essencialmente masculinas, fato percebido, inclusive, no discurso das pesquisadas:

EMÍLIA: Eu lembro que meu irmão, ele... Nossa, quando ele começou a aprender violão era o dia inteiro! Era na mesa tocando violão, era no banheiro tocando violão, era assistindo televisão tocando violão. Eu ficava chateada, era ‘pô, deixa eu assistir televisão’ e ele tocando violão. Com Leo²⁸ também. A gente morou junto uma época, que era o tempo inteiro ele tocando, com o violão na mão, a gente conversando e ele tocando e eu não tive muito isso.

²⁷ Referência ao Colégio Antônio Vieira, instituição de ensino de Salvador.

²⁸ Ex-namorado da pesquisada.

Outro importante aspecto do processo de maturação musical refere-se à análise de discos. Embora esta tarefa seja um método eficaz de aprendizado notamos que algumas entrevistadas não se dedicam a esta tarefa. Ouvir faixas ou músicas e tentar reproduzi-las no instrumento, ainda que de fundamental importância, não é um exercício costumeiro para essas garotas, mesmo que tenham reconhecido a sua importância:

CAMILLA: [...] Muita coisa você não acha na internet aí você tem que ouvir o CD, bastante pra você ficar... É por isso que eu falo você não pode enjoar do que está fazendo. Você tem que ouvir a música mais de trinta vezes pra você pegar uma partezinha sequer dela pra poder executar ela certinha. E ouvir bem, bem e tocar em cima dela e ouvir de novo e ouvir sem tocar, depois toca, liga a guitarra, ouve junto tenta tocar junto e aí vai. Tem que ser.

Uma das dificuldades encontradas pelas meninas no mundo da música é que, estando em número reduzido, seu aprendizado frequentemente torna-se solitário. Em sua pesquisa Bayton destaca que quando os garotos aprendem a tocar eles conhecem outros garotos que também estão estudando e por isso podem comparar trabalhos, mas se uma garota tenta aprender a tocar guitarra – por exemplo – esta será uma “experiência solitária” (a menos que ela tenha um namorado ou um amigo músico que a ajude). Essa “solidão” parece ter sido minimizada pelo crescimento da atuação feminina na esfera:

ELISA: [...] Minha amiga Camila da escola. A gente marcava no intervalo mesmo [...] a gente pegava o violão aí ficava lá tocando aí tinha meus amigos também [...]. Todo mundo saía pro intervalo e ia comer, ia sei lá fazer alguma coisa, e a gente sempre corria pra biblioteca, alugava o violão e ficava lá.

FÉLIX: Foi quando eu e Mariana entramos numa aula no... Tem um estúdio ali na Padre Feijó que eu acho que não tem mais chamado *Arte e Música* que era onde todo mundo ensaiava, essas bandas todas desse movimento. Elas ensaiavam nesse estúdio então mesmo que a gente não tocasse íamos assistir ao ensaio do pessoal que era amigo nosso, então lá nós descobrimos que tinha aulas e tudo mais. Ai pronto. Resolvi tomar aula de baixo e Mariana de bateria. Eu não tinha um baixo nem Mariana tinha uma bateria e mesmo assim a gente foi tomar aula. Só que antes da aula a gente já tinha formado a banda e começou a fantasiar e discutir nome, discutir música e fazer uma lista de dez mil covers que a gente ia fazer. Muito sem noção, né. E tinha muito o que a gente ouvia em comum: Alanis, Pearl Jam. Ai a gente foi criando essa lista de mil covers. Não sabíamos como iríamos tirar e a gente marcou num estúdio na Graça, que era aniversário de Gabriela, inclusive. Nosso primeiro ensaio. A gente marcou nesse estúdio sem saber tocar nada. Pegamos tudo emprestado. Eu peguei o baixo de Emília emprestado que na casa dela tinha um baixo. O irmão tocava todos os instrumentos. Mari pegou os pratos que eu não sei de quem era da bateria e a gente entrou no estúdio sem saber tocar nada. A gente comeu mais bolo do que tocou. Ai depois a gente resolveu levar a sério. Ai eu comprei um baixo, Mari comprou os pratos da bateria. Ai a gente ficou tomando aula. A gente tomava aula no mesmo lugar, tínhamos aulas em comum. Os professores... Como sabiam que a gente era da mesma banda, sabiam de nossas pretensões e projetos ai a gente fazia umas aulas em comum de vez em quando. No estúdio da bateria eu ia com o baixo e a gente pegava uma música em comum e isso ajudou muito.

Se, como é possível notar no depoimento acima, para muitas meninas a escolha do instrumento é uma atividade pós-banda, seu interesse pela música já parece surgir uma tanto antes, assumindo uma posição importante nas atividades de lazer das adolescentes que também passam a freqüentar os espaços destinados aos shows. Os bares e casas de espetáculo passam a integrar o roteiro das jovens:

FÉLIX: Comprei o violão juntando dinheiro de mesada, não foi minha mãe que me deu nem nada, depois que comecei a mostrar que eu gostava mesmo foi que minha mãe me deu um baixo. Depois de muita insistência, [...]. E aí foi legal no Vieira porque você podia encontrar gente de todo tipo e aí cada um acabava apresentando uma banda nova pra você que apresentava outra banda pra outro e aí você ia crescendo seu repertório e gostando mais ainda. Aí fazia muitos shows. A princípio a gente assistia quando a gente ainda não sabia tocar nada: no Idearium, Calipso, esses lugares bem... Com dezesseis, dezessete. A gente ia muito pra shows no Rio Vermelho.

Quando as garotas são mais jovens e resolvem ingressar no mundo do rock a resistência dos pais se torna mais evidente e as proibições são mais severas. A maioria teme pela segurança de suas filhas expostas aos perigos do mundo público por considerá-las mais vulneráveis que os garotos. Há ainda uma tradicional associação do rock às drogas e à violência que reforçaria a opinião dos pais:

DINNY: Ah, minha mãe no começo não gostou muito não. Meu pai sempre me apoiou, mas minha mãe... Eu saía com o baixo pesado pra tudo o que é lugar aí ela falava: “Esse baixo cuidado”. É roubo né, todos esse perigos e eu ia com o baixo pra tudo que é lugar assim e ela não gostava muito não. Teve uma época que ela me proibiu e tudo de fazer show, mas foi por causa de outras coisas aí ela me proibia de fazer, aí eu fugia, falava que ia pra casa de Kika, a gente pedia outro baixo emprestado. Mas sempre fiz show, nunca deixei de fazer. [...] Ela ficava com medo. Porque teve uma vez também que ela foi para um show meu que ela viu muitas coisas assim: a galera tudo jovem bebendo, fumando, se drogando aí ela ficou “ô meu Deus, esse meio que minha filha anda...”.

ELISA: Minha mãe, acho que ela tá neutra nisso, ela nem apóia nem fica falando mal. Ela só ficou falando mal quando eu comecei a, que eu entrei na Preaz mesmo aí eu começava a sair mais porque as meninas além de serem da minha banda são minhas amigonas. Aí a gente começou a sair e ela – porque antes eu ficava mais em casa – aí ela começou a falar mal por causa disso.

Os depoimentos mostram como a classe média procura tratar as adolescentes, mantendo-as sob controle e cuidado constantes e lançando-lhes todo tipo de sanção de modo a mantê-las no interior do ambiente familiar, construindo assim uma polarização entre o lazer feminino – na casa e o lazer masculino – na rua. Embora essa dicotomia, em nossos dias, pareça ter sido minimizada, basta notar que os jogos e brinquedos tipicamente femininos ainda pertencem ao território doméstico (a boneca, a casinha, etc.) e os masculinos (a bola, as gudes, etc.) participam da vida fora do lar.

Mais passíveis da vigilância paterna que os garotos e com menos liberdade para freqüentar alguns ambientes, as garotas têm gradativamente ocupado os espaços de lazer destinados ao rock. E, para as entrevistadas, ainda que houvesse certa resistência dos pais com os locais onde ocorriam os shows estes continuaram integrando o roteiro das jovens moças:

FERNANDA: Quando eu tinha quatorze, quinze anos rolava muito. Meu pai ficava super preocupado, mas às vezes ele mesmo me levava no lugar e aí ele meio que dava uma averiguada. Mas ele sempre: “Cuidado! Esse lugar cheio desse povo de preto²⁹ bebendo não sei o quê, não sei o quê...” Eles sempre tiveram essa preocupação. Minha mãe mesmo falava horrores do Idearium. O Idearium era o pesadelo. Eles nunca chegaram a ir no lugar, mas eles implicavam com os lugares que a gente ia assim. Com os shows em geral.

FÉLIX: Minha mãe tinha mais preocupação quando eu freqüentava esses lugares pra assistir, mas depois passou.

EMÍLIA: Eles só não gostavam que eu fosse nos bares. Quando eu tinha, tipo, quatorze anos eles não deixavam não. A primeira vez que eu fui ao Idearium, que era um bar da época que era **o lugar** assim da galera jovem roqueira eu fui com uma tia, de presente de quinze anos. Era assim... rock era do colégio, você fazia o som no colégio, tocava no Viera Rock³⁰, mas assim, sair pra noite para ir ver banda era complicado porque eu era novinha também e meus pais tinham esse cuidado assim até porque tem esse estigma do rock também né, de drogas, de a galera porra louca, mas aos poucos a gente vai ganhando a confiança e mostrando que não é bem isso...

4.4 A ATIVIDADE DE CANTAR

Ao contrário das demais funções o papel de vocalista sempre foi autorizado às mulheres não somente por demandar o uso de um atributo “natural” – a voz, mas principalmente pelo caráter atrativo do corpo feminino, socialmente construído como portador de uma sexualidade excessiva, desvirtuadora e perigosa. E neste sentido também a voz “carrega valores sensuais, eróticos ou, simplesmente, ideológicos, que cativam a fidelidade do ouvinte, há como que um deslocamento das sensações táteis e visuais para as sensações auditivas”.³¹

Em “A dominação masculina”, Bourdieu diz que a supremacia dos homens transforma as mulheres em objetos simbólicos, fazendo de seus corpos sejam alvo de desejo e encanto e colocando as mesmas em permanente estado de insegurança corporal. O autor ainda afirma:

²⁹ A expressão “povo de preto” de que fala a entrevistada é uma referência ao traje das pessoas que freqüentam shows de rock’n’roll não possuindo qualquer ligação à raça do indivíduo.

³⁰ Evento criado pelos alunos do Antônio Vieira para reunir as bandas de rock do colégio.

³¹ TATIT, Luiz. Rita Lee e A Era das Cantoras Na Canção Popular. In: Todos Entoam: Ensaios, Conversas e Canções. São Paulo: Publifolha, 2007. v. 1. 447 p.

Enquanto que para os homens, aparência e os trajes tendem a apagar o corpo em proveito de signos sociais de posição social (roupas, ornamentos, uniformes etc.), nas mulheres, eles tendem a exaltá-lo e a dele fazer uma linguagem de sedução. O que explica que o investimento (em tempo, em dinheiro, em energia) no trabalho de apresentação seja muito maior na mulher (BOURDIEU, 2005, p. 118).

Essa função decorativa destinada às mulheres é, em grande medida, a razão pela qual o papel de cantora lhes foi permitido. Nas bandas elas surgem como um diferencial que fornece aquilo que Roy Shuker (1994) chama de “distração sedutora da música”.³² Sobre esta posição ornamental Sara Cohen escreve:

Nas culturas Euro-americanas tende-se a presumir que a cultura rock pertence aos homens englobando atividades e estilos masculinos. Mulheres, entretanto, tendem a ser associadas a funções de criatividade reduzida, marginal ou decorativa, assim como a estereótipos comuns de mulheres de glamour (glamorosas) que atuam como cantoras para grupos masculinos ou caracterizam seus vídeos e outros tipos de produtos, ou ainda como fãs que gritam por seus vocalistas (COHEN apud WHITELEY, 1997, p. 17).³³

Inconformadas com o lugar secundário, a busca pelo instrumento representou para as feministas uma reação ao papel limitado da “chick singer” ou “garota que canta” – prescrito para mulheres em bandas de rock no passado. No entanto, esta não parece ser uma preocupação de nossas entrevistadas. Ao invés, é possível verificar uma recusa ao próprio instrumento que representa um entrave a atividade de cantar. Ele aparece como uma necessidade e mesmo uma obrigação na fala desta entrevistada:

DINNY: A Apnéia surgiu quando Kika e a outra vocalista (porque no começo não fui eu que comecei logo cantando). Ai ela falou assim: “bora formar uma banda de rock, mas só que já tem a vocalista e eu na guitarra” ai eu falei: ‘eu posso tocar baixo né, de começo, mas não é isso que eu quero mesmo, você sabe que eu só canto, eu vou começar a tocar baixo pra te ajudar’...

DINNY: Não gosto muito de tocar baixo não. Eu gosto do instrumento, mas pra você tocar você tem que estudar mesmo e eu não queria me aprofundar em tocar baixo. Eu gosto mais de violão e cantar. Eu adoro cantar.

A voz, portanto, é tão valorizada quanto qualquer outro elemento, não necessitando de complementos ou recursos extras. Há, inclusive, o reconhecimento de

³² “Seductive distraction from the music”.

³³ “Within Euro-American cultures there tends to be a general assumption that rock music is male culture comprising male activities and styles. Women, meanwhile, tend to be associated with a marginal, decorative or less creative role, hence the common stereotypes of glamorous women who act as backing singers for male groups or feature on their videos and other merchandise, and girls as adoring fans who scream at male performers”.

que tocar um instrumento enquanto se canta pode não ser uma combinação de atividades tão agradável:

DINNY: (...) principalmente é complicado você cantar e tocar. É complicado. Eu, às vezes, ficava errando tocando, às vezes, errava a letra. Ai depois que eu fui me acostumar a cantar e tocar junto, mas é difícil.

O papel de vocalista neste novo contexto possui grande valor, assim como também os laços de amizade que funcionam para manter estável a relação entre a cantora e as demais componentes do grupo. Em sua avaliação Bayton aponta que o status “natural” que é atribuído à voz pode transferir um sentimento de insegurança às vocalistas. A função exclusiva de cantar pode fazê-las sentir que não estão contribuindo ou aprendendo tanto quanto às instrumentistas e, portanto, seriam mais facilmente substituíveis. Por essa razão muitas vocalistas se lançariam ao aprendizado de algum instrumento ainda que seja alguma forma de percussão a ser tocada ocasionalmente. Contudo, o vínculo fraterno que é criado nessas bandas parece não tornar o medo da substituição um problema.

Mas se no mundo da música os microfones sempre estiveram ao alcance das mulheres, uma outra função parece ter sido feita especialmente para elas: a de fã. Longe dos palcos e afastadas dos espaços públicos de lazer, berços por excelência do rock, os apelos e as conotações fortemente sensuais e sexuais desse gênero também chegaram aos ouvidos femininos. Limitadas e impedidas de atuar como produtoras da música, a adoração desmedida surge como uma saída, uma exacerbação das angústias que teve sua expressão máxima nas décadas de 50/60 com Elvis Presley e posteriormente com os Beatles.

É interessante apontar que o papel de fã, que por tanto tempo foi consagrado à mulher, hoje perde espaço e prestígio. As opiniões sobre ele são, em muitas ocasiões, negativas e pejorativas.

MARIANA: [...] nunca achei que ninguém merecesse tanta idolatria nem iria gostar que fosse comigo.

FÉLIX: Acho que fanatismo deixa a gente muito cego. Não gosto de ver as coisas por essa ótica. Não gosto de nada muito militante, talvez é medo de me envolver demais nas coisas, não sei, mas acho que é pra me manter lúcida. Nunca curti fanatismo, mas se Alanis viesse ao Brasil eu faria um sacrifício para ver o seu show, mas nada sobrenatural. Também não ia querer ficar de tiete no hotel, nada disso.

THAIS: Sei lá é meio esquisito. Não sei. Fã clube não. Eu já fiz parte de lista de discussão. Tinha uma lista do Yahoo sobre Pitty. Logo quando eu comecei a tocar violão e tal, eu gostava muito, eu ainda

gosto, mas... Naquela época. Aí eu entrava na lista, conversava com a galera, mas nunca assim fiz parte de uma organização “vamos adorar fulano” tipo assim, que é como eu vejo um fã clube, “vamos falar sobre a vida de fulano e ver o último corte de cabelo” e etc.

Está expresso nos depoimentos que a idéia de fã se associa a aspectos negativos, como a adoração demasiada, histérica e fútil. As fãs dos primeiros anos do rock construíram uma imagem que hoje é recusada por essas meninas. Elas se limitam a recolher informações sobre artistas e grupos favoritos na internet, recorrendo a sites de relacionamento, listas e fóruns de discussão.

4.5 O APRENDIZADO EM GRUPO

Se a dedicação ao instrumento é parte importante do processo de aprendizagem musical não menos significativa é aprender a tocar em conjunto – uma atividade que envolve uma complexa rede de troca de conhecimentos e definição de regras específicas. Bayton ressalta que os membros de uma banda precisam estar aptos a ouvir uns aos outros enquanto todo o grupo está executando uma peça, seja ao vivo ou em uma gravação. Para ela, alguns músicos já possuem essa habilidade, mas a maioria deles a adquire da experiência em conjunto, onde também são capazes de aprimorá-la.

EMÍLIA: Eu lembro de quando meu irmão começou a tocar, eu estava conversando com ele, a gente ouvindo uma música e ele falava: “Mila, olha o baixo dessa música” e eu falava: ‘Caramba, não estou ouvindo nada, pra mim é uma massa junta e eu não sei o que é baixo, não sei o que é bateria, não sei o que é nada’. Eu escutava e era tudo uma música, não tinha essa separação, mas aos poucos eu percebo assim... Hoje eu consigo distinguir se não todos, quase todos os instrumentos. Eu sei quando tem um instrumento diferente, sei quando um violão está tocando, sei quando é que é um baixo, sei quando é uma guitarra, mas logo no comecinho era uma coisa única, uma massa, não tinha um instrumento que ia tocando, era como se estivesse ali tudo junto mesmo e isso você aprende mesmo ouvindo, depois que você começa a tocar também. Em banda você vai vendo: bom, se a guitarra faz isso e o baixo faz aquilo a gente tem que estar casado, sabe. A bateria tem que casar com o baixo, a voz tem que estar no tom, então você vai entendendo que tem uma dinâmica ali que eles têm que estar bem engajados, os músicos, os sons dos instrumentos, tudo direitinho pra ficar um resultado bom.

MARIANA: Com certeza, tanto que quando a gente está ensaiando e alguém erra [...] você já olha pra onde foi o foco do erro e vem aquela careta e todo mundo olha. Quando sou eu que erro então é terrível – bateria errada não tem quem não perceba.

Nesses depoimentos as entrevistadas apontam como passaram a decompor a música em partes menores e a observar elementos como tom e tempo. Elas revelam de que maneira a experiência em banda transformou seus hábitos de ouvir e perceber as canções, tornando suas análises e percepções mais apuradas.

Para Mavis Bayton é a experiência em conjunto que constrói e estimula a análise musical e a canção passa a ser descomposta parte a parte. “Elas não permitem que o barulho apenas flua através delas, mas o quebram descobrindo o que está sendo tocado e como, instrumento por instrumento, seção por seção”. (BAYTON, 1988, p. 245).³⁴ Neste ponto é preciso reconhecer que este estágio não se restringe apenas ao universo feminino, mas aos dos músicos em geral. Nesta pesquisa uma das garotas descreve alguns dos exercícios a que a banda se submete para treinar a sua capacidade de ouvir e diferenciar os sons:

CAMILLA: Todas as músicas que a gente ouve, a gente tenta ouvir e ver como é que vai ser aquilo ali tocando, a gente fica experimentando, botando as notas, vendo. Todas as músicas que lança - música de rádio pra a gente tocar em roda de amigas e tudo. A Apnéia principalmente, quando a gente muda o repertório tem que ficar direto ouvindo as músicas pra poder tirar elas. A gente pega as cifras na internet, mas a gente tem que ouvir o CD também muito tempo, tem que saber o tom que se encaixa melhor; tem que saber o que vai encaixar melhor com a voz de Dinny; então tudo a gente tem que ver. As semanas que antecedem os ensaios pra show, pra música do repertório são assim bem repetitivos pra poder... tem que sair o mais perfeito possível.

Saber quando, o que e quanto tocar são questões que podem afligir aos músicos iniciantes (alguns tocam muito alto ou excessivamente), mas a prática contínua em grupo fornece habilidade para lidar com tais questões que devem sempre levar em consideração o outro, dando-lhe o espaço necessário para que possa executar a sua parte. Neste quesito as bandas masculinas tendem a ser mais competitivas que as femininas. Para as musicistas a preocupação individualista com o seu próprio papel parece ser menos importante que demonstrar sensibilidade com o que o grupo está fazendo ou executando. O “outro” apresenta-se como peça fundamental sendo amplamente valorizado e respeitado em suas opiniões e vontades o que confirma que as bandas femininas tomam a amizade como elemento essencial:

FERNANDA: Não tem como falar da Flauer sem falar em amizade.

MÁRCIA: É porque a banda é como se fosse um círculo de amigos que você sai, que sabe... Tem aspectos positivos, são vários, primeiro que são minha amigas, minhas melhores amigas, minha família, eu saio, confio nelas, meus problemas eu falo com elas [...].

A banda aparece aqui com uma forte função social que ultrapassa os limites da música. É do estar numa banda que as mulheres tiram o seu incentivo e seu estímulo

³⁴ “They do not let the noise just flood over them but break it up and figure out what is being played and how, instrument by instrument, section by section”.

porque juntas aprendem umas com as outras e não precisam ir à luta sozinhas. A atividade de fazer música adquire uma nova roupagem e novos valores são depositados nessa tarefa: coletivismo e co-operação ao invés de individualismo e competitividade; participação democrática e igualitária ao invés de hierarquia.

FERNANDA: Enfim. Ah, positivos de estar junto numa banda: diversão. É muito bom. É tipo uma segunda família. Eu considero a Flauer como a minha casa. Eu não sei se isso é só em mim, mas eu sinto uma coisa muito boa quando vejo algo nascendo da Flauer. Quando a gente faz uma música nova, quando ela vai ficando pronta e aquele sentimento de ‘poxa está ficando muito legal e foi a gente que fez!’ Eu gosto muito disso assim, da criação, desse momento da criação. Esse é um aspecto positivo de estar junto porque isso é compartilhado. Todo mundo botou a mão ali. É meio que um filho.

EMÍLIA: Assim eu posso falar por mim, os shows que eu não estou bem eu rendo muito mal. Teve um show que a gente fez que eu estava em outro mundo e as meninas sacam isso e te acolhem sabe, não rola um estresse não. [...] Quando alguém está com algum problema isso transparece assim, na concentração, na empolgação, no sorriso, no jeito de tocar, às vezes toca com mais dor assim. Acho que transparece sim, aparece e a gente cuida disso.

O pressuposto feminista que caracterizou a década de 70 de que “o pessoal é político” parece ter deixado suas marcas na medida em que a transposição da barreira que separa a vida da banda da vida pessoal é uma constante fortemente presente no discurso das entrevistadas. Unidade social cujas funções vão além das atividades vinculadas à música, o conjunto surge como um espaço para dividir alegrias, mas também tristezas e desventuras.

THAIS: A gente espera uma semana pra o ensaio acontecer [...] espera uma semana por aquele momento da banda [...]. Você pode ter brigado com o namorado, você pode ter sei lá discutido com a mãe, pode ter qualquer coisa, pode ter perdido numa prova, perdido na matéria, ali você está como guitarrista da banda, como vocalista, como uma integrante da banda, você tá ali trabalhando. É como se fosse um trabalho, você tem que encarar como uma responsabilidade, uma coisa profissional até porque a gente tende a chegar nesse patamar. Então se você tá trabalhando dessa maneira você tem que ter o seu discernimento, saber o que é minha vida pessoal, o que é minha vida profissional, apesar de naquele momento ser uma profissional com pessoas que fazem parte de sua vida pessoal você tá ensaiando, você não tá ligando pra sua amiga pra chorar porque terminou com o namorado entendeu. Você ensaia e depois do ensaio você pode (falar), mas no momento do ensaio você tem que estar ensaiando, tocando e muitas vezes não é isso que acontece. Muitas vezes alguém chega com problema e aí começa a descontar na música e tá tudo chato e tá tudo errado e toca “ah, essa música foi horrível” exagerando ou atrapalhando de uma forma que não seria atrapalhada se não tivesse trazido esse problema que não é da banda pra o ensaio. Eu não vejo nada contra porque assim, por a gente ser amiga você tem mesmo que dividir seus problemas com os amigos, mas assim no momento que você tá sendo amiga; no momento da banda você tá sendo da banda, você tem que cumprir com o programa do ensaio que é assim: tocar as músicas, passar as músicas, arranjar o que tá ruim e tal e não pode deixar que isso... Imagina se um jornalista, um cara que tem que ser imparcial brigou com a mãe, a mãe morreu chega no meio do jornal ao vivo, o Jornal Nacional e começa a chorar “Aconteceu um furacão” (com voz de choro) não ia dar certo né.

Este depoimento é muito elucidativo no sentido de mostrar como a linha que divide a vida pessoal da vida da banda é bastante tênue e que, em alguns casos, isso se traduz em danos ao convívio e ao desenvolvimento musical do grupo. Os laços afetivos

que surgem dessa vivência coletiva, embora de grande valor, podem também prejudicar a demarcação de prioridades. Isso significa que o clima confortável e descontraído que se desenvolve pode fazer com que a proposta musical da banda se perca ou tenha seu status reduzido.

Além disso, a amizade também tende a diminuir o número de críticas construtivas (e necessárias) feitas entre os membros de uma banda. Ao contrário do que acontece em conjuntos masculinos, o cuidado e a preocupação excessiva em magoar o outro representam um problema ao desenvolvimento do trabalho musical das mulheres. Essa entrevistada reconhece o caráter complexo das críticas num contexto que envolve amizade:

FERNANDA: É complicado. Crítica sempre é complicado, ainda mais pelo fato da gente não ser profissional, digamos assim. Todo mundo é amador. Todos os integrantes fazem um milhão de outras coisas que não tocar e aí quando... E acontece muito assim. Tem muitas vezes que a gente sente “poxa está errando sempre naquele lugar. Por quê? Falta treino, falta uma prática”. Então as críticas não tem como ser diretas. Eu acho que não acontece na Flauer. Acontece rodeio, acontece um jeitinho de dizer, sabe? “E aí você já experimentou tocar mais em casa essa música? Essa virada vai ser assim mesmo?” Sabe? Mas não de dizer: ‘Poxa você está tocando mal. O que você acha de treinar?’ É complicadíssimo ainda mais que envolve amizade e aí é mais complicado ainda.

Em contraste temos:

MARIANA: Não tem problema nenhum. A gente se conhece desde muito pequena, a gente se mete na vida da outra pra falar qualquer coisa quanto mais banda.

JULIANA: Eu acho que sinceridade é o que mantém uma banda porque se você procurar agradar tanto as pessoas você acaba não fazendo o que você gosta e [...] não faço nada que eu não goste.

Embora algumas musicistas afirmem que as críticas são feitas diretamente é possível perceber certo cuidado em suas falas quando o questionamento é a respeito das críticas e vemos até a substituição da palavra “crítica”, cuja carga semântica ainda é muito negativa, pela palavra “sugestão”:

FÉLIX: Todo mundo faz as críticas - mais apontando sugestões que uma crítica por crítica. Quando acha que está errado, fala que está errado pra gente tentar resolver. Nunca é “está errado” e “você precisa estudar mais”. Nunca foi de ofensa assim. Sempre foi respeitando muito a outra.

EMÍLIA: Acho que a gente em relação a isso é bem tranqüilo. Acho que a gente respeita muito o espaço um do outro assim, mas quando tem alguma coisa que a gente realmente vê que não está legal ou que está destoando ou que está fazendo alguma coisa que tá fora a gente tem muita liberdade de falar também, mas sempre com muito... com muita naturalidade. Eu ia falar com muito carinho, mas não é não, é naturalidade mesmo, não tem essa questão de ter muito dedo não, sabe.

As mulheres são muito mais cautelosas e preocupadas quando necessitam criticar alguém enquanto os homens não tomam este aspecto como um problema central. O depoimento que segue deixa claro que o receio de magoar o sentimento alheio é uma constante para as bandas femininas:

FÉLIX: Daniel, por exemplo, foi o primeiro a entrar na Flauer sem ser amigo antes. Então pra ver como Daniel entraria, acho que o ponto principal foi como é que vai ser pra falar com ele quando a gente não gostar ou quando ele não gostar, como é que essa comunicação vai ser. Sempre foi muito fácil. A gente era amiga de tempo então sempre foi muito fácil. Até o palavão a gente sabe como colocar [...].

Outro aspecto considerado por Bayton para condução do trabalho em grupo diz respeito ao papel do líder. As musicistas entrevistadas em sua pesquisa estavam comprometidas com noções de igualdade, o que para ela poderia ser um aspecto do período “pós-punk” em que líderes eram considerados obsoletos. Mas também um reflexo de políticas feministas que do ponto de vista ideológico eram desfavoráveis a líderes. De qualquer maneira, essa negação do papel do líder não está presente nas bandas selecionadas por esta pesquisa. Não percebemos qualquer resistência à função do líder, pelo contrário, este aparece em inúmeras falas como necessário, embora o assunto não componha a agenda das bandas em questão. Os líderes não são eleitos em uma votação ou sequer a banda o toma em consideração:

FERNANDA: Então, a gente não tem uma líder assim, a gente não escolheu ninguém: ‘olhe você é a líder da banda’. Algumas coisas acabam sobrando pra mim porque eu sou a vocalista. Então tem o carma do vocalista: é o que fica no meio, o que fala, enfim, mas não tem um líder assim.

A liderança aparece a partir do perfil de um determinado indivíduo e é geralmente aquele que toma a frente para organizar, planejar e estruturar os ensaios e shows ou qualquer outro aspecto associado à produção da banda. São os sujeitos de ação que, embora não recebam abertamente o rótulo de líder, acabam por assumir tarefas importantes relativas à banda ou destacam-se por estarem bem posicionados socialmente.

DINNY: Não temos líder. Mas sempre assim quem corre sempre atrás, faz as coisas assim sempre é Kika. Pra mim ela é a líder, mas a gente nunca chegou e falou Kika você é a líder, mas ela sempre faz as coisas.

EMÍLIA: Mas acho que esse espaço de liderança é uma coisa que vai acontecendo naturalmente pela própria forma que você se coloca frente às coisas então acho que sim, acho que sempre tem uma

pessoa que se destaca mais - para o público principalmente. Eu acho que na Flauer, seria Feu, eu acho que ela tem essa imagem de... Principalmente por ser vocalista e ela toma a frente muito de marcar os ensaios, mas acho que isso fica bem distribuído, não fica tão destoante, assim a líder.

ELISA: Não tem bem líder assim, mas quando tem algumas coisas Ju, por ela ter tido mais experiência com banda [...] aí ela meio que protege a gente [...].

E se na pesquisa de Bayton vemos que há uma recusa ao estabelecimento desse papel, aqui podemos observar que ele é considerado importante. Contudo, o termo líder é substituído por “coordenação”, cuja carga semântica não se vincula tão fortemente à noção de autoridade:

EMÍLIA: Eu acho que é importante sim alguém que tome a frente mesmo e faça acontecer porque se não a gente se envolve com outras coisas e fica difícil de dar continuidade a banda assim.

FÉLIX: A gente divide tanto as tarefas que acaba sem fazer muitas, talvez seja falta de liderança. Eu acho que às vezes um líder é importante. Eu não diria um líder, uma coordenação.

FERNANDA: Eu acho que precisa, mas no sentido assim de organização porque é muito mais fácil quando você tem um líder disposto a ser líder por que se eu quisesse tomar isso pra mim eu poderia. Não no sentido da autoridade, mas no sentido de estar dirigindo a banda, de estar falando: ‘assim, assado, eu já falei com não sei quem, isso vai acontecer’, mas eu não posso fazer isso porque eu sei que a Flauer é uma banda muito - como é que eu vou dizer? - independente.

Outra questão que se coloca no processo de vivência da banda é que esta se mostra como um meio relevante de obtenção de conhecimento, pois boa parte do aprendizado dessas moças acontece no interior dos mesmos. Mas esta não é uma característica exclusivamente feminina. A intensa troca de conhecimento que se processa nos conjuntos independe do gênero dos indivíduos, assim como da escolha do gênero musical. O que se pronuncia como fator de distinção é que as bandas femininas tornam-se uma espécie de centro de força e de estímulo sem os quais a dedicação ao instrumento perde o entusiasmo, podendo mesmo chegar ao abandono. Assim, ainda que o exercício solitário seja parte integrante do processo de maturação musical é principalmente nas bandas que as mulheres se desenvolvem.

ELISA: [...]. Eu acho que desde quando eu entrei na banda, nas Preaz, até hoje eu evolui mais do que eu evolui desde que eu aprendi até antes de entrar entendeu? Desde que eu entrei nas Preaz, tipo tem um ano, eu evolui mais do que nos cinco anos desde que eu comecei a tocar violão. [...].

A banda se torna um refúgio da falta de encorajamento e apoio, tanto o proveniente da família quanto da sociedade em geral. Ela agrega um sentido motivador, dando coragem e estimulando as integrantes contra possíveis atitudes de menosprezo e descrédito. Comunidade de reconhecimento, espaço de socialização e de troca, os

conjuntos musicais surgem como uma grande oportunidade para intercambiar idéias e informações.

4.6 O ENSAIO

Seja numa banda feminina ou masculina, os membros estabelecem entre si acordos tácitos e/ou diretos: quantos ensaios na semana serão realizados; qual a importância da pontualidade; quanto tempo será disponibilizado para o ensaio. Essas e muitas outras decisões são tomadas também a partir dessa experiência musical conjunta. A banda normativa condutas e comportamentos estabelecendo, inclusive, as sanções cabíveis em caso de desvio, ainda que as punições sejam bem suaves ou mesmo ignoradas – atitude compreensível já que o fator amizade ocupa, em muitos casos, uma posição central.

Assim como na pesquisa de Bayton, também aqui todas as bandas entrevistadas dispunham de normas de colaboração mútua e de compartilhamento de tarefas – como, por exemplo, levar e montar instrumentos, abastecer site, fazer contatos e etc. Algumas regras são quebradas, evidentemente, mas são reconhecidas pelo grupo e os desconfortos causados por tais quebras resolvidos cautelosa e privadamente. Existem ainda as faltas toleráveis já que todo o grupo admite vez por outra ser o agente do deslize:

FÉLIX: A gente fala e a pessoa reconhece, mas, por exemplo, é um erro que todo mundo acaba cometendo então acaba que todo mundo fica sem autoridade pra falar. Nesse ensaio Mariana atrasou uma hora, outras vezes eu atrasei pelo menos meia, sabe. Tanto que a gente brincou que quem atrasar vai pagar uma garrafa de cerveja por minuto.

Veladas ou diretas as críticas e sugestões estão voltadas para a solução de problemas ou pendências enfrentadas pelo grupo e, por isso, é muito importante que as garotas consigam manter ausentes dos ensaios pessoas que não pertençam à banda para que possam se concentrar em suas tarefas e passar a ver a si próprias como um tipo de unidade especial. É a essa conclusão que Mavis Bayton chega durante a sua pesquisa. Ela julga necessário o afastamento daquilo que chama “outsiders” (“estranhos”) dos momentos em que a banda se reúne para praticar e tomar decisões importantes. A socióloga relaciona privacidade à eficiência e defende a importância de manter namorados e maridos afastados dos ensaios – sejam eles músicos ou não. Sua pesquisa

revela enfaticamente que é no momento do ensaio que as garotas vão desenvolvendo a confiança em si próprias e na sua relação com o instrumento e, a presença de músicos do sexo masculino pode representar um entrave, inibindo-as e deixando-as desconfortáveis.

No que diz respeito à exclusão de “outsiders” esta pesquisa descobriu que não há qualquer resistência à presença de terceiros nos ensaios, pelo contrário, sua presença é constantemente defendida e suas sugestões e palpites valorizados:

DINNY: Sempre vinha algum amigo ou namorado. O namorado de Milla sempre ia, amigos também sempre estavam no ensaio. É bom que eles dêem opiniões e a gente vê o que tem que melhorar.

JULIANA: Ah, é muito comum a participação das outras pessoas.

THAIS: É raro tá só a gente. Inclusive, quando tá só a gente a gente sente aquele silêncio assim. Sempre tem muita gente inclusive no começo da banda a gente ficava falando que era “ensaio-show” porque ia tipo – antes de Márcia tocar na banda – aí ia Márcia, a irmã dela e a outra irmã Laura, ia Alê que é prima e produtora, aí vai Larenga, minha irmã e no estúdio que a gente ensaiava sempre às vezes a banda que ensaiava antes era conhecido da gente então ficava a galera toda também, aí nos dias atuais vai o Japa que é amigo nosso também; sempre tem um monte de gente, às vezes tem mais gente que não é da banda tipo em quantidade do que a própria banda.

Embora levar amigos e afins a ensaios e outros encontros da banda seja um hábito apreciado por muitas garotas, algumas delas reconhecem que tal atividade promove certo desconforto, transferindo-lhes uma sensação incomoda. Um paradoxo então se estabelece entre a vontade de ter os amigos perto e o acanhamento que por vezes eles provocam:

FERNANDA: [...] É bom ter gente de fora assistindo, apesar de que à vezes desconcerta.

MARIANA: [...] Mila que normalmente fica nervosa. Ela não gosta muito dessas coisas de levar gente pro ensaio, mas ultimamente ela tem andado melhor. A gente até brinca com ela: “Mila vou começar a levar agora cada dia um pra dentro do ensaio. Vou levar toda a minha família pra você lidar com essa coisa de timidez, sabe”. Ela se sente pressionada quando ela está num ambiente... Se sente o centro das atenções. Ela não gosta, ela não fica muito confortável.

CAMILLA: Eu sou muito perfeccionista então eu tento nunca errar, aí as pessoas estavam lá e eu ficava mais nervosa, mas eu tentava também fazer o melhor pra galera, divertia, tentava sempre... Mas a gente gostava que as pessoas fossem porque a gente se acostumava com o público.

Divididas entre o prazer das companhias e o desconforto de serem observadas e avaliadas, as garotas correm o risco de desviar o foco da atenção da música para preocupações mais banais como desempenho durante o ensaio. Ao tentar demonstrar perfeição podem se esquecer de que o próprio ensaio é um treino que envolve erros e

repetições, além disso, a presença excessiva dos amigos pode transformar o evento numa bagunça.

THAIS: [...] acho que algumas vezes deve ter atrapalhado porque assim a gente é muito propenso a bagunça, por a gente ser amiga e tal, a gente tá tocando aí começa a bagunçar, começa a trocar instrumento e tal. Isso é uma coisa que a gente já veio conversando que atrapalha que a gente tenta parar de fazer então se você já é propendo à bagunça com seus amigos e tem mais amigos ainda que não tão lá pra tocar aí bagunça pra caramba [...].

E não são apenas os amigos que atrapalham a concentração no momento em que a banda precisa se debruçar sobre a música; os namorados também representam, em alguns casos, uma distração incômoda. E se forem músicos isso se torna ainda mais evidente.

FERNANDA: [...] Foi uma situação atípica. Ele nunca tinha ido e inclusive a gente estava conversando sobre isso outro dia porque ela (Mariana) estava falando da presença dele no ensaio que perturbava a execução dela. E até porque assim... Não é um namoro longo o deles então isso influencia também e ele toca, ele toca guitarra.

Neste ponto detectamos uma contradição no discurso das entrevistadas. Embora o desconforto provocado pela presença do namorado tenha sido revelado na fala acima, percebemos a sua ocultação num outro depoimento quando abordamos a capacidade de concentração da pesquisada:

MARIANA: Eu consigo totalmente.

Através dos vários relatos pudemos notar que efetivamente existe uma distinção entre o comportamento feminino e masculino no que diz respeito aos relacionamentos. Há entre as mulheres a concepção de que a presença do namorado nos ensaios é algo natural, corriqueiro. Sua participação é naturalizada, transformada numa espécie de direito adquirido. A namorada do músico, em contrapartida, não parece ter esse status de presença obrigatória nos ensaios, pelo contrário, seu comparecimento muitas vezes é condenado, vetado, ou ainda, transformado em motivo de chacota.

4.7 A LINGUAGEM MUSICAL

Entrar no mundo da música significa ter que aprender novas linguagens. Existem linguagens específicas para diferentes instrumentos e atividades: sons e artefatos são descritos através de termos técnicos, abreviações e mesmo gírias próprias. Para Bayton muitas mulheres formam bandas completamente alheias a este universo. O contato com tal código só ocorreria após o convívio do grupo. Neste aspecto discordamos da autora, pois mesmo que, para algumas das meninas, o acesso à linguagem seja posterior ao ingresso no mundo das bandas, a maioria já mostra que esse conhecimento precede a formação do conjunto.

THAIS: [...] quando eu fiz quinze anos meu pai me colocou na aula de violão. Aí com quinze anos eu comecei na primeira aula de violão [...]. Eu fiz dois, três anos. Eu parei de fazer aula com esse professor quando eu fui fazer vestibular [...].

JULIANA: [...] Eu aprendi porque eu sempre estive dentro entendeu, sempre andei com pessoas que usavam muito esse vocabulário e executavam também muito essas coisas então, eu nunca tive dificuldade não. Até por eu ser curiosa também, sempre procurei saber, se alguém falava alguma coisa que eu não sabia, quando eu não perguntava eu ia buscar entendeu. Eu sempre fui muito... Me dediquei muito mesmo, em todos os sentidos, à música.

Embora o contato com a linguagem tenha precedido a criação da banda, como mostram os depoimentos acima, seria equívoco não apontar a importância da mesma no aprimoramento e alargamento do repertório lingüístico, pois ela representa a principal porta de entrada para o mundo da música. Ao transitar por este território, as meninas se familiarizam com termos e expressões específicas.

Contudo o que efetivamente nos chama a atenção são as maneiras de apreensão desse vocabulário, que parecem estar mais vinculadas ao perfil etário e social do que a distinções de gênero. Com idades que variam de dezessete a vinte e dois anos e pertencentes às camadas médias urbanas, essas garotas utilizam a internet como veículo de pesquisa e divulgação. Elas recolhem inúmeras informações, notícias, exercícios e curiosidades sobre bandas, instrumentos e técnicas. O uso de fóruns e comunidades virtuais, sites de relacionamento e softwares de treinamento musical também é mencionado.

THAIS: Tem um programa chamado “Guitar Pro” que é muito mais na manha porque ele toca então você vai ouvindo e lendo junto, você pega rapidão a música. Então nessa tablatura tinha algumas indicações do que o cara fazia na música né, fazia um “slide”, fazia um “bend”, aí você lê o que é e ouve,

aí você ouve isso que ele fez e “ah, o nome disso é isso” e aí você associa uma coisa com a outra e vai assim aprendendo dessa maneira, lendo e tal.

JULIANA: Eu acho que divulgação por internet é um meio muito eficaz assim. Muita gente já conhece a gente só por causa da internet porque a gente só fez um show até hoje - foi dia 4 de agosto de 2007 lá na Zauber.

Seja qual for o tipo de aprendizado, a compreensão da linguagem musical é o aporte essencial no estabelecimento da comunicação, e esta não se realiza apenas entre os músicos do grupo, mas também nos estúdios de gravação e em outros locais da cena. Dominar este sistema significa estar dotado de um poder simbólico que transfere reconhecimento e respeito. Conhecer o “idioma” musical representa construir uma nova identidade que reconhece e separa os iguais dos diferentes. Tal linguagem, portanto, fornece poder aos que a dominam e, para Mavis Bayton os homens a utilizam de forma menos consciente que as mulheres. Através das entrevistas foi possível perceber que para algumas garotas o conhecimento da linguagem está implicado ao estudo e a dedicação ao instrumento e, por isso elas reconhecem que esse é um campo que ainda trás insegurança:

EMÍLIA: Nenhum pouco confortável pra falar a verdade. É como eu te falei eu nunca tive essa iniciação teórica na música, essa questão de conhecer a música de um outro lado mais teórico mesmo, de estudar aquela coisa mais a fundo então eu não me sinto muito à vontade não. Se um baterista virar pra mim e falar: “lá maior” eu vou falar: “sim, e depois?” (risos). Mas é uma coisa que é para ser trabalhada. Engraçado que de vez em quando eu me percebo... Eu percebo que conheço essa linguagem meio que por osmose. Algumas coisas, sabe? Eu consigo circular nesse meio de um jeito à vontade, não 100% à vontade, mas eu consigo passear por esse meio musical apesar de não ter esse suporte que eu acho que seria importante, que eu acho que é bom. Acho que se eu tivesse a oportunidade de voltar no tempo eu teria me dedicado muito mais ao instrumento, dedicado muito mais tempo ao aprendizado do instrumento. Mas assim não me sinto confortável com a linguagem 100%, mas acho que consigo né... transitar por ela.

4.8 A COMPOSIÇÃO DE CANÇÕES

Em algumas bandas é comum que alguém prepare um número e o apresente por completo aos demais integrantes. Contudo, em geral, essa não é uma prática entre os conjuntos entrevistados por esta pesquisa. Para estas garotas a composição é um exercício conjunto em que todos os membros participam e contribuem. Normalmente alguém apresenta uma peça parcialmente escrita que é concluída coletivamente:

EMÍLIA: A gente faz composição a dez mãos. Todo mundo compõe. Assim muitas vezes chega alguém com uma letra ou com uma música, mas aí vai pro bolo mesmo e é assim ‘você quer trazer traga, agora vai virar de todo mundo, sabe’. Até porque todo mundo vai mesmo mexer nela ali tanto na parte de conceito, quanto na parte de letra, quanto na parte de melodia, em tudo assim. É colocar na roda, sabe. Tanto que assim eu levei algumas músicas que hoje eu digo com total tranquilidade que não são minhas porque ganharam uma outra forma, uma outra identidade. Tanta coisa foi acrescentada, tanta coisa foi mexida, tanta coisa foi tirada que é da Flauer, é das dez mãos mesmo, somos nós dez ali fazendo o bolo, colocando no forno e repartindo depois porque virou de todo mundo mesmo.

THAIS: Assim todo mundo faz um pouco, por exemplo, das músicas que a gente não tem prontas eu crio um *riff*, aí eu mando pra Ju e Ju “pó que massa, Thai!” aí pega cria uma melodia (porque ela canta também em uma outra banda), aí leva pras meninas, aí gosta, aí cria o resto das coisas. Vai Elisa cria um *riff* também aí a gente cria [...].

Uma banda representa, ao mesmo tempo, um contexto e uma oportunidade para compor. Muitos compositores nunca sequer sonharam que escreveriam suas próprias canções, mas passaram a se dedicar a esta tarefa após ingressarem em grupos musicais. E, de fato, a maioria das pesquisadas só passou a fazer música após estar em banda. E ainda que algumas tenham revelado que o interesse pela atividade de escrever fosse posterior ao grupo reconheceram que o exercício de musicar seus escritos só apareceu mais tarde:

EMÍLIA: Escrever não, mas musicar só com banda.

Um outro aspecto importante para bandas iniciantes diz respeito à escolha entre covers e composições próprias. Em sua pesquisa, Mavis Bayton diz que as bandas de rock masculinas tendem a começar suas carreiras usando *covers* para posteriormente escrever seu próprio material, enquanto as mulheres mesclariam canções próprias e de outros. Neste ponto não concordamos com a avaliação feita pela socióloga, pois não consideramos que a utilização de *covers* esteja vinculada a distinções de gênero. Grupos musicais em geral fazem uso de composições de outros intérpretes, sendo esta uma etapa essencial no processo de aprendizagem musical. O que percebemos nesta pesquisa é que as bandas femininas trazem uma proposta autoral e, embora utilizem covers em seu repertório, nenhuma delas manifesta o desejo de tornar essa atividade um projeto efetivo.

JULIANA: [...] eu acho que se a gente tem uma banda a gente tem que mostrar nosso trabalho e não dos outros. Lógico que é interessante você estar num lugar e escutar uma música que você gosta com outra banda tocando. Eu acho isso muito legal, mas eu acho fundamental você ter seu próprio trabalho e mostrar. Esse é o objetivo da gente.

FERNANDA: A gente fazia muito *cover* das bandas que a gente gostava. A gente já fez *cover* de tudo que você imaginar.

CAMILLA: [...] Kika falou: “Ô, você vai entrar na banda, a gente vai tocar essas músicas aqui”. Eu acho que tinha umas sete: tinha umas duas de Pitty, uma de Paralamas... Então foram mais *cover*. Que era pra galera saber o que é que a gente gosta, o que vai fazer aí nessa linhagem. Então foi bem mais *cover*. Com certeza.

Ainda que o *cover* fosse um elemento importante no início dessas bandas, as composições próprias também estavam presentes. Desde o começo a idéia de compor parece já estar definida para essas meninas.

EMÍLIA: Assim desde que a gente começou, eu diria em 2003, somos uma banda, somos a Flauer, não somos mais a Flauer Tildren, agora a gente é a Flauer sempre foi um movimento de músicas autorais. Quando a gente criou identidade de Flauer mesmo aí sim eram músicas nossas, composições nossas, com alguns covers, mas muito menos do que músicas próprias.

4.9 O DESENVOLVIMENTO DE UMA IDENTIDADE DE MUSICISTA

As bandas Flauer, Apnéia e Preaz possuem respectivamente quatro, dois e um anos de existência, entretanto as garotas que as compõem não conseguem se definir enquanto musicistas. Para elas o conhecimento musical de que dispõem ainda não é suficiente para categorizá-las nesta condição:

EMÍLIA: Eu não sou guitarrista. Não sou. Tenho certeza. Eu acho que pra você falar: “eu sou guitarrista” você tem que conhecer o instrumento, você tem que conhecer da teoria, você tem que conhecer da prática mais do que eu conheço. Tem que ter uma... Uma relação com o instrumento muito mais forte e fundamentada e embasada do que eu tenho. Eu diria que eu gosto de música, gosto de tocar um instrumento, mas daí a dizer que eu sou uma instrumentista, que eu sou uma música seria um pouco demais.

THAIS: Isso é uma questão também que eu nunca me defini como guitarrista até o dia atual, inclusive, eu conversando com minha irmã eu falei [...] que eu queria ser uma guitarrista, mas que atualmente desde o começo até agora eu ainda me defino como ‘tocadora de guitarra’. Eu acho que existe uma diferença. Eu acho que guitarrista é uma coisa assim você tem conhecimento total, não total, mas assim você tem uma técnica muito boa, você tem uma pegada muito boa, você é um instrumentista completo como guitarrista, entendeu? Você faz... Por exemplo, [...] tudo que eu imaginar “pó imaginei uma coisa na guitarra” e eu conseguir executar, tem muitas coisas que eu imagino, mas ainda minha execução não permite, então sei lá acho que guitarrista é uma coisa mais completa, mais definida e eu ainda não me considero. Um dia eu serei, eu já me questionei se eu seria ou não, mas um dia eu serei uma guitarrista, mas eu ainda me considero... Eu toco guitarra, não sou guitarrista.

ELISA: Eu toco guitarra. Juliana fala que eu sou muito insegura, ela fica: “você é muito insegura das coisas, você sabe, mas você tem medo de assumir”, aí eu acho que é por causa disso. [...] eu fico falando que eu toco ruim aí Thais fica: “não toca” [...]. Aí eu falo que eu toco, só.

Essa hesitação diante dos títulos e a falta de confiança em si própria podem deixar as mulheres suscetíveis a críticas, especialmente diante de músicos do sexo masculino. A cautela manifestada por essas garotas diante da auto-definição, embora revele traços de modéstia traz as marcas de uma oposição internalizada, na qual características como competência e habilidade são atributos masculinos. Referências de maestria são, portanto, associadas aos homens:

ELISA: Insegura de vez em quando sim por que eu... Têm amigos meus mesmo que tocam assim que você se sente um cocô do lado. Você fica ‘meu Deus!’, o cara *parâm parâm* aí você fica assim tipo fingindo que não tá ali [...].

EMÍLIA: Eu tinha muita vergonha, acho que eu tenho um pouco de insegurança, até talvez por essa relação que eu tive com duas pessoas que tocavam muito, que eram meu irmão e meu namorado - que me intimidaram, sabe? Assim de você saber que tem alguém que, de certa forma, vai estar ali fazendo uma avaliação do que você está fazendo, tanto que no começo quando eu comecei a tocar guitarra eu tocava baixinho, tocava muito baixinho. Tipo, eu baixava a guitarra pra... Enfim. Mas eu estou trabalhando isso bastante. Já está bem melhor. Eu aumento minha guitarra agora.

Em oposição temos:

JULIANA: Eu acho que todo guitarrista é egocêntrico e eu sou a rainha do egocentrismo em relação à guitarra. [...] Sou guitarrista e eu faço questão que todo mundo saiba disso, até pra divulgar meu trabalho, né? Faço questão mesmo.

Apesar de já encontrarmos garotas exibindo confiança, esta atitude ainda é uma exceção. Os erros e deslizes praticados por elas ainda assumem um status de natureza, de essência. É como se estivessem predestinadas a cometer tais faltas, portanto, a insegurança que manifestam quando transitam no interior do rock é proporcional ao descrédito que recebem. Se, num espaço ou numa tarefa tradicionalmente masculina, ser mulher está vinculado a não ser suficientemente capaz; manifestar confiança representa uma inversão na ordem instituída, uma afronta ao grupo hegemônico. Assim, a insegurança é uma objetivação das expectativas coletivas que dissociam os hábeis dos inábeis. Essa dicotomia se inscreve, inclusive, na fala das pesquisadas que também apreendem esquemas inconscientes de percepção baseados numa divisão sexual hierarquizada:

THAIS: [...] tem uma banda toda de meninas também que é muito legal que é “Crucified Bárbara” eu não sei se é muito conhecida, que é gringa, eu não sei de onde é e é só de meninas e assim, um comentário meio preconceituoso que fariam “as meninas tocam como homem”. É muito preconceituoso falar isso, mas assim querendo dizer que as meninas tocam muito bem, nem parece que são meninas. É uma banda muito legal, acho que me influencia também. Uma crítica muito comum delas que diz é que são Motorhead de saias.

Esta fala mostra como as garotas também acabam absorvendo, fora do alcance da consciência, modos de pensamento que são produtos da relação desigual entre os sexos e reproduzem o sistema hegemônico em atitudes e discursos. O inconsciente acaba se ajustando à objetividade das estruturais sociais que aqui se revelam na associação entre “tocar bem” e “ser homem”. Bourdieu aponta que as mulheres, para pensarem sobre si mesmas, aplicam categorias que são, elas próprias, criações da relação hegemônica.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.) resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2005, p. 47).

Uma vez que as garotas começam a ver a si próprias como musicistas, ou mesmo como integrantes de uma banda, esta nova identidade passa a funcionar para além da existência do grupo. As mulheres assumem essa nova postura que afeta o todo das suas vidas. Elas passam a ouvir música de maneira diferente e a participar de conversas sobre temas técnicos com mais segurança:

MARIANA: [...]. Até questões de outras bandas que a gente vai olhar, a gente “Hum”, CDS quando a gente está ouvindo, eu fico atenta as coisas, principalmente bateria que é o instrumento que eu toco e assim, um dos lances legais, das bandas que eu gosto “Legal isso ai que eles usaram, bem diferente”, assim tipo, algum solo de guitarra com efeito legal ou a técnica diferente “Legal, olha pra isso”, ai mostro. Quanto à composição de música da Flauer mesmo é muito engraçado porque todo mundo mete o bedelho em tudo. Eu não toco guitarra, mas me meto “Acho que é melhor você fazer assim”. É muito engraçado.

4.10 COMPROMISSO

Embora diferentes entre si, as entrevistadas para esta pesquisa não possuem experiências tão heterogêneas. Com idades que variam entre dezessete a vinte e dois anos, integrantes das camadas médias urbanas, sem filhos ou maridos e pouca ou nenhuma vivência em outras bandas, essas meninas enfrentam o mesmo conjunto de problemas ao decidirem se tornar musicistas no rock’n’roll. Um dos quais diz respeito ao que categorizamos como “compromisso”.

Se tomarmos como parâmetro a noção de comprometimento musical de H. Stith Bennett certamente chegaríamos à conclusão de que as mulheres, em geral, não são totalmente dedicadas à música. Para Bennet o músico necessita estar tão envolvido em sua arte a ponto de excluir todo o resto. “Ele tem de estar apto a ‘sair de si próprio’ nos treinos para que se abstraia do resto do ambiente” (BAYTON, 1988, p.254).³⁵ Desta maneira podemos supor que se o músico em questão tiver um filho ele certamente não terá como principal atividade o cuidado com a criança. Algo impensável para uma mulher, já que seus filhos representam sua principal responsabilidade. Assim, é possível que um homem deposite todo o seu tempo na música, mas uma mulher precisa dividi-lo e organizá-lo em função do seu papel de mãe. Embora a maternidade seja um aspecto que se deva tomar como capital, não recorreremos a ele nesta pesquisa já que nenhuma das jovens entrevistadas tem filhos.

Mesmo que nenhuma dessas garotas sejam mães, elas não deixam de experimentar uma cobrança social que define que as mulheres devem ser mais comprometidas com suas famílias e parceiros do que com todo o resto. Dotados de um direito socialmente instituído, os homens podem destinar mais tempo e esforços a seus hobbies, o que é aceito e tomado como natural. Bayton acredita que esta é uma das razões pelas quais bandas femininas se separam ou ficam estagnadas: os namorados ressentem-se pelo tempo gasto com a banda e pressionam as garotas para deixá-las. As pesquisadas reconhecem que quando se está namorando, principalmente no início da relação, o tempo das demais atividades, incluindo a música, fica comprometido.

EMÍLIA: [...] quando você começa a namorar geralmente você dispõe mais do seu tempo pra esse relacionamento. Então muitas vezes a gente vê, sei lá, ‘x não pode ensaiar porque tem festa da sogra ou não sei quemzinho não pode ensaiar porque vai viajar com o namorado’, mas assim acho que é bem distribuído, acho que a gente nunca se sentiu incomodada a ponto de falar: “pó, você só dá atenção pro seu namorado”. Não, sabe. Sempre foi uma coisa que a gente respeitou também até porque todo mundo namora e todo mundo sabe que é legal namorar, que a gente normalmente dispõe certo tempo quando a gente entra num relacionamento, a gente quer estar com a pessoa. De atrapalhar, atrapalhar, só quando começa a ser muito assim sabe, ‘pó todo dia tem uma festa de alguém’, mas normalmente não. Reduz um pouco o tempo, mas acho que reduz pra tudo. Quando se começa um relacionamento logo no comecinho você reduz o tempo de família, de estudo, de tudo né porque você fica naquela coisa meio... A paixão deixa a gente meio fora assim.

FÉLIX: É inevitável porque... Eu não vou ser cruel e dizer que é um compromisso, mas é inevitável né. É mais uma pessoa que tem que dar atenção. Tem não. Você quer dar atenção.

³⁵ “He has to be able to ‘get out of himself’ at practices, so that he is unaware of the rest of his environment”.

JULIANA: Stela, a antiga baixista ela namorava um cara e ele falava: “ah, tá se encontrando muito com a banda que não sei o quê”. É chatinho né. Eu acho que isso é até por toda questão cultural que envolve mulheres e homens tocando porque quando é homem a gente tem que entender, a gente vai pra ensaio, fica feliz em participar; quando é mulher se a gente participa demais e não dá atenção eles já reclamam entendeu. É meio complicado. Mas eu me imponho mesmo ‘não vai atrapalhar não, se tiver que me largar me largue’.

Embora esta última fala ratifique a conclusão de Bayton de que socialmente a obrigação feminina de estar disponível para o parceiro seja maior do que a masculina, não é isso que prevalece nos discursos. Aqui os namorados não reclamam o tempo destinado à banda; eles aparecem como compreensivos e apoiadores o que talvez tenha uma relação com o fato de que a maior parte deles também seja músico e, como tal, precisam ensaiar com as suas próprias bandas:

FÉLIX: Até porque ele também ensaia e eu também tenho que compreender isso. A gente tenta conciliar os horários.

CAMILLA: Não. Porque aonde eu vou ele está, então ele está sempre com a banda, se eu estiver com a banda ele está, se eu não tiver também ele está comigo ali então não tem problema nenhum.

ELISA: [...]. Até porque quando eu tava com namorado era todo mundo desse meio assim, aí... Um era baterista, o outro era guitarrista aí já sabe né eles entendiam assim. E até a gente ia pra show junto e tal. Mas hoje em dia não atrapalha não, ninguém tá namorando. O que atrapalha mais é a faculdade.

Algumas garotas, entretanto, após terem vivenciado a participação de namorados músicos na banda chegaram à conclusão de que misturar namoros e música nem sempre é uma experiência satisfatória:

EMÍLIA: Namorados e bandas, vamos lá. A relação da Flauer com namorados e bandas é interessante. Bom, a Flauer já teve dois namorados na banda e não foi uma experiência que a gente quer repetir porque tem o risco do namoro acabar e aí prejudicar a banda e tem o risco também de alguma coisa dar errado em relação ao namorado com a banda e aí atrapalhar no namoro...

Um aspecto que surpreende bastante na pesquisa é a presença de um discurso marcado por certo pessimismo em relação à condição da música e das poucas perspectivas financeiras que ela oferece. A banda então se enquadra na condição de hobby e não de uma profissão a se dedicar:

EMÍLIA: [...] mas assim dizer que é um projeto de vida, assim vou largar tudo pra cuidar só da Flauer acho que seria um pouco arriscado agora, eu acho que não dá pra fazer essa escolha assim tão forte. Tem que ter outros caminhos, outras possibilidades até pra poder manter a Flauer porque se a gente escolher, por exemplo, a Flauer como uma opção de vida e não der certo aí acaba, sabe, e eu não queria

que acabasse. Acho que a gente vai meio por esse meio de buscar outras alternativas, outros caminhos. A Flauer é um hobby não é uma profissão.

FÉLIX: Conheço tanta gente nessa área que vive super mal financeiramente e isso envolve, conseqüentemente acaba envolvendo outras questões. O mundo é capitalista né. Quer queira, quer não.

Mesmo aquelas garotas que vislumbram a possibilidade de viver de música têm consciência da dificuldade de se manter financeiramente neste espaço e não abdicam de atividades subjacentes. Das dez entrevistadas, somente três não fazem faculdade, sendo que duas estão no colegial. Das sete restantes, apenas uma estuda música na universidade.

JULIANA: Minha prioridade, até acima do meu curso na faculdade é a música e minha família toda sabe disso. Eu tô fazendo faculdade porque, além de Psicologia ser uma coisa que eu gosto muito, eu tenho que me manter financeiramente mais tarde, né?

Presente em vários depoimentos, o tempo é um elemento que está amplamente implicado ao comprometimento musical das garotas. Divididas entre a faculdade, estágios ou outras atividades, o tempo disponibilizado para a música, a exceção de alguns casos, fica bastante reduzido. Não apenas para ouvir canções, mas principalmente, aquele usado em treinos, exercícios, ensaios; enfim, tudo aquilo que envolve a prática no instrumento.

ELISA: Antes era mais. Era quase o dia todo aí agora eu tô na faculdade aí tem o trabalho, tem que estudar [...] aí sobrecarrega... Tipo, não tenho tempo... Tipo almoçar, tem que comer rápido, aí música assim, na faculdade mesmo eu só escuto, levo o MP3, essas coisas assim, mas eu acho que hoje em dia menos de uma hora assim por dia. Final de semana que eu pego o violão quando sobra um tempinho assim, mas antes era todo dia.

THAIS: Guitarra não é todo dia que eu toco, tem vezes que minha guitarra passa uma semana e eu tiro, tem vezes que eu ensaio, guardo a guitarra e só pego de novo no próximo ensaio. Isso é uma coisa que não deveria ser feita, mas tem vezes que o violão e as outras coisas ocupam tanto tempo que você deixa o que não é obrigação pra depois. A verdade é essa.

EMÍLIA: É engraçado isso porque eu faço muita coisa, eu faço duas faculdades, eu trabalho [...]. Pro instrumento eu sou... Eu sou preguiçosa porque eu tenho pouco tempo. Assim pra me dedicar ao instrumento eu tenho pouco tempo que eu saio de casa às sete da manhã e volto pra casa dez da noite [...].

Deste modo, a perspectiva de viver de música (embora esboçada nos discursos) não aparece como escolha principal na vida dessas moças que procuram manter o “pé no chão”, realistas quanto às possibilidades de sucesso. Diferentemente, os garotos

(principalmente os mais jovens) costumam ser mais sonhadores, chegando mesmo a abandonar a escola ou a faculdade em prol dessa aspiração.

Mas se a dedicação feminina não é igual à masculina elas parecem ter um grande comprometimento umas com as outras. Tanto na Flauer quanto na Apnéia e na Preaz a amizade é um fator decisivo e, muitas vezes, essencial. Como mencionado anteriormente, a banda possui uma dimensão social que vai além dos limites da música chegando até a ultrapassá-la:

MARIANA: 70%, 30%. Setenta, amizade e trinta, música. Todo mundo ama a música, mas, a meu ver, a Flauer só existe porque nós somos amigos.

FERNANDA: Eu diria que ela é 70% de amizade e 40% de música. É fogo né? Mas a gente ainda é uma banda.

Embora represente uma esfera significativa na vida dessas meninas, em geral, a música ocupa um lugar secundário, funcionando como uma oportunidade de estreitar e consolidar laços de amizade. Tal perspectiva fornece certa descrença ao desenvolvimento de uma carreira no universo musical, refletindo-se em discursos pessimistas e/ou céticos em relação ao futuro do conjunto.

CAMILLA: Eu quero isso, mas eu não acho que isso vai ser. Talvez. Eu não sei. Eu não sinto que... Total segurança [...] na banda daqui há dez, cinco anos a gente conseguir estar nessa luta árdua. Porque Kika já está fazendo a faculdade dela, Dinny também está terminando a escola daqui a pouco ela vai fazer a dela então a gente quer... a banda vai continuar, mas é uma coisa assim mais de loteria, se der deus, se também não der.

JULIANA: Se a música não der certo eu tenho que pensar por esse lado também né. Nem sempre o que a gente gosta dá certo, mas vai dar eu creio muito nisso assim e eu luto muito por isso. Eu acredito muito que vá dar certo... Com a Nitroh. Agora a Preaz se der certo que bom. A minha prioridade sempre vai ser a Nitroh³⁶.

4. 11 PRECONCEITO

Bourdieu foi preponderante no sentido de elucidar que o pensamento hegemônico está no cerne de uma maneira específica de perceber e apreender o mundo ao redor, e isso quer dizer que o próprio entendimento atende ao princípio

³⁶ A Nitroh é uma banda em que Juliana é a única menina.

androcêntrico. Nossa visão e nossa percepção das coisas estão condicionadas por essa estrutura elementar de pensamento baseada em um sistema de oposições (alto/baixo; dentro/fora; preto/branco; positivo/negativo; superior/inferior; homem/mulher).

Se nossos modos de apreensão estão condicionados a essa estrutura dicotômica também estão os nossos preconceitos. Como a própria palavra já mostra, pré-conceito é um julgamento prévio, inicial que funciona como mecanismo de defesa contra a alteridade que nos desafia em sua condição de existência. No entanto, é comum que essa auto-proteção seja levada a extremos, resultando na exclusão total do outro ou promovendo a violência, seja simbólica ou física, contra ele.

Quando a mulher se torna o outro presente e atuante em um território do domínio masculino ela não apenas fica suscetível a construções imagéticas pejorativas como pode receber atributos tradicionalmente vinculados aos homens. Muitas garotas nessa pesquisa revelaram ter sido alvo de preconceitos de cunho discriminatório.

JULIANA: Já sim. Já. Todo mundo leva... Por exemplo, uma menina tocar bateria: “ah, ela é homossexual”. Não é. Tipo eu acho que não tem nada haver, deve existir, claro que existe, mas assim como existem poetisas homossexuais, existem professoras, existem garis homossexuais. Eu acho que isso é muito relativo.

EMÍLIA: Existe sim discriminação, existe preconceito, existe essa questão de pré-julgamento mesmo e de estigma: “Ah, é banda de menina” ou “Toca bem pra uma menina” ou “Pó, foi a menina que fez?” ou, sei lá, “É um bando de puta”, sabe, a gente já escutou muito de quando a gente era mais nova e até hoje também, tipo, na semana passada a gente foi chamada de vagabunda porque a gente apareceu no Varela. (...) Coisas desse tipo acontecem, querer... É uma forma de agredir você chegar e falar “Pô menina, não vá fazer música não porque o seu lugar não é na música, seu lugar não é no palco, seu lugar não é aí, você está aí porque você é gostosa e não porque você tem capacidade ou porque você faz som ou você tem uma mensagem pra passar”. Então rola muito isso assim, a gente sente ainda desse preconceito e de pessoas que agridem mesmo, que levam pra um lado que não é bacana, que nem escutam a banda, que nem escutam o som e já vão pré-julgando ou com comentários que parecem suaves, mas que na verdade são permeados de preconceito, como esse de “Toca bem pra uma menina” ou “Ah, é a banda das meninas”, tipo, “Vamos chamar porque é a banda das meninas e chama gente”, sabe, e não é a isso que a gente se propõe. Nós não somos uma banda de meninas, nós somos meninas e somos uma banda.

O primeiro relato é pontual no sentido de mostrar como atribuições masculinas são transferidas para as garotas quando elas passam a ocupar posições que no imaginário social devem ser executadas por homens. Tocar bateria para uma mulher não significa apenas executar propriamente o instrumento (característica explicitamente exigida), mas também possuir certo porte físico, agressividade e autoridade (características subjacentes). Desse modo, ela é masculinizada não por suas ações em si, mas pela função que assume e que retém um conjunto de expectativas sociais. E nesse sentido a bateria é um dos instrumentos mais fortemente masculinizados, pois carregá-

la, arrumá-la e executá-la pressupõem força física e violência, signos de virilidade. É por esse motivo que é bastante comum encontrar bandas de maioria feminina com bateristas do sexo masculino.

O segundo relato além de trazer as marcas da feminilidade como existência percebida, ausente de legitimidade e mostrar a associação entre “tocar bem” e “ser homem” ainda faz menção às ofensas contra a sexualidade feminina. Tornada propriedade pelo sistema patriarcal, o desenvolvimento da sexualidade da mulher torna-se uma ameaça a hegemonia masculina, pois compromete os direitos de herança e de descendência do homem. Desse modo, proliferam-se os mitos sobre a mulher ora representada como casta, ora como promíscua e sua sexualidade torna-se uma grande preocupação social passível de vigilância e sanções.

A violência de certas reações emocionais contra a entrada das mulheres em tal ou qual profissão é compreensível, se virmos que as próprias posições sociais são sexuadas, e sexualizantes, e que, ao defender seus cargos contra a feminilização, é sua idéia mais profunda de si mesmo como homens que os homens estão pretendendo proteger, sobretudo no caso de categorias sociais como os trabalhadores manuais, ou de profissões como as das forças armadas, que devem boa parte, senão a totalidade, de seu valor a seus próprios olhos, à sua imagem de virilidade (BOURDIEU, 1999, p.114-115).

Confrontados em sua supremacia, os homens elaboram mecanismos de defesa contra a presença da alteridade que aqui aparecem em forma de agressões verbais sobre o comportamento sexual das mulheres. Como bem descreve Louro, “homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças” (LOURO, 2001, p. 39-40).

FÉLIX: Por exemplo, a Dead Dolls, que era a banda de Mari a gente ouvia muito mais discriminação explícita porque além... Sei lá, era uma banda de mulheres também só que o som era ainda mais pesado e a galera tinha muita pose e era proposital, elas adoravam. Isso aí provoca discussões e tudo mais, enquanto a gente não. A gente é muito contida, assim em termos não tem uma presença de palco escandalosa, que dê polêmica.

Mais uma vez temos um depoimento que ratifica a necessidade do comportamento contido para as mulheres. Como já mencionado antes, também as garotas apreendem o mundo a partir de esquemas de percepção do sistema hegemônico, produzindo e reproduzindo esse conhecimento. Por esta razão, mesmo as pesquisadas

revelam o valor da atitude comedida prescrita para seu sexo, em oposição às ações exacerbadas permitidas ao homem.

A dominação simbólica exercida pelos grupos estabelecidos consegue transformar os valores dos dominantes em valores dominantes, a tal ponto que mesmo os que são mal classificados na hierarquia social, isto é, os desclassificados, cultuam e aplicam a si próprios os valores responsáveis por sua própria desclassificação (OLIVEIRA, 2004, p. 81).

Têm-se ainda as situações em que o reconhecimento da superioridade é explícito e proclamado como um direito naturalmente instituído. Nesse momento os homens declaram-se abertamente hegemônicos exigindo para si as vantagens da posição:

CAMILLA: Já chorei tanto por causa dessas coisas. A gente já sofreu muito com isso. [...] Teve um show lá no Centro que os meninos tocaram todos na nossa frente, não respeitavam³⁷, fui falar com ele e ele gritou comigo. Eu falei: ‘Só porque você é homem, você está falando isso, se eu fosse homem e falasse que ia te quebrar você não ia fazer isso’ e ele “É isso mesmo. Se não gostou saia, vá embora”. Então você vê que essas coisas eles só falam com meninas [...].

O direito às vantagens sociais mostra-se tão claramente aos homens que ele é defendido a todo e qualquer custo. Se o lugar simbólico do feminino é menor, permitir que mulheres passem à frente é inadmissível porque fere, justamente, o atributo que os torna homens: a virilidade. O desafio é então respondido com uma chamada à ordem explícita, no sentido de devolver os inferiores ao seu lugar de submissão. Mesmo que para isso tenham que apelar para recursos mais radicais como a violência. A justiça, portanto, se concretiza no respeito em que os demais devem dispensar a masculinidade e aos seus privilégios “naturalmente” instituídos.

Ações que ponham em risco a estabilidade da tríade “potência, poder e posse”³⁸ tão essenciais à ideologia masculina são consideradas verdadeiras afrontas à ordem social. As ameaças mais graves são as que se colocam diante da coletividade, pois é aos olhos do grupo que o homem funda o seu prestígio.

MARIANA: A gente brigava. A gente brigava com todos eles e eles ficam assustados. Porque a gente arrumando ainda o palco ai vinha aquelas coisas: “Gostosa” e outros comentários que eu não vou reproduzir porque é muito desagradável, e a gente “Vá tomar no seu cú” ai o amigo do lado “ha ha ha ha”. Tem coisa melhor do que você ver pegar e ofender... Um homem ser ofendido por uma mulher na frente de um amigo? É uma humilhação, ele não consegue nem reagir. Ai você dá as costas e sai. Pronto.

³⁷ Não respeitavam a ordem de apresentação das bandas acordada antecipadamente.

³⁸ Oliveira, Pedro. A construção social da masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. p. 27

Se, em alguns casos, a alteridade representa a ofensa, em outros, ela atesta o valor do sujeito, e isso quer dizer que o status do indivíduo precisa ser conhecido e reconhecido por outros agentes sociais. Assim, os símbolos (que também poderíamos chamar de cargas) da masculinidade, como a virilidade e a potência, possuem uma grande dependência do julgamento alheio, precisando ser validados diante dos outros homens.

“A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo (BOURDIEU, 1999, p. 67)”.

É por esse motivo que demonstrações de “coragem” ou “ousadia” (como chamar uma mulher de “gostosa” em público) além de serem ações baseadas mais na busca de aprovação que efetivamente opiniões concretas, também “encontram seu princípio, paradoxalmente, no medo de perder a estima e ou a consideração do grupo, de ‘quebrar a cara’ diante dos ‘companheiros’ e de se ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos ‘fracos’, dos ‘delicados’, dos ‘mulherzinha’, ‘dos veados’”.³⁹

³⁹ Bourdieu, Pierre. A dominação masculina, 1999, p. 66.

5. CONCLUSÃO

Ao escolher como objeto de análise a relação hierárquica entre os gêneros este Trabalho de Conclusão de Curso coloca-se à prova e corre o risco de confirmar simbolicamente a supremacia masculina através de constatações negativas que sejam interpretadas como comprovações da ordem. Ao contrário, ele também poderia ser útil a elucidações de questões relativas à estrutura hegemônica, favorecendo, de alguma forma, à ação do grupo desprestigiado. Em linhas gerais, nos encontramos em uma via de mão dupla, cujas direções ficam à mercê do leitor.

No entanto, preferimos correr o risco de toda sorte de interpretações do que, em nome de solidariedades, fornecermos uma representação idealizada da condição de opressão e mesmo dos oprimidos, assumindo assim as conseqüências de parecer estar justificando o *status quo*, quando apontamos o modo como também as mulheres podem contribuir para sua própria exclusão. Não porque cremos que haja qualquer natureza nas distinções culturais entre os gêneros, mas porque estamos lidando com instrumentos de conhecimento e esquemas de percepção e de pensamento que são produto da relação hierárquica.

É por este motivo que não quisemos simplesmente registrar a história da supressão das mulheres da condição de produtoras e criadoras de música, seja como vocalistas ou instrumentistas no rock. Nós quisemos também assinalar a reprodução de hierarquias, bem como as predisposições hierárquicas construídas socialmente “e que levam as mulheres a contribuir para sua própria exclusão dos lugares de que elas são sistematicamente desabilitadas” (BOURDIEU, 2005) (grifo nosso). Assim, a escassez feminina em tais posições não pode autorizar a culpabilização das próprias mulheres e menos ainda a recorrência a “atributos inerentes”, ao contrário, precisa reconhecer os episódios e agentes responsáveis por “des-historicizar” as estruturas da divisão sexual.

Deste modo, se chegamos à conclusão de que a relação feminina com o instrumento musical e os aparatos técnicos atrelados a ele não se mostra tão completa ou, se o grau de comprometimento com a música é menor do que o esboçado pelos homens é necessário entender que esses são efeitos das diferentes formas de socialização que se mostram, entre outros aspectos, no modo como pais, professores e amigos desestimulam – ou melhor, não estimulam a orientação das moças para certas carreiras, sobretudo as técnicas ou científica (e a música entra nessa regra). Há,

portanto, um ajustamento das aspirações individuais às possibilidades concretas criadas pela experimentação de um mundo sexualmente dividido e que tende a desencorajar inclinações nas mulheres que entrem em desacordo com a ordem vigente. Isso se reflete claramente no modo em que as garotas se lançam a carreiras subjacentes à música, revelando que não podem tão somente se contentar com tal atividade. Não são apenas as perspectivas financeiras que estão em jogo nessa decisão, mas a anuência inconsciente às determinações de um mundo sexuado de cima a baixo.

Outro aspecto que se mostra a nós nessa pesquisa e que também está presente nos resultados obtidos em “How Women Became Musician”, embora no texto da socióloga não seja suficientemente explorado, diz respeito à permuta de propriedades. Isso quer dizer que ao participar do universo masculinizado do rock as mulheres também são masculinizadas recebendo os atributos do “macho viril” como “brabeza”, “brutalidade” e até a preferência sexual por mulheres. Essas inversões de papéis, ora são interpretadas como elogios, pois sendo caracteres do grupo dominante estão dotados de valor social, ora como ofensas, quanto as retiram da sua condição feminina, fazendo-as perder status entre outras mulheres na preferência masculina (como é o caso da pressuposição de homossexualidade).

E aqui é válido ressaltar que não encontramos qualquer evidência de que essas moças estivessem buscando chocar a sociedade pela subversão de regras, ao contrário, elas não parecem querer desvincular seu papel de roqueiras de sua feminilidade. Mesmo com todos os signos masculinizantes dessa expressão musical, essas meninas continuam mantendo os ditos “traços femininos” como doçura, contenção, amabilidade, leveza, timidez, comedimento, recato e graciosidade. E isso pode ser percebido tanto em seus gestos quanto em sua aparência.

Essa dupla referência (ser feminina e ser roqueira) entra em desacordo com as expectativas do público, mas também recai como uma dupla jornada para as mulheres que precisam mostrar sucesso nas duas esferas da vida social, sendo competentes no palco, mas também na ordem doméstica. Se negligenciam a música recebem condescendência, pois delas se espera a fraqueza, mas se comprometem o lar e a aparência são tomadas por desleixadas e displicentes. Tais cobranças, lançadas pela sociedade e por elas próprias, representam um entrave à dedicação integral à música e por isso os projetos de banda levados a cabo pelas garotas perdem a sua consistência.

Os grupos musicais, portanto, surgem como uma unidade social cujos objetivos vão além dos interesses musicais, sendo estes, muitas vezes, usados como pretexto para

a manutenção dos laços afetivos. Esses vínculos estão de tal modo sedimentados que a idéia da substituição de qualquer das integrantes sequer aparece como realidade possível. No entanto, é essa preocupação coletiva – e nesse ponto concordamos com o artigo de Bayton – que faz com que o conjunto seja o estágio mais importante do aprendizado feminino, pois é nele que as trocas de conhecimento se estabelecem com mais vigor e determinação.

Outro dado que nos fornece a dimensão do valor da amizade nessas bandas é o tratamento dispensado ao ensaio. Os momentos desse encontro são, em grande medida, usados como ocasião para confraternizar com amigos, tanto os da banda quanto aqueles que dela não participam. E neste ponto a amizade revela-se como limitação ao desenvolvimento das meninas, pois desvia sua atenção da música.

No que diz respeito aos namorados, esta pesquisa chegou à conclusão de que há efetivamente uma naturalização da presença masculina nos encontros do grupo, uma espécie de tradição da necessidade que se criou para as mulheres de que elas precisam da orientação masculina. O direito social de participação que é dado à figura do homem está inscrito objetivamente na ordem das coisas e por isso é entendido como normal, natural e, em alguns casos, inquestionável.

Apesar de termos utilizado o artigo da socióloga Mavis Bayton como guia para a produção deste trabalho, nossas constatações tomaram rumos diferentes por se tratarem de contextos e perfis diferenciados. As inferências da autora foram preponderantes para a focalização do nosso olhar, contudo, novas questões surgiram de modo que fomos conduzidos a territórios outros que não os traçados pela autora. Talvez um de seus maiores equívocos seja desconsiderar que as distinções de gênero não podem ser pensadas sem a devida consideração às estruturas cognitivas que se configuram a partir do sistema androcêntrico e que nem sempre seus efeitos estão ao alcance de nossa consciência, mas também que a categoria gênero não se articula sozinha, mas em parceria com critérios de classe, etnia e geração.

Por fim, nosso trabalho nos leva a crer que as lutas políticas pela ampliação do poder feminino não podem mais se restringir apenas a reivindicações de paridade entre mulheres e homens, seja qual for o território social da disputa. Antes, é preciso considerar as estruturas incorporadas, os “lugares simbólicos de sentido estruturante” que fornecem tanto a homens quanto a mulheres uma orientação que parece estar inscrita na natureza das coisas.

Não basta apenas descrever a história da exclusão ou liberar raivas contidas, mas elaborar ações contra-hegemônicas que levem em conta os efeitos da supremacia masculina que se exercem através da cumplicidade e da aquiescência real às estruturas incorporadas em mulheres, em homens, mas também em instituições como o Estado, a Igreja e a Escola, “responsáveis pela reprodução efetiva de todos os princípios de visão e de divisão fundamentais” entre os quais, aquele que se vê entre mulheres e homens.

BIBLIOGRAFIA

BAYTON, Mavis. How Women Became Musicians. In: S. Frith e A. Goodwin (eds). **On Record**, Nova Iorque: Pantheon, 1990, p. 238-257.

_____. Feminist Musical Practice: Problems and Contradictions. In T. Bennett et al. (eds). **Rock and Popular Music: Politics, Policies, Institutions**, London: Routledge, 1992.

_____. Women and the Electric Guitar. In. Sheila S. Whiteley (ed). **Sexing the Groove: Popular Music and Gender**, New York: Routledge, 1997: 37-49.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1: Fatos e Mitos.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FRITH, Simon. **Performing Rites: on the value of popular music**. Cambridge/Massachusetts: Havard University Press, 1996.

GOLDENBERG, Mirian. **De perto ninguém é normal: estudos sobre o corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

JANOTTI, Jeder. **Aumenta Que Isso Aí É Rock and Roll**. Mídia, gênero musical e identidade. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

_____. **Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos**. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

_____. **Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático**. In: André Lemos; Christa Berger; Marialva Barbosa. (Org.). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006, v. 1, p. 55-68.

LEONEL, Vange. **Grrrls: Garotas Iradas**. São Paulo: GLS Editores, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997, p. 37-86.

MOURA, Milton. Identidades. In: A. Rubim (org.). **Cultura e Atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2005. p. 77-91

MULLER, Elaine. **Juventude e algumas questões e relações de gênero**, 2004 < Disponível em <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed11/094.pdf> >.

NATANSOHN, L. Graciela; Najara F. Pinheiro. **A tele-medicina e os modos de representação dos corpos**. In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004, Porto Alegre. XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: Intercom, 2004. p. 120-120.

NOGUEIRA, Isabel Porto. **O pianismo na cidade de Pelotas 1918-1968**. In: Carlos Alberto Ávila Santos. (Org.). IV Seminário de Metodologia da Pesquisa em Artes e em Patrimônio Cultural, 2001, < Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/conservatorio/admin/artigos/arquivos/ArtigoIsabel.pdf>>

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Rosiska de. **Elogio da Diferença: o Feminino Emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PACHECO, Livia de Moraes. **The north of england way: um estudo da articulação audiovisual no filme dos Beatles**. 2005, 101f. Monografia (Conclusão do Curso de Jornalismo) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar . **A Mulher Frente à Cultura da Eterna Juventude: reflexões teóricas e pessoais de uma feminista cinquentona**. In: Silvia Lucia Ferreira; Enilda Rosendo do Nascimento. (Org.). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. 01 ed. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, v. , p. 51-68.

SHUKER, Roy. **Understanding Popular Music**. London/New York: Routledge, 1994. p. 99-134.

TATIT, Luiz. Rita Lee e A Era das Cantoras Na Canção Popular. In: **Todos Entoam: Ensaios, Conversas e Canções**. São Paulo: Publifolha, 2007. v. 1.

WELLER, Wivian. **A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, 2005.

ANEXO A

Para ampliar a perspectiva do leitor, esta monografia vem acompanhada de um CD de áudio contendo as canções das três bandas analisadas na seguinte ordem: banda Flauer (01. Antes do mistério 02. Para alguém que eu quero matar 03. Samba para o meu bem 04. Realise 05. Come 06. No need for a friend 07. All the colours of Love 08. Você só mente (letra Noel Rosa)); banda Apnéia (09. Sonhe 10. Ilusões 11. Rockeirinha); banda Preaz (12. Intragável 13. Não sei).

ANEXO B

Como segundo anexo, este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um CD contendo as entrevistas gravadas com as dez musicistas participantes desta pesquisa.

ANEXO C

Para facilitar o acompanhamento das análises, este anexo traz o questionário etnográfico aplicado e as dez entrevistas transcritas integralmente dispostas em ordem cronológica:

QUESTIONÁRIO

1. Como surgiu o seu interesse pela música?
2. Você se dedicou à aprendizagem de algum instrumento? Qual? Durante sua trajetória em bandas foi necessário que, em algum momento, tivesse de aprender a tocar outro instrumento?
3. Tocar um instrumento é um hobby ou uma profissão?
4. Alguma vez você sonhou com a carreira na música?
5. Como surgiu a idéia de formar uma banda?
6. Quando você estava aprendendo a tocar, havia outras garotas aprendendo também? Pessoas com quem você pudesse trocar informações?
7. Quais as bandas e/ou artistas que inspiram você e por que (do ponto de vista musical, comportamental, estético)?
8. Já fez ou faz parte de algum fã clube?
9. O que é mais importante: tocar em uma banda só de mulheres ou o estilo a ser tocado?
10. Formar uma banda requer o domínio de técnicas próprias do universo musical. Como foi a adequação ao uso de artefatos como amplificadores, pedais, caixas de som, etc.?
11. Como seus pais encararam o fato de você decidir formar/ integrar uma banda?
12. Depois da banda houve alguma mudança nos hábitos de ouvir, de perceber a distinção dos sons? Ficou mais fácil perceber o som que o outro membro produzia?
13. Vocês fazem críticas umas as outras? Como é a aceitação das críticas? E a resposta?
14. Vocês têm uma líder? Como se sentem a esse respeito?
15. Nos ensaios da banda geralmente estão presente somente os membros ou é comum a participação de outras pessoas? Se sim, estas pessoas dão palpites na condução dos trabalhos? Vocês conseguem se concentrar totalmente com a presença deles?
16. Vocês conduzem a banda com alguma ajuda (criação das letras, agendamento do espaço pra ensaio, etc.)?

17. Tornar-se membro de uma banda significa ter de compreender tanto a linguagem técnica dos equipamentos quanto a linguagem específica do som. Como foi o aprendizado desse código? Hoje vocês se sentem mais confortáveis com essa linguagem?
18. No início da banda vocês faziam mais *covers* ou experimentavam sons?
19. Quem é responsável por compor as músicas? Já fazia isso antes de formar a banda ou começou por uma necessidade?
20. Você consegue se ver enquanto baterista/guitarristas/baixistas? Em algum momento pareceu estranho ou se sentiu insegura ao se auto-definir dessa maneira?
21. A banda é um projeto efetivo? É isso que você quer fazer para o resto da vida?
22. Você consegue se ver vivendo de música?
23. Quanto tempo você diria que a música ocupa a sua vida? Quanto tempo é disponibilizado para ensaios, treinos, exercícios, etc.?
24. Os filhos, maridos ou namorados reduzem, de alguma forma, o tempo passado com a banda?
25. Os filhos, maridos ou namorados reclamam o tempo destinado à banda?
26. As conversas tomam muito tempo dos ensaios?
27. Quando algum membro da banda está com problemas como vocês reagem? Os problemas são trazidos para os ensaios?
28. Como você descreveria o público da banda?
29. Quais os locais que costumam tocar?
30. Quais são os aspectos positivos e negativos do estar juntas numa banda?
31. Você acha que o fato de ser garota lhe fornece alguma vantagem nesse espaço?
32. Você acha que existe discriminação de gênero no rock? Já foi alvo de algum preconceito?

ENTREVISTA COM FERNANDA FÉLIX, BAIXISTA DA FLAUER

Realizada em: 24/09/07

1. Sobre a história da Flauer

A banda, na verdade, ela acontece da consequência de uma amizade. Então eu vou falar um pouco da amizade. A gente, todo mundo estudou no colégio Antônio Viera. Eu entrei lá na quarta série, as meninas, a maioria, desde a primeira série. E eu conheci Emília primeiro aí na quinta série a gente ficou colega e tudo mais. E aí eu conheci Emília e a gente trocava muita idéia de música, a gente sempre gostou de música e aí discutia Legião Urbana, por exemplo. Eu tinha todos os cds, ela também. A gente gostava bastante e ao mesmo tempo a gente se sentia identificada porque era o momento em que todo mundo gostava do “É o Than” e de todas essas outras bandas de pagode famosas e a gente não se sentia acolhida nesse meio então daí surgiu a identificação e foi bacana. Aí Emília já tinha um violão que ela tava começando a tocar. O irmão dela já tocava guitarra, ela tava aprendendo a tocar e eu resolvi comprar um violão. É... lembro que foi a época de Carnaval inclusive aí eu comprei um violão meio que sem pretensão nenhuma, comprei umas revistinha daquelas de cifras e fui tocar por mim mesma, aí fui tentando, fui tirando algumas músicas e tudo mais. Com treze, quatorze já dava pra tocar legalzinho assim. Dava pra...

2. Você tinha quantos anos quando você começou?

Comprei com doze, treze anos o violão...

3. Aí com quatorze anos você já tava tocando?

Violão, arranhando né. Até hoje eu arranho só o violão. E paralelamente Emília fez uma banda com um pessoal do Vieira mesmo, que era um ano mais novo. Depois ela conta a história como formou essa banda chamada *Lucy in the Sky*. E a partir daí surgiu um movimento de bandas no colégio. Sétima, oitava série, tinha os meninos mais velhos. Todo mundo querendo fazer banda, bandas de rock e aí tinha um Festival chamado *Vieira Rock* que as bandas de rock se inscreviam e todo mundo ia se encontrava. Aí já conhecia mais gente de outros colégios que faziam outras bandas, tipo Marista (próximos do Vieira). Aí tinha mesmo um movimento.

4. Então o colégio influenciou isso? O colégio incentivava?

Não as estruturas do colégio, mas o colégio era tão grande que te permitia uma diversidade de pessoas e nessa diversidade você encontra esses grupos e tudo mais e aí foi um grupo que cresceu, um movimento que cresceu e aí tiveram várias bandas e a primeira banda de mulheres que teve nesse meio foi a *Lucy in the Sky*, que é a banda de Emília.

5. A banda de Emília só tinha meninas?

Não. Tinha o baterista menino, mas era o baterista mais três meninas. E aí elas tocavam um *pauleira* bacana e a gente ia pra todos os shows, depois surgiu uma outra banda “Dead Dolls”, que era só de mulheres mesmo, mais new metal e aí foi crescendo o movimento e a gente tinha vontade. Eu, individualmente, tinha vontade, mas também não tinha equipamento só tinha um violão e, ao mesmo tempo, acho que as meninas Feu e Mari. Ainda não conhecia muito elas na época também tinham essa vontade. A gente se via nos shows tudo mais, mas não éramos tão amigas. Aí quando eu tinha uns quinze anos, mais ou menos, eu saí da minha turma que era com Emília por motivos de comportamento no colégio aí fui pra. Tinha que escolher uma outra turma do 1º ano. Coisas do SOE. Aí eu acabei entrando na turma de Feu e de Mari. Aí me forçaram a mudar de turma. Acabei escolhendo a delas porque eu não gostava muito da outra que me deram a opção. Como nada é por acaso e no máximo que a gente tinha em comum era que eu tinha uma amiga da minha sala que era amiga delas. Mas a gente não tinha muita amizade não. Aí com quinze anos eu entrei lá, aí conheci Fernanda. Aí, as vezes gente fazia trabalho juntas e era Fernanda e Fernanda. Então acabei conhecendo mais Feu conversando, trocando uma idéia. Nessa época eu ouvia muito “Alanis Morissette”. E aí eu tava na sala com o CD da Alanis e Feu tava ouvindo o CD da Alanis no *disc men*. Aí a gente trocou uma idéia sobre “Alanis Morissette” aí Mari entrou também, foi discutindo e aí a gente foi conversando sobre música, foi fomentando um pouco mais da idéia a partir dos gostos em comum. Aí um trazia música pro outro ver e aí trazia uma tradução bacana, começava a discutir e cantar. A princípio a gente resolveu (não me lembro quando), mas ainda neste ano resolveu montar uma banda, eu, Feu e Mari. E aí a gente pensou em Gabi que era uma amiga das meninas que tinha saído do Viera. Tínhamos quinze anos. Dezesesseis anos. E aí tinha essa Gabriela. Gabriela estudou no Vieira até o ano que eu entrei na sala das meninas. Até a oitava. Ela foi pro Módulo. E ela já tocava muito. Desde pequena ela tocava violão, tava tocando guitarra e tocava muito bem e era muito amiga de Feu ainda. Tinham muito contato. Aí a gente chegou e formou a banda botando Gabi. Nessa época Emília ainda estava com a *Lucy in the Sky* e Carol, que depois veio a ser a nossa guitarrista era dessa banda *Lucy in the Sky*. Então era mais uma banda desse movimento.

6. Então nesse primeiro momento essa banda que vocês montaram era você, a Feu, Mariana e Gabriela?

Tínhamos decidido que Gabriela seria a guitarrista e quem ia fazer o resto a gente não decidiu. Tinha eu, Mari e Feu para decidir ainda. E era um momento que tava todo mundo interessado, vivendo o movimento de rock, a gente também queria ter uma banda e aí a gente foi pra decidir quem ia tocar o quê. Que ninguém sabia tocar nada. Eu arranhava um violãozinho, Feu era canhota e Mariana é grossa. Eu só tocava violão. Feu e Mari não tocavam nada, mas cantavam bem e tal. E Gabriela tocava muito aí a gente resolveu montar uma banda e aí a gente decidiu Feu vai ser a vocalista porque ela é canhota é mais difícil de aprender, aí eu como sabia tocar violão fui tocar baixo porque é cordas e tudo mais e Mariana porque é grossa mesmo vai tocar bateria. Aí a gente resolveu entrar numa aula. Foi quando eu e Mariana entramos numa aula no... Tem um estúdio ali na *Padre Feijó* que eu acho que não tem mais chamado *Arte e Música* que era onde todo mundo ensaiava, essas bandas todas desse movimento. Ensiava nesse estúdio então aí mesmo que a gente não tocasse a gente ia assistir o ensaio do pessoal que era amigo nosso então aí lá nos descobrimos que tinha aulas e tudo mais. Aí pronto resolvi tomar aula de baixo e Mariana de bateria. Eu não tinha um baixo nem Mariana tinha uma bateria e mesmo assim a gente foi tomar aula. Só que antes da aula a gente já

tinha formado a banda e começou a fantasiar e discutir nome, discutir música e fazer uma lista de dez mil covers que a gente ia fazer. Muito sem noção né. E tinha muito o que a gente ouvia em comum: Alanis, “Pearl Jam”. Ai a gente foi criando essa lista de mil covers. Não sabíamos como iria tirar e a gente marcou num estúdio na Graça que era aniversário de Gabriela inclusive. Nosso primeiro ensaio. A gente marcou nesse estúdio sem saber tocar nada. Pegamos tudo emprestado. Eu peguei o baixo de Emília emprestado que na casa dela tinha um baixo. O irmão tocava todos os instrumentos. Mari pegou os pratos que eu não sei de quem era da bateria e a gente entrou no estúdio sem saber tocar nada. A gente comeu mais bolo do que tocou. Ai depois a gente resolveu levar a sério. Ai eu comprei um baixo, Mari comprou os pratos da bateria. Ai a gente ficou tomando aula. A gente tomava aula no mesmo lugar, tínhamos aulas em comum. Os professores... como sabiam que a gente era da mesma banda, sabiam de nossas pretensões e projetos ai a gente fazia umas aulas em comum de vez em quando. No estúdio da bateria eu ia lá com o baixo e a gente pegava uma música em comum e isso ajudou muito.

7. Vocês formaram uma banda sem saber fazer música

Por causa da amizade. Não teve nenhuma questão feminista. Éramos próximas e também queríamos tocar e tava todo mundo tocando e a gente gostava de música...

8. Como surgiu o interesse pela música?

Na verdade, eu comecei a ouvir Legião, por exemplo, que minha irmã quando era quinta série tinha um namoradinho que deu uma fita cassete de Legião Urbana e ai de vez em quando a gente botava no carro de meu pai e começava a cantar, mas não teve ninguém assim na minha casa, ninguém é músico nem nada. Comprei o violão juntando dinheiro de mesada, não foi minha mãe que me deu nem nada ai depois que comecei a mostrar que eu gostava mesmo foi que minha mãe me deu um baixo. Depois de muita insistência, mas desde então lá em casa... Foi estranho mesmo não tinha ninguém assim. E aí foi legal no Vieira porque você podia encontrar gente de todo tipo e ai cada um acabava apresentando uma banda nova pra você apresentava outra banda pra outro e ai você ia crescendo seu repertório e gostando mais ainda. Ai fazia muitos shows. A princípio a gente assistia quando a gente ainda não sabia tocar nada: no Idearium, Calipso, esses lugares bem...

9. Mas vocês iam muito a shows?

Íamos. Com dezesseis, dezessete. A gente ia muito pra shows no Rio Vermelho.

10. E vocês juntas ou ia mais gente com vocês, a galera da escola?

Ia. Muita gente além da Flauer, de nós três. Tinha, por exemplo, Emília. O pessoal da *Lucy* tocava muito. A gente ia pra todos os shows do pessoal da Lucy. Milla (Emília) continuou sendo minha amiga desde sempre. Nesse ensaio que Emília não era da banda, Emília estava no ensaio. E ai foi que... isso durou uns shows com Gabriela. Teve um Festival no Vieira que a gente fez uns dois shows e ai a gente tocou com Gabriela e ai, não me lembro exatamente, quando ela saiu. Acho que foi meio perdendo contato porque éramos de colégios diferentes. Ela morava na Pituba e todo mundo morava no Centro. Era super difícil de se deslocar. Ela também não suportava esse caos que era

tocar no underground de Salvador. É muita pilha mesmo, sabe? Ai acabou que não dava mais. Ai antes de Gabi sair agente já queria colocar uma segunda guitarra, sentia necessidade porque Gabi tocava muito solo. Ela tocava muito bem, tocava muito solo. A gente sentia necessidade de ter uma base, até porque eu e Mari a gente não era coladíssima desde sempre, depois que foi melhorando então precisava de uma guitarra para dar uma base mesmo. Foi ai que a gente chamou Mila. Ai Mila entrou, ainda tava com Gabriela e tudo mais. Emília já tinha mil bandas aí Lucy e...

E aí Emilia entrou e a gente tinha duas guitarras. Ficou legal e ai ficou fazendo música própria, participou do Festival chamado a Máquina do Som que era de bandas independentes. Na época em que eu fui do grêmio ai promovia também eventos de música lá e tudo mais. Foi crescendo e Gabi saiu e a gente precisava completar uma guitarra solo porque Emília tava muito bem na base, mas gente precisava agora suprir a outra necessidade. Ai a gente não sabia o que fazer e aí Carol, que era da Lucy junto com Emília gostava muito da Flauer e a gente resolveu... a gente pediu a princípio para ela tapar o buraco, mas depois encaixou muito bem, funcionou muito bem e Carol tinha muita música, ela compõe muito bem não é à toa que ela faz Letras. E ai a gente resolveu chamar ela pra ficar definitivo. Ela gostou e ai ela resolveu ficar na Flauer mesmo e mesmo assim eles estavam com a Lucy, só que a Lucy já estava mudando um pouco de proposta, com uma guitarrista nova, estavam, sei lá, cantando poemas e, sei lá, tinham amadurecido de um lado, mas ao mesmo tempo a gente tava crescendo de outro e o pessoal conseguia conciliar. Na época era colégio. Dava pra conciliar tudo. Ai formou nós cinco. Ai Carol foi pra o vestibular né, aí foi fazer Letras. Ai tinha que fazer Letras na USP ela preferia fazer na USP porque era a melhor faculdade de Letras e aí se desmanchou de novo né. Nesse tempo a gente tocava e parava, tocava e parava porque com guitarrista, depois sem guitarrista. Teve um período em que Mila e Feu foram fazer intercâmbio. Ai parou mesmo seis meses. Então acho que é muito tempo, mas não muito tempo contínuo.

11. Vocês determinaram, por exemplo, se saía um baterista e de repente quem aparecesse fosse um baterista do sexo masculino não tinha problema pra vocês?

Não tinha problema. O único critério era o *feeling* da banda. E, às vezes, as letras, por exemplo, eram escritas por mulheres e acabam até mais tocando mulheres, talvez não sei ou...

12. Falando de coisas de mulheres?

É... não necessariamente falando de coisas de mulheres, mas talvez a sensibilidade, que eu acredito que a mulher tem mais que o homem mesmo talvez chamasse mais, talvez a questão do sexo feminino ou também da gente só se abrir um pouco mais com mulheres. Não sei porque não surgiu nenhum homem, mas nada foi determinado. Mari nessa época foi baterista da *Dead Dolls*, outra banda feminina, só tinha mulheres. Só que ela tocava na Flauer e não saiu da Flauer.

13. A Flauer recebeu esse nome desde que vocês decidiram formar a banda?

Não. Já mudou de nome. A princípio foi uma confusão pra arrumar um nome até que a gente resolveu... a gente achou que já tinha achado o nome que seria “Flower Children”, relativo a um movimento hippie, um grupo hippie de “Woodstock”. A gente achava legal, estava estudando isso, só que ai a gente aportuguesou para não ficar um nome em

inglês e então ficou FLAUER e TILDREM ou N. Até hoje eu não sei. Só que depois a gente caiu na real e viu que realmente nem dava. Na Máquina do Som o apresentador foi falar o nosso nome aí “Flauer Ta te” e gaguejou tudo. Ai “É vamos mudar”. Ai a gente cortou o Tildren e ficou só o Flauer.

14. Quantos anos a Flauer têm de existência?

Primeiro ano, 2001, 2002. Desde 2002 a gente começou a ensaiar. Vamos supor, o primeiro show foi em 2002 ou 2003. É isso, final de 2002 pro início de 2003.

15. Tem muito tempo...

Muito tempo. Mas é como eu te disse teve seis meses, por exemplo, só por causa do intercâmbio. Depois entra guitarrista sai guitarrista. Então isso é... vc tem que retomar tudo.

16. Por que o baixo? Porque baixo e não guitarra, por exemplo?

Eu sempre gostei de um som mais grave, meio percussivo, meio grave e tal, por exemplo, eu poderia ter tocado bateria e ai na hora toquei o baixo porque já tocava cordas, mas são sons que eu prefiro: bateria e baixo eu gosto assim da base, do groove e baixo e bateria tem muito groove. Sempre gostei disso apesar que a Legião Urbana não oferecia digamos muita coisa. Bateria e baixo de lá é ridícula, mas na outra parte do tempo fui ouvindo, por exemplo, Alanis que tinha muita participação do baixista do *Red Hot*, Keith Lie, que tem um groove fantástico ai eu fui ouvindo outras coisas que o som era bem bacana. Muito grunge a gente ouvia... Que tem um som mais pesado e tal e eu gostava daquela base, daquele groove, do riff. Quando o baixo e a bateria colava assim. E da bateria eu nunca gostei muito de coisas estridentes, solo mesmo eu não gosto muito de solo de guitarra. Não é todo solo de guitarra que eu gosto. De famosos assim que a gente ouvia eu gostava do solo de guitarra do Pearl Jam. Eu adorava! Mas eu nunca fui muito fã de solo de guitarra. Metal, por exemplo, sempre odiei, New metal também. Acho que por preferir mais o groove ao som da guitarra. Guitarrista famoso só Jimi Hedrix mesmo que eu gosto.

17. Só tocou na Flauer ou já tocou em alguma outra banda?

Eu comecei só na Flauer. Foi minha primeira banda. Nesse meio tempo a gente fazia uns projetos paralelos. Por exemplo, eu e Emília tínhamos um amigo nosso, John, e a gente resolveu fazer uma banda chamada Orbital Fuzz que era uma proposta totalmente diferente. A gente tocava umas músicas bem nacionais e era algo descompromissado. Não precisava ter show, não precisava ter nada, era sem nenhum estúdio e a gente curti outras influências que não cabia naquele momento da Flauer e a gente admirava muito o trabalho desse John amigo nosso, eu e Mila e ai a gente começou fazer alguns ensaios, mas ai por falta de baterista a gente acabou deixando pra lá, mas era bem bacana.

18. Já precisou abdicar do baixo?

Não. Agora assim... tinha uma coisa muito louca no Vieira. Tinha o dia da mulher né? E nessa época tudo era motivo para a gente montar um palco no Vieira, botar as caixas de som e tocar alguma coisa. E ai a gente fazia umas bandas improvisadas pra o dia das

mulheres que a gente nomeou de “Pagu”. E aí a gente sempre pegava umas músicas feministas, por exemplo, de “Pagu” (a música “Pagu” que Rita Lee canta) aí, sei lá, Patu Fu e outras músicas. Reuniu Marisa Monte, reuniu várias músicas assim aí ensaiava juntando todas as meninas e alguns meninos, mas a maioria era menina porque era o dia da mulher. Aí juntava todas as meninas de todas essas bandas, Flauer, Dead Dolls, Lucy in The Sky, aí surgiu uma nova... aí tinha Josefina que foi uma banda de umas meninas que vieram depois da gente talvez por influência nossa não sei. E aí juntou todo mundo num estúdio grande que tinha no Garcia ali e ficou meio de fazer um som... meio sem noção até tecnicamente ruim, mas tinha uma identidade. Três pessoas subiram pra cantar, não sei quantas guitarras, aí nessa época eu comecei a tocar guitarra, por exemplo. Comprei até uma guitarra. Me empolguei e tudo mais

19. Mas foi só nesse evento isolado?

É ou então *jams* que a gente fazia na casa de Emília... Numas reuniões de amigos, a gente tinha muitas reuniões de *jam session* e passa a guitarra pra um, passa pra outro e agora nunca toquei numa banda... Nessa banda mesmo “Orbital Fuzz” eu toquei baixo, mas eu tinha a proposta de que Emília tocava baixo numa música eu tocava guitarra em outra.

20. E quanto aos planos? Tocar um instrumento é uma profissão ou um hobby?

Esse pensamento já teve muito mais próximo de mim, principalmente terceiro ano, aquela dúvida e tal. Pra dizer a verdade eu tinha muitos pensamentos menos fazer faculdade, mas foi inevitável. Na época eu jogava futebol, por exemplo, já pensei em partir pra jogar mesmo. Joguei na seleção baiana, procurar times e tudo mais só que os times que eu conseguia sempre os campeonatos eram no sábado de manhã que eu tinha prova no Vieira então minha mãe vetou aí música. Pensei em estudar música aí, sei lá, aprender baixo e mesmo se não fosse com a Flauer ou sem a Flauer eu estaria tocando baixo. Só que aí depois eu, sei lá, parei pra pensar tanta dificuldade pra música e pra mim só valeria a pena se fosse algo que tivesse certeza. O que eu teria certeza é que eu queria tocar com uma banda de rock, de preferência com a Flauer, mas não sei se teria certeza numa orquestra, por exemplo... aí fui fazer comunicação, mas... Quem não tem o que fazer vai fazer comunicação. Eu fui fazer comunicação porque uma coisa que eu sempre gostei foi jingles. Sei lá, a gente viaja né. A gente viaja... se rolar. A gente viaja senão a gente não fazia CDs, não investiria em sites. A gente investe na medida do possível, a gente sabe que é difícil pra caramba sem apoio, agora com a pirataria. Não sei se bom ou se é ruim. Às vezes é bom, mas às vezes também não é bom. É... é em Salvador né, o índice é pequeno, a música que impera aqui não é essa. Então os lugares que a gente vai tocar, os bares de Salvador fecham num curto tempo, não duram muito tempo. Abre um bar, cinco meses depois fecha. As casas não apóiam... não apóiam direito. Então a gente foi passando... a gente viu essa fase desde que tínhamos dezesseis anos, ou assistindo ou tocando. Chega com 22, você cansa. Você pensa eu vou estudar aí né se der certo eu vou realmente tocar com a Flauer. Acho que é o pensamento geral do grupo.

21. Que bandas e artistas influenciaram você e por quê?

Além de Alanis e Pearl Jam que foi meio que o princípio. Acho que Alanis foi uma grande inspiração pra mim e pra banda. Pessoal, extra-banda algo que me fez crescer

musicalmente foram alguns compositores de blues e de jazz, como Coli Porter, Luis Armstrong e interpretes como Fitzgerald, Areta Franklin me fizeram crescer e também tem aqueles... Crescer digo, o ouvido. O que me fez crescer na vontade de música tem o Pix, uma banda de rock da década de 80. Emília que me apresentou por sinal, o Isis... E nacional sempre gostei do Patu Fu, apesar de às vezes ter vergonha de dizer o Pato Fu, sempre gostei dessa banda. O Legião Urbana não consigo mais ouvir. Foi importante no começo, mas acho que o discurso não compete hoje e... Mutantes, desde que eu conheci achei que crescem em todos os sentidos, de ouvido, de expressão, de proposta. Acho que é banda referência ainda nacional de rock principalmente e... Tom Zé. Outro artista importante foi Rebeca Mata e tem as bandas locais que eu não citei... Retrofoguetes, Ronei Jorge pra mim é uma das melhores bandas da atualidade (ta na linha de educar o ouvido e a mensagem também).

22. Faz ou fez parte de algum fã clube?

Não. Jamais. Já entrei em fóruns sobre artistas pra descobrir quando vai ter show. Acho que fanatismo deixa a gente muito cego. Não gosto de ver as coisas por essa ótica. Não gosto de nada muito militante, talvez é medo de me envolver demais nas coisas, não sei, mas acho que é pra me manter lúcida. Nunca curti fanatismo, mas se Alanis viesse ao Brasil eu faria um sacrifício para ver o seu show, mas nada sobrenatural. Também não ia querer ficar de tiete no hotel, nada disso.

23. Como foi o aprendizado e a adequação à técnica?

Em termos de regulagem pra mim demorou não vou mentir. Meu primeiro professor era muito bom em me passar escala, o segundo me ajudou muito nessa questão do groove, de “badsleap”, a técnica de lap que vc bate e puxa assim. Foi uma técnica nova que eu aprendi com ele, mas essa questão de regulagem mesmo eu só consegui ter uma visão plena que eu nem sei mais se é plena ou não no terceiro. No terceiro ano eu tive que parar de tomar aula um pouco, afinal tinha que estudar. Voltei dois anos depois com um professor bem bacana que é daqui, Joelmo Corvo. Um bom exemplo de viver pouco com música é ele. Com ele eu acho que eu consegui pegar bem essa questão de agudo, grave, de você botar um médio, de ver quando as cordas estão secas. Ele me ensinou que eu não preciso ficar comprando corda de baixo, posso cozinhar as cordas, por exemplo, pra botar o som. Isso é bacana porque ele também é engenheiro de som, ele construiu o baixo, ele mexe muito com regulagem então ele me ensinou bastante isso. Isso tem pouco tempo, dois anos que eu consegui... Eu ia crescendo e achava que já conseguia regular meu baixo super bem, mas a cada ano que passa você percebe que não, que pode regular melhor. Também é uma questão de educação mesmo e agora eu acho que regulo bem, mas sabe né. Inclusive eu comprei um pedal só pra equalizar som porque pode acontecer o que aconteceu no ensaio no show ai eu já equalizo no meu pedal vai dar um ajuda bacana não vai ficar aquele som seco que ficou. E também Emilia investiu em um estúdio. O pai dela construiu um estúdio na casa dela que é todo bacana e fomos muitas vezes ensaiar lá e lá não tinha técnico de som nem nada então a gente por a gente mesmo. “Natoralmente” funciona. Tudo foi muito na raça, também com a ajuda do professor novo. O que ajuda mais é o contato de estúdio, se percebe muito rápido a diferença. Afinar instrumento é muito mais difícil que aprender escala, por exemplo. É muito mais difícil.

24. Quem cuida disso? Vocês deixam a cargo de Daniel?

Hoje você tem os equipamentos eletrônicos então não se perde tempo com afinador. Nos shows tudo é eletrônico e não precisa perder tempo com isso. Com Daniel ou sem Daniel acho que dá pra afinar legal.

25. A formação de bandas femininas é tão natural quanto à de homens?

Mas vc fala em que praça? Sinceramente eu nunca parei para pensar nisso. Parei pra pensar nisso no ambiente em que eu estava. Por exemplo, no ambiente lá do Vieira foi inesperadamente, digamos, igual. Igual não, mas parecido. Mas ali se tratava de gente sem pretensão, com pouca idade, adolescente. Então não sei... agora depende se vc for partir... depende também do estilo de música. Acho que depende da proposta como a banda se constrói. Por exemplo, se eu for construir uma banda de axé com a proposta de mercado. Acho que se vai se procurar mais profissionais dentro da área da música e alguém mais perto dos padrões sociais e bonito e que tenha uma voz, claro, legal e aí se for partir para os profissionais de música eu acho a maioria são homens então acaba sendo majoritariamente homem e quando tem mulher, muitas vezes quando é mercado talvez seja pra dar o marketing, o than assim na banda. Quando se trata de uma banda com pretensões explícitas de mercado. Aí quando se usa a mulher se usa mais no sentido de explorar a estética. E outras não também. Por exemplo, a banda do “Altas Horas” do Serginho Grosman. Tanto homens quanto mulheres poderiam desenvolver aquela técnica lá. Elas tocam bem, mas também homens poderiam tocar bem. Por quê que todas são mulheres? Óbvio que forçadamente. Tem coisas que são muito óbvias, mas assim quando tem uma banda que tem cinco homens e tem uma mulher, às vezes ela toca tão bem quanto então bom pra ela...

26. Qual a reação dos seus pais quando você resolveu montar uma banda?

Na verdade chegou para eles como um hobby. Sempre chegou pra eles como um hobby. Enquanto tá hobby, enquanto eu faço faculdade, as coisas funcionam. Já viajamos pra tocar e não teve nenhum problema, nenhuma discussão sobre isso. Minha mãe tinha mais preocupação quando eu freqüentava esses lugares pra assistir, mas depois passou. Hoje eu posso dizer que vou viajar pra qualquer lugar pra tocar que não tem problema não tanto que eu não tenha prova, compromisso de trabalho tá tranquilo. Desde que não afete o profissional, as responsabilidades que eles impõem tá tranquilo.

27. Ficou mais fácil distinguir os sons e perceber o som que a outra produzia depois da Flauer?

Na época em que a gente ouvia outras bandas desse movimento do Vieira enquanto só participante, a gente ainda não tinha uma banda já dava pra ter uma noção muito grande da diferença dos instrumentos, pelo menos pra mim. A diferença entre o som do baixo e da guitarra, por exemplo, ficou muito mais acentuada do que quando eu ouvia no CD em casa e ver também o instrumento também, talvez. Acho que ver a atuação do instrumento acho que me ajudou. O visual me ajuda muito no ouvido e vice versa, acho que os sentidos se complementam. Então acho que isso me ajudou pra caramba desde o começo a perceber essas distinções e depois começar a tentar tirar cover. Isso é fundamental. E perceber que quando você está conseguindo tirar bem e quando você está simplificando o máximo, que a pessoa tá fazendo coisas fantásticas e seu som não sai o dele porque... É quando você vai procurar o porquê que você vai compreender. É

ouvir e ver mesmo. Hoje em dia os sons tem... na minha época os sons eram muito velhos na minha casa e não tinha aqueles botão para botar grave, agudo. Hoje em dia você aperta uns botõeszinho no micro system e você começa a perceber bem mais rápido agudo, grave. Quando o som é *estéreo* no carro, por exemplo, você começa a mexer e bota mais grave, agudo, médio. Sem você perceber você tá tirando tudo dali, mas você começa a perceber que está diferente.

28. Sobre as críticas?

A gente faz. Cada uma sabe até... conhece o limite da outra. Por exemplo, Mari não sabe tocar nada de cordas, quando a gente era terceiro ano tentei ensinar a ela algumas coisas de violão, aí ela pegou algumas coisas legal, mas ela tem noção de tom porque ela sempre cantou. Feu também nunca aprendeu algum outro instrumento. Ela tomou aula de guitarra, tentou, mas acabou não levando pra frente. Então cordas mesmo assim... Eu e Emília, eu acho que a gente consegue se comunicar melhor na crítica uma para a outra. Mas eu acho que todo mundo consegue perceber quando está diferente, quando está errado ou quando pode melhorar. Até porque a música é batida há muito tempo por nós. Então se percebe que tem alguma coisa errada mesmo que a pessoa não saiba identificar o que é. Todo mundo errou. Aí a gente assume né: “Fui eu”. Ou então “Eu não tô errando”. Vamos ver o que está acontecendo. Aí vamos parar todo mundo que nem fizemos no ensaio. A gente tenta parte por parte até ir. Por exemplo, já chegamos e falamos pra outra: “Você precisa treinar mais isso aqui”. Por exemplo, tem o final dessa música “Sal” que Emília e Feu fazem. Pra aquilo ficar, demorou sabe. Todo mundo faz as críticas - mais apontando sugestões que uma crítica por crítica. Quando acha que está errado, fala que está errado pra gente tentar resolver. Nunca é “está errado” e “você precisa estudar mais”. Nunca foi de ofensa assim. Sempre foi respeitando muito a outra.

29. Medo de magoar a outra com críticas...

Eu acho que a gente nessa questão é bem pragmática: “vamos resolver”. Acho que a vontade de resolver a situação supera qualquer medo de alguém ofender alguém. Quando você quer resolver qualquer crítica vai acabar sendo construtiva porque tem o objetivo de resolver o que está errado. Não é criticar por achar feio e pronto aí eu acho que acaba ferindo. Acho que nossas brigas que não são brigas em relação a atraso de ensaio, “poxa, vc não pode viajar pra tocar lá por causa de um outro compromisso”. Acho que é muito mais além do som.

30. Vocês falam sem meias palavras?

A gente fala e a pessoa reconhece, mas, por exemplo é um erro que todo mundo acaba cometendo então acaba que todo mundo fica sem autoridade pra falar. Nesse ensaio Mariana atrasou uma hora, outras vezes eu atrasei, pelo menos meia sabe. Tanto que a gente brincou que quem atrasar vai pagar uma garrafa de cerveja por minuto.

31. E isso é sério?

Não. A gente não cobra tanto assim. A gente faz críticas, mas acho que a gente nunca brigou por isso. Críticas do som... Inclusive essa é uma grande questão de botar outra pessoa na banda. Daniel, por exemplo, foi o primeiro a entrar na Flauer sem ser amigo antes. Então pra ver como Daniel entraria, acho que o ponto principal foi como é que

vai ser pra falar com ele quando a gente não gostar ou quando ele não gostar, como é que essa comunicação vai ser. Sempre foi muito fácil. A gente era amiga de tempo então sempre foi muito fácil. Até o palavrão, a gente sabe como colocar o palavrão. E aí quando Carol foi pra São Paulo ai entrou, na época, o namorado de Emília, depois o namorado de Mari. Acabaram os relacionamentos então acabaram saindo da banda. Então a gente combinou não colocar mais namorados em bandas. E ao mesmo tempo a gente pensou que podia colocar o amigo tal da gente so que ai... sei lá. Daniel acabou surgindo. Ele gostava da gente, da banda, soube que a gente estava sem guitarrista e propôs e ai a gente se deu a chance. Nunca foi uma coisa fechada. Ele é homem e não era amigo da gente. Foi ótimo. Já entrou dando várias sugestões. A gente acatou umas, jogou fora outras e não teve nenhum problema. Não se zangou com os atrasos.

32. Vocês têm um líder? O que acham sobre isso?

A gente divide tanto as tarefas que acaba sem fazer muitas, talvez seja falta de liderança. Eu acho que às vezes um líder é importante. Eu não diria um líder, uma coordenação. O ideal mesmo seria uma assessoria de comunicação que a gente não precisasse fazer nada, mas como isso não existe. Já tiveram amigos que se propuseram, mas como não tinham obrigação e nenhum vínculo empregatício então foram deixando pra lá. Acho que Feu é quem toma mais atitude assim, mas não é que ela seja a líder é aquela que toma mais atitudes. E a gente acaba jogando ela pra falar nas tvs porque ela é a vocalista, mais ai depois todo mundo se mete.

33. É comum durante os ensaios estarem presentes pessoas estranhas à banda?

Depende da pessoa. A maioria das vezes é só a gente mesmo. Também é um saco ficar assistindo três horas toda semana. Imagine. De vez em quando vai o namorado de uma, o namorado de outra. A maioria são os namorados que vão porque geralmente é final de semana e você ta com o namorado aí não vai ficar em casa sozinho aí leva pra lá. Ou então é algum amigo que chegou... Então são pessoas estranhas sem ser estranhas. São pessoas aquém da banda, mas que não são estranhas. Mas, por exemplo, é muito pessoal. Pra mim não interfere em nada. Tava Rafael lá no ensaio, o namorado de Mari, ele toca guitarra. E bem! Eu poderia me sentir acanhada e no entanto é Rafael, sabe?! Não é meu professor de guitarra. E sabe, qual o julgamento que ele faria, sabe? Nenhum. A gente se propõe a tocar em shows pra, sei lá, cento e tantas pessoas e vai se sentir acanhada no ensaio? Eu me sinto mal pela pessoa ficar lá três horas, a gente errando. Se tivesse tudo fluindo, tudo bem, mas você ensaia pra errar mesmo. Mas não tem problema nenhum.

34. Vocês solicitam a opinião dessas pessoas?

Eu não solicito muito a opinião de macarrão não. Talvez assim, meu baixo estava estranho eu pedi a ajuda de qualquer pessoa pelo amor de Deus... Meu namorado toca baixo também então às vezes eu comento com ele. Pergunto como foi aquela música. Mais em show do que em ensaio até porque ele não assiste muito ensaio, mas quando ele assiste eu pergunto: “você acha melhor essa frase aqui no meio da música ou aquela dali?” Eu tiro música pra ele. Eu toco baixo a mais tempo que ele.

35. Tem ajuda externa?

Não. Não. Letras: autoria própria todas. A pessoa externa que não é externa é Carol que está em São Paulo. Quando ela vem pra cá ela traz umas composições. Tem uma amiga da gente, Indira que anda com a gente e tudo mais desde o começo e aí ela tira fotos de vez em quando, ajuda a divulgar. Talvez uma *promoter* sem compromisso.

No cd a gente teve ajuda. Quando a gente gravou o cd a a gente gravou no Estúdio das Máquinas no Rio Vermelho em 2004, eu acho com Tadeu Mascarenhas. Tadeu é o dono do estúdio e ele dava muitos palpites, a gente discutia, pedia opinião. Além de ser o dono do estúdio ele tem uma banda, a Radiola (ele tem ouvido absoluto, sei lá). Ele é músico e a gente gosta de aceitar críticas construtivas, claro. E aí ele inclusive gravou um teclado pra uma música e acabou se empolgando e aí gravou sem custo adicional, sem nada. Ele deu opinião de música, deu efeito de voz. Ele que equalizou o cd, então a gente teve ajuda no cd. Quando a gente toca em alguns lugares alguns amigos ajudam a gente, ajudas bestas como carregar instrumentos, por exemplo. Aí agente usa os namorados pra carregar os instrumentos.

36. Tem segurança na linguagem?

Eu sempre aceitei bem o aprendizado. Nunca tive vergonha em ter que disfarçar “poxa o que é que ele falou ali?”. Sei lá “Lá B Mol com a sétima”. Nunca tive problema. Sempre fui muito curiosa. Desde quando eu comecei a tocar baixo eu sabia que eu não queria tocar baixo só pra ser mais uma guitarra porque tem gente que toca baixo só marcando a nota diatônica, o tom básico, enquanto você pode fazer uma série de coisas naquele tempo, naquele compasso. E eu sempre tive muita curiosidade então quando eu comecei a ouvir vários baixistas comecei a perceber as variações, muitas modificações além do tom, sabe?! Muita mexida em escala e tudo mais e não consegui, óbvio, reproduzir, mas eu conseguia identificar. Então na minha primeira aula eu falei para o professor “olha, eu vim tomar aula porque... Se eu fosse tocar baixo só pra tocar escalinha assim a nota toda. Ta todo mundo lá, eu fico repetindo lá várias vezes... Se fosse fazer isso eu não precisava de aula”. Porque a maioria dos baixistas daquele Movimento do Vieira era assim. A maioria dos baixistas (referindo-se aos grupos de rock da escola) eram aquelas pessoas que não queriam estudar música, queriam estudar rock por brincadeira e aí no baixo você tem essa possibilidade de ser bem simplório e não estar errado. Mas você pode fazer mais. E desde sempre eu queria fazer mais e falei isso com meu professor. E aí eu prestava atenção nas aulas, ia para as aulas teóricas e sempre gostei. Quando eu tocava violão em casa sozinha tinha assim B e C, que são os, como é que posso dizer, os ícones das revistinhas e na verdade o D corresponde ao “Ré”, o C ao “Dó”. Então eu fui pesquisar porque C, porque D, depois eu descobri que é Ré, Dó. Então eu fui curiosa. E aí adquiri um repertório legal, mas que ainda não é completo eu tenho certeza disso. Muito por preguiça também. Se lá, eu acho que música pra quem não nasceu com ouvido, sei lá, absoluto, fantástico ou um bom ouvido, sei lá, Djavan, tem que estudar. E eu sempre estudei. Sempre quis saber o que estavam falando. E aí é bom porque... Acaba que Mari fala de tempo aí eu começo a compreender o tempo também, compasso... A gente fala da linguagem musical assim.

37. Você se sente absolutamente confortável com essa linguagem?

Depende com quem eu esteja conversando. A linguagem de canto, por exemplo, eu não me sinto confortável. Tem a linguagem geral e tem, além da geral, a específica. No geralão eu me garanto no pacote básico. No baixo eu me sinto confortável.

38. Faziam mais covers ou experimentavam sons?

Uma coisa não exclui a outra. A gente fazia mais cover, mas experimentávamos também. Demais. Meio até sem recursos pra isso.

39. Quem hoje é responsável por compor as canções?

Todo mundo faz. Uns em escalas maiores outros em escalas menores. Hoje em dia, se eu não me engano, pode ser que as meninas apresentem outras versões. Acho que Emília. Na verdade é muito em conjunto. Emília traz a maioria dos esqueletos, tanto de notas quanto de letras e ai vai se transformando numa coisa bem diferente daquele esqueleto, mas sem perder o que ela trouxe inicialmente. Ultimamente tem se construído assim. Desde o começo, a maioria das músicas, eu acho, as primeiras, era mais Carol. Ela trazia o prato cheio, tudo pronto. Agora que a gente perdeu esse conforto essa mordomia a gente se vira.

40. Você consegue se ver enquanto baixista?

Eu prefiro dizer baixista amadora. Fiquei com preguiça de escrever amadora e coloquei aspas porque acho que pra dizer baixista eu tinha que conhecer outras variações do baixo. Eu conheço baixo elétrico né, mas tem aquele baixolão, aquele baixo de orquestra. Para eu me apropriar desse termo eu tinha que me profissionalizar mais. Por exemplo, o namorado de Feu ele estuda música e ele dá muita ênfase em baixo. Ele está aprendendo agora o baixolão, o baixo de orquestra então... e é uma pessoa que estuda música. Ele toca super bem baixo elétrico é óbvio que eu vou dizer que ele é baixista, mas ele mesmo sabe que está em curso... É que nem publicitário em formação. Eu nem atuei direito no mercado então não tenho propriedade pra dizer isso. Sou baixista amadora.

41. A banda é um projeto efetivo? É isso que você quer fazer para o resto da vida?

Enquanto hobby? Acho difícil. Eu gostaria que fosse, mas eu acho que pelo menos por agora agente não ta pronto, digamos, pra superar as adversidades que não são poucas. Principalmente porque somos todas dependentes. Ninguém é independente, ninguém tem um caminho ainda certo nem contatos. Apesar de já ter tantos anos é muito no início.

42. Pra vocês é difícil se ver vivendo de música?

Vê é fácil. Viver é que é meio complicado. Conheço tanta gente nessa área que vive super mal financeiramente e isso envolve, conseqüentemente acaba envolvendo outras questões. O mundo é capitalista né? Quer queira, quer não.

43. Quanto tempo a música ocupa a sua vida?

Hoje menos porque eu estou no último semestre e estou trabalhando também então hoje menos. Mas teve uma época na minha vida que praticamente todos os dias eu pegava o baixo nem que fosse uma hora. Teve uma época que mais ainda que era quando eu não tinha nem o baixo que eu treinava os exercícios das aulas no violão e passava muitas horas. Mas hoje em dia é bem pouco. Hoje tem tanta coisa pra fazer que eu mal pego no

baixo, nos ensaios com certeza e às vezes quando eu não estou legal numa música pro ensaio ai eu pego o baixo pra não errar no ensaio porque ai atrasa mais.

44. Os namorados reduzem o tempo que vocês passam com a banda?

É inevitável porque... Eu não vou ser cruel e dizer que é um compromisso, mas é inevitável né. É mais uma pessoa que tem que dar atenção. Tem não. Você quer dar atenção. O que é bacana é que eles todos se conhecem, eles todos se dão bem então isso... imagine a agilidade que isso dá. Então isso é bacana. Ficava saindo todo mundo junto e sempre...

45. Todos são músicos?

Todas as que tem namorado sim.

46. Então eles compreendem o tempo gasto com a banda?

É. Até porque ele também ensaia e eu também tenho que compreender isso. A gente tenta conciliar os horários.

47. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Tomam. Muito porque a banda é consequência da amizade então se agente não se viu a semana toda pior ainda. Ai agente vai falar da semana pra depois falar de música. Então, tomam pra caralho.

48. Os problemas são levados para o ensaio?

A gente tenta segurar pra não ter que parar ensaio pra discutir, mas se é inevitável. Se a gente passa a semana inteira e não se viu, não deu pra se encontrar antes, esse encontro do ensaio acaba... sei lá, se o problema ou felicidade é muito grande a ânsia de falar vem primeiro que a ânsia de tocar. A gente tenta marcar depois do ensaio.

49. Como você descreveria o público da Flauer?

Não é majoritariamente feminino. É misto e é jovem entre 18 e 25 anos, eu diria. Classe mais alta. Muitos baixam música na internet.

50. Quais locais costumam tocar?

Miss Modular, Calipso, Idearium, Icba, Camaçari, Irish Pub, tem convite pra tocar na Zauber e no World Bar, tem a possibilidade do Sesi, acho que agente vai tocar com Cascadura no balcão. Irish Pub da Praça da Sé agente também tocou.

51. Aspectos positivos e negativos de estar numa banda?

Na verdade porque estar numa banda é... Na verdade eu não consigo me imaginar em outra banda agora que não a Flauer. Tenho muitos amigos músicos. Adoro fazer encontros pra tocar música assim que agente conhece e tudo mais, mas não me imagino estando numa outra banda. Ensaio e tudo mais. Meu namorado quis fazer banda comigo

eu falei que não ia fazer. Eu não consigo me imaginar em outra banda, parte por amizade mesmo, por se sentir bem naquele momento, parte por não ter tempo de se envolver com outra música, a maior parte ainda de... da história mesmo. É bem difícil você manter uma banda por tantos anos tanto que dessa época do Vieira que eu te contei a única banda que restou foi a nossa. E agente já passou por mil coisas, shows toscos em Simões Filho, frustrações de som a público. O que agente tinha de superar... Então não consigo me imaginar superando as dificuldades que eu passei com a Flauer sem ser com a Flauer. É bacana porque você mantém um prazer, um hobby sabendo que se tudo der errado você não está só. Então eu acho que a recompensa é essa. Você ta numa banda que tudo vai dar errado e você não tem em quem se apoiar ou talvez tenha, mas não com tanta solidez quanto é com a Flauer. Acho que se não fosse com a Flauer eu não teria outra banda tão cedo.

52. O fator amizade pesa mais que a própria música?

Não sei se pesa mais que a música, mas a música sozinha não ia agüentar, mas também amizade sozinha não ia agüentar. Se fosse só amizade, eu hoje em dia não ia conseguir suportar um som tecnicamente ruim onde ninguém se entendesse e nada funcionasse como foi agente um dia. Se agente continuasse naquela tosseira de som a amizade só pra mim não bastaria. Então tem que ter as duas coisas. Não sei se 50% cada ou se 60% amizade e 40% som. É complicado pra você viver de rock and roll em Salvador.

53. Existe discriminação de gênero no rock and roll?

Discriminação explícita eu acho que não lembro de nenhuma. Mas nas próprias palavras dos meninos existe aquele resquício de discriminação, aquela carga que por mais que eles não sintam isso existe sabe. Soa como natural pra eles. Isso é o tempo inteiro e acho que hoje em dia menos, depois que agente tem amadurecido acho que menos. Depois que agente melhorou o som. Por exemplo, a Dead Dolls, que era a banda de Mari agente ouvia muito mais discriminação explícita porque além... sei lá, era uma banda de mulheres também só que o som era ainda mais pesado e a galera tinha muita pose e era proposital, elas adoravam. Isso ai provoca discussões e tudo mais, enquanto agente não. A gente é muito contida, assim em termos não tem uma presença de palco escandalosa que dê polêmica.

ENTREVISTA COM FERNANDA VEIGA, VOCALISTA DA FLAUER

Realizada em: 29/09/07

1. Sobre a Flauer

Certo. Então, a gente era estudante do Vieira. Menos Daniel que entrou agora, mas Félix, eu, Mari e Emília. Na época da idéia da Flauer agente era oitava série ainda. Então era todo mundo bem novinho e a Flauer surgiu assim primeiro no âmbito do imaginário. “Ah, vamos fazer uma banda. E aí, você vai tocar o quê? Eu vou tocar o quê?” E ai cada um meio que escolheu seus instrumentos assim e ai falou ta vamos

aprender pra gente ter uma banda. Ai Mari começou a tomar aula de bateria, Félix começou a tomar aula de baixo. Emília ainda não era da banda, tinha outra menina, Gabriela, que tocou com agente no comecinho da banda. E ai a idéia foi crescendo e ai quando agente começou... Eu comecei a tomar aula de canto que eu não toco nada, instrumento nenhum. Ai a idéia foi virando realidade à medida que as meninas foram aprendendo e agente ia para os estúdios e ensaiava da maneira tosca que cada um podia porque as capacidades ainda não estavam bem desenvolvidas. Só que agente foi começando a levar mais a sério porque agente gostava daquilo e somado a isso tinha muito da coisa da amizade que sempre o que motivou a Flauer foi isso. Agente sempre foi amiga e ai Mila, apesar de ela não ser da banda no começo ela foi desde o primeiro ensaio porque ela era muito amiga de Félix e ai ela ajudava agente. Ela levava a guitarra, ajudava a regular as coisas e depois de um tempo Gabi saiu. Antes de Gabi sair Emília entrou. Ai ficamos nós cinco aí logo depois Gabi saiu da guitarra. Ai entrou Carol e ai... isso já era o quê? 2003. Não. 2002. Agente começou a ensaiar com Carol e nessa época começaram a surgir as músicas já da banda que antes agente ficava tentando fazer covers em busca de outras músicas. Ai começaram a surgir as músicas da gente e agente ensaiando sempre até que em 2003 agente fez um show. Começou através de shows dentro do Viera ainda, mas já meio com cara de show mesmo de banda e em 2004 foi a primeira vez, se eu não me engano, que agente saiu pra rua digamos assim. Que agente fez o primeiro show no Calipso e ai desde então agente continua tocando.

2. Primeiro show fora do Vieira foi em 2004?

Foi.

3. Mas a Flauer existe desde dois mil e...?

Olha, com a formação atual? Eu considero desde 2003 porque antes disso era muito confuso. Era só uma idéia. Ela não existia no real, só no simbólico.

4. O fato da Flauer só tem membros do sexo feminino foi só uma contingência?

Não foi planejado. É engraçado isso porque essa pergunta é muito comum porque sempre estimula a curiosidade ter uma banda só de garotas. E na mesma época agente ouvia muito falar e tinha amigas super engajadas no movimento feminista. Essa coisa ainda, naquela época de adolescente né. Então tinha gente que se importava em fazer uma banda de menina e fazer letras voltadas pra isso e tal, mas agente nunca teve essa pretensão. Agente surgiu porque todo mundo era amiga. Assim, lógico que no fundo isso acaba influenciando – o fato de ser mulher – porque tanto do que vem de fora de tanto que as pessoas falam e de você sentir aquilo na pele né porque, querendo ou não, agente tem uma diferença na cena. Tem diferenças boas e ruins porque agente ouve piadinhas porque é mulher, tanto piadinha no sentido “será que elas tocam mesmo” ou piadinha no sentido de “pó vou ficar porque tem as gatinhas na banda”. Esse tipo de coisa. Então assim, a intenção da gente nunca foi fazer uma banda feminista apesar de sermos uma banda feminina, mas não tem como não conviver com essas coisas.

5. Como foi que surgiu o seu interesse pela música?

Isso é o mais difícil de dizer. Eu sempre gostei muito de música desde de sei lá dez, oze anos pelo menos que minha memória me permite lembrar. Eu gostava muito, mas eu não era bem situada assim, eu não sabia o quê que eu gostava porque eu lembro que nessa época eu tinha um primo que morava comigo e ele assistia muita MTV e naquela época a MTV estava no comecinho ainda. Então eu via aquelas bandas no comecinho da carreira, assim *No Doubt*, via *Pearl Jam* quando... eu ainda não entendia direito. Nirvana, Court Cobain ainda aparecendo em vida e aquilo começou a me cativar só que eu ainda não entendia. Eu comecei a gostar mais assim de música mesmo, entender a coisa e comprar cd e me interessar e tal numa época que eu comecei a ouvir *Alanis Morissette*, que é uma das minhas grandes influências. Eu já ouvi várias vezes, inclusive, pessoas que ouvem a Flauer falar “Ah, você gosta da Alanis porque você canta assim, assado?” Então realmente foi uma grande influência. Comecei a ouvir Alanis e começou a despertar em mim essa vontade de cantar e eu lembro também de episódios assim de amigas minhas (isso de quando eu era bem gurua. Sei lá sexta série, sétima série, então eu devia ter doze, treze anos). Elas falavam “Ah! Porque você devia cantar”. Agente brincava assim de cantarolar aí eu comecei a me interessar por isso e ver que podia fazer alguma coisa com isso. E foi por aí... aí depois de Alanis (falando das influências) eu ouvia muito *Pearl Jam*, *Alanis*, aí aquela época do grunge, Nirvana eu ouvi muito pouco, mas... *Silver Chair* (um dos primeiros cds que eu comprei), *No Doubt* também e aí foi caminhando. Aí eu tomei aula de canto duas vezes na Ufba e foram aulas de grupo. Então não foi bem uma... Eu não tomei aula de canto, eu quis me inteirar da coisa pra ver se... Para eu me aprimorar, digamos assim. As aulas de canto foram no comecinho da Flauer.

6. Porque cantar e não tocar algum instrumento?

Porque eu achei que eu me daria melhor cantando do que tocando alguma coisa. Eu até já tentei aprender algum instrumento, mas não deu certo primeiro porque eu coloquei na cabeça que sendo canhota eu não iria conseguir nada. Porque todo mundo quando começa a ensinar alguém a tocar tenta como destro e aí se não der certo vai pro canhoto. Eu já tomei aula de guitarra, não deu certo, antes eu tinha tentando aprender em casa sozinha com o violão, mas é terrível, eu não tenho coordenação nenhuma na mão direita e aí nunca me interessei. Quando eu era mais nova eu tive uma gaita e a gaita nunca saiu da gaveta porque eu não tinha uma motivação pra aprender a tocar nada e cantar era natural. Eu gostava de cantar, sabe?! Por isso que eu me interessei pelo canto e eu acho bonito também.

7. Então o interesse pela banda foi muito a partir de amizade, coleguismo? Você teve influência em casa?

Não. Muito pelo contrário. Eu sou a irmã mais velha então eu não tive a influência dum irmão mais velho e minha mãe e meu pai ouvem muito pouca música. Então foi por mim mesmo, foi o que eu fui descobrindo e as amizades contribuíram porque eu encontrei pessoas que se identificavam com esses gostos e gostavam das mesmas coisas que eu. Quando não, me apresentavam coisas novas e eu também a elas e acabou acontecendo.

8. Cantar é um hobby ou uma profissão?

Hoje é um hobby porque eu não me considero apta a chamar isso de profissão. Porque assim, eu tenho o mínimo de técnica, eu não conheço muito do mundo do canto porque eu acho que pra isso eu teria que tomar a aula mesmo, entender de teoria musical. Então meu conhecimento sobre isso é muito pequeno para eu considerar uma profissão. Agora eu considero também como uma possibilidade de vir a se tornar uma profissão, apesar de que eu faço faculdade de outra coisa, mas eu sempre considere o canto como uma segunda opção. Se tudo der errado eu posso... sabe?

9. Você fez duas aulas na Ufba?

Não. Eu fiz dois semestres de aula em grupo. Só que assim, eu fiz um semestre e parei aí depois de dois semestres eu fiz outro semestre e parei. Só que eu tinha meio que pânico das apresentações do final do curso aí eu sempre saía antes das apresentações e agora eu estou pra voltar. Estou marcando com um grupo de lá da faculdade pra gente fazer aula de canto de novo porque eu sinto falta de ter essa aula, essa aproximação com a teoria.

10. Quando começou com a Flauer você tinha o sonho de se tornar uma cantora ou foi meramente pelo prazer de estar junto?

Depois que a Flauer começou a acontecer mesmo, a gente começou a fazer show. Eu acho que esse foi um sonho que sempre rondou a gente, mas no sentido da banda. Eu nunca pensei assim em Fernanda como cantora, mas Fernanda como vocalista da Flauer. As pessoas sempre falam: “Ah, porque você não é cantora?” Eu falo: “Não, gente. É muito diferente, eu sou vocalista da Flauer”. Até por essa questão que eu já te falei da profissão e tal. Então como banda eu já sonhei assim em levar isso pra frente: “vamos ser uma banda e. Não sei. Chegar a algum lugar com isso”. Porque aqui em Salvador é muito restrito. Até o público é muito pequeno. E pra você levar isso como uma forma de viver você tem que abdicar de todas as outras coisas pra se dedicar só a isso. Então assim, se todo mundo topasse e falasse “vamos”, eu, com certeza iria, mas eu não sei se é o que acontece porque é muito difícil.

11. Largaria a faculdade?

Eu trancaria primeiro e depois tentaria, sabe? Mas assim, lógico que com uma perspectiva, alguma promessa. Não na maluquice porque não dá. Alguém tem que botar comida na mesa.

12. Faz ou já fez parte de algum fã clube?

Não, não. Nunca gostei dessas coisas. Muito pelo contrário. Eu sempre... Eu costumo dizer quando as pessoas comentam de alguém “olha é fã de alguma coisa porque fã não é legal”. Tudo em excesso pra mim é sobra.

13. Hoje quem te inspira?

Isso é tão difícil dizer porque hoje eu ouço tanta coisa. Antigamente era mais restrito, eu ouvia mais rock, mas hoje eu acho que ouço mais até outras coisas do que rock. Hoje eu adoro Arnaldo Antunes, hoje eu adoro Carlinhos Brown que eu acho um compositor genial e eu não conhecia antes e tinha o maior preconceito. Das mais novas que eu

tenho ouvido, Céu, que eu gosto muito! E é bem MPB, aliás eu gosto muito de MPB, Marisa Monte.

14. Adequação ao uso de artefatos do universo musical?

Minha participação nessa área é muito pequena pra ser sincera então minhas opiniões são do tipo: o microfone está muito abafado então diminui o grave, ou então, está agudo demais. Essas coisas eu tenho um pouco de noção.

15. Você consegue intervir quando o som de alguém não está bom?

Eu consigo perceber. Com o tempo de banda, eu não digo nem com a experiência como musicista, mas com tempo de banda você acaba percebendo poxa naquele dia estava melhor do que hoje, então hoje tem alguma coisa errada. No último ensaio mesmo o baixo de Félix estava horrível e eu estava do lado da caixa então aquele som distorcido... Não tem como, sabe? Você acaba se educando pra isso mesmo. A guitarra também. A gente tem um problema muito sério porque a gente usa distorção e hoje eu sou uma pessoa mais calma, mais zem, então a distorção quando ela está demais ela sempre me incomoda então eu sei dizer poxa ta... Eu não sei te dizer exatamente o que é. Se ela está... não sei, muito aguda, muito grave, muito isso, muito aquilo, com reverbe, não sei como. Os nomes todos eu não sei, mas eu digo não ta legal, vamos tentar mudar?

16. Como os pais encararam a banda?

Nunca foi problema. Eu sempre que fui meio diferente na família... Porque geralmente quem gosta de rock sempre assim. E aí eles sempre acharam meio que engraçadinho e falavam “Minha filha tem uma banda”. Antigamente né. “Ela vai ser roqueira não sei o que nã nã na...” Hoje meu pai (principalmente porque é ele quem mais opina) acha que é uma perda de tempo eu ter uma banda de rock. O tempo todo me sugere ter uma banda de uma coisa que seja vendável, comercial. E ele fala: “você cantando devia estar ganhando dinheiro com outra coisa, ficar fazendo rock não leva a lugar nenhum”. Mas eles nunca foram contra, nunca viram como prejudicial, meus pais, pelo menos nunca tiveram medo também de envolvimento com droga porque acontece muito no meio da gente assim. Então é tranquilo. Ele só acha que eu deveria ganhar dinheiro com isso.

17. Os pais não ficavam com receio dos lugares onde vocês iam assistir ou fazer shows?

Quando eu tinha quinze, dezesseis anos. Menos. Quando eu tinha quatorze, quinze anos rolava muito. Meu pai ficava super preocupado, mas às vezes ele mesmo me levava no lugar e ai ele meio que dava uma averiguada. Mas ele sempre: “Cuidado! Esse lugar cheio desse povo de preto bebendo não sei o quê, não sei o quê...” Eles sempre tiveram essa preocupação. Minha mãe mesmo falava horrores do Idearium. O Idearium era o pesadelo. Eles nunca chegaram a ir no lugar, mas eles implicavam com os lugares que agente ia assim. Com os shows em geral.

18. E hoje não tem mais isso?

Hoje não. Hoje porque eles já se acostumaram e já sabem. Tipo, quando eu falo que vou pro Rio Vermelho ele nem pergunta mais porque sempre foi o Rio Vermelho.

19. Mesmo pra vocês viajarem?

É mais ai agente já era mais velha. Eu tinha mais de dezoito, com certeza, então nunca foi problema.

20. Geralmente viajam e fazem shows sozinhas ou levam companhia?

Não. Sempre leva. Esse de Camaçari, Dias D'Ávila, esses que são pertinho assim sempre tem uns amigos que vão. Que a gente leva até pra (como é que fala?)... Mas pra dar uma força, digamos assim. E ai é tranquilo. Muitas vezes a gente não conhece o organizador logo quando ele chama, mas depois de tantos contatos a gente acaba conhecendo. Pode ser que um dia a gente enfrente alguma situação perigosa, mas até hoje nunca aconteceu não. Quando a gente foi pra Vitória da Conquista, que a gente tocou lá aí a gente não levou nenhum conhecido. Foram outras bandas que a gente conhecia. Conhecia pelo menos uma pessoa de cada banda, mas ai foi só a Flauer mesmo.

21. Preparar os equipamentos dos shows?

A gente faz. Que besteira é essa? Quando tem que pegar no pesado a gente pega não tem problema nenhum. O último (show) que a gente fez foi no Irish Pub e foi a equipe de formatura de Félix que estava organizando e ai ela que teve que levar tudo, assim: a bateria saiu metade da casa de Emília, metade da casa do amigo da gente ai Mila que levou e a gente montou. Uma das caixas saiu da casa de Félix então a gente carregou do carro, botou lá dentro. Essas coisas acontecem. A gente não precisa de holding não. Agora, seria muito mais confortável.

22. Como são as críticas?

É complicado. Crítica sempre é complicado ainda mais pelo fato da gente não ser profissional, digamos assim. Todo mundo é amador. Todos os integrantes fazem um milhão de outras coisas que não tocar e ai quando... E acontece muito assim. Tem muitas vezes que a gente sente “poxa está errando sempre naquele lugar. Por quê? Falta treino, falta uma prática”. Então as críticas não tem como ser diretas. Eu acho que não acontece na Flauer. Acontece rodeio, acontece um jeitinho de dizer, sabe? ‘E aí você já experimentou tocar mais em casa essa música? Essa virada vai ser assim mesmo?’ Sabe? Mas não de dizer: ‘Poxa você está tocando mal. O que você acha de treinar?’ É complicadíssimo ainda mais que envolve amizade e ai é mais complicado ainda.

23. É o medo de machucar o outro?

Exatamente.

24. Vocês têm uma líder e como se sentem a esse respeito?

Então a gente não tem uma líder assim, a gente não escolheu ninguém: ‘olhe você é a líder da banda’. Algumas coisas acabam sobrando pra mim porque eu sou a vocalista.

Então ao tem o *carma* do vocalista: é o que fica no meio, o que fala, enfim, mas não tem um líder assim. Agora mesmo dia seis a gente estava querendo organizar um show, então e aí cada um fica responsável por uma parte, entendeu? Não tem uma ‘ah, eu faço tudo’. Às vezes sobra um pouquinho pra mim porque eu sou a vocalista, mas isso não é uma liderança.

25. Você acha que precisa de uma líder?

Eu acho que precisa, mas no sentido assim de organização porque é muito mais fácil quando você tem um líder disposto a ser líder por que se eu quisesse tomar isso pra mim eu poderia. Não no sentido da autoridade, mas no sentido de estar dirigindo a banda, de estar falando ‘assim, assado, eu já falei com não sei quem, isso vai acontecer’, mas eu não posso fazer isso porque eu sei que a Flauer é uma banda muito (como é que eu vou dizer) independente. Eu sei que a baterista é super complicada porque ela tem os horários dela, eu sei que Emília faz mil coisas então ela também tem os horários. Não tem como eu querer gerir a banda porque tem esses problemas então realmente todo mundo meio que... É no coletivo isso. Todo mundo dá o seu pitaco.

26. É comum a participação de outras pessoas nos ensaios? Como vocês lidam com isso?

Geralmente ensaia só a Flauer. Quando tem outras pessoas ou é o menino que fica no estúdio que ele está regulando o som então é normal, apesar de que às vezes ele participa também. É bom, às vezes, você ter uma opinião de fora e quem acontece de ir também é Indira e Lua também que é uma outra amiga da gente. Ela já foi, mas hoje ela vai muito pouco, quase nunca. Mas Dirá vai mais porque ela é meio que o anexo da Flauer. Ela é meio que nossa produtora informal então quando tem show ela sempre divulga, ela sempre opina. Então ela é Flauer também a gente sempre falou isso e ela é ótima porque ela é sem noção nenhuma, não tem papas na língua. E aí quando ela vai e não gosta de uma coisa ela sempre fala, com o jeitinho peculiar dela. E aí a gente ouve e tenta absorver a crítica. Mas é bom ter gente de fora assistindo, apesar de que às vezes desconcerta.

27. Normalmente os namorados estão nos ensaios?

Não. Foi uma situação atípica. Ele nunca tinha ido e inclusive a gente estava conversando sobre isso outro dia porque ela (Mariana) estava falando da presença dele no ensaio que perturbava a execução dela. E até porque assim... Não é um namoro longo o deles então isso influencia também e ele toca, ele toca guitarra.

28. Vocês chegaram a determinar que não se levasse os namorados aos ensaios?

Não, inclusive a gente conversou no ensaio anterior ao que você foi de levar meu namorado pra assistir aos ensaios porque ele é músico e ele sempre dá umas opiniões sobre a Flauer. Aí eu falei para as meninas e elas falaram ‘ah, leve ele pro ensaio porque ele pode opinar em alguma coisa’. Ele acha que a gente quando toca, a gente tem que educar as guitarras. Ele sempre dá essa opinião porque ele fala que às vezes fica muito sujo aí eu estava falando isso no ensaio aí Emília falou “traga ele porque quando a gente estiver tocando ele pode dar sugestões”. Aí eu falei ‘massa, vou trazer’. Então eu acho

que com ele eu não teria problemas de ensaiar e também não teria problema com o resto das meninas.

29. Ele é baterista?

Não. É baixista. Ele faz faculdade de música e toca baixo acústico e baixo elétrico desde sempre. Banda é complicado porque ele entra e sai de várias. Atualmente ele está com uma banda de forró.

30. Conduzem a banda com alguma ajuda (composições, produção, etc)?

Não. Mão na massa é a gente mesmo. Sempre foram os integrantes da Flauer. Hoje a gente tem muita música por causa de Carol que as letras... muitas das letras são dela, mas ela era da Flauer então sempre foi da gente mesmo. A não ser a de Noel Rosa, que a letra é de Noel Rosa, aquela “Você somente” que a gente fez o clipe, mas a música também é da banda.

31. Quanto tempo tem que Carol saiu da banda?

Carol viajou no começo de 2005. Mas ela foi no começo de 2005, e veio no meio do ano, então a gente tocou com ela só que com ele tempo foi se distanciando.

32. Como se sente com a linguagem musical?

Eu sempre andei ao redor de pessoas que tocam e tem um certo vocabulário. Esses dois exemplos que você citou eu não me sentiria desconfortável de jeito nenhum porque a gente ouve o tempo todo: *riff*, *groove*, *pegada*, *a palhetada dele é boa*. Então... Não. Não me sinto desconfortável não. Minha não-familiaridade (vamos dizer assim) é com coisas formais, coisas mais acadêmicas, como partitura... Uma noção básica eu tenho, mas é bem básica.

33. Faziam mais covers ou experimentavam sons?

A gente fazia muito *cover* das bandas que a gente gostava. A gente já fez *cover* de tudo que você imaginar.

34. Para além de Carol, quem mais compõe?

Emília. Quando eu falo isso ela detesta porque ela fala: “Não. Porque as músicas são da Flauer. Eu trago o esqueleto”. E geralmente é assim mesmo, tipo ela tem uma idéia aí traz o esqueleto e a gente termina de fazer. Eu acrescento uma coisa de letras, Félix acrescenta uma linha de baixo. Todo mundo contribui, mas ela chega sempre com o esqueleto. Ela tem mil idéias a todo momento.

35. Você sabe se ela começou a escrever canções antes ou depois da Flauer?

Não sei. Você vai ter que perguntar pra ela, mas eu acho que ela fazia antes. Eu nunca cheguei a escrever inteira. Bom, veja só, tem a música em francês, a letra é minha e a melodia é da voz, mas a base... Foi feita no estúdio até aquela canção. Porque é assim a gente tem que tentar... Quando é pra compor todo mundo junto sem que

alguém tenha trazido uma idéia antes tem que ser assim... É tempo, sabe? E pra gente fica cada vez mais complicado essa coisa de tempo. Essa em francês foi a única que eu fiz a melodia vocal toda e a letra porque a gente estava no estúdio num momento que surgiu uma coisinha e aí se falou “poxa, vamos fazer uma música disso” e aí conseguiu, sei lá, e meia hora pensar na estrutura da música.

36. Sente-se confortável em falar: “eu sou cantora”?

Não. De forma alguma. Eu não sou cantora (com ênfase). Se eu fizesse dois anos seguidos tomando aula de música e de canto, teoria e prática, eu poderia dizer: ‘olha, eu sou cantora’.

37. Você acha que essa experiência profissional é necessária?

Acho. Super acho. Não necessariamente acadêmica, mas assim ‘de noite’ até. Se eu cantasse em barzinho. Do tempo que eu tenho com a Flauer se eu estivesse o tempo inteiro fazendo show, sei lá, em barzinho, voz e violão aí eu poderia dizer que eu sou cantora porque eu teria uma vida na música que não é formalizada, não é acadêmica, mas teria uma experiência. Assim, é diferente porque não é a mesma coisa: ser vocalista numa banda amadora e ser cantora, pelo menos pra mim, são duas coisas bem distintas.

38. A banda é um projeto efetivo? É isso que você quer fazer pro resto da vida?

Pro resto da vida? É muito difícil te dizer isso, sabe por quê? Porque não depende só de mim como banda. O nome já diz então tem n pessoas envolvidas. Por mim eu teria oitenta anos e estaria lá cantando na Flauer ainda super empolgada.

39. O fator amizade é muito importante pra vocês?

É muito importante. Não tem como falar da Flauer sem falar em amizade.

40. Se a Flauer terminasse você seguiria cantando em outras bandas?

Iria, mas teria que ser com pessoas que eu tivesse muita intimidade porque, pelo menos comigo, só acontece assim. Eu já tentei. Teve uma época que me chamaram pra fazer uma experiência, cantar numa banda... Era até assim, conhecidos de amigos, amigos de amigos e aí eu tentei, eu fui pra dois ensaios, mas eu... Talvez desse certo se eu tivesse persistido, mas eu me sentia super não à vontade porque eu não conhecia as pessoas direito e eu morria de vergonha. Naquela época ainda tinha mais vergonha do que eu tenho hoje então... Eu não tenho vergonha de palco, mas de estar cantando na frente de pessoas que eu não conheço muito bem. Exatamente por causa dessa técnica que eu te falei. É complicado. Eu não sou cantora. Mas eu faria parte de outras bandas sim agora bandas que tivessem começado como a Flauer nesse intuito não formal. Porque não tem condição de eu pegar músicos formados, sei lá, da Ufba que estão querendo montar uma banda e me chama pra cantar e... Eu falo assim “olha gente eu tenho limitações e elas são grandes, vocês são formados em música, a gente pode tentar? Pode. Mas vocês vão ter que entender isso. Isso pra mim tem que ficar bem claro para eu poder me sentir à vontade. Mas eu tenho muita vontade de continuar tendo projetos envolvendo música porque me faz bem.

41. Você consegue se ver vivendo de música?

Rapaz, acho que é mais difícil! Eu vivo com meu namorado que tenta viver de música e eu vejo como difícil é. Pra ser bem sincera, no mundo de hoje, no Brasil, onde a gente está eu acho que só dá pra viver bem de música se você tiver alguém com grana investindo em você. Dá pra levar uma vida tranqüila cantando aqui e aculá, ganhando um trocado, fazendo shows semanais em alguns bares e tal, mas viver só disso não tem como. Tem que ter alguma coisa paralela. Na minha opinião... Mas o que acontece? Se a Flauer hoje, sei lá, se alguém amanhã visse a Flauer tocando e falasse “poxa, gostei dessa banda, vou investir nessa banda” e falasse pra mim assim: “E aí Fernanda, estou afim de investir na Flauer. Você segue ou você pára?” Eu sigo. Mesmo porque é uma aposta e eu apostaria. Mas viver de música é muito difícil.

42. Quanto tempo a música ocupa a sua vida?

Três horas de ensaio por semana fora isso acho que umas duas horas então cinco horas por semana. Não é muito não.

Nem sempre os ensaios acontecem toda semana, mas a gente tenta manter essa frequência. Não acontece quando tem algum imprevisto.

43. Os namorados reclamam o tempo que é destinado à banda?

Os meus... Que horror né? Mas os que eu tive até então na época da Flauer não reclamaram. Muito pelo contrário sempre incentivavam. Eu sempre tive envolvimento com pessoas ligadas à música então eles sempre achavam muito legal o fato de eu ter uma banda. O meu namorado atual fala até que a gente devia se dedicar mais à banda. Então assim nunca houve. Não da minha parte.

44. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Tomam. Isso é um problema. Porque é fogo, principalmente depois que a gente deixou de se ver todo dia. Então às vezes o ensaio é um momento de encontro então você tem que, ao mesmo tempo, que ensaiar e aí vêm várias coisas que vocês não conversaram ao longo dos dias e ali é o momento de falar então tomam sim.

45. Os problemas são levados pro ensaio?

Fora os ensaios a gente tem os almoços. Logo que a gente saiu do Vieira a gente combinava e é a mesma galera da Flauer. Então nós quatro e Indira, Lua que são as agregadas. A gente faz esses almoços terapêuticos, digamos assim, e sempre que alguém tinha um problema a gente ia, marcava o encontro e conversava. De um tempo pra cá isso tem ficado mais difícil por causa dos afazeres. A vida pós-moderna é assim mesmo, mas não acontece. A gente sente o reflexo no ensaio. Nunca aconteceu no ensaio a gente conversar sobre o problema de alguém, geralmente a gente deixa pra um momento fora.

46. Como é que você descreveria pra mim o público da banda?

Muito amigos e fora os amigos tem pessoas que gostam mesmo de bandas com vocal feminino, banda com meninas. Em termo de idade acho que de dezoito a vinte e cinco anos e por gênero é diversificado, tem tanto meninas quanto meninos. É misto. Eu acho que é bem misto até porque eu acho que na cena do rock aqui de Salvador tem muito homem, talvez isso influencie pra que o público seja misto, talvez se fosse igual teriam mais mulheres. Mas não sei te dizer, eu acho que é misto. Nunca notei diferença não.

47. Quais os lugares que a Flauer costuma tocar?

Salvador é complicado falar disso. Quando o Calipso existia a gente tocava muito no Calipso, o Idearium foi um lugar que a gente tocou pouquíssimas vezes quando existia também. Hoje em dia a gente toca muito assim Irish Pub, a gente já tocou na MUV, que uma casinha pequenininha lá em Nazaré que hoje ela é gerida por uns amigos da gente até, Zuber a gente nunca tocou, mas assim são os lugares possíveis. Ou é a convite ou a gente organiza. Às vezes a banda que está organizando chama a gente ai é a convite. Agora mesmo a gente ai tocar com Cascadura, dia treze no World Bar e foi convite.

48. Quais os aspectos positivos e negativos de se estar juntas numa banda?

Eu posso citar a amizade como estando nas duas coisas: no ponto negativo e no ponto positivo. A amizade é uma coisa que está tanto no ponto negativo quanto positivo porque, ao mesmo tempo, que é um estímulo muito grande de continuar a banda ela dificulta outras coisas como levar a banda como uma coisa séria porque ela existe por amizade também então meio que dificulta. Não tem o compromisso que seja desvinculado da amizade então nesse sentido ela é negativa, mas ela é positiva no sentido que une a banda.

49. Você acha que às vezes falta profissionalismo?

Eu acho. Acho muito. Trabalhar em coletividade é sempre difícil e o fato de não ter um líder, como eu te falei, é difícil também. Eu não sei acho que depois que eu entrei na faculdade eu virei uma pessoa mais pragmática. Eu acho que as pessoas tem que ser mais organizadas pra prosseguirem com... Enfim. Ah, positivos de estar junto numa banda: diversão. É muito bom. É tipo uma segunda família. Eu considero a Flauer como a minha casa. Eu não sei se isso é só em mim, mas eu sinto uma coisa muito boa quando vejo algo nascendo da Flauer. Quando a gente faz uma música nova, quando ela vai ficando pronta e aquele sentimento de 'poxa está ficando muito legal e foi a gente que fez!' Eu gosto muito disso assim, da criação, desse momento da criação. Esse é um aspecto positivo de estar junto porque isso é compartilhado. Todo mundo botou a mão ali. É meio que um filho.

50. Existe discriminação de gênero no rock? Já aconteceu com você?

Eu não vou te dizer que não existe não. Existe discriminação. Ela é muito camuflada como todo tipo de discriminação, eu acho, mas não é forte também não. Eu acho que no rock aqui de Salvador que é o que eu posso falar... Poxa! Hoje eu acho que menos. Já teve mais, mas acho que ainda acontece um pouquinho por parte dos homens, lógico. Mas também acho que é meio orgulho ferido. Tem muito homem que dói o cotovelo de ver as meninas lá em cima. Mas a gente enquanto banda já passou discriminação naquele sentido que eu te falei: piadinhas (isso é muito chato!). Às vezes tem uns

meninos sem noção que ficam na frente do palco como se a gente não existisse, como se fosse uma coisa anormal estar ali em cima e “Pó, as meninas...”. Essas coisas meio mongóis que são próprias do sexo masculino... Muita testosterona.

51. Quanto que a Flauer é de música e quanto que ela é de amizade?

É difícil. Eu diria que ela é 70% de amizade e 40% de música. É fogo né? Mas a gente ainda é uma banda.

ENTREVISTA COM MARIANA DRUMMOND, BATERISTA DA FLAUER

Realizada em: 08/10/07

1. Como surgiu o seu interesse pela música?

Eu com a música acho que foi mais influência de... amigos mesmo, tipo, minhas amigas as mesmas meninas da Flauer. A gente começou na escola com quatorze, treze anos a ouvir música e aí veio a idéia de montar a banda e agente foi () sempre se influenciou muito umas as outras: “Ah, uma banda nova que eu ouvi e adorei”. Ai uma apresentava pra outra as bandas e o lance também de montar a banda foi engraçado né que era tipo todas as amigas estavam na banda: eram duas bateristas, três baixistas, não sei quantas guitarristas porque era uma brincadeira antes de começar. Então a graça era agente dizer que tinha uma banda, escolher o personagem de cada uma, escolher o nome, essas brincadeiras, mas é... o lance de fomentar a Flauer, de fazer virar de verdade mesmo só veio bem depois.

2. Porque você escolheu a bateria?

Poxa... eu não sei direito. Agente na época, dessa época né que agente escolheu: “Ah, tá vamos montar a banda” então eu era uma das bateristas. Eu queria aprender a tocar bateria, eu achava a bateria engraçada, achava legal e achava que eu não ia levar o menor jeito pra tocar nada de cordas. É muito minucioso, muito pequeno, é que eu sempre fui desajeitadinha. Não. Eu vou tocar bateria. A brincadeira era essa. Eu achava lega então eu quis aprender a tocar bateria então depois entrei numa aula ai fiquei um pouquinho de tempo pra pegar assim né o básico, depois eu fui aprendendo mais em estúdio mesmo, tocando com as meninas, ouvindo muita música, mas assim bateria foi ‘deu na idéia’, quis tocar, Vou aprender!

3. Tocar bateria é um hobby ou uma profissão?

É um hobby. Absolutamente.

4. Sonhou em ser roqueira e fazer sucesso?

Não. Nunca.

5. Como surgiu a idéia de formar a Flauer?

A idéia de formar a banda foi uma brincadeira de menina em colégio mesmo assim. Somos amigas, estamos sempre uma na casa da outra, uma enfiada dentro da vida da outra, gostamos de coisas muito parecidas e gostamos de rock. Tinha, na época, o Vieira Rock, que era o Festival lá no colégio de bandas e muitas bandas eram nossos contemporâneos aí: “Poxa, vamos fazer uma banda também pra ir pro Vieira Rock e tal”. E começou nessa brincadeira porque os nomes das bandas do Viera Rock eram muito engraçadas, então agente começou a brincadeira: “Ah, vamos fazer uma banda”. Ai deu o nome da Flauer e escolheu o nome de música, ai começou a escrever música. E depois agente foi: “Vamos fazer uma banda mesmo?” “Vamos”. Ai quem não sabia tocar nada, eu, Félix, agente entrou numa aulinha, começou a aprender, ai começou a ir pra estúdio, tirando muito cover assim primeiro né. Depois agente (int) em 2003 entrou Carol na banda e agente começou a fazer o negócio de verdade. Depois de uns dois, três anos que a Flauer começou a idéia agente começou ela de verdade. Dissemos “Poxa, vamos fazer música, vamos tocar”.

6. Então somente depois de três anos ela ganhou forma?

É. Até porque... eu mesma tinha outras bandas na época, então a Flauer como não existia ainda ficou meio que de projeto paralelo. Uma vez na vida agente ia pra estúdio. Então eu tocava na Dead Dools que todo final de semana estava tocando, na época. E eu também toquei na Viver Mata. Então era uma época que estava... A Dead Dools era uma banda só com meninas. A Viver Mata não. Eu era a única menina.

7. Então houve outras bandas além da Flauer?

Eu comecei na Flauer, mas depois da Flauer eu acabei entrando em outras bandas, mas porque também “Ah, baterista. Chama, convida”. Porque baterista a gente conhece poucas né. “Toca bateria, então chama”. Na Dead Dools eu entrei mais porque uma parte das meninas eram lá do Vieira e me conheciam e na Viver Mata também era uma banda de amigos, só que eu era a única menina na banda.

8. Os convites aconteceram porque você era baterista e garota ou porque você era somente baterista?

Porque eu era baterista. A Dead Dools não... a Dead Dools eu nem sei dizer se tinha essa exigência porque a gente sempre foi só meninas, mas na verdade a banda começou sem mim. Eu não estava na banda e aí a vocalista foi fazer intercâmbio. Eu entrei pra cantar aí depois ela voltou como eu tocava bateria eu passei pra bateria e a menina que tocava bateria (péssima, na época, porque ela não tocava) ela foi pra guitarra porque ela tocava guitarra. Ai pronto. Acabou ficando assim a banda. Nunca entrou nem saiu mais ninguém. A Dead Dools ficou nessa formação só com meninas, mas assim nunca teve esse negócio de vender imagem: “Ah, somos uma banda de meninas e somos feministas” e nem nada disso assim. Nenhuma delas. Pelo contrário.

9. Quais artistas inspiraram você?

Ai, pra mim... assim são é artistas que eu gosto até hoje. Muito. É... Alanis Morissete, eu adoro; Janis Joplin, eu adoro. São mulheres. Porque eu gosto muito de vocais

femininos principalmente. É... gosto muito da Marisa Monte. Adoro. Acho fenomenal. Gosto muito da Siona Apple, Bjork. Adoro! Acho Rita Lee né, Mutantes. Acho fenomenal. Eu adoro “Experimentações”. Tinha umas bandas na época que me influenciaram muito “Pearl Jam, Sonic Uf”, Pixes. Eu adorava. Adoro até hoje, mas foram as bandas que eu comecei a ouvir mais. Ai depois vieram outras que influenciaram diretamente a Flauer nessa... a carinha que ela tomou depois que ela começou a virar banda mesmo. Foram as bandas do Movimento “Queer Coorn” de lá dos EUA que são bandas de meninas. A maioria delas... elas SÃO feministas. A maioria delas se intitula feminista e a maioria delas é gay, inclusive, só que elas fazem um somzinho gostoso assim. Então agente não se influenciou muito pelos ideais delas assim porque não é muito a nossa praia, mas pelo lance do som “indie rock” agente gosta muito. E o “Queer Coorn” é meio que uma versão... Um ramo mais novo do indie, mas indie também sempre foi uma coisa que a gente sempre gostou muito. The xxx kine que é uma banda do EUA também que é de meninas que agente adora. Até hoje é um das bandas que agente mais ouve. Pretty Girls Make Grave que é uma banda mais nova também de lá que também é fantástica e não é de meninas, só a vocalista que é menina, mas a banda é fantástica. São as bandas que a gente mais ouvia, que mais ouve.

10. A Flauer ter somente mulheres foi proposital?

Não.

11. Você é fã ou já foi?

Não. Não gosto não tanto que uma das coisas que eu penso dessa coisa de tipo assim, ‘poxa, você ser famosa’. Eu não gosto dessa idéia de você ser formador de opinião e as pessoas seguirem isso, acho que você tem que ter responsa quando você está famoso, lógico que querendo ou não você vai ser formador de opinião, vai ter um grupinho de pessoas que vão, principalmente menininhos mais novos que vão acatar o que você diz e achar lindo e maravilhoso, mas nunca achei que ninguém merecesse tanta idolatria nem iria gostar que fosse comigo.

12. Como foi o aprendizado do aparato técnico?

Eu aprendi a montar bateria até porque eu quis aprender. Meu professor era um amor e por coincidência ele tinha banda também e ele quase sempre tocava nos mesmos shows que eu então ele sempre me ajudava assim a montar a bateria e tal, mas ele falava você tem que aprender porque você vai estar sozinha, vai ter uma hora que você vai estar sozinha e todo baterista tem que saber montar porque normalmente quando você vai para um show ou para um estúdio a bateria, o corpo – que agente fala que são os tambores, ele está montado, o que você tem que montar é só o quê, são os pratos e colocar os tambores na posição que você quer. Agora você não precisa tirar eles e colocar um sobre o outro e tal, mas assim eu sei fazer isso, inclusive ele falava isso pra mim, teve um dia que eu cheguei na aula e estava a bateria toda desmontada, espalhada pelo chão e ele falou: “monte, tipo como se você tivesse que amanhã tirar ela do carro”. Ai eu peguei todos os pezinhos de ferro, coloquei e tudo e fui montado e ele rindo né porque eu me bati obviamente a primeira vez que eu fui montar, mas assim... Tanto que na época da Dead Dools era engraçado porque ele sempre montava a bateria pra mim porque ou ele tocava antes de mim ou depois e ele sabia que eu detestava montar as coisas e o povo ficava: “Ah, porque as meninas da Dead Dools não sabem nem montar

as coisas” Ai ele “hum não sabem eles que eu já fiz você montar uma bateria inteira. Quero ver algum deles aqui montar”. (...) Hoje eu já faço sozinha até porque não tenho mais ele pra montar pra mim, mas sempre que alguém pode... “Quer que eu monte?” Quero. Ai eu chego lá e falo do jeitinho que eu gosto, da altura dos meus braços, mas assim sei montar não é nenhuma complicação, até porque bateria não é igual guitarra que você tem mil efeitos, mil pedais e mil caixas. Ela ta lá, você só bate a única coisa que você tem que fazer é afinar e isso é difícil. Afinar bateria, eu não sei afinar até porque quase ninguém sabe. Afinar bateria é complicado, mas é fácil de manipular ela.

13. Formar uma banda feminina é tão natural quanto uma masculina?

Acho. Eu sou suspeita pra falar porque eu realmente não consigo incorporar, tipo assim quando a gente brinca às vezes perguntam pra gente “poxa como é ser menina no rock?” A mesma coisa que ser menino só que a gente não faz xixi em pé. Tipo assim realmente nunca que a gente teve que enfrentar nenhum tipo de dificuldade nem nada sabe.

Em Salvador é complicado você achar pessoas que toquem rock, por exemplo, meu namorado ele está numa banda agora que já é o terceiro baterista que eles tentam colocar e todas as três vezes que eles estavam sem baterista eles me chamaram pra tocar e eu ‘poxa gente eu gostaria de tocar com vocês (porque é o meu namorado e são amigos meus), mas eu não tenho tempo pra isso’. Até as meninas da Flauer só faltam me matar porque pra arrumar (como elas falaram pra você) pra arrumar um tempo pra eu encaixar a banda é uma complicação ainda mais duas, porque banda você leva coisa pra fazer em casa, não tem como sabe. Então na época foi a mesma coisa, assim, como a Flauer a Dead Dools era mais ou menos o mesmo esquema, tipo tentar colocar pessoas próximas, amigas porque você entrar num estúdio, passar horas com a pessoa, viajar, porque banda viaja, tocar, porque banda toca e não ser uma coisa com pessoas que você tem intimidade, com pessoas que você possa dizer ‘porra, gostei’, que você possa brigar e fazer as pazes, é uma coisa chata sabe. Então a idéia eu acho foi mais ou menos essa, éramos do Vieira também, uma parte da Dead Dolls, a outra era do Marista e a gente já se conhecia, amigas todas, então me chamaram “pô, Mari canta. Pede pra Mari pra ela quebrar o galho enquanto Nat não vem ai depois como eu tocava bateria e a baterista não tocava eu passei pra bateria.

14. Como foi a reação dos pais?

Com meu pai foi engraçadíssimo (que a vida toda eu fiz balé né) e na época que eu quis tocar bateria eu tinha saído do balé então ele já ficou arrasado porque eu sai do balé e ai ele começou: “porque minha filhinha vai deixar de ser bailarina pra tocar bateria”. Mas ele achava demais. Ele ia pra todos os shows, contava pra todos os amigos que eu tocava bateria “É rock pesado” (porque a Dead Dools era rock pesado, new metal) e pagava minha aula e eu achava engraçadíssimo e até hoje ele acha engraçado, eu mostro as coisas pra ele, falo que gravei o clip. Na época, tipo assim, foi estranho, mas total apoio, suporte, me levava no show, me buscava no show, comprava meus pratos. Nunca gastei dinheiro com bateria sempre era: “Pai (com manhã), compra aí pra mim” e ele comprava. A gente nunca teve problema não, eu tive pais ótimos não tive problema com isso não.

15. A passagem em bandas aprimorou sua capacidade de ouvir?

Com certeza. Com certeza tanto que a gente quando está ensaiando e alguém erra sempre (ela arregala o olho para o lado) e você já olha pra onde foi o foco do erro e vem aquela careta e todo mundo olha, quando sou eu que erro então é terrível – bateria errada não tem quem não perceba. E até às vezes que eu falo a elas ‘gente, em show?!’ elas faziam isso muito. Eu errava alguma coisa, mas assim, voltava rapidinho não era erro assim, a gente sabe que a música não é assim, mas não é aquela coisa – todo mundo da platéia vai perceber – só percebe quem realmente conhece a música de cabo a rabo – a gente. Então ai erravam todas elas olhando pra trás, pra mim... ‘Acabaram de me denunciar’ (sendo enfática). Então a gente, baixo mesmo que é base, mas fica escondido né, toda vez que o baixo está errado todo mundo olha e eu e Fernanda né, baixo e bateria é coladinho então se uma errar a outra erra por tabela. Então sempre, até questões de outras bandas que a gente vai olhar, a gente “Hum”, cds quando a gente está ouvindo, eu fico atenta as coisas, principalmente bateria que é o instrumento que eu toco e assim, um dos lances legais, das bandas que eu gosto “Legal isso ai que eles usaram, bem diferente”, assim tipo, algum solo de guitarra com efeito legal ou a técnica diferente “Legal, olha pra isso”, ai mostro. Quanto à composição de música da Flauer mesmo é muito engraçado porque todo mundo mete o bedelho em tudo. Eu não toco guitarra, mas me meto “Acho que é melhor você fazer assim”. É muito engraçado.

16. Vocês fazem críticas umas as outras?

A gente sempre faz crítica, tipo, “Não gostei”. Tipo assim, alguém faz alguma música e: “Ah tá, vamos começar a fazer”, “Ah, não estou gostando não, gente”, “Não tá não?” “Poxa, eu tô”, “Ah, não tem condição não, tocar isso está muito chato”, “Ah, então vamos fazer outra coisa”, é sempre assim. Ou então é: “Poxa, vamos tirar tal música”, “Vamos” e aí chega todo mundo e uma não tira “Porra, não tirou a música? Tem que tirar. Tem que ter responsa... Não se comprometeu pra tirar? Tira a música ou então avisa que não vai tirar que ninguém tira”. Não tem problema nenhum a gente se conhece desde muito pequena, a gente se mete na vida da outra pra falar qualquer coisa quanto mais banda.

17. Vocês têm uma líder?

Não.

18. Qual a sua opinião sobre isso? A Flauer precisa de uma líder?

Não. A gente sempre conversa dizendo assim a Flauer não é uma democracia é uma unanimidade. Se eu não quiser, eu não faço; e a regra é essa sabe; se Félix não quiser, ela não faz. Então a gente tem que sempre tentar fazer com que as coisas sejam agradáveis pra todo mundo, não é alguém fazer “Vou fazer porque eu sou obrigada”. Assim, claro que às vezes você tem que fazer uma coisa que você não está curtindo, mas você abre a concessão porque você quer, não é porque você está sendo obrigada a isso. Sabe, várias vezes eu falo: “Eu quero declarar aqui bem claro que eu estou morrendo de ódio de vocês e elas dão risada “Eu não queria estar aqui” aí elas: “Você ama a gente”, eu fiz: “Amo. Por isso que eu estou aqui”. Cada um só faz o que quer, sabe, se você está abrindo uma concessão é porque você quer e elas pediram com aquela carinha delas ai você: “Tá bom”.

19. É comum a participação de outras pessoas nos ensaios?

A gente de vez em nunca recebe convidados no ensaio. A coisa mais difícil do mundo é alguém palpitar sem ser chamado. É uma questão de conveniência. No último ensaio mesmo a gente levou Miguel, que é o namorado da Feu, que ele é operador de som então é aquela história: não adianta você ir todo bem ensaiadinho para um show com a aparelhagem horrível, a equalização péssima porque pro palco é uma coisa, para o público é outra como você está recebendo o som então não adianta você ir com a bateria alta e a guitarra baixinha. A gente falou “Vai Miguel com a gente pro estúdio pra você ter uma noção de como é e ajudar a gente no show” que era no dia seguinte à noite. Ai ele foi e foi com a gente pro show e ajudou a regular na equalização do som, então normalmente é esse tipo de ajuda (...) E eu só to conseguindo lembrar agora de Miguel que tenha... assim que a gente pediu pra ir (...) pra palpitar mesmo. Só consigo lembrar dele.

20. Você conseguiu se concentrar totalmente com a presença do seu namorado no ensaio?

Eu consigo totalmente. Mila que normalmente fica nervosa. Ela não gosta muito dessas coisas, de levar gente pro ensaio, mas ultimamente ela tem andado melhor. A gente até brinca com ela: “Mila vou começar a levar agora cada dia um pra dentro do ensaio. Vou levar toda a minha família pra você lidar com essa coisa de timidez, sabe”. Ela se sente pressionada quando ela está num ambiente... se sente o centro das atenções. Ela não gosta, ela não fica muito confortável.

21. Condução dos trabalhos com alguma ajuda?

Não. Ninguém ajuda

22. Se sente confortável com a linguagem musical?

Não sou expert em bateria, longe de mim. Me sinto completamente confortável (a respeito do que sabe). Eu sou uma pessoa curiosa, não sou muito disciplinada, não treino em casa, não tenho mais tempo pra isso, pra treinar o instrumento em casa até porque é um instrumento complicado. Você pode levar o violão de baixo do braço, a bateria não é assim, mas sou curiosa pergunto as coisas. Quando eu não sei “Vem cá e isso aí é o quê mesmo?”. Ele (referindo-se ao namorado) mesmo me pergunta algumas coisas sobre o tipo de prato, de bateria, de som e eu explico e tal... Mas assim no geral, no que me cabe, no que eu preciso saber, eu sei. Não passo aperto não.

23. Quando começou fazia mais cover ou experimentavam sons?

Olha, na Flauer cover é um parto pra tirar, a gente sempre foi de fazer muita música até porque a banda é meio esquisita assim, o tipo de som, não tem muito cover que combine então normalmente é “Vamos tirar esse cover?”, “Vamos” e acaba fazendo uma versão pra adaptar.

24. Mas e quando vocês começaram?

É isso, a Flauer era assim. A gente começou fazendo música. Até porque foi como eu te falei a gente começou dentro do estúdio, até a gente tocar o primeiro show a gente foi

fazendo com calma, já a Dead Dolls não. A gente praticamente tirou um cd todo de cover da Killy, que era uma banda que a gente gostava muito na época e com pouquíssimas músicas nossas. Ai depois não. Foi mudando, foi invertendo obviamente e a Viver Mata era o contrário a gente não tinha um cover, era só música própria.

25. Quem hoje compõe as canções da Flauer?

É complicada essa pergunta por que não tem... Porque até quando alguém trás, por exemplo, Milinha, ela trás... como ela toca guitarra normalmente ela trás uma coisa que ela escreveu ou então ela pega de alguém, ela “Pô gostei disso, vou pegar” e ai faz a música, faz a base e canta. Quando chega no estúdio ai Feu muda o vocal, ai eu boto a bateria, acaba mudando também a guitarra alguma coisa e ai acelera o ritmo. Não tem como. Mesmo que você traga pronto, vai mudar e vai ficar totalmente diferente de como você trouxe porque cada um vai dando a sua carinha assim pra coisa (...) então não tem como dizer se alguém compõe. É a Flauer, é o processo.

26. Você consegue se ver enquanto baterista?

Eu toco bateria, não sou baterista, tipo assim, eu acho que quando você assume o título “eu sou baterista” é uma responsabilidade de que você toca bem, leva isso a sério e é como eu te falei, bateria pra mim é hobby, quando dá tempo.

27. Então a banda pra você não é um projeto efetivo?

Não. De forma alguma. Pra mim ela pode viver pra sempre como uma coisa que eu adoro fazer.

28. Não consegue se ver vivendo de música?

Não. De forma alguma. Eu acho que perde totalmente a graça. A graça é você fazer de vez em quando. É não encher o saco.

29. Quanto tempo disponibiliza pra música durante uma semana?

Quatro horas.

30. Os namorados reduzem o tempo passado com banda?

Não.

31. Reclama o tempo que é destinado pra banda?

Não. Ele adora, vai para os shows, para os ensaios.

32. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Tomam. Porque é a melhor parte. A gente às vezes quando está histérica, tem show e tem muito tempo sem ensaiar aí não. (...) Mas normalmente é coisa da Flauer... O gostoso é isso, sabe. É uma coisa relaxada, é sem pressão, está sempre direitinho, a

gente vai pra se ver muito também, então assim muito tempo a gente fica batendo papo e aí quando se toca “Não estamos batendo papo já tem dez minutos, bora lá”.

33. Os problemas são levados para os ensaios?

É levado para o ensaio? É. Porque a gente se conhece e a gente está vendo que não está legal. Eu também quando eu estou preocupada, eu vou preocupada. Não vai alterar o desempenho, a pessoa não vai ficar errando nem vai deixar de fazer as coisas por causa disso, mas você vê que o astral não é o mesmo... acho que qualquer coisa não é só a banda, na faculdade a mesma coisa, no estágio a mesma coisa. Quando você está chateado com alguma coisa muda, não atrapalha assim o papel da pessoa como componente da banda.

34. Como descreveria o público da Flauer?

Não faço idéia de perfil. Porque assim sempre que eu penso no show da Flauer eu penso no... bandas de pessoas que, até quando não são conhecidas são amigos ou conhecidos dos amigos.

35. Quais os aspectos positivos e negativos de estar junto?

Eu não acho nada ruim não. É como eu te falei eu acho um negócio tão gostoso estar na banda. Não é o ruim de estar na banda, mas o que tem sido complicado é justamente a questão de tempo porque a gente está crescendo e está ficando complicado... De todas as coisas que a gente tem que dar conta porque quando está na faculdade tem estágio, assim é a faculdade e o estágio, não é só o trabalho nem só a faculdade então já toma muito do tempo e pra conciliar isso tem ficado complicado, tem sido cansativo, tem dado trabalho, mas eu não vejo isso como uma coisa ruim. É ruim por não ter mais tempo para estar aplicando porque é muito gostoso estar com elas na banda. (...) Então eu não vejo nenhum problema, nem de convivência nem de operacionalização da banda como ruim.

36. E o que seria muito bom?

Eu acho tudo. Tipo assim, a convivência com elas é boa, as piadas, tocar ou ver essas coisas acontecerem, de produzir coisas novas, de a gente fazer um... Tirar um cover e de repente no meio do caminho no ensaio mesmo e vamos mudar e aí dá certo, as criações, os shows, as coisas inesperadas que acontecem e acabam dando certo e que acabam dando erradas e depois viram coisas engraçadas (...), as oportunidades que aparecem.

37. A amizade então é um elemento muito importante para a Flauer?

É. Com certeza.

38. Quanto da Flauer é amizade e quanto é música?

70%, 30%. Setenta amizade e trinta música. Todo mundo ama a música, mas, a meu ver, a Flauer só existe porque nós somos amigos.

39. Você acha que existe discriminação de gênero no rock?

Eu acho que existe sabe. Eu acho que... Não vou ser hipócrita de dizer que é tudo normal, a mesma coisa de entrar uma menina no palco, entra um menino, não é. Eu acho que a depender de onde você toque e também o que você toque as pessoas acham a mesma coisa, agora tem uns lugares que ainda é novidade então fica assim: “É banda de mulher, é?” e fica de butuca olhando (...), todo mundo parado achando estranho. Eu até relaxo, sabe. Depois você acostuma com a idéia. Mas assim é como a gente brinca: “Não dê ousadia pra isso não”. A gente nem repara, nem fica reparando quem era que estava olhando estranho ou quem não estava, a gente vai tocar e vai sair e vai gostar do show que normalmente é legal e acabou. Já foi muito pior, já foi bem estranho, tipo, de você ver coisas desagradáveis, de tudo, até porque eu acho que tem públicos e públicos. O público da Flauer é um público mais light, mais alternativo, mais tranquilo, mais acostumado a ver mulher em palco, mas o público da Dead Dolls, até porque isso tem sete anos, era um público meio alteradinho assim, meio baixo astral, vamos dizer assim.

40. Houve alguma experiência muito ruim na época da Dead Dolls?

A gente brigava. A gente brigava com todos eles e eles ficam assustados. Porque a gente arrumando ainda o palco ai vinha aquelas coisas: “Gostosa” e outros comentários que eu não vou reproduzir porque é muito desagradável, e a gente “Vá tomar no seu cú” ai o amigo do lado ‘ha ha ha ha’ (relatando o quanto os garotos ficavam chocados principalmente porque eram desmoralizados na frente dos amigos). Tem coisa melhor do que você ver pegar e ofender...um homem ser ofendido por uma mulher na frente de um amigo? É uma humilhação, ele não consegue nem reagir. Ai você dá as costas e sai. Pronto.

41. Quanto tempo você ficou na Dead Dolls?

Quatro anos. Não foi quatro anos não foi bem menos. Dois ou três anos.

42. E na Viver Mata?

A Viver Mata durou pouco. Durou um ano e pouco. A viver mata era uma coisa mais hardcore, pós-punk, era bem diferente eu não sei nem dizer o que é que era.

ENTREVISTA COM EMILIA NUNEZ, GUITARRISTA-BASE DA FLAUER

Realizada em: 16/10/07

1. Como a Flauer surgiu?

A Flauer... a idéia surgiu em 2000 quando agente estudava no Vieira. Nós cinco estudávamos no Vieira: eu, Félix, Feu, Carol, Mari e Gabi, nós seis na verdade, sendo que nessa época Carol ainda não fazia parte da... não estava nessa parte da criação né. Era Gabi, que era uma outra menina. E as meninas: Feu, Félix, Mari e Gabi eram da mesma sala e eu era de outra sala, mas agente era do mesmo grupo e tínhamos esse

interesse né pela música, esse interesse comum essa vontade de ter uma banda, de... se juntar pra tocar mesmo. Todo mundo gostava de rock na época e tinha essa vontade mesmo de ter uma banda. Era uma coisa comum no Vieira, nessa época, as pessoas terem bandas principalmente as meninas e tinha muitas bandas de meninas nessa época. (...) Então a idéia surgiu em 2000, agente decidiu se juntar pra tocar, mas ninguém sabia tocar nada. Eu arranhava um pouquinho de violão, Félix acho que também já sabia fazer alguma coisinha no violão, Mari tinha vontade de tocar bateria, mas ninguém efetivamente tocava. Então foi em 2001 que agente se juntou mesmo pra fazer o primeiro ensaio que foi lá na Graça e foi na verdade muito mais (risos) uma brincadeira de comer bolo e brigadeiro do que efetivamente tocar. No começo da banda eu não era da banda. Eram as quatro meninas. Era Gabi, Félix, Mari e Feu, mas desde o primeiro ensaio eu estava participando da banda, mas não como banda ainda depois que eu fui entrar de fato assim.

2. Houve outro nome antes de Flauer?

Deixa eu tentar me lembrar. Não. Outro nome não, mas foi assim um processo pra decidir os nomes. Foi engraçado, agente tinha cada nome maluco. Era Tropus... Enfim, diversos nomes, mas aí Flauer pela questão do *Movimento Flower Children* que agente se interessava. Naquela época agente estava estudando História e aí apareceu esse Movimento. Agente gostou e colocou o nome. Na verdade era Flauer Tildren no começo, depois agente limou o Tildren e ficou só o Flauer. Nessa época eu tinha outra banda, em 2001, que foi acho que uma das primeiras bandas de meninas mesmo. Era uma banda formada principalmente por meninas lá no Vieira, que era a Lucy in The Sky que era outra galera.

3. E você tocava o quê nessa banda?

Tocava guitarra também.

4. Como surgiu o seu interesse pela música?

É difícil dizer. Minha primeira lembrança assim quando era pequenininha uns quatro, cinco anos. Quando me perguntavam o que é que eu queria ser quando crescesse eu falava que queria ser dançadeira e fonfoneira (risos). Eu tinha uma professora que tocava sanfona e eu achava massa. Eu gostava, mas naquela época eu nem me atentava o que era muito. (...) A professora de música da escolinha, de música de escolinha, aquela que você fica com os pauzinhos, tipo acompanhando com quatro, cinco anos de idade e isso já me interessava. E meu pai sempre gostou muito de música. Não pra tocar, ele não tocava nenhum instrumento (tocou quando era jovem, mas agente não sabia disso até então, até pouco tempo atrás). Ele sempre gostou muito de música e ouvia muito Raul, ouvia muito Engenheiros do Havaí, muito Legião Urbana, gostava de rock também, mas gostava de coisa brasileira também. Agente sempre ouviu muita música em casa, muita música clássica também. Minha mãe gostava principalmente. E além do meu pai, mais tarde um pouco meu irmão teve uma influência muito forte também. Que ele começou a tocar violão, começou a tocar guitarra e ele começou a descobrir esse mundo da música que agente não tinha até então porque com meu pai era uma coisa mais 'ouvir música no carro', música em casa, não tinha essa questão de procurar, pesquisar e descobrir bandas e meu irmão tinha isso muito forte e acabou me influenciando bastante também. E depois logo quando começou a Flauer, um pouquinho

antes da Flauer, que eu comecei a namorar com Leo, que foi outra pessoa também que me influenciou bastante a querer tocar um instrumento, enfim, a entrar nessa questão de banda mesmo que até então banda era uma coisa meio distante.

5. Quando você decidiu que iria tocar um instrumento?

Bom, meu irmão começou a tocar violão, fazer aula de violão eu acho que eu era sexta série. Eu devia ter uns doze anos e eu sempre via ele tocando e achava massa, mas nunca tive assim, eu pegava o violão e não conseguia tirar um som. Era uma coisa engraçada. Eu fico lembrando que eu botava acordes, tocava e nada. Ai quando eu tinha uns treze pra quatorze eu decidi fazer aula com esse professor, mas durou muito pouco também, acho que eu fiz uns quinze dias de aula só, mas ai eu comecei a tocar com as meninas da Lucy in The Sky. Eu sabia fazer o básico do básico, mas elas achavam que eu tocava porque eu namorava com Leo e Leo era um cara que tocava muito então elas achavam, não sei por quê, que eu tocava muito porque eu era namorada dele então me chamaram pra banda. Eu comecei a tocar com elas e elas foram me ensinando muita coisa que elas já tocavam um pouquinho melhor aí eu fui aprendendo mais nesse circuito de banda mesmo.

6. Você aprendeu guitarra com a Lucy in The Sky?

Isso. Eu sabia fazer... o dó, o lá, o ré, o fá muito (com ênfase) mal feito que era a da pestana né. Não sabia o que era power acorde. Agente foi tocar Nirvana, Nirvana é todo de power acorde, quase todo de power acorde, mas eu fui aprendendo com elas mais. Mas eu já tocava assim: duas musiquinhas, três musiquinhas no violão e teve o professor que me ensinou alguma coisa, mas eu fiz pouco tempo de aula com ele, não sei exatamente quanto, mas foi bem pouquinho mesmo. Fiquei nessa de aprender nos ensaios com as bandas, por isso que eu toco hoje precariamente (risos), mas eu vou começar a fazer aula. Assim, ano passado eu fiz aula, fiz com um amigo meu, fiz uns dois meses de aula, mas eu tinha muitas atividades, ficou difícil de manter, mas agora eu vou voltar. Semana que vem está marcado já pra aprimorar porque essa questão de conhecer o instrumento eu sinto muita falta, sabe. De ter feito aula mesmo. As meninas fizeram aula: Mari fez aula, Félix fez aula, acho que Feu fez aula de canto, mas eu no violão era uma coisa muito mais de sentimento mesmo, de ver os outros tocando, mas eu tenho muita dificuldade no instrumento ainda. Não sou uma instrumentista não. Acho que é muito mais sentimento que execução mesmo, no meu caso.

7. Como foi o convite pra entrar na Lucy in The Sky?

Na Lucy in the Sky... Tinha Ana e Carol, que eram as meninas da... eu era primeiro ano, elas eram oitava série. Era isso? Era. Não, eu era oitava, elas eram sétima série. Agente era muito pequenininha, Meu Deus! E elas tinham vontade de fazer uma banda e sabiam que eu tinha alguma noção do instrumento, mas elas achavam que eu tocava bem porque eu andava com essa galera da música então elas me convidaram pra fazer a banda. Chamaram: “Você quer fazer a guitarra?” Eu falei: “Bom, vamos. Quero”. Agente ficou um ano enrolando que nem a Flauer. Enrolando, enrolando, enrolando até que um dia elas me chegaram com um repertório de caneta verde, umas trinta e duas músicas de caneta escritas assim (interrupção) Ai elas chegaram com o repertório todo pronto lá, escritinho. Era basicamente Green Day, Nirvana e Pearl Jam.

8. Cover?

Era cover só né porque agente não tinha se juntado ainda pra escrever música. Eu gostava de fazer algumas viagens no violão, mas não... não era nada de... não era composição ainda. Ai agente foi pro estúdio e tocou. Dessas trinta e duas músicas agente tocou três ou quatro, mas foi massa assim, ai começou essa vontade de fazer a coisa dar certo mesmo e ai agente começou a ensaiar, ensaiar, ensaiar. Era eu, Ana, Carol e Tiago. Tinha o baterista menino e daí foi agente gravou CD e tudo.

9. Ter mais meninas foi uma contingência ou uma determinação?

Foi uma contingência eu acho. Agente não pensou não “vamos fazer uma banda de meninas”, também porque tinha Tiago que era menino e naquela época tinham meninas bateristas? Deixa eu pensar. Não tinham meninas bateristas, mas tinham meninas que poderiam virar bateristas porque naquela época todo mundo muito novo então não tinha essa coisa tão rígida de “tem que saber tocar já”. Até porque agente teve outras bandas depois com outras meninas bateristas. Com a mesma formação da Lucy, mas com outra menina na bateria, mas não era assim essa vontade não: “vamos fazer uma banda de meninas”. Não, vamos tocar.

10. Porque a guitarra?

Porque a guitarra? Eu sempre gostei muito do violão porque é um instrumento que você tem uma possibilidade de levar ele pra mais lugares e estar com ele em mais lugares e você pode tocar em casa. Acho que é mais fácil. Acho que a guitarra também muito pela questão do meu irmão. Acho que influenciou muito isso de meu irmão tocar guitarra, meu irmão tocar o violão e ter acessível na minha casa os instrumentos então acho que nisso né me direcionou um pouco pra guitarra. Mas sempre gostei muito de baixo também, apesar de não tocar nada, acho lindo e eu quando era menor, quando tinha uns nove mais ou menos eu quis tocar piano. Agente tinha até um teclado em casa. Aprendi com revistinha algumas músicas, mas nada assim que eu sei tocar, não sei, sabe? Não faço idéia. Eu sabia tocar aquela “eu sei que vou te amar” só, de revistinha mesmo... mi mi mi mi. Até hoje eu lembro. Era massa, mas eu só tocava ela também.

11. Em quantas bandas você tocou?

Toquei em mais bandas. Eu toquei na Lucy in The Sky, foi a primeira banda que eu tive, toquei na Flauer, toquei na Bitter Kiss, que era uma banda de garotas também (que era toda de meninas). Ai eu acho que já teve um pouco mais a vontade de fazer uma banda de mulheres. Acho que na Bitter Kiss teve mais esse viés assim na hora de escolher as integrantes. Toquei na Orbital Fuzz que era uma banda mista, toquei na Projeto Paralelo, que era uma mistura da Flauer com a Lucy, era eu, Félix, Carol e Ana, mas era uma banda mais assim de brincadeira, acabou virando o laboratório de algumas músicas da Flauer e toquei na Bem Já que era uma banda... era uma banda dupla, era eu e Leo, que era meu namorado.

12. Em algum momento teve de trocar a guitarra por um outro instrumento?

Não. Todas as bandas foi guitarra.

13. Tocar é um hobby ou uma profissão?

Tocar um instrumento é um hobby ou uma profissão? É uma paixão. Pode ser? (risos). Eu acho que tocar um instrumento é uma... pra mim seria um hobby nesse momento. Vejo difícil ter, tocar um instrumento como uma profissão porque profissão ainda... a profissão pode ser uma coisa leve também. Profissão com agente vê normalmente é uma coisa meio né, meio rígida, tem que fazer aquilo por obrigação. Pra mim tocar um instrumento é uma forma de... de de manifestar coisas que agente esta vivendo, formas de expressar mesmo um sentimento. Acho que nem profissão, nem hobby. É simplesmente é, não sei.

14. Aspirou à profissão de roqueira?

Quando agente começa né a fazer a coisa e ver a coisa acontecendo, você começa a... a ter músicas que são suas, não suas sozinhas, mas suas na banda, quando você começa a ver o trabalho acontecendo vem a vontade de que aquela mensagem, que aquilo que você está fazendo chegue pra mais pessoas, então vem a vontade de viver disso, de viver de música, mas assim de de... sim já passou pela minha cabeça “viver de música poderia ser bem legal”, seria uma opção, mas não sei se seria viável.

15. Isso ainda passa pela sua cabeça?

Passa ainda.

16. Quais as bandas e os artistas que te influenciaram?

De ter um modelo como postura em frente ao público eu não tenho muito não, mas tem várias influências. Você escuta muita coisa e isso vai repercutir no seu som, vai repercutir no seu visual, vai repercutir na sua música (int) você lida com o mundo tanto da música quanto fora da música também. Essas influência elas vão chegar na sua forma de se expressar, então tem bastante influências, tem muita coisa ainda mais que você vai assim amadurecendo e vão chegando novas influências e vão chegando tanto no seu som quanto na sua maneira de interagir com o mundo, mas assim especificamente bandas?

17. O que escutava quando começou?

Quando eu comecei a me interessar por música... Assim quando eu comecei a tocar em banda. Pronto, porque se eu começar a pensar em música eu vou pensar lá no... quando eu comecei a tocar em banda tinha uma veia muito rock, muito punk, muito grunge. Eu gostava muito de Nirvana, gostava muito de Green Day, gostava muito de MXPX, gostava de Racer, gostava de umas bandas assim... muitas bandas do exterior também que naquela época agente tinha a questão de pesquisar banda. Era bacana conhecer aquela banda que ninguém conhecia. Hoje eu acho isso meio bizarro assim, mas naquela época era legal você correr atrás, saber qual era a banda que estava aparecendo lá fora ou aqui no Brasil. Isso dava um status, tipo assim “você conhece aquela banda?” (...) Então era uma coisa que fazia parte de você e do seu grupo, sabe? Quando tinha alguém de fora que conhecia banda também ou você sentia uma coisa assim “ele é do grupo” ou você sentia “porra, esse cara conhece a banda”, mas tiveram muitas influências, mas aos poucos você vai amadurecendo e conhecendo outras coisas. Hoje eu gosto muito...

dessa parte mais de MPB, de samba e tive muitas outras influências (int) sempre gostei muito de Mutantes, de Raul, da Tropicália, do Tom Zé, sempre tiveram assim passeando pela minha formação como música, mas nesse comecinho mesmo era mais rock.

18. Utilizava álbuns, discos para praticar em casa?

Solo eu nunca me interessei muito, por incrível que pareça, mas eu escutava assim. Eu pegava muita revistinha, pegava as revistinhas e tentava tirar a música cantando junto ou então ouvindo o CD mesmo, mas solo assim eu nunca parei pra tirar não. Nunca me interessei muito, meu lance era mais a base mesmo, era a criação de outras coisas, mas hoje eu tenho mais esse interesse de tentar aprender a tocar guitarra nesse sentido assim, que eu sou guitarra base né (na Flauer). A solo é o outro garoto.

19. Havia outras pessoas aprendendo enquanto você também aprendia? Trocou muita figurinha?

Bastante. Eu aprendi assim na verdade. Eu aprendi... quase tudo que eu sei eu aprendi com outros, não aprendi de revistinha, não aprendi de site, aprendi mais com essa troca mesmo. Félix mesmo, a gente aprendeu quase na mesma época a tocar violão. Eu lembro de eu ensinando “About a girl” (do Nirvana) pra ela, foi uma das primeiras músicas que ela tocou no violão e agente tocava junta. Carol também teve essa importância muito grande, Leo também, Dudu meu irmão, enfim, tinha uma galera que era muito aquela coisa de rodinha de violão, “vamos sentar pra tocar violão”, então agente aprendeu muito junto mesmo. Nessa época acho que muita gente estava entrando nesse mundo da música no Vieira.

20. Eram muitas garotas fazendo isso?

Sim. Não muitas. Não muitas comparadas ao número de meninos que tinha. Acho que devia ter o que? Umas seis bandas de menino e uma banda, duas bandas de garotas. Acho que é uma coisa meio diferente assim, não acontece sempre não de você ter essa abertura para as meninas tão forte numa... A gente criou um momento no Vieira muito frutífero porque tinham pessoas muito bacanas naquele momento estavam lá. Todo mundo pirralho, a gente era muito novo, mas tinham umas pessoas com idéias boas, com vontade de fazer coisas novas, diferentes, acho que isso foi importante.

21. Sente-se confortável com a linguagem?

Nenhum pouco confortável pra falar a verdade. É como eu te falei eu nunca tive essa iniciação teórica na música, essa questão de conhecer a música de um outro lado mais teórico mesmo, de estudar aquela coisa mais a fundo então eu não me sinto muito à vontade não. Se um baterista virar pra mim e falar: “lá maior” eu vou falar: “sim, e depois?” (risos). Mas é uma coisa que é para ser trabalhada. Engraçado que de vez em quando eu me percebo... eu percebo que conheço essa linguagem meio que por osmose, algumas coisas sabe? Eu consigo circular nesse meio de um jeito à vontade, não 100% à vontade, mas eu consigo passear por esse meio musical apesar de não ter esse suporte que eu acho que seria importante, que eu acho que é bom, acho que se eu tivesse a oportunidade de voltar no tempo eu teria me dedicado muito mais ao instrumento, dedicado muito mais tempo ao aprendizado do instrumento. Mas assim não me sinto confortável com a linguagem 100%, mas acho que consigo né... transitar por ela.

22. Como foi lidar com o aparato técnico?

É engraçado porque eu nunca parei pra pensar muito não, sabe? Foi surgindo assim “vamos lá, vamos testando”, mas é também uma coisa que falta ainda em mim como música, de ter mais intimidade com o instrumento, intimidade com os equipamentos. Às vezes eu me bato bastante, assim: eu vou ligar uma pedaleira e boto o som e tiro o som e penso ‘porra, não está legal, sabe?’ e eu não sei o que fazer exatamente para ele ficar bom, tanto que Daniel me ajuda um bocado, outras pessoas também ajudam, até nos shows mesmo, sei lá, eu arrumo a pedaleira de um jeito ai vem alguém e dá uma sugestão. No final das contas o som fica como eu quero, mas assim, tem muita gente que mete o bedelho mesmo e que sugere (risos)... É um processo mesmo de aprendizagem, de você criar essa intimidade com o instrumento. Eu lembro que, assim, eu sempre fui... não fui preguiçosa em relação a música não, mas eu tinha uma outra relação, sabe? Eu lembro que meu irmão, ele... Nossa, quando ele começou a aprender violão era o dia inteiro! Era na mesa tocando violão, era no banheiro tocando violão, era assistindo televisão tocando violão. Eu ficava chateada, era ‘pô, deixa eu assistir televisão’ e ele tocando violão (rs). Com Leo (ex-namorado) também. A gente morou junto uma época, que era o tempo inteiro ele tocando, com o violão na mão, agente conversando e ele tocando e eu não tive muito isso. Acho que meus momentos com o instrumento eram mais introspectivos, acho que eram mais momentos pra mim do que para o outro. Eu não tinha muito esse negócio de ficar tocando para os outros, eu gostava muito de ter o instrumento como uma maneira de ter um momento eu comigo mesma, momento de se expressar e entender seus sentimentos. Eu sempre compus muito sozinha no quarto fazendo um monte de música.

23. Esse isolamento foi por opção própria?

Opção própria. Eu tinha muita vergonha, acho que eu tenho um pouco de insegurança, até talvez por essa relação que eu tive com duas pessoas que tocavam muito, que eram meu irmão e meu namorado - que me intimidaram, sabe? Assim de você saber que tem alguém que, de certa forma, vai estar ali fazendo uma avaliação do que você está fazendo, tanto que no começo quando eu comecei a tocar guitarra eu tocava baixinho, tocava muito baixinho. Tipo, eu baixava a guitarra pra... enfim. Mas eu estou trabalhando isso bastante. Já está bem melhor. Eu aumento minha guitarra agora (risos).

24. A formação de bandas femininas é tão natural quando a de homens?

Acho que é um pouco diferente. Tem uma... uma... é um certo desafio maior você conseguir juntar meninas pra fazer um som. Tem um certo preconceito. Ao mesmo tempo em que abre um espaço, né de falar: “pô, banda de meninas, coisa diferente”, tem um preconceito muito grande de achar que mulher não sabe tocar, de achar que mulher, tipo, as músicas não são boas, de achar que está ali porque é bonitinha ou está ali porque né alguém está afim e não por causa da música mesmo. Isso é um estigma que agente carrega e que é bacana ter a oportunidade de desconstruir, mas que sabe, às vezes você fica meio chateada de conviver com isso. De ver que pô, você está ali fazendo a sua música pela música e porque você tem aquela paixão por isso e tem gente que está achando que você está fazendo aquilo ali por outro motivo. Tem muito esse preconceito em relação à banda de meninas ou que você não é capaz de fazer.

25. Reação dos pais?

Meu pai e minha mãe se amarraram (risos). Não lembro de nenhum problema com os meus pais. Absolutamente nenhum. Eles só não gostavam que eu fosse nos bares. Quando eu tinha, tipo, quatorze anos eles não deixavam não. A primeira vez que eu fui no Idearium, que era um bar da época que era **o lugar** (ênfase) assim da galera jovem roqueira eu fui com uma tia, de presente de quinze anos (muitos risos). Era assim... rock era do colégio, você fazia o som no colégio, tocava no Viera Rock, mas assim sair pra noite para ir ver banda era complicado porque eu era novinha também e meus pais tinham esse cuidado assim até porque tem esse estigma do rock também né, de drogas, de a galera porra louca, mas aos poucos agente vai ganhando a confiança e mostrando que não é bem isso, mas em ralação à banda eles sempre apoiaram muito, tanto a investimento também, tipo instrumento, quando eu fiz aula, eles pagaram as aulas e nunca tive nenhum problema em relação a isso não. No começo eles iam a alguns shows, hoje em dia eles não participam muito mais dessa parte não, mas no comecinho acho que eles iam muito mais pra proteger, sabe, pra ver o que é que tava rolando, mas eles sempre apoiaram bastante. Meus pais não tiveram nenhuma resistência não.

26. E com relação a tocar nesses lugares?

Isso foi depois dos quinze anos. Que eu entrei na Lucy no primeiro ano, eu tinha quinze. Agente começou a ensaiar acho que em março, foi logo quando eu fiz quinze anos e ai era mais fácil, engraçado que as meninas eram menores, mas as mães delas liberavam já. Mas agente tocava bastante, tocava no Idearium, tocava no Vieira, tocava no Sindicato de não sei o quê lá, tocava... a Lucy tocou bastante assim.

27. Depois de entrar no mundo da música houve alguma mudança nos hábitos de ouvir?

Completamente. Eu lembro de quando meu irmão começou a tocar, eu estava conversando com ele, a gente ouvindo uma música e ele falava: “Mila, olha o baixo dessa música” e eu falava: ‘Caramba, não estou ouvindo nada, pra mim é uma massa junta (risos) e eu não sei o que é baixo, não sei o que é bateria, não sei o que é nada’. Eu escutava e era tudo uma música, não tinha essa separação, mas aos poucos eu percebo assim... hoje eu consigo distinguir se não todos, quase todos os instrumentos. Eu sei quando tem um instrumento diferente, sei quando um violão está tocando, sei quando é que é um baixo, sei quando é uma guitarra, mas logo no comecinho era, sabe, uma coisa única, uma massa, não tinha um instrumento que ia tocando, era como se estivesse ali tudo junto mesmo e isso você aprende mesmo ouvindo, depois que você começa a tocar também. Em banda você vai vendo: bom, se a guitarra faz isso e o baixo faz aquilo a gente tem que estar casado, sabe, a bateria tem que casar com o baixo, a voz tem que estar no tom, então você vai entendendo que tem uma dinâmica ali que eles têm que estar bem engajados, os músicos, os sons dos instrumentos tudo direitinho pra ficar um resultado bom.

28. E como são as críticas?

Acho que a gente em relação a isso é bem tranquilo. Acho que a gente respeita muito o espaço um do outro assim, mas quando tem alguma coisa que a gente realmente vê que não está legal ou que está destoando ou que está fazendo alguma coisa que ta fora a

gente tem muita liberdade de falar também, mas sempre com muito... com muita naturalidade. Eu ia falar com muito carinho, mas não é não é naturalidade mesmo, não tem essa questão de ter muito dedo não, sabe. A gente fala: “pó, não está legal porque você não faz isso, porque não faz aquilo”, mas respeita muito a opinião do outro também, (int) tipo, se eu estou fazendo alguma coisa tronxa e alguém falar pra mim “Ta ruim” e eu falar “ta massa, eu estou gostando” até que elas me convençam eu... sabe, a gente se dá ao direito de fazer... cada um né. Assim, tipo, cuida do todo, mas assim cada um cuida do seu e o outro influencia claro, fala e conversa. Tanto que quando Daniel entrou na banda foi bem bacana porque ele veio com uma visão de fora e muita coisa mudou desde que ele entrou, sabe, e foi um processo muito saudável, não teve nenhum desgaste assim de alguém falar “pó, não se meta no meu instrumento”. Sempre foi muito assim: “Realmente fica melhor na música” ou então “Pô, não fica legal”. Várias vezes que eu dou uma idéia mesmo doida ai a galera fala: “Não Mila, nada haver”, eu falo: “Pó, mas ia ficar legal” e “Não, nada haver” e eu: “Tá, ta bom”. Ou então eu dou uma idéia e todo mundo fala “massa” ou então alguém dá uma idéia e todo mundo fala “bacana”, sabe. Então é tranquilo. Críticas construtivas rolam na banda o tempo todo.

29. Vocês têm uma líder? Você acha que precisa?

Eu acho que... assim, dizer que a gente tem uma líder é complicado porque a gente tem uma democracia, a gente está dentro da banda, todo mundo dá opinião e todo mundo né se implica mesmo nisso, todo mundo se vê ali e se sente pertencente daquilo então todo mundo se sente no direito de opinar e de falar. Mas acho que esse espaço de liderança é uma coisa que vai acontecendo naturalmente pela própria forma que você se coloca frente às coisas então acho que sim, acho sempre tem uma pessoa que se destaca mais - para o público principalmente. Eu acho que na Flauer, seria Feu, eu acho que ela tem essa imagem de... principalmente por ser vocalista e ela toma a frente muito de marcar os ensaios, mas acho que isso fica bem distribuído, não fica tão destoante, assim a líder (ênfase) (int). Acho que é conjunto mesmo, mas acho que pela própria questão de ser a vocalista e pela forma que encara também acho que teria assim um destaque nesse sentido. Acho que é uma coisa natural.

Eu acho importante que tenha - não precisa nem ser da banda - mas acho importante que tenha alguém que cuide dessa parte de show, dessa parte de contato, essa parte de marcar ensaio, que cuide dessa parte mais burocrática para que a banda tenha mais tempo e mais tranquilidade pra cuidar da música, sabe. É uma coisa que a gente sente falta também. Tem Dira que ajuda a gente um bocado, que é uma amiga da gente que é da Flauer também. A gente diz que Lu e Indira que são duas amigas da gente são da banda também e efetivamente são. Não tocam nenhum instrumento, mas são da banda. E agente sente falta disso. Eu acho que é importante sim alguém que tome a frente mesmo e faça acontecer porque se não a gente se envolve com outras coisas e fica difícil de dar continuidade a banda assim.

30. Presença de estranhos nos ensaios?

Normalmente nos ensaios estamos nós. É engraçado que antes quando a banda era só menina, não tinha Dan ainda e Carol ainda era da banda era muito mais nós mesmas que acaba que os ensaios viravam um lugar de mais coisa além do ensaio, sabe, agente conversava, agente trocava idéia, agente ria, não é. Hoje continua assim, mas acho que na época que era só menina tinha essa facilidade maior ainda, mas assim de vez em quando vai um namorado, vai uma amiga, vai alguém que vai fazer uma monografia

(risos). E é bacana sabe, eu acho que agente deveria levar mais gente porque agente consegue ver a reação das pessoas em relação à música e isso é bom, assim a opinião de pessoas que estão nesse meio e estão envolvidas e que sacam um pouco tanto da banda quanto de música, acho que é legal ter o feedback, mas geralmente os ensaios são só nós mesmo. O ensaio acaba sendo um lugar bastante assim particular e bastante íntimo da banda mesmo tanto que eu falei esse negócio de Carol, mas agente se sente muito à vontade com Daniel já, sabe. Virou um ambiente íntimo assim de falar tudo o que quiser e às vezes o ensaio não é só pra ensaiar é pra outras coisas também.

31. A presença dessas pessoas cria desconforto?

Posso falar assim por mim e acho que pelas outras também. Tem momentos em que a gente se sente bem intimidada pela presença de outras pessoas porque você está ali produzindo a coisa, não tem nada pronto, você não está num show mostrando o resultado de uma coisa que você construiu, que você pensou (int) então as coisas estão nascendo ali ainda e intimida um pouco né quando tem alguém de fora assim que não está naquele processo desde o começo. Assim, é legal porque você tem o feedback, você tem uma opinião de alguém, às vezes tem sugestões que são bem-vindas, mas muitas vezes também você fica desconfortável com a presença de outras, acho que rola isso. Eu sentia isso muito antes, hoje em dia me sinto um pouco mais segura, mas logo quando eu tocava na Lucy in The Sky, de vez em quando ia mais gente que quando chegava o pessoal eu travava. Hoje em dia também eu ainda travo um pouco, mas travo bem menos. Hoje em dia eu já entendo que, de vez em quando, é bacana ter alguém de fora pra dar uma opinião de quem está de fora mesmo. Acho que é isso, acho que agente se intimida um pouco, não flui com tanta tranquilidade e naturalidade quanto fluiria quando agente está sozinho, mas também não é um peso tão grande.

32. Conduzem a banda com alguma ajuda?

Hoje a gente tem Dira que ajuda a gente com essa parte de produção, mas acho que a produção maciçamente ainda é feita por nós mesmas, tanto os contatos pra show. Dirá é banda também então ela faz, mas acho não tem essa questão ‘a produtora’, agente não pode se esquecer disso tudo. Acho que está rolando um processo agora de mudar isso agora, acho que ela está pegando isso mais pra ela assim de fazer, mas é a gente ainda que alimenta o site, agente alimenta fotolog, agente alimenta o orkut, agente faz os contatos, a gente faz os contatos pra show, a gente marca show, a gente negocia o show, a gente convida o pessoal pro show, então todo esse processo é feito por nós mesmos porque é estar no espaço alternativo né, é ter uma banda alternativa, é ser uma banda que está fazendo tudo tipo ‘do it yourself’, faça você mesmo e a gente segue um pouco esse caminho mesmo, mas como eu te falei agente sente um pouco de falta disso, de se concentrar em outras coisas e isso estar na mão de alguém pra fazer. Mas quanto a música agente não conta com a ajuda de ninguém não. Nós mesmas fazemos, tanto a parte de letras, quanto a parte de música mesmo. Assim como já passaram diversas pessoas pela banda, muitas pessoas já participaram desse som: Leo já passou pela banda, Marcelo já passou pela banda, foram dois guitarristas que ficaram nesse meio tempo entre Carol e Daniel e tiveram outras pessoas que influenciaram o som que agente toca hoje, mas assim dizer que alguém compõe ou a gente pega músicas de outros compositores não rolou não, agente faz mesmo as nossas próprias músicas, agente toca o que agente compõe.

33. No início faziam mais covers ou experimentavam sons?

No comecinho mesmo, lá em 2001 era uma banda cover, a gente fazia cover e foi começando a descobrir essa questão de compor, mas assim a Flauer de verdade, digamos assim, a Flauer como Flauer sempre foi autoral. Flauer depois desse comecinho que era ali conhecer os instrumentos, começar a entender o que era fazer uma música. Assim desde que a gente começou, eu diria em 2003, somos uma banda, somos a Flauer, não somos mais a Flauer Tildren, agora a gente é a Flauer sempre foi um movimento de músicas autorais. Quando a gente criou identidade de Flauer mesmo aí sim eram músicas nossas, composições nossas, com alguns covers, mas muito menos do que músicas próprias.

34. Quem é o responsável por compor as canções?

Todo mundo. A gente faz composição a dez mãos (risos). Todo mundo compõe. Assim muitas vezes chega alguém com uma letra ou com uma música, mas aí vai pro bolo mesmo e é assim 'você quer trazer traga, agora vai virar de todo mundo, sabe'. Até porque todo mundo vai mesmo mexer nela ali tanto na parte de conceito, quanto na parte de letra, quanto na parte de melodia, em tudo assim. É colocar na roda, sabe. Tanto que assim eu levei algumas músicas que hoje eu digo com total tranquilidade que não são minhas porque sabe ganharam uma outra forma, uma outra identidade, tanta coisa foi acrescentada, tanta coisa foi mexida, tanta coisa foi tirada que é da Flauer, é das dez mãos mesmo, somos nós dez ali fazendo o bolo, colocando no forno e repartindo depois porque virou de todo mundo mesmo.

35. Quem faz as letras?

Quando Carol tocava na Flauer, quando ela estava aqui em Salvador, ela trazia muita coisa. Tinha essa coisa... acho que Carol era essa fonte forte de músicas, mas hoje assim... Eu gosto muito de escrever, eu sempre tive esse gosto pela literatura então eu escrevo muito; Feu escreve muito também; Felix e Mari também escrevem, mas eu e Feu, a gente tem blog, então agente tem acesso ao que cada uma está escrevendo. Dan agora está chegando, mas está trazendo música nova também, então acho que essa parte de letras talvez comece aí, talvez comigo, com Feu, agora com Dan, mas Félix também tem música na banda, Mari também tem música na banda então, mas acho que... talvez que venha mais venha daí assim a sementinha, digamos, venha mais talvez de mim, de Feu.

36. Escrever e musicar só aconteceu depois da banda?

Sim, antes mesmo da banda. Escrever e musicar (int) isso desde a Lucy. Tanto que na época que Carol tocava também, esse cd mesmo que a gente lançou tem músicas que começaram com Carol, tem músicas que começaram comigo e tem músicas que começaram com Félix, tem uma 'mistureba' e as músicas novas acho que têm mais esse viés de ser composta por todas.

37. Escrever e musicar foi pós-bandas?

Escrever não, mas musicar só com banda.

38. Quanto tempo você disponibiliza para a música?

É engraçado isso porque eu faço muita coisa, eu faço duas faculdades, eu trabalho, mas às vezes eu me apercebo assim, que eu dedico muito tempo, sem pensar, à música, a Flauer, assim tipo, tanto de você estar pensando ou tanto de você estar ali na aula e escrever uma letra no caderno, tanto de ouvir música. Eu estou numa onda agora de ouvir muito samba 'pô eu vou ouvir samba, eu vou comprar o cd do Cartola, eu vou comprar o cd do Noel Rosa (...), ou alguém me indicou o cd de alguém. Então eu acho que eu dedico muito tempo, agora por semana vai ser difícil porque eu tenho tanta coisa pra fazer, mas acho que acaba permeando tudo.

39. Uma média?

Tem os ensaios. Os ensaios são três horas. Pro instrumento eu sou... eu sou preguiçosa porque eu tenho pouco tempo. Assim pra me dedicar ao instrumento eu tenho pouco tempo que eu saio de casa às sete da manhã e volto pra casa dez da noite, então eu pegar o instrumento durante a semana mesmo (...)é uma coisa que eu estou já coloquei na minha semana fazer aula de guitarra pra ter esse momento de ensaiar, de pegar mesmo aí é pouco. Então eu acho que sei lá três horas do ensaio mais a semana inteira, não sei... talvez umas cinco horas. Peraí, não mentira, que cinco horas. Eu não toco cinco horas de violão por semana não. Eu toco uma hora de violão e olhe lá. Quatro horas então (risos). Mas vai mudar...

A minha intenção, o que eu tenho vontade hoje é de tocar, pelo menos, meia horinha de violão por dia. Isso é uma meta que eu coloquei na minha semana... Está mudando eu estou menos preguiçosa pra entender o instrumento.

40. Você se sente confortável com o título de guitarrista?

Não. Eu não sou guitarrista. Não sou. Tenho certeza. Eu acho que pra você falar: “eu sou guitarrista” você tem que conhecer o instrumento, você tem que conhecer da teoria, você tem que conhecer da prática mais do que eu conheço. Tem que ter uma... uma relação com o instrumento muito mais forte e fundamentada e embasada do que eu tenho. Eu diria que eu gosto de música, gosto de tocar um instrumento, mas daí a dizer que eu sou uma instrumentista, que eu sou uma música seria um pouco de mais.

41. Você acha que a educação clássica é necessária?

Não. Acho que não é necessária não, mas ajuda. Eu acho que você ter essa oportunidade de ter essa formação... acho que ela pode enrijecer um pouco, mas acho que ela pode ajudar também, mas acho que é interessante você ter uma formação de algum lugar. Você pode nunca ter tido uma aula de violão, mas ser um guitarrista de verdade, isso com certeza você pode, mas eu não estou nesse patamar ainda não, mas você pode também estar só no popular e ser um mega músico, e você não precisa exatamente da formação clássica propriamente dita – erudita. Você tem outros caminhos pra se tornar um músico.

42. A banda pra você é um projeto efetivo? É isso que você quer fazer pro resto da vida?

Eu quero ter a Flauer pro resto da vida porque a Flauer além de uma banda é um espaço pra estar com as minhas amigas, com as meninas que são, eu diria, que as minhas melhores amigas. É uma coisa meio que de pirralho, mas é verdade. Eu tenho um sentimento assim de manter essa relação. Então eu espero que a Flauer terceira idade exista. A gente até fica brincando que quando se aposentar vai pintar um ônibus e vai sair tocando. E eu espero que isso aconteça, mas assim dizer que é um projeto de vida, assim vou largar tudo pra cuidar só da Flauer acho que seria um pouco arriscado agora, eu acho que não dá pra fazer essa escolha assim tão forte. Tem que ter outros caminhos, outras possibilidades até pra poder manter a Flauer porque se a gente escolher, por exemplo, a Flauer como uma opção de vida e não der certo ai acaba sabe e eu não queria que acabasse, acho que a gente vai meio por esse meio de buscar outras alternativas, outros caminhos. A Flauer é um hobby não é uma profissão.

43. Você consegue se ver vivendo de música?

Só de música?! É porque eu faço tanta coisa ao mesmo tempo... mas vejo sim. Assim, não sei se eu vejo efetivamente, mas eu gostaria, não seria uma coisa ruim não, pelo menos um tempinho assim, fazer umas turnês e divulgar e viver mais nesse mundo mesmo, mas eu acho que não é um projeto agora não. A gente meio que tem a banda como uma forma de estar junto, uma diversão, um hobby, uma coisa, um extra, sabe, além das coisas todas da vida, todo mundo faz faculdade, todo mundo estuda, todo mundo está se encaminhando para o mercado de trabalho então, acho que é por ai.

44. O tempo passado com o namorado reduz o tempo passado com a banda?

Namorados e bandas, vamos lá. A relação da Flauer com namorados e bandas é interessante. Bom, a Flauer já teve dois namorados na banda e não foi uma experiência que a gente quer repetir porque tem o risco do namoro acabar e ai prejudicar a banda e tem o risco também de alguma coisa dar errado em relação ao namorado com a banda e ai atrapalhar no namoro, mas assim rola né quando você começa a namorar geralmente você dispõe mais do seu tempo pra esse relacionamento. Então muitas vezes a gente vê, sei lá, 'x não pode ensaiar porque tem festa da sogra ou não sei quemzinho não pode ensaiar porque vai viajar com o namorado', mas assim acho que é bem distribuído, acho que a gente nunca se sentiu incomodado a ponto de falar: "pó, você só dá atenção pro seu namorado". Não, sabe. Sempre foi uma coisa que a gente respeitou também até porque todo mundo namora e todo mundo sabe que é legal namorar, que a gente normalmente dispõe certo tempo quando a gente entra num relacionamento, a gente quer estar com a pessoa. De atrapalhar, atrapalhar, só quando começa a ser muito assim sabe, 'pó todo dia tem uma festa de alguém', mas normalmente não. Reduz um pouco o tempo, mas acho que reduz pra tudo. Quando se começa um relacionamento logo no comecinho você reduz o tempo de família, de estudo, de tudo né porque você fica naquela coisa meio... a paixão deixa a gente meio fora assim.

45. Eles reclamam o tempo destinado à banda?

Já aconteceu tanto na Flauer quanto em outras bandas de namorado não gostar muito da idéia ou ter críticas ou... não tanto do tempo destinado, mas aos caminhos da banda: "o quê é que você quer com essa banda?" ou "pra onde é que você está indo com essa banda?" ou então ficar meio puto porque quando você saí do palco vem alguém falar e a banda acaba que é um... assim quando alguém quer chegar em alguma menina da banda

eles usam a banda como pretexto pra chegar na menina. Meio que a banda rola de pretexto, tipo, “vou no show da sua banda” e a gente fala “pó, esse cara está paquerando não sei quemzinho”, sabe. Então rolava, assim rolou, acho que com todas nós, em algum momento de algum namorado que tenha ficado meio “pó (int)...” (insatisfeito).

46. As conversas tomam muito tempo dos ensaios?

Já tomaram mais, mas tomam. Tomam porque o ensaio tem esse objetivo também, o ensaio não é só... e até porque eu acho que isso vai estar no nosso som, isso aparece nas temáticas das letras, isso aparece na forma que agente compõe, na emoção que agente transmite na canção. Então assim, tem muito espaço de conversa nos ensaios, mas acho que não chega atrapalhar não. Mas, acho que aos pouquinhos você vai... sabe tendo mais músicas é uma coisa que você vai tendo menos espaço pra isso e agente acaba saindo depois – o que é bom (risos). Acho que agente está conseguindo separar um pouquinho melhor os espaços da banda e os espaços da amizade, apesar de estar tudo interligado o tempo inteiro.

47. Os problemas são levados para o ensaio?

Sim, consegue. Consegue sim. Tanto em ensaio quanto em show. Assim eu posso falar por mim, os shows que eu não estou bem eu rendo muito mal. Teve um show que a gente fez que eu estava em outro mundo e as meninas sacam isso e te acolhem sabe, não rola um estresse não. (int) Quando alguém está com algum problema isso transparece assim, concentração, na empolgação, no sorriso, no jeito de tocar, às vezes toca com mais dor assim. Acho que transparece sim, aparece e a gente cuida disso.

48. Como descreveria o público da banda?

O público da Flauer começou com os amigos. Eu vejo muito isso assim quando agente começou logo, até bem pouco tempo atrás eram os amigos da banda que é uma coisa que eu acho que é muito comum quando você tem uma cena tão restrita como é aqui em Salvador. Acho que no começo era muito assim ‘ah, chama não sei quemzinho’ e os amigos iam e gostavam, tanto pelo som, mas também pela amizade. Mas eu começo a perceber que tem pessoas nos shows agora que não vem desse lugar de amigo; foi conhecer a banda mesmo e muita gente que vem comentar que agente não conhece que curtiu o som e que gostou acho que porque agente está criando uma identidade maior mesmo, arredondando mais essa parte da música e eu acho que isso começa a atrair pessoas a quererem conhecer o som e gostar do som e tal, mas acho que tanto meninas quanto meninos - nosso público não é exclusivamente feminino que, por exemplo, a gente vê... na época que eu tinha quatorze, quinze eu me amarrava na Penélope e eu lembro que o público dela (...) porque eu estava nesse público, tinha muita menina nova que curtia e eu não vejo muito isso na Flauer, não sei se é porque agente não chegou no grande público ainda. Pitty mesmo, muita gente fala isso, que o público dela é composto principalmente por meninas entre 9 e 15 anos, que eu acho que não era o público que ela imaginava atingir e que não era o público que ela atingia quando ela tinha outras bandas aqui em Salvador nesse cenário né. Então acho que o nosso público hoje em dia ele é feito por essas pessoas dessa cena alternativa de Salvador. É misto, acho que é jovem. Agora com clipe, com cd está atingindo outros públicos, mais diversificado, mas eu acho que é mais o público jovem mesmo.

49. Quais locais costumavam tocar?

Assim agente tem uma deficiência muito grande aqui em Salvador de espaço pra tocar. Assim, de você ir para um lugar e estar confiante de que vai dar tudo certo, que o som vai ser bom, que vai começar no horário, que vão cumprir o acordado. Muitas vezes agente ou outras pessoas que estão na mesma situação como banda tem que produzir o seu show, tem que ir lá e bater na porta e ‘pô, deixa agente tocar ai agente divide bilheteria’, então agente meio que tem que pedir pro pessoal do bar pra tocar e não o pessoal do bar procura as bandas pra tocar assim nesse cenário rock. Meio que agente produz os shows. Isso tem mudado um pouco, eu começo a perceber que aos pouquinhos vão surgindo espaços, vão surgindo produtores pensando nessa linha assim, mais ainda tem muito isso de agente ter que produzir, da gente ter que fazer e os espaços são os bares do Rio Vermelho – esse cenário do rock daqui de Salvador.

50. Quais aspectos positivos e negativos do estar junto numa banda?

Bom, tem muitos aspectos positivos. Acho que você estar num espaço criativo com outras pessoas que comungam da sua linguagem, que comungam das suas idéias, dos seus idéias, da sua mensagem e você poder transformar isso em algo pra passar para um todo, pra jogar pro mundo, sabe, isso... é muito bacana. Dá uma satisfação muito grande você chegar lá e sair com a música e fazer um show e, cria uma identidade também com a comunidade; é Feu da Flauer, é Mila da Flauer. E é bacana porque é uma coisa que agente acredita, que agente se orgulha de fazer parte. Tem mais aspectos positivos, de você nutrir essa amizade, de você estar o tempo inteiro com pretexto, com motivo de estar se encontrando, de estar caminhando e fazendo crescer essa amizade porque quando agente saiu do colégio cada uma foi para um caminho diferente, então a Flauer é meio que um porto seguro; é um lugar pra gente se reunir e tem mais pontos positivos, de você... Bom, você conhece muita gente através disso, você conhece muita gente que tem essa mesma filosofia e você pode passar uma mensagem que vai atingir as pessoas e pode ser uma mensagem boa, sabe. Eu acho que isso é bacana também. É um espaço que você tem, além de ser um ambiente mesmo de você se sentir bem, de você estar feliz, de você estar ali fazendo uma coisa bacana e se orgulhando daquilo. Agora, aspectos negativos de ter banda tem também, sabe, você está exposto, você se expõe a crítica, você se expõe a pessoas que virão com ofensas, você se expõe a pessoas a algumas coisas que deixam você meio ‘pô, chato, agente está fazendo uma coisa tão na nossa sem intenção nenhuma de fazer mal a ninguém e vem uma crítica que muitas vezes não é construtiva’, tem muita crítica destrutiva. E tem também a relação, as vezes a relação em banda da muito certo, as vezes não dá certo não e ai é complicado quando você tem uma amizade que na banda não dá certo e isso acaba mexendo na amizade. Às vezes você percebe que tinha aquela pessoa que é amigo, é brother, mas quando chega a hora de ter uma banda, as idéias foram tão divergentes que é difícil manter aquilo como era antes. Rola também quando termina a banda – é chato pra caramba porque você fica meio... é que nem terminar relacionamento, só que você termina uma relação de cinco pessoas. Você sofre um pouquinho.

Quando você se coloca na banda, se implica na banda e por algum motivo a banda termina, ou alguém vem com uma crítica que você não aceita isso mexe nas relações.

51. Existe discriminação de gênero no rock?

Existe. Existe sim discriminação, existe preconceito, existe essa questão de pré-julgamento mesmo e de estigma: “Ah, é banda de menina” ou “Toca bem pra uma menina” ou “Pô, foi a menina que fez?” ou, sei lá, “É um bando de puta”, sabe, a gente já escutou muito de quando a gente era mais nova e até hoje também, tipo, na semana passada a gente foi chamada de vagabunda porque agente apareceu no Varela. Eu lembro logo no começo da Lucy mesmo que agente ia tocar e ai gritavam (algum idiota), tipo “gostosa” ou alguma coisa tipo... Semana passada no último show que agente fez lá na UFBA chegou um cara pra Feu depois na internet falando: “É muito boa... a banda... também”. Coisas desse tipo acontecem, querer... é uma forma de agredir você chegar e falar ‘Pô menina não vá fazer música não porque o seu lugar não é na música, seu lugar não é no palco, seu lugar não é ai, você está aí porque você é gostosa e não porque você tem capacidade ou porque você faz som ou você tem uma mensagem pra passar”. Então rola muito isso assim, agente sente ainda... desse preconceito e de pessoas que agredem mesmo, que levam pra um lado que não é bacana, que nem escutam a banda, que nem escutam o som e já vão pré-julgando ou com comentários que parecem suaves, mas que na verdade são permeados de preconceito, como esse de “Toca bem pra uma menina” ou “Ah, é a banda das meninas”, tipo, “Vamos chamar porque é a banda das meninas e chama gente”, sabe, e não é a isso que agente se propõe. Nós não somos uma banda de meninas, nós somos meninas e somos uma banda. Rola bastante preconceito ainda

ENTREVISTA COM CAMILLA GARCIA, GUITARRA-SOLO DA APNÉIA

Realizada em: 01/11/07

1. Como surgiu o interesse pela música?

O meu interesse pela música começou quando eu tinha uns dez, onze anos que a gente sempre ia para a igreja dia de domingo, eu e a minha mãe, e aí eu via sempre uma moça que tocava violão e achava super bonito ela tocando, mas nunca pensei que ia conseguir tocar um dia, nunca tive assim uma coisa de falar “Vou tocar violão um dia”. Ai eu achei bonito ela tocando e tal ai eu peguei falei “ta massa!”, ai passou uns anos, quando eu tinha uns treze, quatorze anos eu falei pra minha mãe que eu queria um violão. Ai ela falou: “Mas você vai querer um violão? Você nunca gostou dessas coisas de violão (...)”. Eu falei ‘Eu queria um violão’. “Tudo bem”. Ai me deu um violão, ai eu comecei a tocar totalmente sozinha, comprava aquelas revistas de cifras, ia nas bancas... eu tenho uma coleção enorme de revistas ensinando partitura, tablatura, todas essas coisas assim, ai fui aprendendo, aprendendo ai com quatorze anos eu comecei a aprender, quando eu fiz dezesseis eu pedi uma guitarra pra ela (sua mãe), ela falou “Tudo bem” e me deu ai passou uns dois anos eu tocando guitarra, quando eu fiz dezoito ou dezenove anos me adicionaram no MSN, no caso Kika, a guitarrista-base ai ela comentou comigo que estava montando uma banda. Já tinha a baixista, a vocalista e ela e ainda estava faltando baterista e a outra guitarra, que ela fazia a guitarra-base e precisava de uma guitarra-solo, se eu podia fazer. Eu falei: ‘eu toco guitarra tem um tempinho já, não tenho experiência com solo, mas vou tentar fazer’, ai a gente combinou, marcou ensaio, elas viram eu tocando ai eu fiquei. Ai começou a formação.

2. Como ela te descobriu?

Ela me adicionou no MSN. Uma amiga minha que deu meu e-mail pra ela, ai ela me adicionou e me perguntou se eu tinha interesse, ai a gente se conheceu no ensaio, elas gostaram ai arranjaram um baterista também, chamado Grilo ai tinha outra vocalista que era Ravela e essa formação ficou pouco tempo, quatro meses, ai um pouquinho depois saiu a vocalista, Ravela.

3. Quando foi isso?

Em 2005. A banda foi criada em janeiro de 2005. A gente chegou a fazer quatro shows com essa formação, ai no caso a gente tocou uma vez na Ucsal, na calourada de História, tocamos uma vez no Solar e ainda chegamos a tocar no Wet'n'Wild com essa formação. Então Ravela chegou a cantar ainda no Wet'n'Wild. Ela teve algumas divergências, estava querendo mudar o estilo um pouco, a gente pegou e decidiu que ela não ia ter como ficar porque ela queria um estilo mais gospel e a gente queria um rock mais normal, então ela resolveu sair ai ficou na dúvida quem ia assumir os vocais, eu ou Dinny, no caso porque as duas eram *backvocals*. Ela era *backvocals* e baixista, Dinny, então ela se saiu melhor cantando do que eu, ela já tinha experiência, já tinha feito aulas de canto porque tem músicos na família dela, o pai é baixista, o irmão é baixista de bandas boas e também têm experiência com isso então ela já sabia cantar um pouquinho mais e eu fiquei mesmo na guitarra. Ai teve que sair Grilo e entrou Luciano ai ficou a formação base, que foi a formação que mais durou da Apnéia: Dinny, Kika, eu e Luciano. E essa última formação a gente fez vários shows importantes, a gente tocou no Rock'N'Rio, o último. Um dos últimos shows foi super importante, a gente gravou um cd com cinco músicas da gente e o resto do repertório a gente completa com músicas cover. E as influências da banda são, a maioria, músicas nacionais: Barão Vermelho, Raul Seixas, Legião, Pitty principalmente, foi uma das maiores influências da banda, esses rocks assim que fazem parte do rock brasileiro não muito do rock de fora.

4. Quantos anos você tinha quando entrou na Apnéia?

Dezoito. Agora eu tenho 21. agora o baterista saiu, está meio difícil de arranjar outro, mas...Porque não é só o caso do baterista tocar bem, é o caso dele se adequar as musicas, ele tem que gostar de tocar as musicas porque as musicas são basicamente das meninas, ele tem que gostar do estilo das musicas, ele tem que ter prazer de tocar essas musicas, tem que ter vontade de criar musicas que sejam no padrão um pouco dessas. Então não adianta a gente querer que ele seja um boneco, uma marionete, a gente continue nossa banda e ele seja só um cara que está substituindo alguém , ele tem que ser um cara acoplado a banda,(...) então tem que ser um cara que realmente queira ficar ali, que queira levar pra frente.

5. Ter uma banda só de mulher foi uma contingência.

Não. Ô, a primeira idéia da Ápnea surgiu foi de Kika e Dinny que elas eram amigas já há um tempinho, as duas estavam tocando, respectivamente baixo e guitarra, então surgiu o interesse delas montarem uma banda, independente delas serem meninas, eu acho, porque se fossem dois amigos, uma menina e um menino eu acho que também ia surgir a idéia. Então elas não me falaram que queriam que fossem só meninas, eu não

sei se quando ela me procurou foi com esse intuito, mas acho que ela gostou da idéia de ter outra guitarrista-solo pelo menos menina e o baterista, como é um instrumento que... é um dos principais, é o que gera o ritmo da banda, a bateria depende muito do...entao eu acho que o baterista podia ser menino e as três ali meninas. Eu acho que teve interesse sim de Kika e Dinny na hora que elas foram montar de ter as meninas na frente, mostrar que menina também sabe tocar independente de....

6. Participou de outras bandas.

Nada.

7. Nunca tomou aula de guitarra.

Nada. Nunca tive professor nem caseiro, nem profissional. Nada. Eu até queria tomar uma aula porque tem uma hora da música que você tem que aperfeiçoar um pouco mais, tudo que você aprendeu sozinha já foi. Tem uma hora que você quer ir aprender realmente aquelas coisas clássicas que... Entao você não sabe por onde começar, você não tem um foco assim. Eu acho que tomar aula também é importante. Não recomendo a pessoa aprender só, totalmente sozinha, acho que tomar aula também é bom.

8. Porque você resolveu aprender sozinha.

Opção minha.

9. Tocar guitarra é um hobby ou uma profissão.

É um hobby.

10. Em algum momento sonhou em ser roqueira.

Passa com certeza. Passou sim. Eu sou uma sonhadora, sempre sonhei assim em tocar e eu acho que independente de a gente ter sucesso em rádio, alguma coisa assim, televisão, eu me sinto totalmente realizada de ter tocado em tantos lugares importantes pra tanta gente. Foi um sonho que eu já realizei independente de qualquer coisa que possa vir pela frente ai.

11. Quem te inspirou.

Eu digo assim que eu comecei a gostar de música quando eu era pequena, eu tinha uns onze anos,dez. A primeira música que eu comecei a gostar realmente é um cantor que não tem muito haver com a banda nem nada, mas é Gabriel Pensador, um rap, hip hop assim. Foi ele que assim eu comecei a gostar de música,comecei a prestar atenção nas coisas, comecei a gostar de outros estilos, ai depois eu fui começando a me interessar mais então acho que começou por ai o negócio da música. Ai depois eu comecei a gostar de coisas mais, como é que se diz, estilos de música que tem uma idéia mais política, que tenha uma idéia mais... com é que eu posso dizer> mais revolucionária, entendeu>, que fala sobre os problemas que a gente enfrenta, o rock em geral aborda isso. Eu gosto de outras músicas também: pop, músicas românticas, mas o rock é uma rebeldia que é já normal dele, então acho que foi por isso que eu comecei a gostar.As bandas que me influenciaram, a maioria é Sistem Of Down, Raimundos, Charlie Brown

Jr., adoro também, na época que eu comecei a tocar eu gostava muito de Nirvana. Quando eu comecei a tocar violão foi uma das primeiras que... que os acordes são muitos simples de Nirvana, é uma música que gruda no ouvido e você aprende a tocar super fácil. Acho que é isso: Nirvana, Red Hot, Green Day, Blink, Sistem Of Down principalmente que é a banda que eu mais gosto. Não incorpora na banda, a gente tenta seguir um estilo sempre é focado no HC, num rock mais brasileiro, mas eu gosto muito de música internacional, rock internacional.

12. Que tipo de música exatamente vocês fazem.

Agente toca... por exemplo, Nirvana é grunge, a gente é como se fosse um grunge, mas às vezes a gente toca um rock mais lento, tipo Barão Vermelho que não é tão HC. É difícil definir um pouco assim, mas eu falo que é um rock básico brasileiro. Tem muitas influências de fora, mas assim é rock brasileiro mesmo, tipo Raul, Cazuza, grande influência Cazuza também.

13. Você faz ou já fez parte de algum fã clube?

Já. Com certeza. Bom, o primeiro fã clube que eu participei foi Gabriel, o Pensador, que foi meu ídolo da música, assim um estilo totalmente diferente do que eu curto, que geralmente é rock e (...) ele é um cara que, ele fala coisas assim que não tem explicação, ele é tipo um poeta pra mim, então eu sou a maior admiradora dele. Fiz parte do fã clube dele, a gente comprou camisa, foi pra show, tenho autógrafo, tenho foto, tenho tudo dele. Depois comecei a gostar de Pitty também, outra cantora daqui, baiana (...) entrei no fã clube de Pitty, (...) autógrafo, foto, show, tudo a gente acompanhava dela, camisa, tudo isso.

14. Como foi encarar o aparato técnico da música?

Eu sempre me sinto insegura em algumas coisas assim. No show eu sou uma das mais preocupadas. Eu sou super tensa na hora do show, eu fico super preocupada se vai sair tudo certo e assim um dos que mais eu aprendi com esse negócio de som foi com o baterista Luciano porque ele tinha um estúdio em casa e a gente tinha mais liberdade pra ficar muito mais tempo lá. Não sei as meninas, mas eu tento aprender tudo, eu tento pegar tudo o que eu puder, um pouquinho de cada, de caixa de som, bateria, baixo, eu sempre tento ajudar as meninas mais. Na hora do show elas ficam até um pouco mais dispersas e a responsabilidade fica um pouco pra mim e pra Lu, ficava no caso pra ele. E assim, a gente tinha que afinar guitarra, se tivesse que afinar o baixo, a gente sabia afinar o baixo, se tivesse que montar bateria junto com ele ia lá e ajudava ele a colocar os pratos, apertar, então eu estava sempre ajudando ele. Eu não acho complicado não você arrumar a guitarra, eu acho que o principal passo pra você tocar bem, pra você dominar bem o seu instrumento é você conhecer também tudo que envolve ele, que no caso a guitarra não é ela só ela tem a caixa, tem o amplificador, tem o pedal, a pedaleira que vai mudar os sons dela por isso você tem que saber o que você vai usar, então você tem que saber totalmente o que é que você tem em mãos pra você executar bem. Então eu acho que eu tenho que conhecer tudo. Eu não acho complicado essa parte, eu acho complicado você ter que enfrentar palco, show, o calor ali da galera mesmo.

15. Você domina toda essa parte?

De saber arrumar sim. Sei regular com certeza. Totalmente.

16. Quando começou a aprender havia outros aprendendo? Trocou informação com eles?

Eu tinha só um amigo que tocava e ele não me incentivava muito não. Na hora que eu comecei assim ele falava: “Nossa, você é horrível hein”. Eu tinha muitas manias assim ruins de violão, de paleta ai ele falava que eu era muito presa a algumas coisas. Ele falava: “Tem que melhorar muito ainda”. Mas mesmo assim eu continuei tentando porque eu faço muitas coisas, eu tento aprender tudo. Eu também sei desenhar super bem (...). eu acho que muitas pessoas tem dons pra algumas coisas, um dom assim incrível pra poder fala: “Ah, não sei não quero fazer nada, mas (...) você faz bem mesmo que você não estude não se aprofunde. Mas eu acho também que muitas coisas se você se dedicar você aprende. (...) E eu me dediquei ao violão e consegui aprender e tenho o maior orgulho disso, aprendi a desenhar sozinha também, sem professor, sem nada e eu desenho assim rosto, desenho várias coisas – totalmente autodidata, tentando mesmo, sozinha, comprando revista, olhando tutoriais de como fazer e eu acho que se a pessoa se dedicar ela consegue. Então só tive um amigo mesmo que ficou ali junto comigo, mas ele tocava bem mais do que eu (...). Não tive muitas pessoas pra me ajudarem.

17. Você era daquelas garotas que ficavam com o violão o tempo todo?

Toda hora. Um dos segredos do violão é você não enjoar do que está fazendo. Eu falo sempre para as pessoas que estão aprendendo a tocar violão, elas falam “Mas é tão chato às vezes” (...). Se você não enjoar você consegue (...). Minha mãe falava: “Ah, pára de tocar um pouquinho. Nossa”, eu falava: ‘Poxa minha mãe você não me incentiva. Você não gosta que eu toque. Eu toco tão mal?’. Ela falava: “Não é isso é porque você toca toda hora, na hora de dormir, na hora de almoçar...”.

18. Durante o aprendizado tentou reproduzir o som dos álbuns?

Com certeza. Músicas de Pitty assim. Muita coisa você não acha na internet ai você tem que ouvir o CD, bastante pra você ficar... É por isso que eu falo você não pode enjoar do que está fazendo. Você tem que ouvir a música mais de trinta vezes pra você pegar uma partezinha sequer dela pra poder executar ela certinha. E ouvir bem bem e tocar em cima dela e ouvir de novo e ouvir sem tocar, depois toca, liga a guitarra, ouve junto tenta tocar junto e ai vai. Tem que ser.

19. Uma opinião sua, tá Camilla. Você acha que formar uma banda feminina é tão natural quanto formar uma banda só de homens?

Não.

20. Todo mundo já sabia tocar instrumento?

Já. Assim Dinny ainda estava caminhando, caminhando um pouquinho com o baixo, mas ela tinha apoio do irmão, do pai... O pai dela tocou em bandas famosas, o irmão toca em bandas super famosas também, então ela já tem um histórico de baixo da

família e ela queria tocar baixo e ela foi aprendendo. O irmão dá muito apoio pra ela pra tocar (...).

21. Como os pais encararam a banda?

Minha mãe assim tudo que eu faço minha mãe encara super bem. Ela é uma mãe totalmente diferente, ela nunca me cobrou assim nada. Na escola ela sempre... ela sempre confiou em mim tão cegamente (...) ela sempre me deixou livre, leve e solta para fazer o que eu quiser, ela sempre confiou em mim 'Ah, eu vou num show', ela "Pode ir"; 'Eu to querendo desenhar, to querendo fazer alguma coisa', ela "Vamos lá desenhe então", ai eu falei: 'Vou tocar violão, vou tocar na banda' ela "Vamos lá, vá tocar". Ela tinha medo com negócio de droga, de rock... mas ela sabe que eu não bebo, que eu não fumo, que não tenho problema nenhum. Ela confia em mim totalmente então ela apoiou, mas assim no fundo no fundo eu acho que ela queria que eu seguisse alguma coisa mais normal, tipo uma faculdade, assim um trabalho normal. Agora no último show que ela foi, ela nunca tinha ido num show, mas quando ela foi. Nossa, ela ficou tão feliz. Ela falou: "Nossa! Não acredito. Três meninas dessas magrinhas não acredito que vocês tocaram não. Não é possível que vocês aquele som não". Ela ficou totalmente maravilhada. Acho que se ela pudesse escolher assim acho que ela queria que eu fizesse sucesso, mas como ela sabe que é muito difícil, acho que até pra me poupar um pouco ela fala: "Tente fazer outras coisa também pra você não ficar...". Mas ela dá totalmente apoio, 100%.

22. Após a banda mudaram os seus hábitos de ouvir?

Totalmente. Todas as músicas que a gente ouve, a gente tenta ouvir e ver como é que vai ser aquilo ali tocando, a gente fica experimentando, botando as notas, vendo. Todas as músicas que lança, música de rádio pra a gente tocar em roda de amigas e tudo. A Apnéia principalmente, quando a gente muda o repertório tem que ficar direto ouvindo as músicas pra poder tirar elas. A gente pega as cifras na internet, mas a gente tem que ouvir o CD também muito tempo, tem que saber o tom que se encaixa melhor, tem que saber o que vai encaixar melhor com a voz de Dinny, então tudo a gente tem que ver. As semanas que antecedem os ensaios pra show, pra música do repertório são assim bem repetitivos pra poder... tem que sair o mais perfeito possível.

23. Quando vocês tiveram que dar um tempo na Apnéia?

O último show que a gente fez foi em fevereiro e o último ensaio foi em abril que a gente testou uma baterista só que ela ficou meio devagar não estava podendo ir nos ensaios. Acho que ela não estava querendo mais ficar porque ela não é baterista, ela é guitarrista e ela toca hiper bem (guitarra). Ela até tem uma banda de meninas em que ela toca guitarra e canta.

24. Qual é a banda?

Nitro. E ela toca divinamente bem. Ela é incrível, um fenômeno assim tocando guitarra. Ela canta, ela faz voz assim tipo, ela toca Nirvana e canta super bem parecendo a voz de Curt mesmo, aquela voz grossa, rouca, forte e ela toca guitarra sozinha. Ela faz o solo, faz a base tem o baixista e o baterista, acabou a banda. Então ela falou "Ah, vou ajudar

vocês”. Ela é totalmente louca (...) porque ela tem bateria em casa pra brincar assim, mas ela toca guitarra melhor e tentou ajudar a gente na bateria, mas acho que ela não ficou muito segura aí não quis continuar. E também tem a banda dela que está fazendo CD, criou outra banda lá a Maria Preá também que é um bocado de menina então acho que ela está pra se dedicar mais ao que ela sabe de melhor fazer.

25. Qual o nome dela?

Juli.

26. Com que frequência vocês faziam ensaios?

Três vezes na semana ou duas ou até mais. O baterista tinha estúdio em casa. Todo final de semana a gente ensaiava aí depois teve que dar uma pausa porque eu comecei a trabalhar, aí diminuiu, mas todo domingo a gente estava lá ensaiando. Aí o baterista começou a ficar meio cheio de banda porque ele tinha estúdio em casa e o pessoal adora montar banda com ele. Ele monta banda de cover de Beatles, de Fithers, de Strokes aí já viu... ele ficou meio atarefado.

27. Como eram as críticas?

Tinha críticas boas e críticas ruins. As críticas melhores era que a gente surpreendia quando a gente subia no palco, quando a gente tocava o pessoal falava “Nossa vocês até que tocam bem. A gente pensava que não era isso tudo pela fisionomia de vocês. Vocês são tão assim frágeis, menores, pequenas. A gente achava que não era isso tudo não”. As piores críticas que a gente recebeu foi por causa de Pitty. O pessoal falava que era Pittinéia, que a gente imitava muito Pitty. Mas a gente não imitava, a gente tocava as músicas dela, a gente tocava umas duas ou três de começo (...) por que eram músicas que, na época, estavam bem, estavam no auge, o pessoal adorava, a gente era do fã clube dela e a gente queria agradar o público também um pouquinho, ganhar o espaço da gente. E essa era a forma que a gente tinha de ganhar o público. Então as piores críticas foram por causa dos covers de Pitty e covers dessas pessoas, depois a gente botou Raul, botou Paralamas e o pessoal parou mais de pegar no pé.

28. Mas eu falo as críticas entre vocês.

As críticas entre a gente? Não. A gente não se criticava tanto assim não, a gente não brigava, a gente tentava sempre ajudar um ao outro. Por exemplo, Kika, é um pouquinho devagar se não apertar ela um pouco ela (...) então eu fico ‘Kika vem cá eu vou te mostrar aqui como é, você faz assim, a gente vem aqui nessa hora aqui vai ficar massa’. Eu tento não puxar só o principal pra mim, eu tento puxar um pouco pra ela pra ela fazer uma coisa legal, tento incentivar. O baterista era muito inseguro no começo, mas eu nunca fui rude com ele... Como eu era a mais velha da banda. As meninas quando começaram tinham dezesseis anos, você não tem noção, dezesseis, quinze anos, dezessete, o baterista tinha quinze. Aquela coisa assim fervorosa, os três e eles falavam assim as coisas meio gritando. Não sabiam conversar direito, eu falava ‘gente tem que falar com calma, não pode falar gritando’. Então eu tentava ‘Lu, vamos ver aí na bateria na virada se a gente não consegue errar porque no show né...’ e ele sempre ficava um pouco inseguro na bateria e a gente tentava sempre dar essa força pra ele e ele melhorou muito. Ele ficou assim um baterista ótimo, mas as meninas, Dinny e Kika sempre foram

assim meio estoradinhas. Elas falavam assim com ele: “Ô, toca direito” e eu falava ‘Gente, não pode. Se tratar assim fica ruim o clima.’ (em tom apaziguador) Tem que ser sempre com paciência. Eu sempre tentei ser o ponto de equilíbrio entre eles porque eu era a mais velha e eles esperavam isso de mim então eu tinha que dar um pausa assim. Rolava muita divergência de repertório e eu sempre tentava até abrir mão da minha vontade pra agradar mais eles... pro grupo ficar mais... assim tocar as músicas que eles queriam, fazer uma coisa assim mais que agradasse todo mundo só pra não ter briga, não ter discussão. Dinny principalmente porque canta sempre fala que quem canta é pior que tem que tocar aquelas músicas e tal e eu tentava dar uma acalmada nos nervos. Mas sempre foi calmo, nunca teve briga, briga não.

29. Vocês tinham uma líder?

Eu acho que assim por trás da banda talvez, mas na hora do palco acho que não. O planejamento em si eu tentava sempre... na hora dos ensaios eu me sentia uma líder, eu e Lu eram os que mais se importavam com os arranjos, a gente sempre tentava uma coisa diferente, alguma coisa assim legal pra ficar no show. Uma parada que a galera fosse ficar esperando e falasse: “Nossa, que massa!” A gente sempre tinha umas idéias assim mais e as meninas não. Elas sempre foram muito de ir na onda. E assim eu acho que a responsabilidade fica muito mais pra vocalista na hora do show. A vocalista acho que puxa um pouquinho na hora, lá na frente, mas por trás eu sempre tentava ajustar melhor a guitarra de Kika. Eu falava: ‘Kika, ta boa?’ E ela: “Ta ótima”. Eu tentava sempre ajustar melhor pra não ficar..., ajustar sempre com a minha. Eu e Lu sempre preocupados e “Vamos ver se o baixo está legal mesmo, se está afinado mesmo, se não está”. Então eu acho que por trás eu era líder sim, no palco talvez não tanto.

30. Você fala líder no sentido de manter a banda coesa?

Isso. Kika também é muito líder. Kika é uma pessoa muito rodeada de pessoas. É uma pessoa assim incrível, carismática e... Ela é tímida no palco, mas fora do palco ela é super popular. Então ela sempre foi de arranjar show (...).

31. Nos ensaios era só a banda ou havia mais pessoas?

Tinha gente demais (risos). A gente ia trocar o repertório, rolava até um estresse na hora, que a gente... a gente tinha a música crua, sem nada. Íamos tocar a primeira vez e rolava estresse na frente de todo mundo mesmo. E o pessoal estava lá ouvindo. A gente queria um pouco de privacidade pra poder criar as coisas, mas ia muita gente no ensaio, era até legal o pessoal ir, mas sempre foi muita gente pro ensaio. Os ensaios antes de shows a gente sempre tentava encher mais pra galera se familiarizar com a música, aprender a cantar.

32. Amigos, namorados?

Amigos que são fãs. Namorado sempre foi em todo o ensaio.

33. Vocês conseguiam se concentrar com a presença dessas pessoas?

Não. Sem problema não. Eu particularmente sempre fui muito nervosa. Eu sou muito perfeccionista então eu tento nunca errar, aí as pessoas estavam lá e eu ficava mais

nervosa, mas eu tentava também fazer o melhor pra galera, divertia, tentava sempre... Mas a gente gostava que as pessoas fossem porque a gente se acostumava com o público. E tocar só os quatro às vezes é ruim, mas a gente tocava sozinho também. Ensaio direto a gente fazia só nós quatro. Era comum que sempre alguém estivesse. Que meu namorado sempre estava. Sempre. Kika e Lu namoravam, o baterista e a guitarrista. Às vezes tinha a amiga de Dinny que estava sempre por lá, mas meu namorado era presença certa lá.

34. Essas pessoas davam palpites? Vocês solicitavam a opinião delas?

Às vezes a gente pedia. A gente perguntava se estava meio alta a guitarra, se a bateria estava muito alta, eles falavam “Eu acho que a bateria está meio alta, não estou ouvindo a voz de Dinny direito” então a gente dava assim uma ajustada dependendo do que a galera falava.

35. Eram amigos músicos também?

Não.

36. Conduziam a banda com alguma ajuda?

A Apnéia só. A questão de agendamento de show a maioria era Kika (...) e em termos de música sempre foi só a gente. Eu fazia as músicas, algumas músicas. Kika tem a música dela, Lu tinha uma música dele, sempre foi só a gente.

37. Sente-se completamente confortável com a linguagem técnica do universo musical?

Totalmente eu não me sinto. Foi aquilo que eu falei pra você para eu me sentir completa eu acho que eu teria que tomar uma aula. Tomar uma aula bem aprofundada sobre coisas que influenciaram a música hoje porque não adianta eu aprender essas músicas de hoje como eu aprendo. (int) Eu pego uma música, boto o CD no som e aprendo. Não pode. Você tem que saber as influências, você tem que saber como chegar a partir dessa música, tem técnicas pra você aprender a tirar música, você fazer uma tablatura. Pra você pegar a letra de uma música e fazer a tablatura completa, você escrever depois você ler ela e entender. E eu não. Eu sou muito de... muito crua, vamos dizer assim, eu aprendo ali e aquilo ali é aquilo ali mesmo. Eu ouço a música, aprendo aquela ali e toco. Então se eu fosse fazer um teste com um músico muito assim, um músico que seja formado que saiba tudo sobre partitura, tablatura eu não sei se me sairia tão bem. Eu falo até que eu tenho muito que aprender ainda. Tem seis anos, sete anos que eu toco violão, guitarra tem uns cinco e eu sempre falo que a gente não precisa aprender tudo pra começar. Acho que se você sabe alguma coisa, manja alguma coisa você pode começar agora e ir aprendendo. E é o que eu tento fazer na Apnéia, eu tento fazer o que eu sei e tentar melhorar. Eu estou bem melhor do que quando eu comecei na Apnéia. Eu estou mais calma, mais segura até do que eu era antes. Eu tinha a adrenalina lá em cima quando subia no palco hoje em dia eu tenho mais segurança, eu confio mais em mim, na banda. Eu acho que assim, eu não sei tocar tudo, se eu falar a porcentagem que eu sei tocar é 50%, 50% de tudo que eu poderia aprender.

38. No início da banda faziam mais cover ou experimentavam sons?

Super cover. Super cover. Porque assim é difícil você começar... Eu particularmente tinha muitas músicas, mas como eu tinha entrado na banda... e eu sempre comentava eu tenho algumas músicas e o pessoal “Tudo bem”. A Kika falou: “A gente tem uma música que a gente escreveu” (...). O nome da música é “Sonho” que é ótima, perfeita, a letra é bonita, é boa. O pessoal gosta pra caramba da música, não é muito agitada e geralmente as músicas que mais funcionam na banda são as agitadas, na hora do show que o pessoal fica super... E essa música não é agitada, mas quando a gente não toca o pessoal reclama. Então a gente só tinha essa música. Kika falou: “Ô, você vai entrar na banda, a gente vai tocar essas músicas aqui”. Eu acho que tinha umas sete: tinha umas duas de Pitty, uma de Paralamas... então foram mais cover. Que era pra galera saber o que é que a gente gosta, o que vai fazer ai nessa linhagem. Então foi bem mais cover. Com certeza.

39. Quem hoje compõe as canções?

Bom, a gente tem cinco músicas próprias. Tem mais. Dinny vai entrar com uma agora, mas a maioria das músicas quem fez foi eu. Mas são músicas que eu fiz quando eu ganhei o violão. Eu tinha quatorze anos. Que são músicas que diziam totalmente aquela época minha não tem nada haver com hoje. Então hoje em dia eu estou escrevendo muito menos do que eu escrevia antes quando eu ganhei o violão. Eu tenho uma agenda lá que está cheia de música, cheia de trechos, uma frase, uma palavra, duas letras assim e eu não juntei ainda, mas comparando assim, acho que das três, quem está mais compondo sou eu. E elas esperam até isso de mim. Dinny compôs uma agora, mas Kika também já compôs.

40. Então você já escrevia músicas antes da Apnéia?

É. Eu tinha várias músicas. Eu gostava de mostrar pra todo mundo eu só não sabia cantar porque eu não conseguia e não tenho muito jeito pra cantar, mas sempre tive as minhas músicas.

41. Sente-se segura com o título de guitarrista?

Não. Eu falo sou guitarrista, mas eu sou modesta, eu sou humilde. Eu sei que, é como eu te falei, eu tenho muito que aprender. Eu sou assim... muito crua, eu acho que eu tenho tanto pra aprender ainda. Eu acho que daqui há alguns anos eu vou até poder falar assim com toda segurança que eu sou uma guitarrista profissional e eu vou saber tocar todos os estilos e hoje em dia não é isso ainda. (...) uma coisa super importante que eu sempre falo é que a gente não precisa aprender tudo pra poder começar alguma coisa. Eu acho que dá pra levar.

42. A banda pra você é um projeto efetivo?

É difícil de te responder. Eu quero isso, mas eu não acho que isso vai ser. Talvez. Eu não sei. Eu não sinto que... total segurança no assim na banda daqui há dez, cinco anos a gente conseguir estar nessa luta árdua. Porque Kika já está fazendo a faculdade dela, Dinny também está terminando a escola daqui a pouco ela vai fazer a dela então a gente quer... a banda vai continuar, mas é uma coisa assim mais de loteria, se der deu, se também não der. O ramo da gente é esse, a gente vai continuar tocando, se divertindo,

fazendo show pra galera e o importante mesmo é se divertir, fazer a alegria pra galera. Não se preocupar com o sucesso, com essas coisas assim porque se for de acontecer vai acontecer, mas se não acontecer a gente ter nossas curtições, ter a nossa família, casar, ter filho e ter uns trabalhos normais. E aí se pra banda surgir uma proposta concreta, tipo gravar um CD ou ter um apoio realmente de alguém aí sim dá pra seguir, mas do jeito que está não tem como porque a gente não tem patrocínio, a gente não tem ajuda, a gente não tem nada. Tudo que a gente paga na banda é porque queremos e gostamos. A guitarra da gente quem regula somos nós, a caixa quem compra somos nós, os ensaios quem paga somos nós, é a gente que se banca pra poder se divertir. Se acontecer alguma coisa, se alguém chamar a gente e falar “Gostei de vocês, vamos gravar. Eu vou fazer vocês trilharem o caminho do sucesso. Eu vou apoiar vocês pra vocês terem uma base e quem sabe fazer sucesso”. Então vamos lá. A gente tem peito pra chegar e se mudar pra São Paulo, Rio e tentar, a gora confiar cegamente não. (...) Eu sou muito pé no chão, eu tento enxergar os dois lados. Eu queria muito que a gente conseguisse viver de música. Quem não quer fazer o que gosta e ganhar dinheiro? Mas eu acho que a vida é dura e a gente tem que enxergar isso também.

43. Quanto tempo você hoje disponibiliza pra música?

20 a 30 horas (por semana). Eu pego sempre o violão e fico tocando. Eu acordei hoje e tava tocando o violão lá, cantando. Meu namorado estava lá, a gente estava tocando Los Hermanos...

44. De alguma forma os namorados reduzem o tempo passado com a banda?

Não. Porque aonde eu vou ele está, então ele está sempre com a banda, se eu estiver com a banda ele está, se eu não tiver também ele está comigo ali então não tem problema nenhum.

45. Não há nenhum tipo de cobrança?

Nada.

46. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Tomam. A gente é muito de chegar e ensaiar. Vamos fazer um plano, vamos fazer uma lista aqui de como é que a gente vai fazer o repertório, vamos ver se funciona assim as músicas nessa ordem, mas depois a conversa rola solta: “Eu achei que ficou horrível aquela música, achei que não estava ouvindo nada. Eu achei horrível Dinny cantando aquela música nova”. Antes do ensaio rola muita conversa, depois também rola um resenhão. É difícil a gente conversar no ensaio. No ensaio a gente toca tudo de vez, toca rápido (...).

47. Os problemas são levados para os ensaios, para o palco?

Os problemas ficam visíveis na hora que a gente vai pro ensaio. Quando a gente chega que está com problema a pessoa sabe que está com problema. Eu mesma sempre falei. Eu sempre tive esse problema com meu pai porque meu pai estava sempre doente e muitas vezes eu deixei de ensaiar um mês e tudo pra poder botar a minha cabeça pra pensar porque eu estava muito triste com isso (...) e as meninas entendiam. Não tinha

problema nenhum ‘Não vai ter ensaio’, “Tudo bem”. (...) Acho até que influenciou um pouco no ensaio porque a gente deixava de ensaiar e tudo por causa disso, mas a gente é uma banda e é amigo também. Tinha também das meninas ficarem de castigo direto porque elas eram muito novas.

48. Quem é o público da Apnéia?

É o público jovem, de até dezesseis anos, dezessete, pessoal que gosta de se divertir, que gosta de música eletrônica, gosta de rave, de estar com os amigos, gosta de sair, que gosta de zoar, até que não gosta tanto de rock, mas gosta de estar com todo mundo ali. Até dezessete anos, dezesseis. Doze, treze, quatorze, por ai. Eu acho que é misto.

49. Quais lugares tocaram?

A gente tocou no Espaço Solar que é na Lapa, em frente ao Central, um lugar ótimo, pequeno assim, mas super quente pra tocar; a gente tocou no Wet’N’Wild, que foi um dos shows mais importantes que fizemos. Foi incrível, a gente tinha acabado de começar a banda, cinco meses de banda e as bandas do palco principal não tiveram no show. Foi incrível esse dia. Era Diamba e Mosiah e o Mosiah não teve. Você não tem noção de quanta gente ficou no palco pequeno. (...) A gente tocou no Calipso, um dos lugares que a gente mais tocou, um lugar super importante; a gente tocou no Idearium e o último show mais importante que a gente fez foi no Rock’n’Rio.

50. Aspectos positivos e negativos e de se estar junto numa banda.

Positivo é a amizade que você cria com os integrantes da banda. É uma felicidade danada você tocar para um bocado de gente, você subir num palco, subir com aquelas pessoas, com Dinny, com Kika, com Lu. Eu me sentia tão feliz de tocar com eles. (...) A gente é super amigo então eu sinto o maior prazer de tocar. É uma realização. E pontos negativos é que nem sempre os quatro estão querendo a mesma coisa. Tem sempre isso quando você está formando um grupo, às vezes eu e Lu estamos mais preocupados com algumas coisas, mas as meninas não. Às vezes as meninas chegam no show e estão preocupadas em dar risada, se divertir, eu não. Eu estou preocupada com o show em si, tudo e depois do show é que eu vou extravasar. Elas ficam malucas antes do show começar, então a diferença de foco da gente, entendeu? Elas sempre foram assim super seguras, não estavam nem aí, tipo, “O show vai começar”, “Deixa começar, sabe. Vamos tocar”, “Quer tocar a minha guitarra? Toque. Eu pego a sua. Vamos ver ai...”. Elas trocavam de instrumento na hora do show e eu ficava maluca. Eu queria matar as duas.

51. Você considera isso falta de compromisso com a música ou diversão?

Não sei se é um pouco de falta de comprometimento porque elas são comprometidas elas gostam. Eu acho que elas se preocupam muito em se divertir também. Elas não estão preocupadas em ficar se estressando por causa de detalhes. Elas querem se divertir e fazer a zoeira lá em cima. Os pontos mais negativos que está tendo é as músicas que as meninas estão querendo colocar. Elas estão querendo mudar um pouquinho o estilo. Eu sempre fui super aberta pra tocar qualquer coisa. Nunca fui de falar não vou tocar não, nunca fui dura de ter uma opinião formada, eu sempre tentei. (...) Mas dessa vez elas estão querendo ir para um estilo já que eu não estou muito gostando. Essas músicas

de agora que estão surgindo aí, de emo, essas coisas. Elas estão querendo fazer um rock mais romântico, um rock mais... pra seguir a tendência e eu não estou gostando tanto. Aí, às vezes, rola um atrito, mas dá pra resolver.

52. Já passaram por situações desagradáveis por serem mulheres?

Direto. Eu perdi a conta já. Já chorei tanto por causa dessas coisas. A gente já sofreu muito com isso. O ponto negativo é a gente chegar fazer uma combinação da grade que vai tocar no dia, a Apnéia ser a segunda ou terceira... vai passando todo mundo na frente, só banda de menino na frente e se a gente falar alguma coisa os meninos começam a gritar com a gente. Eles começam a se impor mais que a gente, eles acham que tem o direito de fazer alguma coisa porque somos meninas então sempre acontece algum problema com a Apnéia. Hoje em dia pra a gente marcar show eu converso com as pessoas e eu falo que a gente não toca por último, não muda a ordem do dia. A gente não faz várias coisas pra poder na hora não ter que mudar. Que eles sempre inventam alguma coisa na hora pelo fato de ver que são meninas, o público às vezes está mais quente eles querem entrar logo, mas tem a combinação do horário, mas eles sempre inventam alguma coisa. E tem preconceito. Teve um show lá no Centro que os meninos tocaram todos na nossa frente, não respeitavam, fui falar com ele e ele gritou comigo. Eu falei: “Só porque você é homem, você está falando isso, se eu fosse homem e falasse que ia te quebrar você não ia fazer isso” e ele “É isso mesmo. Se não gostou saia, vá embora”. Então você vê que essas coisas eles só falam com meninas e são garotos também. Meninos, garotos de dezessete anos não tem peito pra falar. Se fosse um cara ele não falaria daquele jeito tão... Mudar a ordem, falar que o show vai ser cinquenta minutos, na hora eles dizem que é vinte, “Ah, vai ser vinte minutos viu”, “Mas não combinou...?”. “Não. Vai ser vinte”. Aconteceram muitas coisas assim. Totalmente estressantes. Sempre. Muito mesmo.

O último show que a gente fez mesmo, foi agora em fevereiro de 2007, tinha muitas bandas, a gente já estava prevendo que ia acontecer alguma coisa estranha nesse dia porque estava atrasando o começo do show (...) agente pensou não vai dar certo esse negócio. Quando a gente subiu no palco e ele mandando a gente sair, falando que já tinha estourado o tempo e não ia dar tempo para as outras bandas e a gente falando que ia tocar a última música e ele “Não, não, não” e ameaçaram desligar, foram na tomada tirar o negócio (...). Esse último a gente se estressou demais, demais mesmo (...). Sempre rola essas coisas com a gente por ser menina assim e piadinhas...

ENTREVISTA COM DINNY RODRIGUES, VOCAL E BAIXO DA APNÉIA

Realizada em: 19/11/07

1. Sobre a Apnéia.

A Apnéia surgiu quando Kika e a outra vocalista porque no começo não fui eu que comecei logo cantando. Aí ela falou assim “Bora formar uma banda de rock, mas só que já tem a vocalista e eu na guitarra” aí eu falei: ‘eu posso tocar baixo né, de começo, mas não é isso que eu quero mesmo, você sabe que eu só canto, eu vou começar a tocar

baixo pra te ajudar'. Ai ta, a gente começou a ensaiar, encontrou um baterista, só que faltava a outra guitarrista, que era solo, ai a gente começou a procurar na internet aí Kika encontrou Milla pela internet. Ela foi lá fazer um teste aí a gente gostou dela. Ela ficou e tinha um show já marcado e a gente não tinha... Ai o baterista saiu ai ficou só procurando baterista, baterista. Achou um logo de começo assim, um bem... que ele não sabia muito bem tocar. Ai achou ele, mas foi com ele mesmo o show porque já estava marcado não podia desmarcar né? Em cima da hora. Ai fizemos o primeiro show ai ficou Apnéia. Ai depois saiu o baterista, saiu o vocal ai eu assumi o vocal.

2. Quando surgiu a idéia de formar a banda?

Foi no Carnaval, depois do Carnaval de 2005. Ai Kika chamou a menina, ai depois me chamou, ai formou.

3. Quando você começou já tocava baixo?

Não. Tocava baixo, não cantava. Ai num show no aniversário do baterista, do antigo baterista que eu comecei a cantar ai ficou assim mesmo essa formação.

4. Na verdade não queria tocar baixo, queria cantar mesmo?

É, mas já tinha cantora. Eu falei 'ô, só vou pra te ajudar mesmo, mas... Meu irmão começou a me ensinar um pouquinho ai eu fui tocando as músicas.

5. Já tocava baixo havia quanto tempo antes da banda?

Na verdade eu não tocava baixo. Eu aprendi pra entrar mesmo.

6. O que sempre você quis fazer era cantar?

Cantar.

7. Como é que surgiu o seu interesse pela música?

Bom, desde pequenininha porque meu pai é músico, meu irmão é músico ai eu sempre me interessei assim pelos instrumentos, pela música mesmo. Desde pequena não vejo assim como começou na, já vem comigo desde pequenininha.

8. Porque escolheu o baixo?

Porque meu pai e meu irmão tocam baixo.

9. Tocou em alguma outra banda?

A gente... eu e Kika já tentamos montar uma banda, mas não era de rock. A gente já fez, já ensaiou e tudo, mas não deu certo não. Mas eu só toco baixo na Apnéia mesmo.

10. De que foi essa banda?

Foi de axé. Nada haver assim com rock não tem nada haver. A gente chegou a ensaiar, mas não teve nem show nem nada.

11. A sua entrada na banda como vocalista foi porque a outra vocalista saiu?

Foi. Na verdade a gente tirou ela.

12. Como é que foi encarar o microfone pela primeira vez?

Eu fazia back (vocal) antes na Apnéia e todo show falava assim: “Pô, essa menina canta mais do que a cantora” ai todo mundo ficava falando, todo mundo ficava falando ai eu comecei a fazer né... tinha uma música assim que eu cantava no ensaio quando ela não ia, ai eu já estava mais ou menos assim, já sabia como que era ai no primeiro show foi no... ai todo mundo ficou falando “Ah, deixa ela” porque sabe ficou bom eu cantando, combinou com a banda assim ai eu fiquei.

13. Notou alguma diferença no primeiro contato com o microfone?

É diferente, é diferente porque ai você tem que... Mas é principalmente é complicado você cantar e tocar. É complicado. Eu, às vezes, ficava errando tocando, às vezes, errava a letra. Ai depois que eu fui me acostumar a cantar e tocar junto, mas é difícil.

14. Cantar e tocar o baixo é um hobby ou uma profissão pra você?

Pô, cantar é profissão agora tocar baixo é um hobby que eu não gosto muito não.

15. Você não gosta de tocar baixo?

Não gosto muito de tocar baixo não. Eu gosto do instrumento, mas pra você tocar você tem que estudar mesmo e eu não queria me aprofundar em tocar baixo. Eu gosto mais de violão e cantar. Eu adoro cantar.

16. Você alguma vez sonhou em ser roqueira?

Não eu não tinha nem... não gostava de rock não. Só Kika mesmo, Kika e Milla que gostam de rock muito, mas eu gosto até, mas eu gosto do rock que a gente faz. Não gosto de rock pesado. A gente queria... a gente chegou a fazer muito show na época, um show a trás do outro, um mês aí que teve, ai pensava teve vários contatos assim. Uma mulher que queria levar a gente num lugar só que ai os nossos pais não deixaram porque eu comecei na Apnéia eu tinha quinze anos. [...] Ai a gente queria sim fazer sucesso, a gente quer ainda.

17. Quantos anos você tem agora?

Eu fiz dezoito.

18. Quais as bandas e/ou artistas que inspiraram você?

Pra mim foi Pitty que eu comecei a escutar o rock dela e COM, a única coisa de rock assim. Agora essas bandas que chegaram agora que eu estou escutando: MX0, Luxúria. Só.

19. Você já fez ou faz parte de algum fã clube?

Não nunca fiz parte de nenhuma fã clube não.

20. Você tinha preferência de algum outro gênero musical?

MPB. Eu gosto de MPB.

21. O fato de ter mais garotas na Apnéia foi determinado?

Não. A gente falou assim vai ser bom ter só meninas né, só que o baterista, sempre o baterista é homem, mas só que agora a gente conseguiu uma batera femi... uma menina, que é Juju, que vai tocar agora e... mas o propósito não foi... é a linha de frente ser menina assim é bem legal. Diferente porque aqui só tem poucas bandas assim e nunca vi também uma banda assim de sucesso só de meninas no rock. É diferente também com baixista e guitarrista ou baixista e vocalista assim não tem.

22. O fato de vocês serem apenas meninas dá um diferencial legal?

Acho que sim.

23. Como foi lidar com o aparato técnico?

Eu comecei a aprender com meu irmão ai sempre quando eu tinha alguma dúvida eu procurava ele, ele me ensinava ai eu falava pra ele me ensinar a afinar, tudo. No show nunca tive problema com baixo não. Aprender também foi... foi fácil assim no começo, mas eu não quis me aprofundar, estudar bem pra saber bem. Eu sei o básico, mas eu não sei muito, não tenho experiência.

24. Consegue se virar na hora de arrumar o instrumento?

Eu faço tudo direitinho. Todas nós fazemos.

25. Teve alguma resistência com o aparato elétrico?

Nunca tive problema com isso.

26. É tão natural formar uma banda de mulheres quanto formar uma banda de homens?

É natural, mas o difícil é achar as pessoas pra tocar, mas... Pra gente foi assim porque a gente começou já achou tudo e tava tudo certo, mas agora depois que a gente vê a dificuldade pra achar alguém pra tocar porque muitas vezes as pessoas têm banda e têm várias bandas então. Nosso baterista antigo mesmo tinha três bandas, teve uma época que ele chegou a ter quatro bandas, não sabia o que ensaiar, não tinha tempo, por isso mesmo que ele saiu. Mas pra mim não é complicado não.

27. Ele priorizou outros projetos e não a Apnéia? Por isso que ele saiu?

Ele ficava meio assim, ele não falava assim que podia ensaiar ou não. Ele ficava esperando a gente sabe falar com ele. Pra mim ele, na verdade, não queria mais continuar. E aí a gente falou “Ô Lu, se você...”. Ele nem chegou pra gente pra falar que quer sair, a gente falou pode sair ai ficou sem bateria até hoje.

28. Todo mundo sabia tocar instrumento antes de montar a banda?

Todo mundo sabia menos eu.

29. Como os pais encararam a banda?

Ah, minha mãe no começo não gostou muito não. Meu pai sempre me apoiou, mas minha mãe... Eu saía com o baixo pesado pra tudo o que é lugar ai ela falava: “Esse baixo cuidado”. É roubo né, todos esse perigos e eu ia com o baixo pra tudo que é lugar assim e ai ela não gostava muito não. Teve uma época que ela me proibiu e tudo de fazer show, mas foi por causa de outras coisas ai ela me proibia de fazer, ai eu fugia, falava que ia pra casa de Kika, a gente pedia outro baixo emprestado. Mas sempre fiz show, nunca deixei de fazer. Só minha mãe, meu pai sempre me apoiou.

30. Você acha que ela ficava com medo por você?

É. Ela ficava com medo. Porque teve uma vez também que ela foi para um show meu que ela viu muitas coisas assim: a galera tudo jovem bebendo, fumando, se drogando ai ela ficou ô meu Deus, esse meio que minha filha anda, mas só que depois eu falei e ela sabe que eu não me misturo com isso ai é só ter confiança né.

31. Hoje está tranquilo?

Está tranquilo hoje.

32. Depois da banda seus hábitos de ouvir mudaram?

Mudou. Agora a gente... por exemplo, outras bandas também quando toca a gente já sabe quando erra, já sabe tudo, o tempo da música. Mudou. Com a banda a gente escuta com outros ouvidos agora. Ficou melhor.

33. Vocês faziam críticas umas as outras?

Ah, eu que sempre me atrasava, sempre era comigo, mas só que elas levavam sempre na brincadeira. Nunca tivemos uma briga séria mesmo assim não. Sempre falava “ô, faça assim”, uma chegava pra outra e a outra escutava, não ignorava o que a outra falava. Nunca tivemos brigas de verdade assim não. Discussõeszinhas no ensaio sempre tinha, mas passava.

34. Vocês têm uma líder?

Não temos líder. Mas sempre assim quem corre sempre atrás, faz as coisas assim sempre é Kika. Pra mim ela é a líder, mas a gente nunca chegou e falou Kika você é a

líder, mas ela sempre faz as coisas. Mas na hora de falar é Milla. Milla é quem fala bem, não sei o que. Ela que já foi dar entrevista em rádio e tudo só que eu e Kika assim somos as mais tímidas, mas Kika corre mais atrás assim de show.

35. Costuma ter pessoas estranhas nos ensaios ou era só a banda?

Não, sempre vinha algum amigo ou namorado. O namorado de Milla sempre ia, amigos também sempre estava no ensaio. É bom que eles dão opiniões né e a gente vê o que tem que melhorar.

36. Os namorados são músicos?

Não. Teve um namorado de Kika que era músico, tocava também.

37. A presença dessas pessoas atrapalhava de alguma forma?

Tinha vezes que ia muita gente ai atrapalhava. Eu não gostava muito não. Atrapalhava porque você não fica à vontade, totalmente à vontade não. Se fosse assim umas duas, três pessoas, mas tinha vezes que Kika levava muita gente ai eu não ficava à vontade não. Não gosto, atrapalha.

38. Você conseguia se concentrar com isso?

Não conseguia não.

39. Aprendeu por álbuns?

Era isso que eu fazia mesmo. Ficava tirando a música, assim escutando e fazia igual, ai se eu tivesse dúvidas e ia e perguntava a meu irmão, ele me ensinava.

40. Havia pessoas aprendendo com você?

Só meu irmão. Não tinha ninguém assim não.

41. De garota havia alguém?

Não. Aliás, tem uma menina que sempre nos shows assim eu chamo ela e ela toca baixo ai eu fico aliviada né porque a única música que cantava sozinha sem o baixo ela tocava ai a gente ficava trocando idéia assim, mas não de aprender, a gente ficava trocando idéia sobre o baixo. Ela me ensinava algumas coisas quando eu tinha dificuldade e eu a ela.

42. Conduziam a banda com alguma ajuda?

Não. Sempre assim tinha alguém que fala assim “Ah, tem alguém querendo fazer o show com a Apnéia” ai a gente falava: “Você conhece alguém?” ai davam o nosso MSN, o número, mas Kika sempre conseguia show também, sempre procuravam ela e as letras a gente fez, mas teve uma só que a amiga de Kika deu ai Milla terminou e ficou na Apnéia, mas as nossas músicas todas foi a gente que fez mesmo.

43. Como foi o aprendizado da linguagem musical? Sentia-se confortável com essa linguagem?

Não porque eu já era acostumada com meu irmão e meu irmão sempre fala né, desde pequeno também ele toca ai ele sempre está falando e eu já estava acostumada a ouvir ai já perguntava “o que é isso, o que é isso?” ai ele já me explicava. Pra mim eu já ficava à vontade já.

44. Faziam mais covers ou experimentavam sons?

Não a gente começou já criando as nossas, já começamos com as nossas e botava um cover pra a galera conhecer mais porque se tocássemos só as nossas músicas ninguém ia gostar ai botava uns cover. Eram mais nossas músicas.

45. Quem é responsável por compor as canções?

Eu e Milla. Kika também faz, mas agora que está fazendo é eu e Milla.

46. Você se considera uma baixista?

Não, eu falo eu sou cantora.

47. A banda é um projeto efetivo?

Não sei se é essa a banda, mas é isso que eu quero: cantar pro resto da vida.

48. Você consegue se ver vivendo de música?

Consigo.

49. Quanto tempo disponibiliza para a música na semana?

Quando eu estava mais pra fazer show, ensaiando, uma hora por dia mais ou menos, eu sempre ficava tirando o baixo, eu treinava mais o baixo do que o canto, porque o canto eu não gosto muito de treinar não. Antes do show eu faço alguns exercícios assim, mas em casa não estava fazendo não.

50. E hoje?

Na semana umas duas horas.

51. Os namorados reduziam o tempo passado com a banda?

Kika namorava Lu, mas Dan, o namorado de Milla sempre estava com a gente. Sempre, em qualquer lugar, ensaio, show, sempre ele estava lá porque ele gosta da gente, gosta da Apnéia, do som.

52. As conversas tomavam muito tempo do ensaio?

Tomavam. Sempre no início aquela conversa. Porque a gente ensaiava na casa de Luciano, que ele tem um estúdio, agora quando era em estúdio, a gente: “o tempo, o tempo” ai ninguém falava nada, arrumava, pagava e ensaiava.

53. Os problemas eram levados para o ensaio?

Dava. Quando alguém estava triste já dava pra perceber porque a gente conhece já uma a outra e sempre... Eu também que eu tinha problema eu levava assim, mas ai e tentava esquecer lá na música.

54. Como você descreveria o público da Apnéia?

Tem de todos os tipos. Tem públicos de todas as idades.

55. Quais locais costumavam tocar?

No Calipso, no rio Vermelho, um lugar chamado Insurgente, ali perto da Lapa, ou Stella Mares, vários lugares, já tocou no Wet'n'Wilde.

56. Aspectos positivos e negativos de estar numa banda?

O que é legal é que você pode fazer o que você gosta né e assim você pode entrar em show de graça, deitar no camarim, quando tem camarim, as pessoas escutam seu som né e o negativo, negativo é você levar instrumento porque você não tem ajudante, não tem nada, você mesmo tem que fazer tudo. Essa é a parte mais chata.

57. Existe discriminação de gênero no rock?

Pra mim existe. Existe e já teve com a gente até porque sempre botava assim, falava a ordem das bandas ai deixava sempre a gente por último ai teve uma época que a gente falou “ô, se botar por último a gente não toca mais”, teve uma vez também que colocaram a gente, a gente era pra ser a segunda ai uma banda de meninos foram lá e falaram “a gente vai tocar primeiro que vocês”. A gente não pode fazer nada. Por quê? Porque se fosse banda de meninos queria ver se eles iriam fazer isso. A gente já foi discriminada sim. Existe discriminação.

58. O fato de ser garotas tem vantagens?

Porque tinha gente que nem ia embora, queria ver, porque falava assim “banda de meninas” ai ficava pra ver mesmo.

ENTREVISTA COM JULIANA LEVITA, BATERISTA DA PREAZ

Realizada em: 22/04/08

1. Eu queria que você contasse um pouquinho da sua história na música. Como é que surgiu seu interesse pela música?

Desde pequena eu sempre tive muito interesse por instrumentos musicais assim, então eu via uma panela eu já catava, pegava uma colher pra batucar, inclusive o primeiro instrumento pelo qual eu me interessei foi bateria, mas com onze anos, em torno de onze anos eu pedi pro meu pai um violão. “Meu pai me dê um violão, me dê, me dê, me dê”, enchi o saco, aí depois de um tempão enchendo o saco ele me deu o violão e eu ficava em casa né blã blã blã. Horrível! Aí minha mãe “menina, pare de fazer blã blã blã eu não agüento mais, quando chegar um dia você vai ver (...)”. Aí com uns quatorze anos eu ganhei minha primeira guitarra, aí até hoje eu toco assim. Eu fiz aula por dois anos, aula de guitarra, mas eu aprendi a tocar sozinha. O que eu sei tocar aprendi a tocar sozinha, tanto de guitarra quanto bateria e baixo assim um pouquinho. E aí eu formei a *Playground* né. Não. No início eu formei uma banda com a Elisa, que é guitarrista da *Preaz*, eu tinha meus quinze anos, eu era guitarrista solo e ela era guitarrista base, o nome da banda era X (não era a X da Pitty), era uma X nossa, não chegou nem a fazer show só chegou a alguns ensaios, mas acabou depois que a gente brigou, se desentendeu e depois eu formei a *Jellyfish*, a gente tocou até no Vieira, foi o primeiro show. O primeiro show da minha vida mesmo foi no Rock’N’Rio Café, isso tem uns cinco, seis anos, por aí, tem muito tempo. Mas aí a banda não deu certo porque os meninos não eram comprometidos. Eles até tinham vontade, mas eles não se aventuravam, não eram ousados assim em termos de tocar entendeu. E eu tava sempre correndo atrás, aí veio a *Playground* - eu me reencontrei com um antigo colega meu de escola, Ricardo, e aí ele estava tocando bateria ainda. Desde que a gente se conheceu quando eu tinha meus onze anos, eu levava o violão pro colégio e ele afinava pra mim, aí depois eu aprendi a tocar sozinha o violão e a gente se reencontrou, aí ele afinava pra mim. Ele “Ju, vamos fazer uma banda?” e eu falei “vamos”, eu mostrei as minhas músicas pra ele e ele mostrou as dele pra mim e a gente fez a *Playground*, que foi uma banda que quase deu certo. A gente tocava na Transamérica, na Rádio MetrÓpole. Eu era guitarrista e vocal, aí tinha Danilo, o outro guitarrista, que fazia os solos, é... Fabrício, o baixista e Ricardo o baterista que fazia os *backs* né. Aí a gente ia pra São Paulo e tudo, mas não deu certo porque brigamos também por causa de motivos internos e aí fiquei um tempo sem banda. Eu fiquei muito parada, não conseguia mais compor.

2. Quanto tempo durou a Playground?

A Playground durou uns três a quatro anos. A gente tocou no palco do rock, ficamos entre as dez melhores bandas do *Garage Rock* em 2003. É isso, desde moleca eu sempre queria tocar, queria estar à frente de projeto, assumir compromisso, correndo atrás. Aí a Playground acabou né e todo mundo me perguntava “porque que acabou, por quê?” Eu passava na rua “ah, a vocalista da Playground”, chegou a ficar conhecida aqui em Salvador. Não é me achando não, mas realmente ficou mesmo. Eu acho que eu tenho umas entrevistas gravadas na Rádio MetrÓpole. Lembra aquele programa o “Pancada Rock”, que Jéssica Senra apresentava? Ela entrevistava a gente lá, tocava músicas da gente, o “Curto-Circuito” também tocava. Eles davam uma ajuda legal para as bandas baianas. Aí aconteceu o Garage, que foi uma das últimas vezes que a gente tocou, que a Playground tocou né. Aí depois veio a Nitro... A Nitro eu já tinha uns dezessete. E aí Ricardo continuou a tocar comigo e eu conheci o Marlon porque o Danilo teve que sair, o Fabrício já tinha saído. Então a gente não deu mais continuidade à Playground, a gente continuou com o nome, mais pra chamar a atenção assim que a banda já tinha acabado. Depois acabou mesmo e eu falei Ricardo vamos fazer outra banda, vamos pesar mais o som, vamos fazer uma coisa que a gente goste mesmo e a gente formou a

Nitro né. Eu continuei compondo (...) e aí a gente conheceu Marlon através do Bahia Rock. Foi uma puta sorte porque hoje ele é o meu melhor amigo assim, ele é o baixista da Nitro, meu braço direito assim pra tudo e esse ano a gente botou o Laércio né, na Nitro, que é o baterista.

3. Você está levando os dois projetos, a Nitro e a Preaz?

A Preaz foi um pouco depois. A Preaz tem um ano que a gente tem a Preaz e ela foi formada por Elisa, que tocou comigo na X, foi minha primeira banda, a primeira banda dela também. A gente sempre teve uma ligação muito forte, como irmãs mesmo. Aí aconteceu da gente se reencontrar né, ela me pediu desculpas, a gente saiu, a gente foi pro Coca Cola vai de Esporte - pro show da Pitty, apesar de eu não gostar das músicas de Pitty. Nada contra ela porque eu acho ela uma pessoa legal assim. Acho que é preciso ter uma personalidade forte pra você se manter num lugar, entendeu, ainda mais sendo mulher, que muitas vezes é... a modinha prevalece sim, mas depois passa e aí a pessoa some. Dois anos depois que a banda estoura a pessoa some e a Pitty não, ela como tem uma personalidade bem forte, assim sabe o que quer mesmo. Eu acho que ela se mantém na mídia por causa disso. Sim aí a gente foi pro show dela (eu disse que eu falava muito) aí a gente nem tinha conversado nada sobre banda né. Uma semana depois, eu acho, pelo que eu me lembro né, ela me ligou dizendo “Juliana, Bochecha disse que você tava tocando bateria”, eu cheguei “velho, eu toco bateria, mas você sabe não é meu instrumento e tal” aí ela “ah, mas eu tô montando uma banda só de menina”, aí a primeira coisa que passou pela minha cabeça foi “puta que pariu, de novo”, aí eu falei “velho, a minha prioridade é a Nitro, você sabe disso”, ela “eu sei, se você quiser entrar pra fazer o teste, massa, se você não puder beleza, a gente só gostaria de ter uma menina na bateria também, ser uma banda completamente composta por mulheres e não com um menino na bateria como várias outras bandas”, eu cheguei “pô, posso fazer o teste, eu adoraria tocar bateria na banda”. Que eu sempre fui muito curiosa né, sempre em ensaios eu “Ricardo, sai da bateria e eu ia lá e tocava bateria”. Foi assim que eu aprendi a tocar um pouco, só que eu nunca tinha praticado muito porque eu não tinha uma banda, aí eu desenvolvi mais de um ano pra cá e eu tô tentando fazer aula também pra pegar técnica agora.

4. Na verdade seu instrumento é a guitarra?

Sempre foi. Tem doze anos que eu toco guitarra. Desde pequenininha.

5. A migração para a bateria foi só por curiosidade?

Não. É porque eu sou ousada. É como Marlon diz “você é uma baixinha ousada”. Eu sempre tive muita curiosidade, é curiosidade também, mas eu nunca agüentei chegar perto de um instrumento que eu nunca tinha tocada assim e não pedir pra tocar assim, entendeu. Violino, eu já toquei “há, deixa eu tocar aí” por incrível que pareça fui bem pra caramba. Mentira. Fui muito mal. É... estou me aventurando no teclado agora, tentando aprender teclado, mas eu aprendo sozinha mesmo. O meu ex-professor de guitarra dizia que eu tinha um ouvido muito bom, acho que é por isso né que eu aprendia.

6. Quando você começou a aprender a tocar um instrumento, primeiro foi o violão, não é isso?

Foi. Eu já sabia batucar, batucava muito, ouvia muita música, sempre fui muito movida por música, agora eu não tinha muita personalidade na época, então eu ouvia vários estilos. Não ouvia rock'n'roll, eu ouvia mais o que a cidade proporciona né, ai eu fui crescendo, ai com doze anos que eu adquiri a minha personalidade mesmo e parti pro rock'n'roll pesado. Parti pesado pro rock'n'roll não pro rock'n'roll pesado. Eu nem curto o rock'n'roll pesado. Foi isso que eu quis dizer.

7. Quando você foi tocar bateria com a Apnéia havia a necessidade das meninas de dizer “não Juli vem pra cá ajudar a gente, fica na bateria porque a gente só quer uma formação de meninas” ou pra ajudar mesmo independente de qualquer coisa?

Pra ajudar mesmo porque eu sempre acompanhei a Apnéia, até porque Kika, a guitarrista, é uma das minha amigas íntimas assim, entendeu. Então apesar de eu não gostar muito do estilo da Apnéia, eu quis dar uma força porque quando eu precisei ninguém me ajudou entendeu e eu me senti muito mal porque eu me sentia como se as pessoas estivessem fazendo um favor tocando pra mim entendeu, até por, nas minha bandas, desde sempre, tocarem sempre as minha músicas, entendeu. Então é meio complicado você tocar numa banda músicas que só você compõe. Isso não é um critério que eu imponha entendeu, apenas acontece assim, eu componho “ah, eu fiz isso e tal”, ai a pessoa chega e “eu fiz o arranjo, vamos colocar” ai a gente coloca, mas eu geralmente cuido das composições, assim como arranjo, harmonias, essas coisas.

8. E no caso da Preaz? A Elisa falou com você que estava fazendo testes pra banda e ai você resolveu participar como baterista...

Não foi nem teste. Ela falou que gostaria muito de encontrar uma pessoa e que Bochecha, um amigo nosso – ele toca na Efeito Jaule – ele tinha dito pra ela que eu estava tocando bateria porque um mês antes eu tinha ido pra o estúdio com Bochecha e uns amigos em comum, na maioria, meninas pra fazer um som só de brincadeira assim, só zoando e eu fiquei na bateria porque não tinha ninguém pra ficar na bateria né, ai pronto a gente fez o som e ele disse pra ela que eu estava tocando bateria. Ai ela me ligou e perguntou se eu queria ai na outra semana a gente foi pra estúdio, as meninas gostaram, eu comecei a compor, eu fiz “Não Sei”, é uma das músicas que estão gravadas no cd. Mostrei pra elas como é que era e tal ai a gente ensaiou em estúdio, definiu arranjo, depois veio “Intragável”, ai a gente gravou e ai eu sai divulgando né. Criei o My Space, o Trama Virtual; Thaís criou o fotolog e o orkut, comunidade e profile. Eu acho que divulgação por internet é um meio muito eficaz assim. Muita gente já conhece a gente só por causa da internet porque a gente só fez um show até hoje - foi dia 4 de agosto de 2007 lá na Zauber.

9. Pra você tocar instrumento, guitarra ou bateria, você considera simplesmente um hobby ou você encara como uma profissão?

Os dois. Eu acho que o que eu mais amo fazer na minha vida é música porque desde criança eu tenho muitas influências. Minha mãe e meu pai tiveram sempre muito bom gosto. Meu pai adorava Beatles, eu odeio Beatles, mas minha mãe sempre gostou muito de Led Zeppelin, da Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Rolling Stones, então eu acho que fui muito bem influenciada pro rock quando eu comecei a formar minha personalidade, eu vi que era isso que eu queria. Eu acho que eu respiro música né, eu acho que eu não

conseguiria viver sem tocar. Se eu for pra casa da minha mãe, por exemplo, que moro com a minha vó, lá não tem violão. Quando eu não levo, eu fico louca. “Minha mãe você tem que comprar um violão pra deixar aqui par mim, pelo amor de Deus”, “você que tem que trazer o seu que não sei o quê”, ai eu fico com preguiça de levar, ai eu volto pra casa rápido, ai às vezes eu tô na rua também e volto pra casa só pra compor, que quando eu componho eu não forço eu espero a música vir, que vem toda na minha cabeça. Ai o tempo demora porque eu espero né, na verdade eu não espero, eu deixo acontecer, ela vem e ai eu experimento na guitarra e ai ficando boa eu passo pro papel né, começo a fazer letra em cima da melodia e da harmonia que já estão prontas. A última parte são os arranjos. Ai já voltei muitas vezes pra casa – eu tava na rua com a galera, voltei pra casa só pra compor. Agora quando eu saio, saio como o mp3 né, qualquer coisa é só lá lá lá, ai eu venho lembro depois.

10. Como é que você classificaria o gênero da Preaz?

Tanta gente pergunta isso pra mim. Eu não sei. Eu acho que até porque sou eu quem componho tanto pra Nitroh quanto pra Preaz. Thais também compõe muito pra Preaz, só que a gente nunca terminou uma música que ela tenha feito assim. Ela fez a introdução de “Intragável” e eu terminei. A gente fica brincando assim, eu chego no MSN “Thais inventa ai um acorde pra eu terminar... a gente fazer uma música”, que ela é muito boa compositora em arranjo e harmonia também. A Thais eu admiro muito a forma de compor dela. Ela é muito criativa, já Lisa é mais aquela pegada estável assim, aquela coisa mais segura, aquela coisa mais pesada. Então eu não sei ao certo definir o estilo da gente. Eu acho que tanto a Preaz quanto a Nitroh tipo tem muitas influências. Por exemplo, eu ouço muito Queens of the Stone Age, Foo Fighters, Garbage, Nirvana, já ouvi muito isso, Led Zeppelin, Janis Joplin, eu tenho muita influência de Blues também, Papa Roach, System of Down, Dead Settlers, Fly Life é uma banda que eu conheci agora que eu to adorando, apesar de achar meio melódica demais. Então eu sem querer acabo... Eu e as meninas, a gente escuta muito Muse também, a gente tem muito de Foo Fighters também até porque Dave Grohl ser um dos meus ídolos assim. Eu adoro muito ele, então a bateria é meio parecida com o estilo dele. É muita influência mesmo, mas o estilo eu acho que chegaria muito perto de um rock’n’roll, eu não sei exatamente definir. É rock and roll.

11. Já fez ou faz parte de algum fã clube?

Nunca. Eu já fui muito fã das Spice Girls, mas quando eu era bem menor, bem menor mesmo.

12. O que você acha mais importante, estar numa banda só de meninas ou o gênero a ser tocado?

Eu acho que se for uma coisa que faça meu coração bater eu topo sim, entendeu. Eu não gosto de reggae, particularmente detesto reggae. A única coisa de reggae que eu gosto é Bob Marley, até por uma questão de personalidade também né. Agora dentro do rock’n’roll eu gosto de muitas coisas. Se for uma banda que queira tocar blues ou alguma coisa experimental assim eu até, pelo meu jeito de ser assim curiosa eu me meto, mas se não for uma coisa que eu goste muito eu não me comprometo por muito tempo não. Então eu acho que mais importante do que ser uma banda de menina é você estar ali sabendo o que você está fazendo e querendo muito o que você está fazendo

porque existe muita moda, existe muita gente que tem banda pra ser estrelinha, entendeu, que tem banda pelo rótulo, tem banda por status: “somos uma banda de meninas, prestem atenção na gente”. Eu acho isso ridículo, eu acho que a Preaz é diferente das outras bandas de menina aqui de Salvador, eu acho que é sim exatamente por causa disso. A maioria não leva pra frente entendeu, não tem ideologias. A ideologia que tem é muito mais visual que musical e eu acho isso um pecado assim. Acho que se a gente tá fazendo música é porque a gente quer atrair o público com a música e não com o visual, não por sermos uma banda de meninas, entendeu.

13. Você sabe que montar uma banda requer o domínio de técnicas e linguagem específicas, você tem que entender quando as pessoas falam determinadas coisas. Há uma linguagem musical, você sabe disso. E há também... Quando você ingressa nesse universo você tem que aprender a lidar com os artefatos, não só com os instrumentos, mas aquilo que está acoplado, por exemplo, pedais no caso da guitarra né. Como é que foi o aprendizado dessa parte? Como foi aprender a mexer com os instrumentos?

O pau mesmo? Foi curiosidade. Eu sempre andei muito com pessoas que participam de bandas, depois da minha decisão de, não foi nem decisão foi muito espontâneo, depois de eu querer viver mesmo nesse universo, depois que eu acabei me vendo como parte dele. Não é nem questão de ter me tornado uma personagem, é o que eu vivo hoje em dia e eu creio e espero né que eu morra fazendo isso. Eu acho que aprender a lidar com pedais... como guitarrista eu vou te falar que foi difícil, demorou um tempo porque eu só queria saber de tocar mesmo da parada prática eu esquecia um pouco que o teórico era um pouco importante também então eu não me ligava muito me pedais, eu só queria saber da distorção e minha caixa tinha distorção então eu não me interessava muito por pedais. Eu vim me interessar por pedais há quatro anos atrás, então eu li muito sobre pedais, entro direto em loja de instrumento pra testar, me interessei muito hoje em dia sobre o assunto, inclusive meu sonho de consumo é um cubo da Meteor onde tem o cabeçote Falcon com dez válvulas, caixa com dois alto-falantes, uma boa guitarra da Gibson (...). Eu tenho hoje em dia um trêmulo, um GDI-21 da Behringer que ele simula o Sansamp que é um pedal de distorção, um dos melhores que existem e tenho uma pedaleira da Zoom que foi minha primeira pedaleira que é a 606 que tem até pedal de expressão awa. Então eu aprendi a usar o awa com esse pedal de expressão da pedaleira e eu decidi não me manter com a pedaleira porque os efeitos são muito artificiais, então eu preferi partir pro lado analógico da coisa, mesmo com um monte de fio, ter todo o trabalho de comprar um equipamento por vez que são caros entendeu. Mas é isso, curiosidade e também quando você tem uma influência você geralmente, geralmente quando você ouve muito uma coisa você começa a gostar e começa a adotar isso pra você entendeu. Então eu também gosto muito de Incubus e gosto muito de bandas que usam muito efeito de guitarra. Eu gosto muito do delay, gosto muito do awa, do sustainer né que é um compressor também, o trêmulo que eu gosto também, distorção nem se fala. Um dia eu terei um Sansamp. É tem muitos efeitos, falou em efeito de guitarra eu me perco porque realmente são muitos, mas é difícil você aprender a usar sem você querer mesmo entendeu. Tem que querer, tem que estudar o que cada efeito faz, como é que usa, qual o tempo, tem que estar dentro do tempo também. Agora eu não gosto de metrônomo né. Ai demorou um pouco pra gravar com as Preaz por causa disso.

14. Então você não teve nenhum tipo de dificuldade quando teve que lhe dar com esses aparatos?

Não. Nenhum. E quando eu não sabia, eu não pedia ajuda não. Não é nenhuma questão de falta de humildade, é porque eu queria aprender, que eu sempre fui muito independente pra esse lado de instrumento, música. Eu metia as caras mesmo e, podia demorar, mas eu tava ali ô treinando o tempo todo. Eu passava, na época que eu tava aprendendo guitarra, eu passava oito horas tocando guitarra por dia... E minha vó morria “desliga”, gritando, mas é isso, quem quer tem que querer, tem que comprar a guitarra deixa o celular de lado.

15. Então na Preaz todo mundo já sabia tocar instrumento...

Menos Xuxu. Xuxu é a Márcia, irmã da Elisa, ela toca baixo. Elisa ensinou ela a tocar baixo pra ela entrar na banda. E ela tem uma capacidade sensacional. Ela é muito habilidosa, ela pega muito rápido, ela pega no ar e ela é esforçada, agora que ela não tá podendo pegar muito porque ela tá no terceiro ano aí quando acontece algum desencontro nosso eu vou lá e puxo a orelha dela. Porque muitas vezes eu tenho uma bateria aí, mas... você não entrou no meu quarto, eu devia ter te mostrado. Eu tenho uma bateria aí que é da Laura, que é da irmã da Elisa e da Márcia né, só que ela tá toda péssima assim, em péssimo estado eu só pra treinar mesmo quando não tem jeito, então me estúdio eu costume fazer mil arranjos diferentes, eu mudo a música toda e ensaio, faço mil arranjos na bateria, treinando também e Xuxu odeia isso porque ela como não tem muita experiência, ela acaba se perdendo entendeu, no tempo e aí a gente briga muito porque ela fala que eu saio do compasso e eu não saio do compasso. Eu tive uma briga com ela, uma discussão recentemente, há duas semanas atrás e eu falei “velho, se você tivesse experiência, você não diria pra mim que não tinha gostado do arranjo, você podia até não gostar, mas dizer que eu sai do tempo, não” porque repare, eu mostrei para as meninas o arranjo que eu fiz, foi em Intragável, eu mudei uma parte, as meninas “é. Tá dentro do tempo”, eu falei “Tá vendo. O que tá se passando é você” “Ah, mas quando você muda o arranjo, me atrapalha”, eu cheguei: “porque você não tem experiência”, aí ela: “ah, porque eu não tô podendo tocar agora”. Ai eu dou uns puxões de orelha nela, entendeu. É isso.

16. Quando você formou a X que foi a sua primeira banda, você já tocava instrumento. Como é que seus pais encararam o fato de você dizer “vou aprender a tocar um instrumento” e depois “vou formar uma banda”?

Eu já tocava guitarra há três anos quando eu formei a “X”. É... Graças a Deus minha vó, apesar dos seus 88 anos, ela tem uma cabeça que uma mulher de 50 não tem - claro que isso é relativo. Mas no início rolou um pouco de preocupação para comigo porque eu comecei tocando, mas permaneci no rock’n’roll, então muita gente já vê isso com outros olhos. Lá pelo lado do vandalismo, da falta de compromisso e eu passei a ficar descomprometida mesmo, mas isso envolve uma série de coisas que aconteceram na minha vida também e o rock’n’roll me ajudou muito porque, até a época da Playground eu compunha é... músicas não tanto autobiográficas e hoje em dia eu não abro mão disso. Então me ajudou muito a me expressar melhor e foi quando eu comecei a entrar nesse mundo que eu comecei a ter vontade de botar *piercing*, tatuagem. Com 17 anos eu fiz minha primeira tatuagem, minha mãe foi comigo. Minha mãe sempre teve uma cabeça muito boa também. Todo mundo fala tipo que minha mãe é mais porra louca que

eu assim e ela é mesmo. Ela está dentro da minha roda de amigos, ela chama eles pra casa dela, ela conhece, conversa. E ela sempre me deu muito... No início não. No início ela falava muito, ela era um pé no saco.

17. Você acha que isso foi em função de uma preocupação com você?

Foi preocupação eu acho que com meu futuro né que eu queria era rock'n'roll. Todo mundo via isso, desde pequena todo mundo sempre viu. Eu comecei a me interessar inclusive por bateria, que foi o primeiro instrumento que eu quis tocar, porque lá no sítio da família do meu padrinho, botaram uma bateria uma vez e uma banda pra tocar né, banda de pagode e aí eu vi a bateria e fiquei com muita vontade de tocar aquilo. Eu nunca tinha visto aquilo entendeu. E aí eu comecei a assistir mais MTV aí eu comecei a ter vontade de tocar guitarra, até por influência do Metallica, bandas daquela época. Aí eu creio que foi mais uma preocupação assim, foi muito difícil no começo. Quando eu comprei a guitarra foi extremamente... foi o período mais crítico assim porque amplificador era outra coisa. Violão é uma coisa, já uma guitarra amplificada assim é outra história, mas depois todo mundo foi aceitando. Agora o que minha vó não aceita, ela não entende, na verdade, é que eu gasto tanto e nunca recebi nada a não ser num dia que a Playground foi tocar num evento e recebeu uma caixa imensa de cerveja, pra dizer a verdade era um saco, tinha mais de cem latinhas de cerveja dentro e eu não bebia na época, então os meninos beberam e aí foi assim. E ela se revoltava porque eu já gastei setecentos, mil reais num CD da Nitroh, entendeu. Já gastei quinhentos no da Preaz e não entra, dinheiro não entra porque aqui em Salvador não tem espaço pra isso entendeu. Eu acho que... eu tava até falando depois do show do Círculo é... teatro mágico. Eu vejo tanta gente pagando pau pra banda de fora, a gente tem tanta banda boa aqui em Salvador, você não tem noção. Muita banda boa que não é conhecida por falta de oportunidade. A Macário mesmo, a Macário é uma ótima banda, banda de uns amigos meus, depois eu te mostro. Então... basta chegar uma bandinha de fora que a galera paga trinta, vinte reais num ingresso, quando a banda é daqui ninguém quer pagar dez reais. Quando é show meu, por exemplo, muita gente “ah, Juli, não rola cortesia não?” e aí eu fico assim porra, tipo, eu tô pagando pra tocar. Eu acho legal dar cortesia. Eu dou, eu adoro dar cortesia, mas às vezes a gente não pode dar e fica numa situação constrangedora né. Então foi isso: foi difícil no início, mas depois todo mundo se acostumou e aí eu continuei nessa barca. Tô há mais de dez anos nessa e é isso aí.

18. Nesse primeiro momento que você decidiu se dedicar ao rock mesmo, acredito que você tenha ido aos espaços onde havia shows de rock'n'roll... (32 min. 14 seg.)

Fui. Eu ia muito a show de metal no *Idearium*, ia muito pro Palco do Rock.

19. Isso com doze, treze anos?

Não, com quatorze. Doze, treze anos eu ainda não tinha muito... Minha mudança mesmo começou quando eu me mudei do prédio que eu morava, que era onde estavam meus amigos né, então eu conheci o mundo, vou botar entre aspas isso, que eu passei a sair mais sozinha, passei a ficar mais independente, conheci pessoas de todas as raças, de todos os tamanhos, de todas as cores, de todas as ideologias possíveis, que curtiam todos os estilos, pessoas ruins, pessoas boas e isso acrescentou muito na minha vida porque eu conheci muita coisa, velho.

20. E sua família não encarou com resistência essas suas idas a esses lugares?

Encarou. Encarou, inclusive eu me influenciei muito mal uma época e aí fiquei descomprometida com a escola, comecei a fazer coisa que não devia, mas isso tudo foi uma fase né, prova de que hoje eu tenho a minha personalidade. E eu faço espontaneamente não é nem pra provar nada pra ninguém é porque eu gosto mesmo.

21. Então a preocupação dos seus pais com você foi muito em função do medo de você se descomprometer com a escola, mais do que, por exemplo, essa imagem que o rock tem de “pessoas de preto”...

É. Eu comecei a usar muito preto também. É porque eu era meio bobinha né, eu não associava que personalidade era algo da gente não, algo que a gente tinha que adotar dos outros, entendeu. Então eu andava num grupinho que se vestia de preto, que ia pro Aeroclube todo sábado, Iguatemi toda quarta. Eu com meus dezesseis anos já... eu ia e adorava, achava o máximo assim, achava que a galera tinha que se encontrar mesmo pra discutir sobre música. Hoje em dia eu fico em casa, conheço bandas novas em casa. Eventualmente quando eu saio eu me bato com e me encontro com algumas pessoas que tem influências diferentes das minhas, eu procuro (...) as bandas depois, tô sempre procurando conhecer banda nova, se eu gostar eu adoto, se eu não gostar eu, sei lá, não gostei.

22. Depois que você entrou em banda você notou se houve alguma mudança nos seus hábitos de ouvir, de perceber a distinção dos sons?

Houve sim. Por que a partir... Você quando toca sozinho você toca pra você né. Eu toco muito pra mim ainda, apesar de eu ter tido uma boa experiência nesse ramo da música, já com banda. Mas acho que a partir da hora que você entra num conjunto, você tem a obrigação de se comprometer entendeu: de tirar músicas pra tocar em ensaio, de estar compondo, de estar exercitando isso o tempo todo pelo menos toda semana entendeu – isso é relativo. O padrão das minhas bandas é um ensaio por semana, até porque não dá para ter mais, por enquanto. A não ser quando tem show ou alguma coisa mais importante e aí a gente ensaia a semana inteira. Eu, com a Playground na época do palco do Rock, a gente ensaiou durante duas semanas todos os dias e eu toquei rouca, completamente rouca, mas saiu né. Mas influencia muito sim na maneira que você percebe a música né. Você passa... Por exemplo, eu como guitarrista, quando se trata de cover eu ouço a música e esqueço dos outros instrumentos, eu tô ouvindo a guitarra pra tirar a música pra fazer o cover entendeu, assim como a bateria e bateria tem mais detalhe, porque é um instrumento percussivo não é melódico então você tem que prestar muita atenção se o cara está, por exemplo, tocando com o chimbau aberto ou fechado, os detalheszinhos de arranjo de prato, técnica que ele usa. Eu não tenho técnica, o pouco de técnica que eu tenho foi o que eu aprendi escutando entendeu. E agora eu estou desenvolvendo um método pra mim mesma né que é estudar através de tablatura de bateria. Não sei se você já ouviu falar, depois eu te mostro que é: você traça a tablatura da bateria e vai assinando com um x quando cada parte da bateria é acionada, entendeu. Se tiver algum detalhe você escreve do lado. Eu tô desenvolvendo esse método pra mim, agora eu não sei como é estudar bateria, não sei. Agora guitarra eu tomei dois anos de aula.

23. Com quem você fez aula?

Com Jorge que ele hoje em dia eu considero como se fosse o meu segundo pai. Ele inclusive está dando aula de guitarra pra Thais das Preaz. Tem muitos anos que eu não tomo mais aula com ele.

24. Dentro da Preaz. Vocês fazem críticas umas as outras?

Fazemos. Tranquilamente.

25. Como é a aceitação dessas críticas? Vocês falam diretamente, você acha que tem um jeitinho de falar? Como é que é isso?

Eu acho que a partir do momento que você está numa banda tem que haver um jeitinho de falar porque somos uma banda, graças a Deus. Somos uma banda de amigas mesmo e graças a Deus não compromete o lado profissional. Muitas vezes a gente passa dos limites: porque a gente brinca muito, a gente tá o tempo todo zoando uma com a outra e isso atrapalha um pouco né. A gente marca uma reunião pra compor, que foi no caso de domingo passado, e ai ninguém fez nada, todo mundo começou a conversar, dar risada, falar besteira “ah, vamos alugar um filme”, “vamos”, “vamos ali no Burger King, quem conseguir comer o quádruplo ganha”, esse tipo de coisa assim. Então é mais por aí. É... Agora eu tenho muito problema com Xuxu porque Xuxu... Eu percebo – isso é uma coisa particular né – eu particularmente percebo que ela tem uma dificuldade em aceitar crítica porque eu falo tudo na cara, falo ô na lata mesmo, falo o que eu to pensando, se você não gostou me desculpe, mas é a minha opinião, sem rodeios, falo, falo, falo. Tem o jeitinho de falar, mas se a pessoa não aceitar eu falo “então beleza” aí demora um tempo e eu tento introduzir a idéia de novo, entendeu. A gora quando elas tentam introduzir alguma coisa pra mim e não é do meu agrado eu falo também “não gostei. Se todo mundo quiser tocar beleza, mas eu não vou tocar satisfeita”. É por aí. Eu acho que sinceridade é o que mantém uma banda porque se você procurar agradar tanto as pessoas você acaba não fazendo o que você gosta e eu não continuo em, eu não faço nada que eu não goste.

26. Nos ensaios da Preaz geralmente só estão presentes os membros da banda ou é comum a participação de outras pessoas?

Ah, é muito comum a participação das outras pessoas.

27. Essas pessoas dão palpites na condução dos trabalhos? Vocês conseguem se concentrar totalmente com a presença de estranhos?

Conseguimos. A gente se concentra totalmente e aí sempre tem uma pausa e alguém vai pra bateria e eu vou pra guitarra e aí a gente começa a tocar Nirvana, a gente começa a tocar... inventar músicas loucas, improviso mesmo. Eu tenho muito isso com a Nitroh. Por exemplo, a gente está no ensaio e aí eu falo “Laércio – o baterista – siga aí alguma virada, dê alguma..., toque aí alguma coisa”. Ele começa com o lado da bateria, eu invento uma parte da guitarra aí o Marlon pega o baixo e inventa também uma frase de baixo e fica muito massa os improvisos da gente, muito mesmo e aí com a Preaz não acontece exatamente isso, mas a gente tem uma pessoa lá com a gente que é Larenga né, vulgo Larissa, a irmã da Thais que é a guitarrista e Larenga adora fazer os guturais dela Ghruuuuuul, cantar Sepultura e Nirvana tudo em gutural assim, produzir o heavy metal

dela, cantando ela solta o cabelo fica lá batendo cabeça e a gente rindo, aí Larenga pega o baixo também e a gente fica brincando, que ela toca baixo também. E o japonês, amigo nosso também, ele vai muito a ensaio, muita gente vai a ensaio nosso e é muita diversão assim porque a gente toca... Não considero isso um problema. E com a Nitroh é mais natural até.

28. Vocês têm uma líder na Preaz?

Não.

29. Acham necessário?

Eu prefiro estar à frente quando é pra responder coisas assim porque as meninas têm pouca experiência com banda e tem muita coisa que a gente tem que arrumar um jeitinho de encaixar entendeu: respostas, é... até uma postura né, até pra não ficar feio pra banda, pra não queimar filme. É... então eu procuro sempre tomar à frente quando é pra resolver questão de show e tal, mas não tem uma líder. Eu acho, inclusive, que se tiver uma líder todas são líderes entendeu, todas dão opinião e cada uma têm sua particularidade, seu jeitinho especial, seu toquezinho especial na banda.

30. Conduzem a banda com alguma ajuda externa?

A gente gostaria muito. Alexandra, a gente costuma dizer que ela é nossa producer né. Ela é prima de Elisa, da Márcia e da Laura né, então eu também cresci com elas, assim como com a Elisa, eu cresci com a Alê, com a Xuxu, com Laura. Laura é a outra irmã de Elisa que não participa tanto da banda. É... e aí ela está procurando uns shows pra gente agora, ela tá fazendo produção na UFBA né, Comunicação Social e aí ela vai começar a ajudar a gente agora no quesito produção agora né que ela tem mais noção assim. Mas por enquanto a gente não tem nenhuma ajuda externa não, tudo mais a gente buscando contatos “e aí que dia rola fazer show e tal” e muita gente chama a gente pra fazer show também, só que eu sou sempre contra “ô a banda ainda ao tá preparada e tal”. Hoje em dia tá, mas tem alguns detalhezinhos internos que a gente precisa acertar, tipo, o lance das guitarras, a mesma batida, elas fazerem entendeu, na guitarra a mesma palhetada, estarem em sincronia, abusarem mais dos efeitos né, dos pedais que eu introduzi muito isso no cd, eu gravei uma parte das guitarras nas músicas da gente, os efeitos assim. Então eu estou sempre dando umas idéias pra elas assim “ah, seria legal se você colocasse isso...”, eu não imponho nada, eu falo “seria legal se você fizesse isso, se você não quiser fazer beleza, faça do seu jeito e tal”, mas é por aí.

31. Você acaba tendo essa postura porque você é a mais experiente do conjunto né?

Não é nem por eu me sentir assim. É porque é meio... é como se fosse uma coisa inata, entende. É como se eu me sentisse responsável tipo tomando conta das meninas assim, cuidando, orientando.

32. Você sabe que existe uma linguagem musical. Eu queria que você falasse como foi o aprendizado desse código e se em algum momento você se sentiu desconfortável utilizando essa linguagem?

Sempre estive no meio de guitarristas mais experientes, por isso que eu sempre... Já passei por uma situação dessa sim e eu não me envergonho não. Quando eu não sei, eu pergunto. Agora pra você conhecer um pouco da linguagem eu acho que você tem que ta dentro do universo ou procurar saber com pessoas que estejam dentro, se você ao tiver vivendo você não vai adquirir entendeu conhecimento. A não ser que você esteja fazendo uma pesquisa mesmo e pergunte para as pessoas o que significa certas palavras assim. Eu aprendi porque eu sempre estive dentro entendeu, mas sempre andei com pessoas que usavam muito esse vocabulário e executavam também muito essas coisas então, eu nunca tive dificuldade não. Até por eu ser curiosa também, sempre procurei saber, se alguém falava alguma coisa que eu não sabia, quando eu não perguntava eu ia buscar entendeu. Eu sempre fui muito... me dediquei muito mesmo, em todos os sentidos, à música.

33. Agora com a Preaz, vocês estão fazendo mais *cover* ou se dedicando à atividade de compor?

Compor. A gente ainda está tocando mais cover porque a gente se preocupa muito com show. Se rolar uma oportunidade de acontecer um show pra gente, a gente quer ter bala na agulha entendeu, por isso a gente continua tocando covers, a gente tem mil músicas que não foram finalizadas ainda e eu inclusive quero me reunir com as meninas pra terminar as músicas, tem umas cinco ou seis pra gente poder mostrar nosso trabalho em show porque eu acho que se a gente tem uma banda a gente tem que mostrar nosso trabalho e não dos outros. Lógico que é interessante você estar num lugar e escutar uma música que você gosta com outra banda tocando. Eu acho isso muito legal, mas eu acho fundamental você ter seu próprio trabalho e mostrar. Esse é o objetivo da gente.

34. Você começou a compor depois que entrou em banda?

Antes. Até porque meu pai ele compunha e ele era cantor, cantava em vários lugares assim, em lugar que geralmente gente mais idosa vai, cantava bolero, música brasileira também, ele odiava Roberto Carlos, aí a galera dizia que a voz dele era melhor do que a de Roberto Carlos. Minha mãe cantava em coral também, eu já, como vocalista, não gosto muito não da minha voz. Eu tento ser afinada, mas eu vou procurar uma aula de canto pra eu pegar técnica que eu vou precisar muito.

35. Você se sente confortável com o título “guitarrista”. Se alguém perguntar pra você o que você é você responde tranquilamente que é guitarrista?

Claro. Eu acho que todo guitarrista é egocêntrico e eu sou a rainha do egocentrismo em relação à guitarra.

36. Nunca se sentiu insegura em se auto-definir como guitarrista?

Nunca. Sou guitarrista e eu faço questão que todo mundo saiba disso, até pra divulgar meu trabalho né. Faço questão mesmo. Eu cheguei na faculdade, primeiro semestre ainda né, aí eu cheguei com o baixo de Xuxu porque eu ia deixar na casa de Thaís que fica do lado lá, eu estudo na Ruy Barbosa aí meu professor: “Bom, dia! Como é o seu nome?” e eu morrendo de vergonha assim porque eu sou muito tímida, não parece mas eu sou muito aí eu “Juliana tal” aí ele “Que que é isso aí? É um violão?”, eu cheguei “não, é um baixo”, “você toca?” eu cheguei “eu toco guitarra” aí ele “isso não é um

violão, isso é um baixo, mas você não toca baixo você toca guitarra. O que é que você está fazendo com um baixo?” aí todo mundo rio e aí que eu me aproximei mais das pessoas entendeu. Falei da Preaz, falei da Nitroh e todo mundo passou a conhecer a banda, eu levei CD e todo mundo comprou os CDS, inclusive ele que tomou a frente dizendo “ah, comprem os CDS e tal”.

37. Você consegue se ver vivendo de música?

Eu vivo a partir disso. Eu não viveria sem música. Eu tô planejando viver de música. Eu acho que meu padrão é completamente aceitável.

38. Quanto tempo você diria que a música ocupa sua vida?

Eu vou incluir mais coisa aí. Assim, o tempo que eu gasto com música na minha vida é praticamente 99,9%. Eu acho que eu respiro muito isso. É... não foi uma imagem que eu adquirir por status, é uma coisa que eu sinto tanto é que quando eu componho, quando vem uma música muito forte eu começo a me tremer toda e aí eu desligo telefone, desligo computador, desligo tudo e ligo a guitarra e começo a compor e só paro quando terminar a música, aí depois é que eu boto arranjo e tudo. Então a gente ensaia três horas, quando a gente ensaia né, em um dia a gente ensaia três horas, depois para pra discutir, eu acho que por semana... Uma semana tem quantas horas? 24 vezes 7... eu sou péssima pra conta.

39. Mas assim no dia, você ensaia, sei lá, cinco, seis horas?

Eu toco todos os dias. É... se eu não tô tocando guitarra. Eu toco guitarra todos os dias, mas se eu não estou tocando guitarra eu tô sempre no teclado, que é de Xuxu – taí em casa – tô tocando air drums que é batera. Eu aprendi a tocar bateria no ar. É muito útil assim você inventa até coisas que você não pode ter. É... batucando em móvel também. Quando eu não estou tocado guitarra eu tô tocando bateria no ar, tô tocando teclado, tô tocando violão, tô assoviando, tô cantarolando, tô escutando música então eu acho que... Foi como eu falei 99,9% do meu dia é pra música.

40. Todas vocês são bem novas, ninguém é casada ou tem filhos. Você acha que os namorados reduzem o tempo que é passado com a banda?

Elisa tem 21 anos né, tem quase a minha idade e Thaís tem vinte, vinte e um. Reduzem? Reduzem. Reduzem sim. No caso da Preaz, não até porque ninguém ta com namorado. Mas eu acho que não reduziria também não. Agora... sei lá eu acho que a mim... não conseguiria não. É uma coisa que influi muito né, você quando ta namorando você se afasta um pouco das coisas e isso complica um pouco, mas eu já passei da fase de... tipo porque eu... Minha prioridade, até acima do meu curso na faculdade é a música e minha família toda sabe disso. Eu tô fazendo faculdade porque, além de Psicologia ser uma coisa que eu gosto muito, eu tenho que me manter financeiramente mais tarde né. Se a música não der certo eu tenho que pensar por esse lado também né. Nem sempre o que a gente gosta da certo, mas vai dar eu creio muito nisso assim e eu luto muito por isso. Eu acredito muito que vá dar certo... com a Nitroh agora a Preaz se der certo que bom. A minha prioridade sempre vai ser a Nitroh.

41. Namorados reclamam o tempo que é destinado à banda?

Sim. Na Preaz teve isso. Stela, a antiga baixista ela namorava um cara e ele falava “ah, ta se encontrando muito com a banda que não sei o quê”. É chatinho né. Eu acho que isso é até por toda questão cultural que envolve mulheres e homens tocando porque quando é homem a gente tem que entender, a gente vai pra ensaio, fica feliz em participar; quando é mulher se a gente participa demais e não dá atenção eles já reclamam entendeu. É meio complicado. Mas eu me imponho mesmo “não vai atrapalhar não se tiver que em largar me largue”.

42. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

A gente conversa o tempo todo.

43. Elas chegam a representar um problema?

Não. Às vezes, às vezes porque Larenga, a irmã de Thaís vai pro microfone cantar ou vai pro baixo, eu vou pra guitarra e fico usando os pedais de Thais, aí Thaís vai pra bateria e fica lá. É horrível, um barulho! É horrível! Elisa que fica na guitarra mais quietinha e eu tô tentando modificar muito isso nela. Eu tô praticamente forçando a menina a ter mais ousadia porque ela tem um grande potencial, ela toca muito guitarra, ela toca muito bem só que ela não acredita nela ai eu – não é nem usando o lado psicológico da coisa – mas eu tendo “velho, acredite em você. Pegue, sole também!” porque ela quer ficar mais na base né e Elisa tem mais influência de punk rock, essas músicas assim de três acordes que não precisam de muito enfeite. E eu e Thaís não a gente gosta de coisa mais complicada, a gente gosta mais de desafio. Agora todas são admiráveis assim no quesito instrumental. Xuxu que é meio fraquinha ainda, ela ta verdinha, mas ela tem um grande potencial, ela é muito boa.

44. Quando um membro da banda está com problema, esse problema é levado para o ensaio?

Eu tava com muitos problemas bem no inicio da banda e ai eu descontava na bateria né, já viu como é. Até hoje quando eu fico meio nervosa, outro dia que eu briguei com a Xuxu no ensaio ai eu comecei a tocar muito forte a bateria e eu já toco forte, eu já toco muito forte e eu não consigo tocar menos forte que isso e ai a acústica do estúdio favoreceu a altura dos instrumentos e ta pior agora na bateria porque tem que tocar fraco e eu não consigo e no dia que eu briguei com ela eu toquei muito forte, com raiva. Eu acho que influi muito quando qualquer membro da banda tem um problema.

45. Como as outras reagem a isso?

Pára todo mundo no ensaio pra conversar. É errado, compromete o desenvolvimento musical, criativo da banda. Às vezes até ajuda. No meu caso no desenvolvimento criativo ajuda porque é quando eu estou triste que eu componho as músicas que eu mais gosto. Eu acho que Nietzsche que falava isso né. É quando as pessoas estão tristes que elas é... esqueci o que ele falou.

46. A banda já tem um público? Quem é ele?

Tem nossos amigos e tem muita gente que escutou as MP3s assim e tipo levou aquele murro na cara. Já chegou um cara pra mim e falou assim - a gente tinha acabado de fazer o show né – aí ele virou “velho, eu pensei que vocês fossem uma merda, eu olhei com os olhos assim de desfeita pra vocês. Vocês subiram no palco e brocaram, vocês são todas bonitinhas assim e tem pegada de homem” aí eu olhei pra ele “pegada de homem não, a gente se dedica e tal” e ele: “não, não eu não quis dizer isso” aí já ficou meio pisando em ovos assim “gostei da banda e não sei que lá”. Aí a gente passou as MP3s pra ele e ele hoje frequenta até o nosso *profile* no orkut, tá sempre querendo saber quando é que vai rolar show. São as pessoas que a gente cativou né, o público lá da faculdade, que são meus amigos de sala né. Eles estão sempre querendo saber quando é que vai rolar show, pedindo pra eu tocar no violão ou na guitarra as músicas da Preaz e da Nitroh também. Eles adoram, estão sempre querendo que eu toque.

47. Só fizeram um show até hoje?

Foi. Foi por uma questão até nossa, foi uma opção nossa que muita gente chama a gente pra fazer show, mas eu prefiro mostrar só quando a gente tiver o que mostrar entendeu. Eu sou muito chata, eu sou muito perfeccionista, se alguma coisa estiver fora do lugar eu paro tudo, boto a coisa no lugar e volto aí continua senão tiver no lugar pára tudo.

48. Quais aspectos positivos e negativos de estar numa banda?

Eu acho que uma das únicas coisas que não é legal quando se tem banda é o financeiro né, você gasta muito e nunca ou quase nunca recebe nada. Eu não tô tocando pra receber, mas seria uma ajuda pra trocar encordamento de guitarra, pra comprar baqueta que eu quebro muita baqueta, comprar pratos – eu não tenho pratos até hoje – eu toco com os pratos do estúdio e eu tenho que ter. Não tenho pedal também, de bateria, meu equipamento de guitarra eu tenho, mas eu... Assim ajudaria se a gente ganhasse até pra gente desenvolver uma marca, fazer uns adesivoszinhos pra divulgar, mais CDS, é isso.

49. E os positivos?

É a união e o que a gente aprende junto, estando juntas. A gente viajou pro Capão em janeiro agora eu, Thaís e Elisa e a irmã de Thaís aí a gente tocava, a gente tentava compor. Não saiu nada lá eu até fiz uma frasezinha bonitinha, mas não vingou ainda não. Então a gente se tornou até mais do que amigas eu digo irmãs assim entendeu. Eu já tinha esse tipo de relacionamento com Elisa e com Xuxu e com Alexandra né mais uma coisa de irmã mesmo que a gente se conheceu desde que a gente era adolescente e Thaís eu conheci ano passado por causa da banda e aí me tornei como se fosse irmã dela também. Uma protege a outra aí de quem faça alguma coisa entendeu todo mundo cai em cima. Acho que esse é o ponto positivo a gente ta fazendo o que a gente gosta, a gente ta lutando por aquilo que a gente gosta. O objetivo da gente é poder algum dia aparecer fazendo o que a gente gosta né. Não é nem receber nada, nenhuma grana é poder mostrar pras pessoas aquilo que a gente sente, internaliza e só expõe na música.

50. Existe discriminação de gênero no rock? Se sim, você já sofreu algum tipo de preconceito?

Já sim. Já. Todo mundo leva... Por exemplo, uma menina tocar bateria: “ah, ela é homossexual”. Não é. Tipo eu acho que não tem nada haver, deve existir, claro que

existe, mas assim como existem poetisas homossexuais, existem professoras, existem garis homossexuais. Eu acho que isso é muito relativo. Eu acho que isso faz parte da cultura né. É toda uma cultura por trás desses preconceitos, uma tradição né porque mulher sempre foi aquele ser que ficava mais limitado, servindo e hoje em dia a gente está evoluindo muito, acho até que existe até uma aceitação maior em relação a mulher tocar instrumento, estar a frente de banda.

51. Você já se viu diante de alguma situação que marcou você?

Não foi exatamente um preconceito, mas... Foi uma pessoa que me peitou por eu ser mulher e a pessoa se ferrou né. Eu fui tocar num show e aí o baterista da Nitroh – eu fui com a Nitroh tocar. Ele não tinha levado nenhum prato né, Ricardo, nem a baqueta ele tinha levado. Eu fiquei muito puta com ele – eu e Marlon. Isso tem uns dois, três anos e aí a gente foi pedir empréstimo de material pras outras bandas e aí um dos organizadores do evento chegou e chamou a gente de banda Irmã Dulce assim aí eu não gostei e fui tirar pergunta pra ele “como assim banda Irmã Dulce? Você me conhece a tanto tempo, você me acha Irmã Dulce?”, “porra, seu baterista vem não trás nada que não sei o quê” ai ele começou alterar comigo e eu só calando a boca dele e chegou Marlon, que Marlon é enorme “meu irmão, essa conversa já não acabou? Vai terminar por aqui ou vou ter que dar meu jeito?” ai ele parou de falar, ou seja, se fosse um homem a frente da situação o cara não teria tomado a liberdade que ele tomou entendeu, se bem que eu não sou de levar desaforo pra casa não se fosse pra meter um murro na cara dele eu ia meter e acabou. Se ele me desrespeitasse, se eu me sentisse ofendida, se eu achasse necessário partir pra agressividade eu partiria com certeza. Como eu falei, eu falo na cara. Eu achei até estranho porque ele é uma pessoa que eu conheço... estudei comigo né e ai ele partir para esse lado e aí Marlon veio e... Quer dizer, por eu ser mulher né, se fosse homem ele não teria feito isso não. Já passei por mil situações assim se eu for lembrar de todas agora.

52. Ser garota te confere alguma vantagem nesse universo?

Eu acho que sinceramente sim. Eu acho que o fato de eu ser mulher e estar ou à frente da Nitroh ou tocando bateria na Preaz que é uma banda só de meninas influenciou muito no quesito divulgação porque atrai a curiosidade, atrai as pessoas pela curiosidade porque as pessoas ainda não associam à normalidade uma mulher estar tocando um instrumento, uma mulher estar no rock’n’roll, uma mulher ter isso como ideologia, uma mulher andar rasgada, uma mulher ser punk, uma mulher viver isso, respirar isso, entendeu. Aqui em Salvador é até mais difícil as pessoas aceitarem, a gente ter essa aceitação do que em outras cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, que são cidades maiores né e tem pessoas de todos os tipos assim e aqui minha mãe costuma dizer (porque minha mãe é do Rio). Minha mãe costuma dizer que aqui no Nordeste o povo é muito machista. Eu até concordo, mas não creio que seja por machismo não, eu acho que é uma questão, até porque pelo que eu tenho acompanhado na faculdade, eu acho que é uma questão de tradição, cultural também que envolvem muitas coisas, mas eu me imponho, eu me imponho e eu vou conseguir o que eu quero podem falar o que quiser que eu não tô nem aí. Eu sou bem assim. Eu acho que ser mulher atrai muito atenção. Quando é uma banda de mulher que vai tocar todo mundo vai lá pra frente ou pra mangar da cara da mulher, pra falar que é uma merda a banda ou pra pagar pau ou pra falar me surpreendi com essa banda.

ENTREVISTA COM MÁRCIA BRAGA (XUXU), BAIXISTA DA PREAZ

Realizada em: 24/04/08

1. Xuxu, eu queria que você falasse um pouquinho da sua história na música. Como foi que você se interessou pela música?

Tipo, minha irmã, que toca guitarra na banda, ela desde pequena toca violão e tipo ela foi a maior influência assim que me fez gostar de rock e tal e desde pequena eu fui criada com ela tocando violão né desde pequena então eu comecei a tocar teclado na realidade, eu não tocava baixo. Só que eu não conseguia encaixar o teclado no tipo de música que eu gostava e não era o som perfeito pra mim não sei. Ai eu comecei a ouvir ela sempre tocando, com Juliana inclusive, há uns quatro anos atrás e comecei a me apaixonar pelos sons graves. Todas as vezes eu ficava observando os graves e sempre falei “vou tocar baixo”, “vou tocar baixo” só que nunca levei isso a sério assim. Sempre falei, mas nunca levei a sério daí quando elas montaram a banda eu não era a baixista não, tinha outra baixista chamada Stella aí ela tinha muita coisa pra fazer não conseguiu encaixar o programa da banda na vida dela e aí eu... decidi que vou aprender esse ano, vou aprender a tocar, isso foi ano passado e ai eu aprendi. No mesmo ano entrei na banda.

2. Você decidiu tocara baixo pra entrar na banda mesmo?

Não. Eu sempre quis tocar baixo, mas tipo a banda foi o empurrão assim pra eu realmente tocar naquele ano entendeu.

3. Você encara tocar um instrumento como um hobby ou como uma profissão?

Com certeza que quero uma profissão, mas tipo isso depende muito de sorte, de tipo ter a pessoa certa na hora certa olhando você, gostar do seu talento então com certeza gostaria de trabalhar com isso, mas não é uma coisa que eu posso confiar em trabalhar entendeu porque depende muito de ter produtor, de ter dinheiro, de conseguir fazer sucesso então. Eu quero fazer como profissão, mas eu vou tentar fazer outras coisas também entendeu pra poder ganhar a vida.

4. Em algum momento sonhou em ser artista de rock?

É tipo eu sempre gostei assim, sempre achei legal. Desde pequena eu sempre gostei de arte, qualquer tipo de arte. Eu sempre desenhei, eu e minha irmã e na Alfa eu já cantei num teatro que teve aqui que era a abertura do colégio pra três mil pessoas então eu já gostava da música, eu sempre gostei de música, sempre gostei da arte então eu acho que sim porque eu sempre sonhei em pelo menos participar de algum ramo da arte não necessariamente o rock, não necessariamente música, mas da arte, com certeza.

5. Como surgiu a vontade de criar a banda?

Minha irmã já tinha uma banda há muito tempo atrás, inclusive com Juliana, a baterista, só que isso há muito tempo. Ela teve tipo várias bandas e aí do nada ela parou com isso, ela começou a fazer tipo outras atividades, começou a correr, treinar pra maratona essas

coisas assim e aí parou de tocar, parou de tudo e aí quando reencontrou Juliana na festa aí é que voltou a vontade de ter banda.

6. Qual o gênero da Preaz? Que tipo de música vocês fazem?

É Preaz. Não é bem rock, tipo... é como se fosse um rock pop, às vezes um rock mais pesado assim, às vezes não a gente toca de tudo, a gente toca desde Queens of the Stone Age até Pitty então não tem assim um estilo certo. É o que a gente está sentindo na hora e pronto.

7. Quais as outras influências da banda?

Tem tantas: tem Muse, tem Silverchair, apesar da gente ao tocar, mas a gente ouve muito Silverchair porque a gente tá pensando, tem... Eu não tô nem conseguindo pensar aqui, há tem Incubus, tem muita música, Luxúria... Não sei de vários.

8. E do ponto de vista estético tem algum personagem que te influencia?

Eu não sei que eu lembre agora assim acho que não, mas sei lá.

9. Você é fã de alguém? Já fez parte de fã clube?

Eu nunca fiz parte de fã clube, mas eu gosto muito de Charlie Brown, apesar de não ser assim uma influência pra banda porque é uma opinião mais minha do que da banda e eu gosto de Avril que é assim quase unânime, mas a baterista não gosta.

10. Por que uma banda só de meninas?

Porque é uma coisa diferente porque as meninas nesse ramo, tipo, nunca acham que as meninas conseguem ser boas, que as meninas conseguem dar certo, sabe. Quando a gente fala inclusive que é uma banda de menina as pessoas já ficam “quero ver pra ver se é bom” tipo querendo testar a gente, então a gente queria desafiar esses paradigmas assim que só homem que toca rock, inclusive, principalmente no rock. Aí a gente queria uma banda só de menina assim pra poder mudar entendeu, pra poder tirar essa idéia.

11. Como foi o aprendizado dos instrumentos e dos aparatos acoplados a eles? (06 min. 16 seg.). O uso dos pedais, por exemplo, no baixo?

É isso, requer não requer, mas é muito bom saber usar. Eu por enquanto como estou tocando há pouco tempo eu tipo pretendo comprar pedais, mas eu não tô usando mesmo porque as músicas que a gente toca não pedem isso. Mas tipo eu tô aprendendo muito com a banda, principalmente porque Thaís, a outra guitarrista ela faz música na UFBA e aí eu sempre tento aprender, por exemplo, tablatura, sabe, cifras, essas coisas pra poder aprender, treinar eu própria entendeu. Então além da música em si, de técnica, de saber tocar, de velocidade eu tô aprendendo também muito do teórico com as meninas da banda e com a música e também tipo você aprende a ouvir a música diferente quando você começa a tocar um instrumento. Por exemplo, você toca bateria, quando você ouve uma música geralmente você começa a ouvir a bateria da música e não ouve a música inteira então além de tipo melhorar assim o como eu toco e tudo eu tô melhorando

também o jeito de ouvir as músicas, to aprendendo a ouvir mais claramente os instrumentos, principalmente o baixo.

12. Você acha que teve facilitada para lidar com esses aparatos?

Eu tenho. Nunca foi problema assim sempre que tem alguma coisa que eu desconheço eu falo às meninas que geralmente conhecem e elas me ensinam então não há problema nenhum a questão dos pedais vai ser futura. Eu vou comprar pedais, vou colocar no baixo, mas também tem que ser algo que encaixe com a música então não necessariamente tem que usar pedais. E é isso, baixo não tem muita coisa assim não.

13. Agora me conta. Como é que foi a reação dos seus pais ao fato de você tocar numa banda?

Primeiro minha irmã sempre tocava então meu pai gostava da música, mas nunca foi rock né, claro. Ai assim eu falei que a gente queria montar uma banda. Minha mãe nunca levou fé e meu pai apoiou, mas meu pai não tava tipo aqui sempre – ele mora em Recife – então ele não tava aqui pra dar esse apoio sabe essa força toda, mas de longe ele sempre falou que gostaria de ver os ensaios, gostaria de ver os shows e tal aí a gente falou né “eu vou entrar, eu vou tocar baixo”. Minha mãe não levou fé nenhuma, minha mãe pensou que era moda, que tipo não vai durar, que sabe, modinha assim, que nem quando eu queria tocar teclado que quando eu comecei não terminei, não aprendi muito né só o básico. E meu pai não, de longe ele deu a maior força, falou que é isso mesmo, mesmo que mesmo rock não sendo o estilo que eles gostam, que eles ouvem, que eles acham barulho que ele gostou das nossas músicas, que ele gostou de tudo e sempre deu apoio. Minha mãe também dá apoio, dá muito apoio inclusive no show que teve ela falou que ela ia assistir e não pôde porque ela teve algum compromisso no dia, mas ela comprou camisetas pra gente, também sempre deu apoio, mas no início ela não levava muita fé não.

14. Mas a banda X não era de rock? (09 min. 40 seg.)

Foi. Mas é isso, primeiro que ela não treinava em casa muito porque como ela ia tocar sozinha, ela tocava pouco e segundo que só tinha um integrante e guitarra tipo pra meu pai e minha mãe é a mesma coisa que violão assim então ela treinava violão, eles viam ela tocando violão e violão você não consegue ver o peso né, no baixo quando você entra tocando baixo, tocando baixo em casa aí muda um pouco né.

15. Você não fez aula?

Sem nenhum tipo de aula fora as meninas me ensinando que já é um aprendizado e tem alguns baixistas também que em ensinam como Toshiro que é um baixista de uma banda Minerva daqui de Salvador e Marlon que é o baixista da outra banda de Juliana. Eles me ensinam também.

16. Você já consegue perceber algumas distinções no modo de ouvir depois que entrou na banda?

Isso com certeza tipo primeiro que o baixo é um dos sons que quase ninguém ouve assim, só ouve quando baixo é realmente alguma coisa que marca a música, que tipo

tem um solo de baixo ou então o ritmo é todo marcado pelo baixo, geralmente ninguém sabe nem o que é então pó eu comecei a ouvir os baixos claramente das músicas, eu comecei a distinguir os instrumentos também porque às vezes as pessoas não sabem em tipo “o que é isso? O que é essa coisa mais grave que a guitarra ta fazendo?” eu falo “não é a guitarra, é o baixo”. Sabe você começa a saber distinguir quando tem uma guitarra quando tem outra guitarra, quando tem o baixo, começa a saber distinguir a música mesmo, os elementos da música não só ouvir a música como um todo.

17. Vocês fazem críticas umas as outras? Como vocês lidam com elas? (11 min. 53 seg.)

É isso a gente... geralmente a gente toca no ensaio e depois do ensaio... além de banda a gente sai, a gente se diverte, a gente sempre anda junta então tipo a gente tem liberdade pra falar dos outros assim, falar dos erros e antes de todo ensaio a gente se reúne e fala o que é que achou bom de ensaio, o que achou ruim, o que tem que melhorar, o que alguém ta fazendo de errado entendeu, ou então alguma idéia pra alguma coisa nova então já é assim normal, já é costume ouvir as críticas e tem que ouvir porque se não ouvir você não vai conseguir melhorar no que você está fazendo errado.

18. Vocês têm uma líder? Acha que precisa?

Não. Não, assim acho que líder você acaba achando que está mandando em tudo então se deixar líder não dá certo sabe. Sempre vai ter tipo, por exemplo, “ah, eu quero falar com a líder” e eu acho que a banda é mais uma família assim. Eu já falei a gente é amiga acima de tudo assim, então não é só questão de grupo, de líder de grupo entendeu. Uma família não tem líder.

19. Nos ensaios é comum participação de terceiros?

Com certeza. A maioria, não todos, mas a maioria vai alguém tipo principalmente Alexandra, a minha prima que ela ta fazendo Produção Cultural na UFBA e ela fala que vai tentar ser a nossa *producer*, que vai tentar colocar a gente nos shows que ela tá organizando e não só ela tipo geralmente vai a irmã de Thaís, Larissa, vai uma amiga nossa Aninha, sempre tem alguém que sempre acompanhou a banda desde o inicio assim, desde o primeiro ensaio sempre tem alguém.

20. Essas pessoas costumam dar palpites?

Com certeza. Se tá ruim elas “que é isso? Ta horrível!”, se sai bom elas ajudam, elas cantam também, gostam de participar, gostam de sempre tá informadas do que está acontecendo.

21. A presença dessas pessoas deixa vocês acanhadas de alguma forma? (14 min. 00 seg.)

Se for uma pessoa que a gente não conheça tipo a gente pode até ficar meio sem graça e tal, mas primeiro que banda tem que lidar com o público, então acanhada não pode ficar, não pode ficar com vergonha e segundo que geralmente as pessoas que vão conhecem a gente há muito tempo então é mais... Como se fosse da banda mesmo, a gente nem liga.

22. Conduzem a banda com alguma ajuda?

Não. As letras... Assim todo mundo cria as suas músicas aí passa pra outra e a aí a outra ajuda e passa pra outra inclui o baixo e bota a guitarra sabe e vai todo mundo criando. Ou então Juliana, por exemplo, já criou uma música toda e passou pra gente, mas cada um tem suas músicas assim e aí depois que a gente faz a gente passa pras outras ou então a gente se reúne todo mundo e começa a compor, mas nunca com ajuda externa assim sempre a gente.

23. Você já consegue trafegar pela linguagem musical tranquilamente? Já se sente confortável com ela?

Quando eu estou conversando com alguém eu realmente pergunto tipo “ta me xingando? Eu não to entendendo”, mas geralmente eu sei porque eu já to ouvindo essa linguagem há muito tempo e agora muito mais intensamente... É no teclado eu já ouvia algumas dessas linguagens, coisa e tal então assim não é nada tão novo pra mim e quando tem alguma coisa que eu não conheço, é como eu falei, as meninas como já têm muito mais experiência, elas me ensinam e mesmo quando elas não sabem a gente procura alguém que saiba, o que é muito difícil, geralmente as meninas próprias me ajudam.

24. Você considera a Preaz mais cover ou mais autoral? (16 min. 24 seg.)

Por enquanto a gente está mais cover, mas não por opção porque a gente prefere ser uma banda autoral, a gente prefere ter as nossas músicas, as é fundamental a banda ter os seus covers, até porque saber as influências que ela teve assim e a gente por enquanto não tem muitas músicas prontas então a gente tá tocando mais cover do que músicas próprias, mas a gente pretende ser assim uma banda só com músicas nossas mesmo, a maioria das músicas e subir com mérito próprio e não com mérito dos outros.

25. Quantas músicas vocês têm?

Prontas três e fazendo deve ter umas quatro, cinco, esquecida tem várias. (...)

26. Todo mundo compõe?

Todo mundo faz. Todo mundo tem. Minha irmã tem uma que ela fez só que... É isso tem muitas músicas que a gente começa a fazer mais não termina. Eu tenho uma que eu já fiz música e melodia só que não passei para as meninas, tem minha irmã que já fez música e melodia, passou pras meninas, só que a gente não terminou, tem várias assim. A guitarrista fez inclusive uma dessas músicas foi a guitarrista que fez junto com a baterista, a baterista já fez outra sozinha. Então tem muita música que a gente começa e não termina.

27. Compor canções é uma atividade pós-banda ou você já fazia isso antes?

Eu falei eu sempre gostei da arte então antes de tocar qualquer coisa teclado ou baixo ou violão qualquer coisa eu fazia poema, eu desenhava então eu já comecei a compor a partir daí. Antes de entrar na banda minha irmã ela fez, ela estava procurando uma

música, ela não confia, na realidade, na escrita dela então ela pediu para eu escrever alguma coisa e eu fiquei muito tempo sem escrever e do nada teve assim a idéia e comecei a escrever uma letra e passei pra ela então tipo isso de compor eu já fazia coisas sabe trabalhos bem antes só que nunca divulguei, nunca mostrei pra ninguém, mais por vergonha mesmo, agora tá começando a oportunidade.

28. Você consegue se definir como baixista?

Eu sou baixista. Se me perguntarem “o que é que você é?” eu falo “eu sou baixista”. Eu sei que eu sou baixista, agora se eu sou uma baixista profissional, vivo disso, se eu consigo viver disso já ai é outra história porque eu ainda estou aprendendo entendeu.

29. Você consegue se ver vivendo de música?

Com certeza é o meu sonho. Dá música e da arte em geral.

30. Quanto tempo a música ocupa na sua vida?

Rapaz, eu acho que até estudando eu ouço música então metade do dia praticamente é música, dormindo às vezes eu coloco o fone e durmo ouvindo música porque música não é só você ouvir a melodia é mais um estado de espírito, você sente a música então música faz parte sim muito da minha vida, acho que o dia inteiro não, mas um quarto do dia eu acho que sim.

31. Você pratica com o baixo todos os dias?

Eu estou no terceiro ano então eu tenho que estudar muito até porque eu vou fazer vestibular difícil então geralmente eu não tô treinando no baixo especificamente porque tem que ligar na caixa não sei o quê, eu não posso perder tempo no terceiro ano então eu tô treinando mais no violão e depois eu passo pro baixo entendeu, eu tiro mais as músicas com nota no violão mesmo aí depois eu crio um solo pro baixo alguma coisa assim.

32. De alguma forma, os namorados reduzem o tempo que é passado com a banda? (20 min. 53 seg.)

Eu não sei porque isso é muito relativo depende de como seja a relação, depende de se termine e depende sabe porque... Ô namorado dentro de banda é uma coisa e namorado fora de banda é outra. Os namorados fora de banda tipo eles interferem porque às vezes o relacionamento não está bom e a pessoa chega pra baixo, sabe, a pessoa... acaba interferindo, acaba não sabendo distinguir banda, que seria tipo um trabalho e o relacionamento então acaba..., e também às vezes o namorado acaba dando opinião. Agora namorado dentro da banda não tem muito o que falar, mas deveria ser algo assim, por exemplo, um produtor namorado algo que acho que não cai bem porque fica muito ligado com a banda entendeu, fica uma coisa assim muito dependente se acabar pode até não acabar a banda, mas pode ter conseqüências muito sérias pra ela entendeu.

33. Eles cobram o tempo que vocês dedicam à banda?

Depende do namorado. Nossa cantora, essa que saiu agora ela tinha um namorado que também tinha banda e então ele não cobrava esse tempo não porque ele sabia entendeu. Ele tinha o tempo dele também pra banda dele então depende do namorado, depende muito, é muito pessoal isso.

34. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Geralmente quando a gente tá conversando demais alguma grita: “epa, o ensaio!” aí a gente volta a ensaiar então assim não toma o ensaio todo, mas geralmente tira um bom tempo.

35. Os problemas são levados para o ensaio?

A gente já falou várias vezes assim que tipo a gente é amiga acima de tudo, mas relacionamento dentro do ensaio não cabe, então a gente ensaia, depois do ensaio, logo após – como eu falei que todas às vezes a gente se reúne depois do ensaio – então depois do ensaio a gente discute os problemas e tal, a gente fala sobre isso, mas dentro do ensaio a gente tenta ao máximo assim separar relacionamento de música.

36. Quais os aspectos positivos e negativos de se estar juntos numa banda?

É porque a banda é como se fosse um círculo de amigos que você sai, que sabe... Tem aspectos positivos, são vários, primeiro que são minha amigas, minhas melhores amigas, minha família, eu saio, confio nelas, meus problemas eu falo com elas e tal, agora os aspectos negativos é isso de você conviver sempre com a pessoa, tipo a convivência sempre acaba em briga, sempre tem alguma besteira, alguma discussão, alguma coisa, mas nunca é nada assim sério que brigue realmente, que acabe com a banda. Sempre que tem alguma discussãozinha a gente fala “pô, vamos fazer as pazes e tal” e aí, mas tem mais benefícios assim. É mais ajuda uma a outra do que briga, essas coisas.

37. Você acha que no rock existe preconceito de gênero?

Discriminada assim eu nunca fui, mas com certeza tem preconceito porque como eu falei já tipo você fala que é uma banda de menina todo mundo quer ouvir pra ver como é, mas eu já falei por exemplo “eu toco baixo” e as pessoas com quem eu falava isso duvidavam, olhavam pra mim tipo “você, desse tamanho, menina tocando baixo?” sabe tipo duvidava, achava que era mentira, outras pessoas já falavam: “pô, que bala! É diferente uma menina tocando baixo. Preconceito em si eu nunca vivi, mas muita dúvida assim de que a gente seja boa, que a gente dê certo, muita desconfiança sabe já rolou muito.

38. Ser meninas confere alguma vantagem no rock?

A vantagem é que tipo... A vantagem inclui também uma coisa que é o esforço próprio: se você se esforçar muito e conseguir se destacar tipo isso vai ser marcado porque é como eu falei, você vai quebrar aquela ideia de que menina não sabe tocar, de que menino que fica em banda que não sei o quê. Se você estudar bastante o seu instrumento, você conseguir se destacar assim você tem essa vantagem de falar “pô, as meninas tocam muito bem” e a gente vai ser marcada como as meninas que tocam bem,

as meninas que fazem isso entendeu. Então tem uma certa diferença entre as bandas de menina, agora vantagem própria por tocar, por ser mulher, por não sei o quê acho que não tem muita a não ser isso né conseguir se destacar como aquela menina que conseguiu fazer isso.

**ENTREVISTA COM THAIS BARBEDO,
GUITARRISTA DA PREAZ
29/04/08**

1. Como surgiu o seu interesse na música?

Quando eu era pequena, assim devia ter uns sete, oito anos eu queria fazer aula de violino só que minha mãe disse que era um instrumento caro, que a aula era cara, eu acho que ela tava com medo de eu largar e aí disse que não, não podia. Aí teve esse ato, eu fiquei esse tempo todo sem nenhum contato com a música, quer dizer, meu pai e minha mãe sempre tocavam. Meu pai tocou violão, desde que eu nasci, minha mãe também tocou teclado, mas eu não tocava nada aí quando eu fiz quinze anos meu pai me colocou na aula de violão. Aí com quinze anos eu comecei na primeira aula de violão, tocando músicas assim: Skank, Cássia Eller, essas coisinhas assim, daí quinze eu era primeiro ano, dezesseis e tal. Aí quando chegou no terceiro ano eu tive que escolher que profissão eu ia seguir e assim eu sempre fui muito indecisa, sempre quis fazer mil coisas e aí de repente no ano que eu tinha que escolher eu não tinha mais opção, eu não queria fazer mais nada, não me imaginava fazendo mais nada a não ser Música. Eu tinha me apaixonado de uma forma tão grande em três anos que o que eu queria fazer era isso, eu queria seguir isso pro resto da minha vida. Então aí você já sabe eu estudei e tal, passei e tô fazendo faculdade.

2. Você fez algum tipo de aula?

Fiz. Três meses antes da prova, foi uma manobra meio arriscada porque as pessoas normalmente estudam um ano, dois anos antes - que uma prova prática é meio complicada - e aí três meses antes da prova, minha mãe achou o número de um professor no jornal, hoje em dia ele é meu colega, meu amigão, e aí eu peguei aula com ele, fiz as aulas e tal e acabei passando, tirei nota máxima na prova prática, uma coisa assim que ninguém esperava tanto que quando eu vi o resultado do vestibular eu chorei e tudo porque eu já tinha certeza que eu não ia passar porque eu não tinha me preparado pra isso. E aí cai na faculdade de pára-quadras assim e aí fui e tô até hoje lá. Tive crises e pensei em desistir, largar, acho que todo mundo que vai pra faculdade tem esse momento de crise por diversos motivos e aí como no ano passado, no meio do ano eu cheguei a largar quase todas as matérias, fiquei só com duas, pensando, repensando se eu ia continuar seguindo isso. Aí esse ano realmente eu diria que eu tô feliz fazendo Música porque as crises passaram.

3. E no início você fez aula?

Fiz aula.

4. Quanto tempo?

Eu fiz dois, três anos. Eu parei de fazer aula com esse professor quando eu fui fazer vestibular porque na faculdade a gente toca violão erudito e eu tava tendo aula de violão popular e a aula não tava mais sendo legal pra mim aí eu parei, mas eu tive aula um bom tempo, muito tempo mesmo.

5. Antes da faculdade você já tinha participado de banda?

Tinha. Com um ano d'eu tocando violão eu fui chamada pra uma banda... É assim, eu conheci umas meninas, duas meninas que estudaram na mesma escola que eu que tavam querendo fazer uma banda de metal e precisavam de uma guitarrista. Eu nunca tinha guitarra na vida, mas eu entrei na banda como guitarrista - nunca contei isso pra ninguém só depois. Aí no primeiro ensaio da banda foi quando eu toquei guitarra pela primeira vez, eu falei: “ah, quem toca violão toca guitarra, a mesma coisa”, cheia de erro, mas beleza e aí foi um ano depois que eu comecei a tocar que eu entrei nessa primeira banda, a Cripta. A Cripta durou um bom tempo, mas a gente não se organizava muito..., a gente ensaiava mais de hobby: a gente se reunia pra tocar, mudava integrante toda hora e aí ensaiava pra tocar os *covers* que a gente gostava de metal e aí, em algum momento, acabou a banda.

6. Era uma banda de meninas?

A primeira formação eram quatro meninas, aí depois a baterista saiu e entrou um menino, depois adicionamos um guitarrista homem também, então ficou quase meio a meio. E depois dessa, quando essa tava quase acabando, eu tive uma outra, que durou um ensaio só que era uma banda pra ser cover de R.E.M., uma outra banda aí. Aí eu fiquei quase um ano sem banda, aí quando foi no ano passado eu entrei na Preaz.

7. Então a Preaz é a sua segunda banda?

Terceira. É segunda. Não, terceira por que... A segunda durou um ensaio só e aí acabou, se desfez, depois dessa segunda teve uma outra que eu ainda tô, “Last Tree Nonflower”, seria tipo a última árvore que não floresceu. Eu entrei nesta “Last Tree” em dezembro e entrei na Preáz em janeiro do ano retrasado, 2006, e aí um mês depois entrei na Preáz. Eu estou com as duas agora. Então a Preáz teoricamente é a minha quarta banda.

8. Em toda a sua trajetória em bandas foi sempre a guitarra que você tocou? Nunca foi necessário trocar de instrumento?

Não. Eu sempre achei o instrumento assim mais completo que me satisfazia a guitarra e o violão.

9. Essa pergunta é até um pouco besta pra você. Tocar guitarra é um hobby ou uma profissão?

Eu já passei momentos de me questionar né o que é que eu queria, se era pra ser um hobby ou se eu iria realmente encarar o desafio da profissão, mas...

10. Porque é que você chegou a duvidar de fazer disso a sua profissão?

Primeiro, a primeira dúvida eu cheguei a duvidar que eu conseguiria ser boa porque Música é complicado. É um mercado muito assim acirrado, as pessoas que já tocam muito bem, são muito boas podem não tá conseguindo tipo retorno financeiro, digamos assim, ou reconhecimento. Eu falo isso porque tem gente que eu vejo aqui de bandas e tal que são muito muito bons e não têm o reconhecimento que deveria ser proporcional. Então eu fiquei pensando pô se essa galera que é boa pra caramba não consegue quem sou eu pra conseguir? Eu devia tentar uma coisa, sei lá, fazer Direito, fazer Medicina que eu vou conseguir um sucesso pessoal e profissional muito mais fácil – eu pensava assim né. Aí depois passou essa fase de me questionar se eu era boa, eu pensei se eu continuar estudando e tal eu vou chegar num patamar legal. E aí fiquei me questionando sobre o que fazer pra ganhar dinheiro porque assim a maioria das pessoas de lá da faculdade começa ganhando dinheiro dando aula, lá mesmo tem os cursos e a gente que estagia dando aula, só que eu já dei aula e tal, mas não é o que eu amo fazer entendeu. Eu não queria ficar pro resto da minha vida ensinando outras pessoas. Não é que eu não ache legal, mas o que eu gosto de fazer é tocar aí eu pensei só tocando, fiquei me questionando sobre isso, se só tocando eu conseguiria, mas aí eu passei dessa fase já e aí eu acho que eu já me aceitei como uma pessoa que vou tocar e tal e tô ainda descobrindo esse caminho de como eu vou me realizar totalmente, mas os problemas eram esses. Eu acho que eu tô resolvida.

11. Desde que você começou a aprender sempre foi o rock'n'roll seu gênero preferido?

Não, não sei. Não. Quando eu comecei... Porque eu tocava o que o professor me dava então o que ele me dava era mais assim esse pop rock nacional e ele me levou muito pro MPB, Bossa Nova. O que eu comecei tocando foi isso, que era no violão o que eu tocava era isso, muito mais MPB, Bossa Nova do que pop rock. Aí quando eu comecei a me interessar pra guitarra, aí eu comecei a procurar ouvir coisas que tinham mais guitarra ou não sei se eu ouvi e comecei a me interessar. Não sei o que veio primeiro, o ovo ou a galinha, mas aí eu comecei a ouvir coisas que tinham mais guitarra e tem muita guitarra no rock'n'roll né, principalmente guitarra distorcida e tal aí foi que eu comecei a tipo tocar muito e ouvir coisas assim de rock e tocar rock e ficar muito no rock. Não é que eu não goste de outros estilos, eu gosto de muita coisa. Eu acho que da banda eu sou a... É uma das meninas fica até perturbando dizendo que eu sou eclética demais, que eu gosto de coisas demais porque eu gosto de jazz, de blues, de erudito que é o que eu estudo, de samba, bossa nova e de rock, mas por tocar guitarra e gostar muito de guitarra eu acho que eu me foquei nisso aí, mas não é que eu sempre toquei. Atualmente eu toco mais rock na guitarra porque no violão eu sou outra coisa.

12. Como é que foi o convite pra entrar a Preaz?

Stella que foi a baixista da primeira banda, da Cripta, ela é amiga de Ale, que é prima de Elisa, a guitarrista, daí Elisa estava fazendo uma banda, Alê indicou Stella pra tocar baixo com ela. É... tava com a vocalista que era uma amiga delas também, que não é agora, ela saiu, a gente está sem e faltava uma outra guitarrista, acho que ela estava com baterista não me lembro. Faltava uma outra guitarrista aí Stella lembrou de mim pelas influências que elas estavam pretendendo na hora e aí me chamou aí eu aceitei, eu tava sem banda nenhuma, quer dizer tinha acabado de entrar na outra, mas pela propaganda que ela fez da banda, das coisas que ia tocar eu pó é isso aí que eu quero, aí o convite

veio através dela. Um pouco depois ela saiu da banda e aí entrou Márcia que é irmã de Elisa e aí depois a vocal saiu.

13. Vocês já conseguiram uma vocal?

É não tá... Acho que vai ser ela, mas a gente ainda não bateu o martelo. A gente fez um teste, gostou muito, aí ensaiou de novo com ela, aí falta conversar pra ver se vai ser ela mesmo.

14. Qual o gênero da Preaz? Que tipo de música a banda faz?

Ô isso é complicado, inclusive isso é um assunto engraçado porque eu fico brincando com a minha irmã que metal e rock existem tantos subgêneros que a gente fica perdido tipo a galera parece que gosta de inventar, por exemplo, uma banda, sei lá... Não sei qualquer estilo aí coloca um tecladinho a mais aí já mudou totalmente o estilo, aí se o tipo do vocal for diferente aí já mudou totalmente. Tem tantos subgêneros que eu prefiro dizer é rock, é metal só. Então se me perguntarem sua banda é de quê eu digo “rock”, eu não caracterizo como, por exemplo, rock alternativo, punk rock, HC, não sei, mas se tivesse, se fosse obrigatório caracterizar, eu diria alternativo porque é assim quando você não tem opção você diz isso né ou não tem nenhuma influência até porque a gente é uma banda nova – tem um ano e pouco..., o que se utiliza para caracterizar uma banda são as músicas próprias. Música própria feita mesmo, assim colada, tudo pronto e gravado a gente só tem duas e isso é muito pouco pra você dizer o que é uma banda então eu diria alternativa, continuo nessa porque eu acho que a gente não tem muito material pra dar um subgênero mais forte.

15. Quais são os artistas que influenciam você, mas você numa ligação com a Preaz?

Sei lá, acho que bandas como Incubus, Red Hot Chili Peppers, Muse que é uma banda muito boa, Queens of The Stone Age, Rage Against the Machine, aquele guitarrista muito criativo me influencia muito, é... Deixa eu ver... ô não sei se influencia n meu som, mas que me influencia musicalmente daqui do Brasil, Cordel do Fogo Encantado, acho que não tem nada haver com a gente, mas é uma banda que traz muita influência pra mim, Nação Zumbi também e tem uma banda toda de meninas também que é muito legal que é Crucified Barbara eu não sei se é muito conhecida, que é gringa, eu não sei de onde é e é só de meninas e assim, um comentário meio preconceituoso que fariam “as meninas tocam como homem”. É muito preconceituoso falar isso, mas assim querendo dizer que as meninas tocam muito bem nem parece que são meninas. É uma banda muito legal, acho que me influencia também. Uma crítica muito comum delas que diz é que são Motorhead de saias.

16. Já fez ou faz parte de algum fã clube?

Não.

17. Porque não?

Sei lá é meio esquisito. Não sei. Fã clube não eu já fiz parte de lista de discussão. Tinha uma lista do Yahoo sobre Pitty. Logo quando eu comecei a tocar violão e tal, eu gostava

muito, eu ainda gosto, mas... Naquela época. Aí eu entrava na lista, conversava com a galera, mas nunca assim fiz parte de uma organização “vamos adorar fulano” tipo assim, que é como eu vejo um fã clube, vamos falar sobre a vida de fulano e ver o último corte de cabelo e etc.

18. O caso de você ter entrado na Preaz foi mais por uma razão das músicas, das influências da banda, do tipo de música que se queria cantar, se queria tocar ou porque era uma banda de meninas?

Não. Foi pelo fato das influências, eu imaginei se todas têm esse gosto em comum, eram bandas que eu gosto imaginei que o som seria uma coisa que eu ia gostar de tocar e o som que seria produzido pela gente também, o fato de ser menina não interfere não, apesar de que quando me chamaram falaram “não porque a gente tá montando uma banda de menina”. Tipo, sempre falam isso. Ninguém liga “ah, tô montando uma banda de meninos”, mas falam “tô montando uma banda de meninas queria saber se você queria entrar”, “eu entro”, mas assim eu não levo isso em consideração, não faz diferença se você é homem ou se é mulher a música que você faz é a mesma. Quando você está tocando você não fica pensando “eu sou mulher e tô tocando”, “eu sou mulher e tô tocando”. Não. Você não fica nem pensando “eu sou uma pessoa e estou tocando”, você tá tocando só, então não faz diferença pra mim.

19. Mas o fato das meninas... De certa forma Elisa tinha uma proposta de criar a banda de meninas justamente pra se colocar contra essa ideologia que tem e tal. Isso te cativou de alguma forma ou pra você tanto faz mesmo?

Não é tanto faz, eu acho legal a gente ter uma banda de meninas até porque eu como musicista e observando e tal é muito escassa ainda, a diferença é muito grande entre mulheres e homens na música, se vê mesmo pelas bandas nacionais ou artistas e tal, normalmente a mulher e a vocal, é a principal, mas assim como instrumentista você não vê mulher guitarrista, você não vê... eu conheço uma baterista, Simone Sou, já vi ela tocando com Zeca Baleiro, Vanessa da Matta, fora isso Lan Lan também, percussão, mas fora isso você não vê mulher nunca então assim como consequência é legal você montar uma banda só de mulher pra tipo meio que abrir um espaço que já está sendo aberto, já tá tendo muitas bandas, mas pra mostrar assim que não tem nada haver entendeu porque eu não vejo motivo pra não ter mulher porque não é falta de competência. As mulheres são tão competentes quanto o homem entendeu, então o fato de ter muito homem deve ser algum resquício de preconceito, alguma coisa aí porque não tem explicação nenhuma pra ter muito mais homem do que mulher na música, tirando as vocais porque tem muita mulher cantando beleza, não sei qual seria o fator que diferenciaria, mas assim tem muita instrumentista boa. Por exemplo, uma... eu esqueci de mencionar ela, Badi Assad (não sei se você já ouviu falar), ela é a irmã mais nova de um duo de violão, Sergio e Aldair Assad. Essa Badi Assad ela tem quatro CDS, ela canta e toca violão, ela toca muito bem, é uma instrumentista muito boa e aqui no Brasil ela não tem... Ela é mais famosa lá fora do que aqui, aqui quase não é conhecida. Eu não entendo isso, eu não sei explicar, mas assim então eu acho legal que a gente tenha uma banda só de mulher pra mostrar que a gente faz a música, quando a gente chegar com a nossa música de qualidade, chegar fazendo show, fazendo o som, fazer tudo da mesma maneira que os homens fazem, mostrar que não tem motivo pra ter essas diferenças, ter essa diferença de quantidade tão grande entre mulher e homem. Não é que seja uma prioridade ou que seja importante tipo o que muda na banda é o fato de ser

mulher, mas assim é legal que sejam mulheres pra meio que mostrar isso também. A gente faz da mesma forma que o homem faz, não tem diferença.

20. Você, na condição de musicista, na condição de estar dentro de uma Universidade que é a Escola de Música. Lá dentro como é que você vê isso, em termos de estatística mesmo?

Depende do curso. Por exemplo... Eu não tenho uma turma fixa, são várias matérias, mas assim no geral tem muito mais homem do que mulher na faculdade, mas por exemplo, eu tenho turmas de determinadas aulas que tem mais mulher do que homem nessa turma, mas falando por exemplo no ano que eu entrei, aliás acho que até agora, que eu faço Instrumento - Violão. De violão e tem muito violão, tem muito instrumentista de violão lá, só tem três meninas, eu e mais duas, que eu me lembre. No ano que eu entrei tinha uma se formando, depois uma outra se formou, mas atualmente que eu me recorde só tem nós três e eu não sei nem qual a quantidade de homens. Trinta? Não sei. Vou chutar. É uma diferença gritante entendeu só ter três meninas e trinta homens, digamos assim, não sei se é tudo isso, mas, então lá dentro mesmo tem essa diferença. Agora eu vejo mais nos cursos de licenciatura não sei posso estar generalizando tem mais mulher, ou outros instrumentos não sei, porque tem uma certa quantidade de mulher lá, mas eu não sei o curso que todo mundo faz, mas assim falando pelo meu curso de violão só tem nós três no meio de tanto homem então lá dentro mesmo que é uma escola que faz músicas já tem essa diferença, tem muito muito mais homem do que mulher.

21. Só uma curiosidade. Você já passou por alguma situação de ser... Por vocês estarem em minoria lá dentro já houve algum comentário maldoso ou alguma coisa desse tipo?

Não. Que eu me lembre não.

22. Você sabe que pra formar uma banda e mesmo pra estar tocando um instrumento você tem que lidar com determinados aparatos, não é só o instrumento né. O instrumento, alguns deles... Por exemplo, a guitarra pressupõe pedais. Quando você monta uma banda você tem que encarar alto-falantes, microfones e todos esses aparatos, esses equipamentos que fazem parte do universo musical. Eu quero saber se assim, quando você estava aprendendo, quando você decidiu mexer com isso, quando você entrou em banda que foi até antes da própria faculdade. Como foi o aprendizado para saber lidar com esses aparatos? Por que tocar um instrumento é uma coisa né, quando você vai amplificar um instrumento você sabe que é outra né. E aí, como é que foi isso?

Isso é até um ponto interessante. Quando eu comecei a tocar – naquele meu comentário né “quem toca violão, toca guitarra” – violão é menos, é basicamente o violão a não ser que você vá tocar, microfona e tal, mas assim é só o violão, aí eu pensei tá guitarra é a mesma coisa, vou tocar guitarra logo no rock que usa muito efeito, usa muita distorção e eu lá toda zé não sabendo de nada e aí você começa a tocar aí você, por exemplo, eu não conseguia tirar as músicas de ouvido então você vai pegar uma cifra na internet aí você vê alguma observação: “com awa”, “com distorção nessa parte”, “com tal efeito” aí você procura saber “o que é que é isso?” aí vai no Google (...) e vai pesquisar tal efeito. Pelo menos é assim que eu vou descobrindo as coisas. Essas coisas de efeito e

tudo nunca ninguém me ensinou eu vou curiosa, ouço uma coisa aí vou perguntar. Agora tem Orkut, tem fórum de guitarra, “galera, tal música o que é que esse guitarrista usa?” e às vezes fico horas na internet pesquisando, vou pesquisar o que é isso, o que é aquilo, o que é aquilo outro, o que eu preciso pra fazer tal som, qual a diferença de tal madeira na guitarra, qual a diferença de tal captador, tal pedal aí acho um fórum alguém responde, vou no site de compras pra dar uma olhada em quanto custa, outras especificações, sempre futucando, passo horas e horas futucando. Por exemplo, quando eu comecei a tocar eu comprei a minha guitarra porque eu achei ela bonita, a diferença é essa. Eu vi “pô legal, minha guitarra é vermelha”, inclusive há controvérsias, tem gente que diz que é rosa, tem gente que diz que é laranja, mas “porra, que massa essa guitarra vermelha, gostei dela” aí pedi de presente pra meu pai, ele enrolou enrolou, seis meses depois ele finalmente comprou pra mim e aí a única coisa que eu comprei junto com a guitarra foi um amplificador porque senão não ia sair som. Eu não sabia, mas por sorte meu amplificador veio com um botãozinho de distorção, eu beleza, “eu já tenho duas coisas: a guitarra limpa e a guitarra com distorção” aí eu ficava pedindo pra minha irmã, eu tocava alguma música limpa “agora, agora” aí ela apertava aí entrava a distorção. Eu toquei assim por muito tempo aí depois, inclusive essa guitarra é a que eu tenho até hoje, tô até planejando por agora, depois de quatro anos tocando, trocar, aí eu vou pesquisado muito e lendo e tal aí eu vou descobrindo o que eu quero no meu som. Por exemplo, depois que eu ganhei a guitarra, um ano depois, eu senti que eu queria alguma coisa a mais aí eu fui pesquisando e tal pra uma pessoa iniciante eu comprei uma pedaleirinha da categoria mais baixa que tem só a que eu achava melhor. Todo mundo sempre teve uma Zoom 505-2, todo guitarrista, já eu não, comprei uma Digitech, mas que era do mesmo patamar, aí na pedaleira você tem vários efeitos e tal, aí vai descobrindo, vai fuçando. Com a pedaleira eu fui descobrindo o que era o faiser, o que era uma distorção, o que era isso, o que era aquilo, então aprendendo, mexendo sozinha eu ouvia “pó gostei desse som”, olhava o nome “o que é isso?”, “ah, legal eu gosto desse efeito” aí ia aprendendo a usar os nomes do que é que eu gosto. Aí esse ano eu decidir mudar, a minha pedaleira já não estava suprindo as minhas necessidades, aí eu queria comprar algo melhor, aí vai mais pesquisa, mais conversar com gente que toca (...) aí fiquei entre duas opções: ou eu comprava uma pedaleira muito... assim bem cara, muito superior ou eu ia as poucos montando um set de pedais, que os guitarristas falam que é melhor, eu não vejo assim, tirando distorção se você se identifica melhor com a pedaleira não tem problema nenhum. Aí agora eu comecei a juntar dinheiro pra comprar pedal: “qual o melhor custo benefício?”, vamos pesquisar mais, aí eu tô atualmente com três pedais e usando a minha pedaleira junto até ter tudo o que eu quero. E guitarra também pesquisando “não, mas eu vi tal guitarra por tantos reais”, não ganho tanto dinheiro né, é... “Essa madeira é boa?”; “essa madeira produz que tipo de som?” e vou pesquisando e aí vou descobrindo né. É na tora “naturalmente”... E aí você vai no estúdio e toca e você percebe que o som no amplificador não tá sendo legal aí vai mexendo, futucando sem saber nem o que é “ah, legal isso aqui deixa o som melhor, o que é isso?”, ai aprende o nome do botão “ah, legal!” e aí vai indo é assim que vai..

23. Quando você ganhou a sua guitarra você ainda fazia aula com o professor?

De violão. Eu migrei pra guitarra sozinha. No ano passado só que eu “pó não tem mais como ir pra nenhum lugar sozinha”, na verdade eu tinha mas preguiça entendeu. Eu precisava de uma pessoa me cobrando, eu tenho isso também eu preciso de um professor rígido me cobrando as coisas senão eu não vou pra lugar nenhum. Acho que isso fez parte da minha crise também, eu mudei de professor dentro da faculdade e tal. E

aí no ano passado que eu resolvi ter aula de guitarra, eu tive alguns meses depois parei porque tava difícil com a faculdade. Não tava dando, mas foi legal. Mas fora isso eu pegava sozinha, eu pegava as coisas, ouvia as músicas... Minha prática da guitarra era essa: eu ouvia uma música legal, gosto dessa música, vou tirar a música, acabou tô estudando guitarra entendeu, eu não pegava estudava técnica e tal. Isso foi acho que uma coisa ruim porque eu poderia estar muito melhor agora do que o que estava, mas depois eu criei essa consciência de que eu precisava estudar o instrumento não sei o quê. Aí... Tipo se você quiser ser autodidata no instrumento você encontra mil coisas na internet de graça, eu baixei vários livros, várias coisas, com exercício, ensinando isso e aquilo então, na guitarra eu fui meio pra esse lado, eu sozinha fui futucando as coisas e vendo como eu queria tocar e tal e aí foi indo. Eu tinha aula de violão enquanto isso né, então eu acho que uma coisa ajudava a outra, mas não é muito igual não.

24. E hoje você se sente segura mexendo nesses artefatos, você já consegue usar o amplificador tranquilamente?

Sim. Hoje comparado àquela época, ótimo. Nunca me esqueço no dia que chegou eu “olha que massa! Olha que massa!” – isso eu mostrando pra meu pai. Peguei a guitarra, fiz um acorde, um power acorde ainda “ó ó”, aí liguei a distorção “thaaamm” . Parecia que era a coisa mais incrível do mundo.

Hoje em dia eu já sei o som que eu quero e como tirar o som que eu quero. Assim tem algumas coisas que na minha guitarra ainda eu acho que deixa a desejar, alguma coisa de som por isso que eu tô precisando trocar, mas não que eu tenha essa deficiência agora de saber como usa.

25. Sobre a venda da antiga guitarra.

Não, mas ela eu não vendo não. Tem valor sentimental. Eu já vendi o amplificador - tô sem nenhum agora - pra comprar os pedais. É o sacrifício, mas é a minha primeira. Mas é a minha primeira, tem até nome ela, Íris, por causa daquela música do Goo Goo Dolls, “Iris”, que tem no filme “Cidade dos Anjos”. Aí eu ouço legal, música bonitinha, a guitarra é bonitinha, eu juntei os dois. Já é uma pessoa, é minha filha, velho, não vou vender minha filha.

26. Como foi a reação dos seus pais à decisão de tocar um instrumento e depois a de tocam em banda?

Foi de boa. Foi meu próprio pai que comprou o primeiro violão que era pra ser meu e da minha irmã, mas depois ficou só pra ela que ela se apossou. Ele comprou o nosso violão, ele que arranhou professor, que era professor dele em um outro lugar só que ele trouxe pra dar aula pra gente particular, ele que incentivou. Eu fico pensando até, eu já parei pra pensar isso, que eu acho que se não fosse meu pai eu teria começado muito mais tarde ainda porque ele que tomou a iniciativa de dar aula pra gente, mas acho que na intenção de a gente ter um hobby e tal que ele também gosta... ele gosta muito de música. Muitas das coisas que me influenciaram foi as coisas que eu ouvia, que ele ouvia quando eu era pequena e minha mãe também sempre foi tranqüila, inclusive esse lance da banda se eu não me engano... Foi, foi. Quando eu comecei a tocar guitarra, minha mãe... eu falava que eu queria ter banda, que ia ser legal, aí ela falava “se você não procura, você não vai achar”, aí tinha um site, acho que no Cifra Clube tinha um site “Forme sua banda”, uma coisa dessa. Ela mesma que falou, coloque seu anuncio lá

não sei o quê, aí através desse anúncio eu conheci um menino que me chamou pra tocar na banda dele, mas não cheguei a tocar a gente fez uma apresentação numa Escola de Música, Schubert que tem na Pituba. Foi aí que eu conheci a Renatinha que era vocalista da Cripta então através do incentivo de minha mãe eu fiz um anúncio que conheci um pessoal que me apresentou ao pessoal da primeira banda. Então assim eles sempre me incentivaram numa boa. Quando eu decidi fazer vestibular é que complicou um pouco porque é diferente de você ter uma banda por hobby ou tocar um instrumento no sábado à noite da família, aí quando eu comecei a falar que eu queria fazer vestibular pra música a primeira bronca de meu pai era “ô, você sabe que não sei o quem...” (aí ia citando os músicos) “é muito bom, é muito bom e taí morrendo de fome”; “ô, não sei quem lá, ele toca muito, mas você ta vendo que a situação ta difícil”, aí eu falava “sim pai, mas não é assim não sei o quê...”. Acho que começou a inserir uma crise adormecida em mim que depois foi despertada. Aí ele “não, eu só tô falando pra você”. Ele nunca me impôs nada, falou “eu quero que você faça tal, mas eu tô mostrando pra você que o músico ele pode ser tão bom quanto seja, mas vai morrer de fome não sei quê”; eu “ta bom, pai”. E minha mãe até o último dia que eu fiz a inscrição ela queria porque queria que eu fizesse Direito. Eu não sei de onde ela tirou essa idéia porque ela e meu pai são médicos, mas ela “não porque você luta pelos desfavorecidos e você enxerga isso e você quer lutar pelos fracos e oprimidos, você tem que fazer Direito”; “minha mãe eu não quero fazer Direito, eu não acredito no Direito. Eu quero fazer música”; “porque você não faz Direito, aí sua amiga não sei quem vai fazer Direito”. Foi a maior insistência, mas assim, por outro lado foi ela também que arrumou o número desse professor que me deu aula, ela que anotou e que me deu então assim ela... Mesmo querendo que eu me direcionasse para outro lado, acho que pensando no meu melhor ou achando que eu não ia me dar bem na música não sei, ela me apoiava de qualquer forma, então tem muita gente que tem assim é muito difícil de convencer a família de que tem que fazer música, às vezes se forma em outra coisa pra depois ir fazer música. Eu acho que apesar deles terem assim meio que um pé atrás eles me apoiaram sempre numa boa mesmo criticando e falando e tal, acho que só pra dizer “depois não diga que eu não avisei”, mas sempre me apoiaram numa boa até porque os dois tocam também por hobby, mas música é uma coisa assim lá em casa – até minha irmã toca também. Minha irmã começou na aula de violão comigo junto, a gente começou junta depois ela começou a não gostar mais e eu acho que pra querer ser diferente de mim ela foi tocar contra baixo. Aí nem todo mundo toca, aí é uma coisa que...

27. Sua irmã também toca?

Toca. Ai agora ela ta com uma banda também, mas ainda ta começando.

28. Depois que você entrou em banda... Quando você entrou em banda você notou alguma diferença, por exemplo, nos seus modos de perceber a música, na maneira de você se comunicar com as outras instrumentistas. Você acha que teve alguma mudança no modo de perceber o som depois que você entrou em banda?

Acho que sim. Acho que você fica mais... Por exemplo, eu mesmo como guitarrista quando você ouve a música eu ouvia prestando atenção na guitarra, o som que a guitarra fazia, quando você tá tocando, por exemplo, eu não sabia nem o que era uma bateria direito, nunca tinha visto uma bateria e tal, quando eu fui ensaiar em estúdio com a banda aí você começa a perceber os outros instrumentos, aí você começa a saber qual é

o som, você toca aqui na bateria faz tal som, nome disso, nome daquilo, começa a perceber outras coisas sem ser o seu, sem tá sempre voltado no seu, como você toca, o som que você faz. Não. Você vê o som que a cantora faz, o que é que ela faz com a voz, o que a menina do baixo faz, qual é a técnica que ela usa e tal, você começa a perceber os outros instrumentos e vê que o conjunto é que forma a música, não é só o seu instrumento lá se destacando e tal e você começa a ver outras coisas. Acho que sim é importante.

29. Vocês fazem críticas umas as outras? Como é que é a aceitação disso? As críticas são diretas, você acha que tem um jeitinho de falar?

Sempre. Eu acho assim essa é a primeira banda que na verdade a gente se sente confortável pra fazer isso, não desmerecendo as outras, mas assim nessa banda teve uma coisa especial que a gente entrou pra banda como banda, mas acabou virando muito amiga, tá ligado, a gente se uniu bastante tanto que a gente fica falando que a gente é família e tal porque primeiro Elisa e Márcia são né. A gente se uniu bastante e virou muito amiga então a gente tem essa abertura de virar quando você tem um problema com a sua amiga você vai e fala “isso tá assim, isso não tá legal” e dentro da banda a gente já teve, eu não chamaria de crise, mas vários probleminhas assim a gente vê que a banda tá ensaiando, ensaiando e não tá dando resultado aí a gente chega “vamos marcar uma reunião” ou então depois do ensaio “vamos sentar pra conversar e ver o que é”, aí todo mundo fala “eu acho que você tá tocando assim, deveria tocar assado, eu acho que se você fizesse isso não sei o quê”. Isso é uma coisa que a gente sempre faz, a gente sempre quando começa a perceber que não tá dando um resultado legal a gente sempre senta e uma sempre diz pra outra o que acha que tá sendo ruim e diretamente o que acha que tal pessoa tá fazendo pra prejudicar, por exemplo, tem vezes que alguém chega estressado e aí isso influencia no ensaio entendeu e já não sai tão legal e é uma coisa que não deveria ser porque ali é o ensaio, o estresse que você teve foi outra coisa, aí a gente senta e conversa e a pessoa fala “é foi mal não sei quê” ou então alguém chega atrasado e isso atrapalha entendeu. (...) A gente sempre fala, sempre conversa, sempre discute, aí fala “não vamos fazer assim” mesmo que não surta efeito imediato, mas a gente sempre faz críticas umas as outras, sempre dá sugestão também “acho se você fizesse tal coisa dessa maneira seria melhor” aí a pessoa “é, acho melhor mesmo”. Aí sempre tem essa conversa que é importantíssima por não adianta... Por exemplo, na primeira banda que eu tive quando eu paro pra refletir acho que o motivo de não ter dado muito certo foi esse porque a gente ensaiava e assim nossa vocalista ela gostava só de determinado tipo de música, ela só ouvia metal, só gostava de metal então quando... uma música que a gente tentou fazer que tinha umas influências meio diferentes e tal ela não gostava, mas ela não falava entendeu ou então sei lá a gente ensaiava, não tava legal, mas a gente não parava depois do ensaio pra dizer o que é que não tá legal, não conversava, a gente chegava, tocava, saia, pronto, esse era o exercício aí não ia pra lugar nenhum porque a gente não tinha essa reflexão sobre o que é que tá ruim ou o que é que tá bom, ou o que vamos acrescentar, não tinha essa conversa em geral e na Preaz a gente tem bastante. A gente conversa sobre o que a gente quer, nossos objetivos, nosso objetivo agora é fazer isso, é fazer aquilo, o que a gente vai fazer pra chegar lá e vai conversando e fazendo exame. Sempre tem isso.

30. Vocês têm uma líder?

Não. Acho que todas são, inclusive, isso virou uma piada nos últimos dias porque uma pessoa, não vou dizer quem é, que queria fazer um teste pra vocalista chegou no Orkut e escreveu: (eu falei que ia ter o teste e tal) ela: “ah eu queria conversar com a cabeça da banda primeiro” aí quando eu contei isso pras meninas as meninas ficaram rindo, a gente escaldou a menina e tal porque não tem isso de cabeça da banda, são todas. Não tem uma pessoa que lidera a banda como muitas bandas a maioria das bandas é liderada pelo vocalista, digamos assim o vocalista é o... Quando fazem entrevista é o vocalista que fala, quem faz a letra é o vocalista, quem fala sobre tudo é o vocalista, na nossa não é todo mundo. Todo mundo lidera seu modo, é um trabalho em conjunto.

31. Nos ensaios geralmente estão presentes só vocês?

Não. É raro tá só a gente inclusive quando tá só a gente a gente sente aquele silêncio assim. Sempre tem muita gente inclusive no começo da banda a gente ficava falando que era “ensaio-show” porque ia tipo – antes de Márcia tocar na banda – aí ia Márcia, a irmã dela e a outra irmã Laura, ia Alê que é prima e produtora, aí vai Larenga, minha irmã e no estúdio que a gente ensaiava sempre às vezes a banda que ensaiava antes era conhecido da gente então ficava a galera toda também, aí nos dias atuais vai o Japa que é amigo nosso também: sempre tem um monte de gente, às vezes tem mais gente que não é da banda tipo em quantidade do que a própria banda.

32. Isso, de certa forma, atrapalha o ensaio de vocês? Você acha que a presença dessas pessoas de alguma forma prejudica o andamento do ensaio?

Não, quer dizer acho que não, acho que algumas vezes deve ter atrapalhado porque assim a gente é muito propenso a bagunça por a gente ser amiga e tal, a gente tá tocando aí começa a bagunçar, começa a trocar instrumento e tal. Isso é uma coisa que a gente já veio conversando que atrapalha que a gente tenta parar de fazer então se você já é propendo à bagunça com seus amigos e tem mais amigos ainda que não tão lá pra tocar aí bagunça pra caramba, mas não é sempre que isso acontece e eu particularmente acho legal que a galera vá porque depois do ensaio geralmente a gente pergunta o que que achou, o que é que tá ruim e eles falam mesmo “achei que decaiu”. Teve uma vez que me falaram “pô, achei que a banda tá muito pior do que antes não sei quê”. A gente ficou um período enorme sem ensaiar quando ensaiou tava uma droga aí a galera viu e a gente perguntou “e aí achou o quê?”; “tá uma merda; velho”. E eu acho bom isso porque às vezes você tocando você não presta muita atenção, apesar de ter que prestar atenção porque tá fazendo música junto, mas você não tá de fora vendo se a guitarra tá mais alta, se isso, se a música tá desafinada, tá feio, então tendo pessoas que são nossos amigos lá, às vezes parentes até, irmã não sei o quê, é legal porque eles dão apoio e dão essa crítica ou sugestões e agente precisa de opinião. Eu acho estimulante.

33. Eu já vi que vocês não têm problema nenhum com a presença de pessoas de fora da banda no ensaio, mas no caso dos namorados? Vocês estabeleceram alguma regra, alguma coisa?

Não.

34. Não aconteceu porque ninguém tá namorando ainda.

Não, mas quando a gente... Quando Stella era nossa baixista ela namorava e o namorado dela ia numa boa.

35. Quando você estava aprendendo a tocar violão, lá com seus quinze anos, havia alguma pessoa com quem você pudesse trocar figurinha, outra pessoa que também tivesse aprendendo dentro do seu círculo de amizade?

Não. Isso foi uma coisa que inclusive quando eu comecei a ter aula com o segundo professor pro vestibular ele falou isso que uma dos fatores que poderia me atrapalhar a não passar e tal era porque e tocava sozinha tipo assim tirando a banda e tal, mas eu não tinha um círculo de amizades de pessoas que tocavam e que eu podia trocar idéia e tal. Minha idéia sempre que eu tinha dúvida era no computador, ia pesquisar ou conversar com alguém assim, comunidade tal, mas dos meus amigos... Atualmente sim, quase todo mundo que eu conheço toca, mas na época da escola e tal das minhas amigas eu era a única que tocava alguma coisa, que sabia qualquer coisa por misera que fosse de música eu sabia muito (...). Hoje não, hoje eu acho que quase ninguém que eu conheço não toca alguma coisa, tirando minha melhor amiga que é desde a época da escola que não toca nada ainda, mas pensando assim eu acho que todo mundo que eu conheço toca alguma coisa, mas antes não quase ninguém que eu me relacionava tocava.

36. Vocês conduzem a banda com alguma ajuda externa?

Atualmente acho que não assim as músicas que a gente fez foi a gente que fez mesmo, letra foi Ju que fez da bateria, uma música eu fiz com ela junto. O único show que a gente fez aí sim porque a gente foi convidada é... Duas pessoas viram o vídeo da gente e tal aí depois a gente chamou no ensaio aí eles iam fazer um show e precisava de alguém pra abrir, a gente tava com um repertório sei lá de meia hora aí a gente aceitou, abriu o show, fez o show, mas assim como foi o único tudo bem foi uma ajuda externa, mas no processo de música e tal não acho que não, quer dizer teve uma letra que a gente não terminou de fazer a música ainda que foi a irmã de Elisa que fez então não é da banda acho que se virar música mesmo vai ser uma coisa mais externa, mas assim no geral acho que não.

37. Agora eu queria que você falasse de um outro aspecto dentro do universo musical que é a linguagem, por exemplo, pra você trafegar por esse espaço você tem que conhecer um código porque existe uma linguagem musical: “riff”, “gig”, não é todo mundo que entende não é? Como é que foi o aprendizado dessa linguagem e se hoje você se sente completamente segura falando nesses termos ou se conversando com alguém você compreende tudo muito bem?

Eu acho que foi na mesma linha do lance dos pedais. Eu não sabia, por exemplo, “riff” eu não sabia o que era, não sabia o que era “power acorde”, não sabia o que era “abafar”, coisas simples, básicas sacou. Por exemplo, rock é movido basicamente pelo “power acorde” que é – não sei se você sabe – é o acorde que a gente tira a terça do acorde porque estudaram e descobriram que quando você joga a distorção a relação da fundamental com a terça cria uma coisa não muito legal, às vezes eu não sinto isso, eu uso, eu sou teimosa. Na nossa música “Intragável” eu uso um acorde aumentado com a distorção entendeu então eu já tô inventando onda, mas assim foi criado pra isso então a maioria das músicas de rock basicamente têm... punk rock mesmo é “power acorde” puro e eu não sabia o que era isso, não sabia o nome, não sabia nada, terminologia.

Fazia, mas não sabia como se chamava aquilo quando eu comecei a tocar. E aí aos poucos, nesse lance mesmo, gosto de uma música vou pegar a “tab”, aí na tablatura tem escrito algumas coisas...

Porque tem formas de você ler a música: tem a partitura, que uma coisa mais de música erudita, não tanto porque muitos métodos que eu pego de guitarra tá escrito em partitura, mais é um método mais completo porque você tem o ritmo, tem tudo e tablatura ele bota, por exemplo, tem as seis linhas que representam as cordas dos instrumentos, aí bota zero, um; é a casa que você vai tocar, então pra quem tá começando é muito mais simples, você visualiza ali, você vê o que você tá fazendo, mas você tem que ouvir a música pra fazer no ritmo certo, como eu não tirava de ouvido esse era o recurso que eu utilizava. Hoje em dia não. Tem um programa chamado “Guitar Pro” que muito mais na manha porque ele toca então você vai ouvindo e lendo junto, você pega rapidão a música. Então nessa tablatura tinha algumas indicações do que o cara fazia na música né, fazia um “slide”, fazia um “bend”, aí você lê o que é e ouve, aí você ouve isso que ele fez e “ah, o nome disso é isso” e aí você associa uma coisa com a outra e vai assim aprendendo dessa maneira, lendo e tal. E outros termos, tipo “gig” ou qualquer coisa assim depois que você começa a andar com pessoas que tocam a pessoa fala uma coisa que você não sabe aí você já aprende, cada dia você aprende uma coisa nova, então eu diria que sim, eu tô segura hoje pra saber essas coisas porque primeiro que eu tive que estudar, tudo que eu não sabia eu tive que aprender depois assim, coisas de teoria, de terminologia musical (...) e outras coisas que não sei se seriam gírias, mas não são termos muito corretos a gente também aprende conversando com a galera então é isso na vivência. Você quando começa a vivenciara a música mesmo que seja de uma maneira não profissional como eram as minhas bandas e tal, mas você conversando com as pessoas e indo e lendo e tal você acaba pegando tudo.

38. Vocês fazem mais covers ou é uma banda autoral?

Nossa proposta é ser autoral. Um dia a gente chega lá, mas atualmente a gente tem duas música nossas que a gente ensaia porque as outras não estão prontas, estão em pedaços e o resto é *cover* que a gente toca, então apesar da proposta da banda ser uma banda autoral, a gente quer chegar num patamar de sei lá ter dez músicas nossas e um, dois covers, mas atualmente a gente continua nessa de tocar músicas dos outros.

39. Quem é responsável por compor as canções?

É... Assim todo mundo faz um pouco, por exemplo, das músicas que a gente não tem prontas eu crio um *riff*, aí eu mando pra Ju e Ju “pó que massa, Thai!” aí pega cria uma melodia (porque ela canta também em uma outra banda), aí leva pras meninas, aí gosta aí cria o resto das coisas. Vai Elisa cria um *riff* também aí a gente cria, mas das músicas que a gente tem que a gente já gravou, a primeira Juliana fez a música toda e chegou lá “eu tenho uma música pra vocês” aí fez, quer dizer, fez a base, quatro acordes que tem a música e a melodia aí a gente levou pro estúdio aí fez os arranjos, colocou um solo, eu coloquei umas coisinhas, uns feitiños e tal aí foi fazer os arranjos em conjunto, mas a música foi ela quem fez. A outra música a gente tava na internet aí ela chegou me mande aí alguma coisa que você fez, aí eu mandei um *riff*, uma introdução, que a introdução da música que é o original. Mande pra ela “pó que massa!”. A partir do *riff* ela teve o *insight* de compor e fez a melodia e a letra toda do resto da música aí no dia seguinte a gente ensaiou, no dia seguinte mesmo a gente foi no estúdio aí colocou os arranjos que depois de um tempo foi mudando, mudou pra caramba, mas assim aos

poucos foi solidificando e cada uma bota uma coisa no seu instrumento, um arranjo diferente que cria a música então assim às vezes o corpo da música, a carcaça da música é uma pessoa só que cria, mas os arranjos todo mundo coloca depois de seu respectivo instrumento.

40. Você se consegue ver enquanto guitarrista? Deixa eu reformular a minha pergunta. Em algum momento pareceu estranho ou você se sentiu insegura ao se auto-definir dessa maneira, por exemplo, se alguém chega pra você e fala: “Thais, o que você é?” você fala “eu sou guitarrista” e acabou?

Isso é uma questão também que eu nunca me defini como guitarrista até o dia atual, inclusive eu conversando com minha irmã eu falei: porra, que eu queria ser uma guitarrista, mas que atualmente desde o começo até agora eu ainda me defino como tocadora de guitarra. Eu acho que existe uma diferença. Eu acho que guitarrista é uma coisa assim você tem conhecimento total, não total, mas assim você tem uma técnica muito boa, você tem uma pegada muito boa, você é um instrumentista completo como guitarrista entendeu. Você faz... Por exemplo, tudo que você, tudo que eu imaginar “pô imaginei uma coisa na guitarra” e eu conseguir executar, tem muitas coisas que eu imagino, mas ainda minha execução não permite, então sei lá acho que guitarrista é uma coisa mais completa, mais definida e eu ainda não me considero. Um dia eu serei, eu já me questionei se eu seria ou não, mas um dia eu seria uma guitarrista, mas eu ainda me considero... Eu toco guitarra, não sou guitarrista. Inclusive eu tava falando com ela pelo fato de fazer, na faculdade eu fazer Violão e eu tenho orientação do professor e eu estudo e tudo que eu estudo é violão, eu comentando com minha irmã eu falei que se eu tivesse que me considerar alguma coisa, eu me consideraria mais violonista do que guitarrista porque eu tô sendo encaminhada por esse meio digamos assim, eu estudo todo dia, eu tenho que estudar várias horas e faço isso e aquilo e guitarra não. Guitarra ficou meio que segundo plano por ser uma coisa que eu faço sozinha né eu não tenho o professor puxando, não é uma obrigação, não é a faculdade, então apesar de eu gostar muito às vezes eu chego a pensar que eu gosto mais de guitarra do que de violão, mas eu me considero tocadora de guitarra ainda. Se me perguntassem “você é guitarrista?” eu ia dizer “não”.

41. Quando tempo você diria a música ocupa a sua vida? Quanto tempo é disponibilizado pra ensaios, treinos, exercícios com o instrumento?

Violão eu estudo, eu teria que estudar seis, oito horas por dia, mas eu ainda não consegui me organizar pra isso, mas assim eu estudo digamos três mais ou menos; é o que eu dedico ao violão. Guitarra não é todo dia que eu toco, tem vezes que minha guitarra passa uma semana e eu tiro, tem vezes que eu ensaio, guardo a guitarra e só pego de novo no próximo ensaio. Isso é uma coisa que não deveria ser feita, mas tem vezes que o violão e as outras coisas ocupam tanto tempo que você deixa o que não é obrigação pra depois. A verdade é essa. Quando você tem uma obrigação você vai e cumpre, mesmo você “ah, tô cansada”, mas “ah tenho que tocar”. Amanhã mesmo eu tenho ensaio, eu participo do. Tem uma matéria lá na faculdade chamada “Prática de Orquestra” é só de violão. Dessa matéria ainda tá surgindo um grupo que a gente não colocou nome e vai ter uma apresentação – a gente chama de Orquestra de Violão por enquanto, mas acho que o nome vai mudar – e aí isso é uma obrigação, digamos assim. Hoje meu dia corrido e tal vou chegar, vou pra faculdade agora, vou chegar nove horas da noite eu normalmente faria o quê? Ia ouvir música não sei o quê, mas eu tenho essa

obrigação de estudar o negócio pra amanhã que ainda não deu pra estudar, eu vou estudar, mas se fosse guitarra, por exemplo, eu “ah, toco guitarra amanhã”, mas como esse negócio do violão é uma obrigação eu estudo então como a guitarra não é uma obrigação eu dedico assim... Por exemplo, tem dias que eu tiro “vou estudar guitarra hoje”, eu estudo uma hora até duas, mas aí só estudo de novo uma semana depois. Já no violão não, todo dia tem várias horas e falando de música no geral tirando instrumento acho que o dia inteiro porque eu tô estudando para as outras matérias, quando não tô estudando, tô na aula, enfim, quando não tô na aula tô ouvindo coisas que eu tenho que ouvir pra observar e tal sem ser por prazer, quando não tô fazendo, tô ouvindo alguma coisa por prazer, então eu diria que o dia inteiro.

42. Você acha que os namorados reduzem o tempo que é passado com a banda?

Não sei. Não sei dizer. Talvez. Não, que eu saiba que atrapalhe não. Não sei, talvez atrapalhe, mas assim que eu tenha passado por alguma experiência que isso foi concreto não.

43. Você acha que os namorados reclamam o tempo destinado à banda?

Acho que não, velho porque até quando tem esse lance de alguém da banda namorando normalmente o namorado vai junto pro ensaio então não é um tempo que a pessoa... Tudo bem não tá sozinha com o namorado ou fazendo alguma coisa de lazer, mas é um tempo que a pessoa tá com ele também. Acho que nunca chegou a atrapalhar. Acho que quando tem algum lance desse de a pessoa “ah, você vai ensaiar hoje?”; “vou junto também”, sacou? Acho que não atrapalha não.

44. As conversa tomam muito tempo do ensaio?

Acho que sim viu. Às vezes a gente tá tocando uma coisa aí para, fica conversando e falando e assim às vezes quando tá no ensaio, depois do ensaio também, o ensaio acaba e fica conversando, conversando, estende, estende (...).

45. Mas assim depois do ensaio tudo bem que vocês já terminaram, mas durante o ensaio, isso... Você acha que isso representa um problema?

Antes era. Antes a gente parava de tocar, por exemplo, o ensaio dura três horas, a gente passava, no começo a gente tinha pouco *cover*; teve uma época que nosso repertório era cinco músicas. Você ficar três horas repassando, repassando cinco músicas, depois de um certo tempo a gente parava, alguém saia “vou beber água”, aí a outra largava e pegava o instrumento da outra, aí a outra saia “vou no banheiro não sei quê” aí nessa volta demorava um tempo e ficava conversando e passava isso e aquilo aí depois que a gente percebia que tinha uma cara que não tava ensaiando “gente, a gente tá pagando estúdio”, aí voltava pra ensaiar. Nesse último sábado mesmo teve isso, a gente passou o set list todo aí começou a bagunçar, começou a trocar instrumento, começou a cantar outra coisa não sei quê aí uma saiu pra beber água, outra foi tomar remédio não sei quê aí demorou um tempo pra gente retomar o ensaio. Tipo sempre tem alguma coisa e a gente fica conversando e não sei o quê aí “beleza, vamo ensaiar”. E agora esse estúdio passou por uma reforma então tá mais caro ainda, a gente paga caro pra caramba, paga cinquenta reais por três horas de ensaio então tipo toda semana isso “galera, o ensaio vai

acabar e o dinheiro e não sei quê”; “tá bom vamos ensaiar”. Mas sempre rola essa de bagunça.

46. Quando algum membro da banda está com problema, ele é levado para o ensaio?

Muitas vezes sim. Um dos problemas que a gente anda discutindo foi esse porque às vezes a gente espera uma semana pra ter porque a gente só tem condições de ensaiar por semana por tempo, enfim. A gente espera uma semana pra o ensaio acontecer, o ensaio já não rende muito por assim não é que não renda muito, mas assim três horas é pouco entendeu pra você trabalhar na banda; precisa de outro tempo que a gente não tem por enquanto ainda mais agora que Márcia está no terceiro ano; ano passado foi Ju, a vocalista, tava no terceiro ano, beleza; esse ano, Márcia, ainda bem que é a última então o tempo já é pouco e aí... Assim aí às vezes chega no ensaio, tipo a gente espera uma semana por aquele momento da banda, ali no momento você tá ensaiando. Você pode ter brigado com o namorado, você pode ter sei lá discutido com a mãe, pode ter qualquer coisa, pode ter perdido numa prova, perdido na matéria, ali você está como guitarrista da banda, como vocalista, como uma integrante da banda, você tá ali trabalhando. É como se fosse um trabalho, você tem que encarar como uma responsabilidade, uma coisa profissional até porque a gente tende a chegar nesse patamar. Então se você tá trabalhando dessa maneira você tem que ter o seu discernimento, saber o que é minha vida pessoal, o que é minha vida profissional, apesar de naquele momento ser uma profissional com pessoas que fazem parte de sua vida pessoal você tá ensaiando você não tá ligando pra sua amiga pra chorar porque terminou com o namorado entendeu. Você ensaia e depois do ensaio você pode (falar), mas no momento do ensaio você tem que estar ensaiando e tal, tocando e muitas vezes não é isso que acontece, muitas vezes alguém chega com problema e aí começa a descontar na música e tá tudo chato e tá tudo errado e toca “ah, essa música foi horrível” exagerando ou atrapalhando de uma forma que não seria atrapalhada se não tivesse trazido esse problema que não é da banda pra o ensaio. Eu não vejo nada contra porque assim por a gente ser amiga você tem mesmo que dividir seus problemas com os amigos, mas assim no momento que você tá sendo amiga; no momento da banda você tá sendo da banda, você tem que cumprir com o programa do ensaio que é assim, tocar as músicas, passar as músicas, arranjar o que tá ruim e tal e não pode deixar que isso... Imagina se um jornalista, um cara que tem que ser imparcial brigou com a mãe, a mãe morreu chega no meio do jornal ao vivo, o Jornal Nacional e começa a chorar “Aconteceu um furacão” (com voz de choro) não ia dar certo né. É a mesma coisa, é um trabalho, é uma profissão você tem que agir da mesma maneira. Eu acho isso muito ruim, tem que saber separar quem é você de pessoa e o trabalho que você tá fazendo. Apesar de ser um trabalho diferente, mais divertido que você pode extravasar porque você tá tocando; é diferente de você estar passando uma notícia ou sei lá operando uma pessoa, você tá tocando é uma maneira de você extravasar seus problemas, então você aproveita isso, mas não de uma maneira negativa, não descontando raiva então eu acho que isso atrapalha muito e às vezes acontece. Não tá acontecendo mais, mas já aconteceu muito, a gente já conversou sobre isso e tal. Acho que melhorou.

47. E como vocês respondem a isso? Vocês sentam e conversam?

No momento do ensaio não, a gente fica assim uma olhando pra cara da outra, se tem alguém ou se são várias pessoas ou se é todo mundo e fica todo mundo assim tipo

esperando passar o momento “tá vamos tal música agora” e aí vai reclamando “ah, essa música tá uma merda, tá horrível”; “tá, vamo outra, vamo outra” (...). Quando acaba o ensaio a gente fala “ó, achei que isso e aquilo atrapalhou não sei quê”, mas no momento do ensaio a gente faz o quê, espera e vai pra próxima né.

48. Em sua opinião quais são os pontos positivos e negativos de estar junto numa banda?

Mais bacana... Eu acho massa esse lance de assim a gente tá lá pela mesma causa tipo assim “vamos fazer música” e cinco pessoas em conjunto chegar e fazer uma música e tocar ela de uma maneira legal e fazer emocionante... Tem uma frase de Aldous Huxley que ele fala que depois do silêncio a música é o que mais é capaz de expressar o inexprimível, digamos assim, então é... eu concordo com ele, acho que assim no momento que você tá numa banda, naquela hora que você tá tocando ninguém tá falando, ninguém tá pensando em outra coisa, é um momento digamos sublime, é mágico entendeu, as pessoas reunidas ainda mais as pessoas que você gosta tipo é como se fosse mágico entendeu, você faz através do instrumento você executa uma coisa que ninguém consegue digamos descrever não é uma palavra apesar de ter uma letra, mas assim a melodia da música ela sai, ela tira o sentimento da pessoa só que ninguém tá dizendo “ah, você tá sentindo isso”, às vezes você não consegue descrever o que você sente quando ouve a música e quando você faz isso com outras pessoas e ainda com pessoas que você gosta é lindo, é ótimo, não tem preço, é mil vezes melhor do que você tocar sozinha porque é uma conversa de você com você mesma e você com o outro é como se tivesse dialogando instrumentalmente com outras pessoas em um nível superior ao da palavra ou da linguagem sei lá do que a gente conhece. Isso é uma coisa muito positiva.

Negativo, deixa eu ver... Não sei, às vezes você vai tocar uma música e você imagina que você toca a sua parte direito, imagina que a música vai sair de uma maneira e uma outra pessoa não toca tão certo assim ou sei lá, ela toca de uma maneira que não. Por exemplo, você tocando sozinha, pensando como violonista solo que eu estudo, eu toco eu posso imaginar é... Na última semana (vou sair um pouco do assunto, mas depois eu volto) eu fui assistir uma colega minha dando aula porque tô pretendendo começar a dar aula lá na faculdade aí eu fui assistir ela dando aula aí ela tava passando um estudo para o aluno dela e aí mandando ele tocar rápido (...) e ele chegou e falou que imaginava mais devagar e ela “não. Eu imagino isso uma coisa bem rápida” e perguntou pra mim e eu falei que eu imaginava e sentia aquela música o contrário dela: toda devagar, toda bem assim porque era uma música triste, tem todo um lamento, uma pessoa sabe (...) e ela entendia de uma maneira diferente. Quando você toca sozinha, eu como violonista ia tocar aquela música da maneira que eu interpreto. Eu interpreto aquela música como uma música triste, devagar e eu ia tocar ela assim. Como é que você vai concordar isso com cinco pessoas digamos que você sente que a música pede um andamento mais devagar e a outra pessoa sente que ela tem que ser mais rápida, correndo, três vezes mais a velocidade? Como é que você vai chegar nisso? É uma desvantagem né. Você sente, você insiste, você sente muito que aquela música, você quer de coração que ela seja assim e a outra pessoa quer de coração que ela seja de outra maneira. Pra encontrar em consenso digamos seria a metade da velocidade entre as duas, mas nenhuma das duas estaria feliz com o que a música atingiria. O que eu pensei de negativo seria isso, mas eu acho que o positivo é muito maior do que qualquer coisa negativa que tenha.

50. Você acha que existe discriminação de gênero no rock? E se sim, já passou por alguma situação, alguma coisa já lhe foi dita que não foi agradável, você já viu alguma coisa, alguma manifestação ou algum comentário?

Eu não sei, eu acho que sim até pelo fator que eu falei no começo de ter muito mais homem tocando do que mulher sendo que tem mulheres que tocam deve ser algum fator de discriminação não sei. E o comentário que eu mesma fiz que eu considero uma das coisas mais preconceituosas que tem é isso quando você vê uma mulher tocando rock e tal e a mulher toca e tal e a maioria dos meninos falam o que eu falei, apesar de eu não concordar com isso, mas eu quis utilizar no momento que a menina toca como um homem. E isso pra mim é uma das coisas mais preconceituosas que pode ter porque você quer dizer o quê; ela toca bem, você associou o bem que como o homem, quer dizer que o normal de uma mulher é tocar mal, é ser ruim por ser mulher, por nascer mulher você está destinada a ser inferior ao homem. Tudo isso dentro desse simples comentário e isso é uma coisa que acontece muito. Tem um vídeo no Youtube, tem uma menina tocando, destruindo e a maioria dos comentários: “pô, ela toca muito bem, toca que nem homem” e é uma das piores coisas que pode ter você achar que por ela ser mulher ela é inferior naturalmente ao homem, ter esse negócio da guerra dos sexos de superioridade e inferioridade e isso tem muito, agora eu nunca passei por nada disso que eu me lembre. Nunca ninguém chegou pra mim e fez nenhum comentário preconceituoso. Que eu me lembre não acho que não até porque até o presente momento eu toco mais numa coisa mais reservada, por exemplo, nas bandas, eu toco na banda quem me vê tocando são os meus amigos ou o pessoal da banda mesmo, a gente fez um show na vida e engraçado nesse show que a gente fez é... Tem um podcast na internet não me lembro qual é que falou sobre a gente desse show que a gente fez e passaram muito tempo falando sobre a gente, tá ligado, e aí não sei com quem eu falei e aí falou “só tão falando muito assim porque é meninas” tipo por a banda ser de meninas... Esse seria o contrário do preconceito né por ser de menina pode não tocar tão bem assim, mas os caras ficaram falando muito “pô, cinco mulheres no palco e não sei o quê” e ficaram falando muito então apesar de pra mim eu não ficar pensando sou mulher e tô tocando quem tá assistindo parece que leva em consideração isso entendeu. Não é, por exemplo, você pega o fone e ouve uma coisa e você ouve e pronto não você tá vendo quem tá tocando então você leva em consideração se é mulher ou se é homem, faz diferença. Por exemplo, se tá tocando uma coisa não muito legal, mas é mulher você releva, digamos assim porque faz parte da mulher não tocar tão legal ou se toca tão bom e é mulher você “pô, não sei quê” parece que há uma diferença entendeu, você ouve um som não é um som uma pessoa tá tocando essa pessoa é boa. Não. Vamos ver se é mulher ou se é homem pra considerar como se fosse uma condicional entendeu. E isso acontece. Nunca aconteceu comigo, nunca assim diretamente, mas é uma coisa que eu observo e isso é, de certa forma, discriminação e preconceito por que... É a mesma coisa em questão de etnia uma pessoa tá tocando você vai olhar se ela é branca ou se ela é preta, por exemplo, um médico ele vai lhe atender, se o cara é preto ou se ele é branco ele vai ser um melhor ou pior médico. É a mesma coisa se ele é homem ou se é mulher, todo mundo é gente entendeu. Desde que você estude, desde que você se dedique, desde que você seja um bom profissional você vai ser bom ou não, mas assim o fato de você ser índio, você ser negro, você ser preto, você ser branco, você ser homem ou você ser mulher não faz diferença, mas as pessoas... Porque tem preconceito no mundo inteiro com tudo né o fato de você ser gay ou você ser hetero ou qualquer coisa não faz diferença no que você é ainda mais profissionalmente, mas isso são condicionais entendeu. Uma pessoa, por exemplo, o cara é bom médico “pô, fulano é bom médico,

mas é viado”; “fulano toca bem, mas é mulher” tipo assim sabe. Não muda. A pessoa bota você pra ouvir você vai ouvir, pergunta “é legal?”; “é legal”, é uma mulher sapatona que tá tocando “é né tão legal assim” tipo assim você já cria aquele preconceito. Não deveria ser assim, não só com relação homem-mulher, não só na música, mas isso tem muito no mundo inteiro e assim a gente desde pequeno já é, talvez por isso, desde pequeno já é educado com esse lance brincadeira de menino, brincadeira de menina. Sempre houve essa divisão então a gente cresce com essa divisão na cabeça: homem é uma coisa, mulher é outra. Claro homem é diferente de mulher, mas assim no que você faz, no que você é não faz diferença se você é homem ou se você é mulher é a mesma coisa, pelo menos eu penso assim.

51. O fato de vocês serem uma banda de meninas confere alguma vantagem nesse espaço?

Pode ser que sim. Por exemplo, digamos assim você tá com a galera, sua galera de homem “ah, vamos ver show de tal banda” - uma banda desconhecida - “ah, não tô afim não”; “a banda é só de mulher”; “então eu vou”. Tipo assim, digamos assim é uma coisa que chama atenção por não ser comum. Tudo que não é comum chama atenção. Por não ser muito comum ter mulher tocando, ainda mais uma banda só de mulher, chama atenção, então isso já vai chamar atenção independente do seu som já vai chamar gente pra querer ver qual é de mesmo o que é que essas mulheres estão fazendo aí sacou. A partir disso as pessoas vão ver se é legal ou não, mas assim o fato de ser mulher eu acho que a vantagem seria essa de chamar atenção, de querer ver por não ser comum. Acho que isso de querer ver mesmo “ah, vamos ver se essa mulher toca tão bem quanto os homens e tal ou não”, enfim ou “vamos só ver as mulheres ali tocando”. Acho que chama atenção então essa é uma vantagem pra qualquer banda. Ter qualquer fator que chame a atenção é ótimo.

ENTREVISTA COM ELISA BRAGA, GUITARRISTA DA PREAZ

Realizada em: 12/05/08

1. Como surgiu o seu interesse pela música? Como tudo começou?

Desde pequena eu já ouvia assim... Sei lá eu começava a ouvir, tipo assim passava novela na tarde aí tinha uma que passa Aerosmith aí eu comecei a me interessar. Eu gostava das músicas. Eu ficava vendo pra prestar atenção nas músicas, aí tinha uma colega minha que tava fazendo aula de violão aí eu pensei assim: “porque não?” aí eu com a minha mãe e ela me colocou aí eu fiz três meses de aula, depois eu sai da aula e aprendi sozinha. Eu aprendi guitarra sozinha, peguei só a base do violão mesmo.

2. Quando foi que você resolveu montar sua primeira banda?

Quando eu vi que já tava tocando bem assim, foi até com Ju. Eu chamei ela a gente fez () ela tocava guitarra, eu tocava guitarra também sei lá eu comecei a me interessar mesmo assim quando eu aprendi a tocar. No recreio eu pegava o violão aí ficava tocando todo mundo ia fazer outra coisa e eu ficava lá tocando aí eu resolvi assim. Aí

tipo assim ia o povo com banda e eu “por quê não?”. Aí chamei Ju e a gente fez a “X”, nossa primeira banda.

3. Quantos anos você tinha?

Acho que eu tinha ou quatorze ou quinze por aí.

4. e você já tocava instrumento há quanto tempo?

Desde os treze, eu acho.

5. Quando foi que você migrou do violão pra guitarra?

Porque tinha um amigo meu que tinha uma guitarra aí a primeira vez que eu peguei assim eu achei melhor porque o braço era mais fininho aí acho que foi um ano só. Não sei, eu não lembro. É que nem quando eu tava surfando e mudei de prancha. Eu surfava de **body board** quando eu fui pra prancha eu () a primeira coisa que eu “ah, é bem melhor”. Vi que o braço era mais fininho, era mais fácil de fazer nota, que o violão o braço é mais grosso aí você aperta assim dói o dedo. Mas eu acho que foi bem perto assim que eu fiz os três meses da aula e depois troquei já comprei caixa, comprei uma guitarra, comprei cabo, comprei tudo aí ficava lá infernizando minha mãe.

6. Quantas bandas você já teve até hoje?

Teve a “X”, teve outra, acho que umas quatro contando com a Preaz, mas a que deu mais certo tá sendo a Preaz.

7. Todas essas bandas você tocou guitarra? Você nunca precisou trocar de instrumento?

Não. Sempre foi guitarra mesmo.

8. Você que teve a idéia de criar a Preaz, não é isso? Porque que você optou por fazer da Preaz uma banda de meninas e se antes você já teve alguma banda de menina?

Já. Já tive com menino e às vezes eu acho assim que eles acham que a gente toca ruim, tipo assim, têm preconceito porque é mulher. A (banda) que tinha mais dado certo até então tinha sido a “X” e tal e eu achei bem legal ser só com menina que a gente se entende mais, então eu fiz de novo com menina.

9. A “X” era só de menina?

Era. Era eu, Ju, Sasha Isabela e Lise. Era tudo amiga lá do São Paulo. Estudava quase todo mundo lá, só Ju que não estudava lá, mas ela ia pra lá pra jogar futebol aí a gente se conheceu lá. Ai foi isso. Eu tive uma banda com meninos aí eles tipo, foi a mesma coisa, eu que chamei “vamo fazer uma banda e tal” aí eles começaram a ficar querendo impor coisa assim sem falar: “a gente vai tocar isso, ser cover disso”... Eu “sim, eu não quero ser cover”, aí tanto que acabou por causa disso porque eles estavam fazendo a

banda do jeito deles e por eu ser mulher assim acho que isso é preconceito e tal eu falei “ah, não quero mais não”.

10. Você era a única menina da banda?

Era

11. Qual era o nome dessa banda?

Ah, era uma que não tinha nome e a outra era... Acho que era “Noise”.

12. Tocar um instrumento é um hobby ou uma profissão?

Eu acho que se eu pudesse juntar o hobby com a profissão era melhor, por enquanto ainda não é profissão que a gente não tá assim na mídia, não tá em nada, mas tá sendo só um hobby, mas se eu puder juntar isso vai ser muito bom.

13. Quando você começou a tocar qual era o gênero musical que você gostava mais?

Ah, sempre foi rock. Tanto que foi Aerosmith, era até Quatro por Quatro, lembra quando passava? Aí tinha uma música do Aerosmith, tinha Crawberrys também aí eu ficava “pô essa música é massa”.

14. Como é que você definiria o gênero da Preaz?

Não tem. É uma mistura, cada pessoa gosta de uma coisa e acaba misturando tudo e sai o que é a gente.

15. Você não conseguiria encaixar a Preaz num gênero específico?

É rock. Tem música de punk, tem música... É porque é muito misturado. Por exemplo, Ju gosta de “Queens of the Stone Age”, eu odeio; Thais gosta de Muse, gosta de... Ela que trouxe esses negócios pra gente, a gente até faz cover de uma. Eu gosto de música assim mais melódica, essas coisas assim; minha irmã também tipo punk quem gosta mais é eu e minha irmã aí mistura tudo acho que não tem como definir a gente não. Também é muito de momento assim. Se eu for compor pra banda só sai coisa bonitinha, Ju faz umas coisas mais grotescas assim, Thais já é... Entendeu. Aí junta tudo: tem umas partes bonitinhas, tem umas partes pesadas aí é tudo. Eu não sei como definir não. Todo mundo já perguntou isso, mas eu não sei, só ouvindo.

16. O fato de você ter decidido formar uma banda de meninas, na verdade, foi por conta da experiência que você teve com a primeira banda que foi boa? Você não teve nenhuma intenção, além disso?

Foi. Não, mas hoje em dia eu penso que isso é bom porque chama mais atenção. Por exemplo, tem algumas bandas aqui que quando tem uma menina já chama atenção “vamos ver se elas tocam bem”, acho que é assim, não só a gente, mas todo mundo. As pessoas: “ah, é banda de menina”; “então vamos ver”. A “Lou” mesmo, a Lou tem o baterista, mas é só mulher e eu acho que se destaca mais por causa disso.

17. Você já fez parte de algum fã clube?

Não. Não assim de ficar sei lá, juntar com todo mundo, mas eu sou muito fã de algumas pessoas, mas não de fazer parte de fã clube.

18. Do que você gosta?

Eu gosto de Pitty, eu gosto de, daqui do Brasil, é isso eu acho que só, Lou, as bandas daqui, LP eu gosto mais ou menos assim, gosto do Círculo, agora internacional () eu gosto mais de coisa internacional. Eu gosto de Blink, Offspring, Green Day, Alanis, Avril, Fly Life, o que eu estou ouvindo agora: Aerosmith, No Doubt, tem um bando de coisa, Sheryl Crow também eu gosto. Eu tenho preferência mais por mulher cantando porque eu acho que mistura a guitarra pesadona assim com o vocal feminino aí fica massa. Evanescence, por falar nisso, System eu gosto.

19. Fazer parte do universo da música requer o domínio de técnicas e certos artefatos. Como foi ter que lidar com pedais, caixas de som, alto-falantes e todo esse arsenal?

Eu fui aprendendo sozinha. Eu perguntava, via o povo mexendo “ah, isso aqui é pra isso?” ao tocava assim e perguntavam “você não vai usar pedal não?” e eu: “o que é pedal?” aí ficavam me falando aí eu comprei e tal e Ju também me ensina muito técnica, essas coisas assim. Eu acho que desde quando eu entrei na banda, nas Preaz, até hoje eu evolui mais do que eu evolui desde que eu aprendi até antes de entrar entendeu. Desde que eu entrei nas Preaz, tipo tem um ano eu evolui mais do que nos cinco anos desde que eu comecei a tocar violão.

Tem vezes que eu estou tocando que eu fico “meu Deus! Não sou eu não!”. Quando eu tô tocando sozinha, claro porque eu fico com vergonha quando tem gente.

20. Como foi sua experiência com seus pais na hora de dizer que queria tocar um instrumento? Como eles reagiram a isso?

Meu pai sempre me apoiou em tudo que eu fiz. Ele que foi comigo () ele sempre ia escolher coisa, escolher “ah, eu preciso comprar uma corda” ele ia e comprava, eu falei que queria comprar uma caixa, ele “vamos procurar um amplificador pra você”. Já minha mãe tipo eu só toco alto quando ela não está em casa. Eu acho que se meu pai tivesse ele liberaria assim. Minha mãe, acho que ela tá neutra nisso, ela nem apóia nem fica falando mal. Ela só ficou falando mal quando eu comecei a que eu entrei na Preaz mesmo aí eu começava a sair mais porque as meninas além de serem da minha banda são minhas amigonas. Ai a gente começou a sair e ela – porque antes eu ficava mais em casa – aí ela começou a falar mal por causa disso. Meu pai não mora comigo, mas ele sempre tá perguntando da banda. Ele mora em Recife.

21. Quando você estava aprendendo ia pra show de rock'n'roll?

Ia.

22. Que lugares você freqüentava?

Aliás, na verdade quando eu tava aprendendo não que eu tava na escola e tal. Mas depois eu ia no Idearium, Calipso, esses lugares. E tem um amigo meu que ele tem banda que ele era cantor da Troape, Laerte, é uma banda que já acabou, mas... Aí ele era meio namoradinho de minha irmã, aí a gente começou a andar mais com os meninos da banda e ia pra ensaio, então eu comecei mais a ir pra show mais assim pra ver a banda deles aí conheci outras bandas que eu não conhecia.

23. Quando você ia para esses lugares onde havia show de rock sua mãe colocou algum tipo de resistência? Ela ficava preocupada com isso?

Ah, ela ficava enchendo o saco pra gente não ir, mas a gente ia.

24. Ouve alguma mudança nos hábitos de ouvir após a banda?

Eu notei mais depois que eu aprendi a tocar não assim depois da banda. Quando eu aprendi a tocar violão mesmo eu conseguia prestar atenção só na guitarra da música ou então eu queria ouvir só aí conseguia ouvir só o baixo ou só a bateria. Dá pra você separar. Eu acho que vai treinando o ouvido pra isso e antes disso eu nem prestava atenção tanto nos arranjos que tinha, mas hoje não.

25. Na Preaz, vocês fazem críticas umas as outras?

Faz. Sempre. A gente de vem em quando tem umas reuniões pra falar sobre o que tá ruim, o que precisa melhorar, o que é que tá bom, o que é que poderia tá melhor.

26. Essas críticas são diretas?

Todo mundo se reúne e aí fala: “ô, eu acho que você tá precisando pegar mais técnica”, “na hora de fazer solo você tá errando muito”, “tá chegando muito atrasada”. Sempre tem isso.

27. Vocês têm uma líder?

Não tem bem líder assim, mas quando tem algumas coisa Ju, por ela ter tido mais experiência com banda (...) aí ela meio que protege a gente aí vai “não que vocês não sabem direito”, mas ela sempre pergunta assim pra gente ela não determina as coisas e depois vem falar. Todo mundo tem que dar opinião entendeu.

28. Nos ensaios da banda geralmente estão presentes só vocês ou tem mais gente?

Tem mais gente. Sempre tem a irmã de Thais que é Larenga, ela é tipo o mascote, aí tem o japonês que vai de vez em quando, tem minha prima que é tipo produtora da gente (...), aninha de vez em quando vai que é amiga... É sempre amigo da gente. Minha irmã no começo ia mais, só que agora parou de ir.

29. Você considera que isso, de alguma forma, atrapalha o andamento do ensaio?

Não... Assim de vez em quando alguém inventa de ficar tocando. Fica lá sentado - porque são três horas de ensaio - aí quando tem uma brechinha assim alguém vai e pega

o instrumento aí eu acho que atrapalha um pouco, mas se a gente falar pra parar pára (...).

30. Quando você estava aprendendo a tocar violão e mesmo guitarra depois sozinha você encontrou outras pessoas que também estivessem aprendendo com quem você pudesse trocar figurinhas assim? Havia outras meninas?

Tinha. Minha amiga Camila da escola. A gente marcava no intervalo mesmo () a gente pegava o violão aí ficava lá tocando aí tinha meus amigos também que um até era o cantor da minha banda, ele tocava também. Todo mundo saía pro intervalo e ia comer, ia sei lá fazer alguma coisa, a gente sempre corria pra biblioteca, alugava o violão e ficava lá. Aí eu conheci bandas através deles. E até... Foi mais prática mesmo porque tinha alguém do lado e você se empolga mais.

31. Fez parte do seu aprendizado tentar tirar solo a partir de músicas?

Até hoje eu tento. Às vezes eu faço assim se eu ouvir música eu tento tirar um solo, a música tipo tá na cabeça aí eu vou fazendo assim *traim traim*, aí vou tirando na guitarra, aí depois eu coloco a música pra ver se eu tirei no tem certo ou se tem alguma coisa errada aí assim vai treinando o ouvido.

32. Vocês conduzem a banda com alguma ajuda externa?

De dinheiro?

33. Por exemplo, se alguém ajuda na produção de letras, se alguém ajuda com agendamento de shows, nesse sentido?

Eu acho que não. Minha prima era pra tá fazendo isso, mas...

34. Por enquanto é só você?

É. Show mesmo, o show que a gente fez quem arrumou foi Ju pra gente fazer. É sempre assim porque Ju conhece... Através de Ju a gente conheceu muitas pessoas do cenário do rock aqui tipo nosso padrinho de banda assim é Tilindão da The Honkers, que já é famosa aqui.

35. Como é o nome dele?

Tilindão. É Tiago, eu acho que é Tiago o nome dele, a gente só chama de Tilindão, eu não sei o nome dele. Ai ele sempre... Ele ia pros nossos ensaios, aí o outro cara da The Honkers também, acho que é Purst, sei lá o nome dele, aí através dele a gente conheceu... aí conheceu a The Honkers, aí a gente conheceu o cara que gravou nosso CD, que arrumou o show pra gente na Zauber, que ele também tocava numa banda e aí conheceu o cara de outra banda que tava na gravação que canta na Overage, sei lá. Aí vai conhecendo várias pessoas e vários contatos e ai sempre falam “se vocês quiserem fazer show é só falar”. Ai gente fala...

36. Agora uma outra questão. Eu perguntei primeiro do aprendizado com o instrumento, agora eu queria que você me falasse um pouquinho da linguagem.

Por que assim, Elisa, tem uma linguagem musical né, por exemplo, “gig”, “aumenta o agudo”, “abaixa o grave”... Uma linguagem específica do som. Como é que foi o aprendizado dessa linguagem?

Agora que eu tô aprendendo mais porque Ju fica me ensinando. Ela ficava: “ah, você tem que saber de pedal, aí tem que saber o que é reverbe, o que é delay”, aí me explica um bando de coisa, aí agora que eu tô aprendendo. Que antes eu só ouvia “ah, aquele negócio que faz assim pã pã” aí ela: “issó é delay”, aí eu: “ah, tá”. Eu tô aprendendo assim mais.

37. Então você acha que é essa sua experiência com a banda, com a Preaz que está te enriquecendo?

Hum hum.

38. A Preaz é uma banda cover ou uma banda autoral?

Por enquanto tá sendo mais cover porque a gente... Tipo assim as duas músicas tem feitas, uma foi do Feitosinha, a outra foi Thais e Ju só que a gente tem vários pedaços de coisas que não tão terminadas, mas que a gente pega pra terminar e não consegue. Eu faço... Eu tenho várias músicas só que as músicas que eu tenho é tão melodicazinha que as meninas não gostam. Eu falo que é “emo”, mas não é emo tipo MX0, é porque é tão tipo, tipo Crawberrys assim, todas bonitinhas assim, sabe. Eu gosto desse tipo assim, aí eu nem me atrevo a fazer letra pra banda porque sempre vai sair coisa melódica, não é ‘emo’, entendeu. Aí tem isso, mas acho que a gente poderia ter mais músicas próprias e fazer menos cover, mas aí só depende da gente.

39. Você já fazia música antes das bandas? Você já tentava compor sozinha?

Já. Essas músicas mesmo velhonas. Minhas irmãs gostam, meu pai gosta. Ele fica: “cadê? Vai tocar suas músicas com a banda?” e eu: ‘não’... Que é bem simples assim. Era mais punk, eu ouvia mais punk na época aí agora a gente tá fazendo uma coisa mais trabalhada, aí eu acho que nem... Se lá, não vale a pena tentar botar a música na Preaz, entendeu por que já é outro estilo?

40. Elisa, você consegue se auto-definir como guitarrista?

Me auto-definir? Sei lá.

41. Se alguém chegar pra você e perguntar o que você é, você diz tranquilamente que é guitarrista?

Eu toco guitarra. Juliana fala que eu sou muito insegura, ela fica; “você é muito insegura das coisas, você sabe, mas você tem medo de assumir” aí eu acho que é por causa disso. Ai eu fico falando que eu toco ruim aí Thais fica: “não toca”, aí ela fica também, Juli: “não toca”, aí eu ‘ah!’. Ai eu falo que eu toco só.

42. E você se sente insegura mesmo?

Insegura de vez em quando sim por que eu... Têm amigos meus mesmo que tocam assim que você se sente um cocô do lado. Você fica 'meu Deus!', o cara parã parã aí vc fica assim tipo fingindo que ao tá ali, mas quando eu tô tocando sozinha... Lá em casa mesmo que eu fico no meu quanto e até às vezes com Márcia que a gente fica tocando. Eu sinto que quando eu tô sozinha ou então com Márcia que é uma pessoa bem próxima, tipo bem íntima assim, que eu toco muito bom assim. É isso que eu falei no começo que as vezes eu fico 'meu Deus, não sou eu que tô tocando' porque sai muito massa e coisas assim que eu faço na doida, nem tô com a intenção de fazer. É assim que sai música tipo arranjo que eu faço massa. Só sai assim quando eu não tô com nenhuma intenção, eu pego o violão e fico lá daqui a pouco 'ai meu Deus, deixa eu gravar isso que saiu bom', mas quando eu paro pra fazer uma coisa eu não sei o que é aí eu fico aí tem que sair bom. Acho que é isso eu fico pensando tem que sair bom, tem que sair bom aí não sai.

43. Você acha que a presença das pessoas te acanha um pouco, é isso?

Hã, hã. Mas isso acho que eu vou perdendo quando a gente for fazendo show. No show mesmo eu achei que ia ficar mais com vergonha e não fiquei. Eu fiquei gritando lá em cima do palco, mas foi massa.

44. Isso acontece no ensaio? Você fica acanhada com os amigos e tal?

Não. Com gente assim que eu já conheço eu acho que eu não ligo não. Mas pra compor assim eu não gosto de muita gente perto não.

45. Você consegue se ver vivendo de música?

Consigo. Eu sei que é meio difícil, mas acho que... tudo que vem fácil vai fácil, então acho que vale a pena o sacrifício pra a gente conseguir as coisas porque se fosse fácil não ia ter graça. Eu acho isso.

46. Quanto tempo você diria que a música ocupa da sua vida? Quanto tempo você gasta com música?

Antes era mais. Era quase o dia todo aí agora eu tô na faculdade aí tem o trabalho, tem que estudar (...) aí sobrecarrega... Tipo, não tenho tempo... Tipo almoçar, tem que comer rápido, aí música assim, na faculdade mesmo eu só escuto, levo o MP3, essas coisas assim, mas eu acho que hoje em dia menos de uma hora assim por dia. Final de semana que eu pego o violão quando sobra um tempinho assim, mas antes era todo dia.

47. Então para o instrumento mesmo só ficam os finais de semana?

É. Eu acho isso horrível porque quando eu tô tocando eu não estou só tocando, tô aprendendo, mas eu também me distraio, eu me desligo de tudo, desestresso, não vejo nem a hora passar, aí eu acho massa, acho que eu poderia fazer mais porque eu chego em casa tão cansada que eu só tomo banho, janto e durmo. Aí não dá pra acordar cedo no outro dia de novo.

48. Agora uma opinião sua, Elisa. Você acha... Vocês todas são novas nenhuma tem filhos, nem namorados e tal, mas pela sua experiência em banda - você já teve em

quatro bandas - você acha que os namorados, de alguma forma, reduzem o tempo que é passado com a banda?

Não. Até porque quando eu tava com namorado era todo mundo desse meio assim, aí... Um era baterista, o outro era guitarrista aí já sabe né eles entendiam assim. E até a gente ia pra show junto e tal. Mas hoje em dia não atrapalha não, ninguém tá namorando. O que atrapalha mais é a faculdade.

49. Então você acha que os namorados não reclamam o tempo que é passado com a banda? Eles aceitam numa boa?

Não. Hã, hã.

50. Mas você está falando isso baseado em sua experiência né?

È. Até porque eu já fui namorada de um menino que era de banda e eu ia pra ensaio e tal e eu entendia. De dois, na verdade.

51. As conversas tomam muito tempo do ensaio?

Ah, de vez em quando sim. Aí eu me irrita, desligo a guitarra, fico olhando com cara de bunda, mas aí... Assim a gente é muito amiga então a gente só de uma olhar pra outra já sabe o que a outra tá dizendo, aí eu fico assim e aí já param de fazer a coisa, aí pronto. Antigamente era bem mais bagunçado aí hoje em dia a gente “Pára!”. Juliana mesmo fica o tempo todo batendo, a gente pára, vai afinar alguma coisa e ela lá *pá pá*, aí eu: “pára!” aí ela pára e a gente vai afinar. É até engraçado, mas eu acho que isso faz parte às vezes porque se fosse aquele negócio mecânico ia ser chato sei lá. O melhor da banda é que a gente não é só uma banda, a gente é amiga e é muito amiga assim.

52. Quando algum membro da banda, alguma das meninas tá com problema, esse problema é levado pro ensaio?

De vez em quando. Eu... Tipo assim, eu sou uma pessoa que quando eu tô com algum problema fica escrito porque eu não consigo fazer uma coisa e deixar de pensar no problema. Por exemplo, eu tenho sei lá que fazer um trabalho, todo final de semana agora eu tenho que fazer um relatório pra entregar, aí eu vou pro ensaio só que eu já fico pensando assim: ‘ai, meu Deus, eu tenho que fazer o negócio’ aí isso às vezes atrapalha. Uma vez Thais falou que às vezes eu tava com problema e eu deixava atrapalhar o ensaio todo, mas que Thais mesmo teve um dia que ela tava com um problema que acho que a mãe da amiga dela tava no hospital, alguma coisa assim e ela tava bem triste, era uma pessoa bem próxima, só que ela não falou sabe aí eu acho que às vezes eu sou muito exagerada, eu deveria... Porque assim às vezes é uma coisa pequena, mas eu transformo numa coisa gigante, aí às vezes eu deixo aí o ensaio sai ruim pra mim. Quando Thais falou isso que eu me toquei. Mas quando uma de nós tá com problema, depois do ensaio a gente sempre conversa, aí todo mundo tenta resolver porque não é “ah, é seu problema”, um problema que é de algumas de nós é de todo mundo. Eu penso assim.

53. Eu sei que vocês só fizeram um show até hoje, mas você tem como descrever pra mim o público da banda? Quem é o público da banda hoje? Os amigos?

É. A maioria é porque... È quem a gente tem contato pra mandar música, pra mandar a gente bota Fotolog, mas tem umas pessoas que assim, por exemplo, os contatos de Ju que a gente não conhece ainda. Sempre que ela fala com alguém ela fala da banda aí manda coisa... A gente saiu na rádio na internet falando do nosso show. Eu nem sabia foi Juliana que me mostrou depois. Ela “olha o que a rádio falou” aí sei lá meio que tá crescendo assim. A gente teve uma briga com a mulher da Maria Preá. Ju falou? Que o nome antes era Maria Preá aí a gente tava usando, só que essa banda já existe e é de São Paulo, aí ela ficava reclamando “tire esse nome da banda porque já é patenteado que não sei quê” e a gente brigou com ela que não sei quê só que Ju mandou as MP3s pra ela e hoje em dia ela gosta e ela é de São Paulo. Ai ela tava vendo até se arrumava show pra gente assim, aí vai crescendo, eu acho que hoje em dia a maioria é amigo só que tem mais gente de fora assim que eu nem sei que gosta sabe, apesar de ter só duas músicas.

54. Agora eu queria que você pontuasse o que é positivo de estar numa banda, no caso da Preaz, e o que é que é negativo?

É positivo que a gente evolui junta, todo mundo... Assim se a gente tivesse sozinha, cada uma tocando seu instrumento, acho que não ia ser tão produtivo quanto a gente tocando junta e sabendo que tem que evoluir porque não pode ficar na mesma parada assim; a gente ficou mais amiga também, cria mais... Tipo a gente criou uma família. A Preaz eu acho que é uma família e sei lá. Eu acho que ruim é que às vezes a gente não tem tempo. Eu mesma esse semestre agora não tenho tempo pra compor e tal, pra me dedicar mais a banda assim. Eu acho que ruim é só isso que às vezes eu fico sem tempo. Tais mesmo tá chateada com a gente porque a gente marcou um negócio sábado, de tipo ensaio acústico pra compor e eu não pude ir por causa do trabalho, minha irmã teve que estudar, 3º ano aí... Acho que é só isso.

55. Pra gente concluir. Você acha que existe discriminação de gênero dentro no rock and roll? E se sim, você já experimentou alguma situação?

Eu acho que existe e eu já te falei que antes quando eu fiz a banda e tal os meninos ficavam tomando decisão sozinhos e muitas vezes eu vejo o povo falando que mulher não sabe tocar, que mulher não sei o quê, é que nem falando de mulher dirigindo, fala que dirige ruim. Sempre tem. Só que eu acho que isso pode ser ruim e isso pode ser bom porque vai falar: “ah, vai ter show de menina” e tem gente que fica só pra ver se toca bem ou se toca ruim e a gente assim, acho que a gente por ser mulher e tocar bem acaba chocando assim o povo. Se fosse uma banda só de menino não ia chamar tanta atenção como a gente entendeu. Aí eu acho que às vezes é bom.

56. Ter meninas na frente é um fator positivo nesse sentido de chamar público mesmo né?

E que tocam bem. Não é me achando não, mas a gente toca bem.